

Relatório de Estágio Profissionalizante realizado no Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde/ Dragon Force Ermesinde

“Teorizar para melhor Praticar - Praticar para melhor Teorizar”

Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do 2º ciclo em Treino Desportivo, especialização em Treino de Jovens, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientador: Professor Doutor Júlio Manuel Garganta da Silva

Tutor: Hugo Valente

Francisco José Freitas Santos

Porto, 2020

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão um muito obrigado por todo o apoio e suporte ao longo da minha vida e por tudo o que me têm possibilitado.

À minha namorada um grande obrigado por toda a compreensão e ajuda durante este processo.

Um obrigado também a todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha formação académica e profissional, desde professores, coordenadores, colegas, amigos entre outros.... É também por eles que foi possível chegar até aqui.

Não poderia esquecer os colegas e outros colaboradores do Projeto Dragon Force Ermesinde/Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde com quem partilhei experiências durante este ano de estágio, em especial à equipa técnica com quem tive o privilégio de trabalhar.

Ao meu tutor de estágio Hugo Valente, agradeço pela sua disponibilidade e confiança depositada, estando sempre pronto para ajudar e esclarecer para qualquer dúvida.

Lembro igualmente aqui o Professor Júlio Garganta por todo o apoio e atenção que me prestou desde o início, generosidade e constante disponibilidade.

Todos foram e são importantes neste processo de contínuo crescimento, enriquecem-no.

Com gratidão,

Francisco Santos

Índice

1.	Introdução	7
2.	Enquadramento Concetual.....	11
2.1	Caraterização da Modalidade – Futebol	11
2.1.1.	Fundamentos do Jogo de Futebol	12
2.1.1.1.	Natureza do Jogo	12
2.1.1.1.1.	Futebol Enquanto Sistema Complexo.....	14
2.1.1.1.2.	Abordagem Sistémica	21
2.1.1.1.2.1.	Modelação Sistémica	23
2.1.1.1.3.	Futebol Enquanto Fenómeno Desportivo	25
2.1.1.2.	Momentos do Jogo	27
2.1.1.3.	Princípios Táticos do Jogo	30
2.1.1.3.1.	Princípios Táticos Gerais	30
2.1.1.3.2.	Princípios Táticos Específicos	31
2.1.1.3.2.1.	Ofensivos	32
2.1.1.3.2.2.	Defensivos	33
2.1.1.4.	Ações Tático-Técnicas no Futebol	33
2.1.1.4.1.	Do Ato Tático de Mahlo à Perceção Direta	35
2.1.1.5.	Métodos de Jogo.....	40
2.1.1.5.1.	Ofensivos	40
2.1.1.5.2.	Defensivos	41
2.1.1.6.	Estrutura, Ideia de Jogo e Modelo de Jogo	43
2.1.1.7.	Metodologia do Treino Desportivo	47
2.1.1.7.1.	Periodização Convencional.....	48
2.1.1.7.2.	Periodização Tática	50
2.1.1.7.2.1.	Modelo de Jogo – Qual a sua Importância?.....	52

2.1.1.7.2.2.	Organização dos Princípios de Jogo	54
2.1.1.7.2.3.	Princípios Metodológicos	54
2.1.1.7.2.4.	Morfociclo Padrão	58
2.1.1.7.2.5.	Exercício de Treino.....	60
2.1.2.	Observação e Análise do Jogo de Futebol.....	62
2.1.3.	Desporto para Crianças e Jovens	66
2.1.3.1.	Organização das Competições	67
2.1.3.2.	Futebol de Formação	68
2.1.3.2.1.	Tipo de Intervenção do Treinador.....	72
2.1.3.2.1.1.	Feedback	73
2.1.3.2.1.2.	Motivação enquanto principal fator de aprendizagem.....	75
3.	Contextualização/ Desenvolvimento da Prática	79
3.1.	Contextualização e Caracterização Institucional – Projeto Dragon Force	79
3.1.1.	Turmas, Seleções e Equipas de Competição – Conceito e Enquadramento	81
3.1.2.	Filosofia Dragon Force – Futebol Clube do Porto	82
3.1.2.1.	Modelo de Jogo	82
3.1.2.2.	Modelo de Treino	83
3.1.2.2.1.	Disciplina	83
3.1.2.2.2.	Propensão.....	84
3.1.2.2.3.	Densidade.....	84
3.1.2.2.4.	Desafio	84
3.1.2.2.5.	Intervenção.....	84
3.1.2.3.	Áreas Educativas	85
3.1.2.3.1.	Pedagogia.....	85
3.1.2.3.2.	Psicologia.....	85
3.1.2.3.3.	Saúde.....	85

3.1.3. Contextualização e Caraterização da Escola de Futebol Dragon Force Ermesinde	86
3.1.3.1. Instalações Desportivas	87
3.1.3.2. Recursos Materiais	89
3.1.3.3. Espaços de Desenvolvimento e Operacionalização de Treino	89
3.1.3.4. Contextualização da Equipa de Estágio	90
3.1.3.4.1. Caraterização da Equipa	92
3.1.3.4.1.1. Coletiva - Inicial	92
3.1.3.4.1.2. Individual - Semestral	92
3.1.3.4.2. Objetivos	113
3.1.3.4.2.1. Objetivos de Formação	114
3.1.3.4.2.2. Objetivos de Preparação	114
3.1.3.4.2.3. Objetivos de Performance	115
3.1.3.4.3. Modelo de Jogo da Equipa	115
3.1.3.4.4. Planeamento e Programação de Conteúdos	123
3.1.3.4.4.1. Exemplo de <i>Morfociclo</i> da Equipa	123
3.1.3.4.4.1.1. Exemplo 1	124
3.1.3.4.4.1.2. Exemplo 2	128
3.2. Contextualização Funcional	132
3.2.1. Conhecimentos e Competências	132
3.2.2. Funções e Tarefas	133
4. Desenvolvimento Profissional	136
5. Considerações Finais	145
6. Referências Bibliográficas	150
7. Anexos	162

Índice de Tabelas

Tabela 1: Princípios Gerais do Jogo de Futebol	31
Tabela 2: Princípios Específicos do Jogo de Futebol	31
Tabela 3: Ações Tático-Técnicas Coletivas	34
Tabela 4: Ações Tático-Técnicas Individuais	35
Tabela 5: Correspondência Turmas/Escalão Dragon Force	82
Tabela 6: Instalações Desportivas	87
Tabela 7: Recursos Materiais	89
Tabela 8: Modelo de Jogo da Equipa de estágio	116

Índice de Figuras

Figura 1: Momentos do Jogo	28
Figura 2: Fases do Ato Tático.....	36
Figura 3: Morfociclo Padrão 1	59
Figura 4: Morfociclo Padrão 2	59
Figura 5: Ciclo Observacional.....	65
Figura 6: Modelo de Newell – Intervenção do Treinador	73
Figura 7: Teoria da Autodeterminação	77
Figura 8: Pirâmide de Maslow.....	78
Figura 9: Organigrama - Projeto Dragon Force	80
Figura 10: Organigrama - Dragon Force Ermesinde	86
Figura 11: Instalações Desportivas.....	88
Figura 12: Espaços de Treino	90

1. Introdução

“A Escola - a Universidade - deve formar o homem e não informá-lo simplesmente; deve contribuir para a sua elevação, deve fazer crescê-lo na ordem do ser.” (João Paulo II, citado por Cunha & Garcia, 2016)

A realização deste Relatório de Estágio Profissionalizante acontece no âmbito do 2º ano do Mestrado em Treino Desportivo – Ramo: Treino de Crianças e Jovens. Procurou-se de uma forma sistémica enquadrar aquele que é o ano de estágio, tanto do ponto de vista concetual e científico, como do ponto de vista da caracterização da organização onde irá se desenrolar o mesmo.

A escolha desta via, leia-se estágio profissionalizante, em detrimento de outras, está muito relacionada com o sentir necessidade de aprofundar a prática para melhor poder teorizar seguindo o Princípio de *Teorizar para melhor Praticar e Praticar para melhor Teorizar*. Só assim se poderá atingir a excelência, aliando ambas as vertentes na tentativa de experienciar mais e melhores vivências, visto ser na sua quantidade de qualidade que habita a excelência. Então, este chamar por parte da prática, vem muito no sentido de a melhor aprimorar, isto é, está muito relacionado com o desenvolver a operacionalização de ideias, e também da necessidade de melhor se conhecer a si próprio. Lao-Tsé (s.d.) afirma que *“Aqueles que conhecem os outros são sábios, aqueles que conhecem a si próprio são iluminados”*. O propósito passou claramente pela concretização da tríade *fazer, saber fazer, saber estar*, à medida que se tenta melhor objetivar a subjetividade inerente ao jogo, procurando o saber fazer, fazendo, praticando, pois, tal como Garganta (2019) diz *“Ninguém sabe fazer o que nunca fez”*. Portanto, através do estágio, procurou-se evoluir ao nível do processo de treino de futebol, principalmente, no que diz respeito, ao seu planeamento e operacionalização, aliado a uma maior compreensão do jogo. Já dizia Aristóteles (s.d.): *“Somos o que fazemos repetidamente. Por isso o mérito não está na ação e sim no hábito.”*

O estágio profissionalizante decorreu ao longo da época desportiva 2019/2020, correspondente ao mesmo ano letivo, no Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde/Dragon Force Ermesinde. Consistiu em ser parte integrante da equipa técnica de uma equipa de

Infantis (Juniões D - Sub13) a disputar a 1ª Divisão Distrital da Associação de Futebol do Porto. No seguimento, todo o processo teve por base a construção e desenvolvimento de Modelo de Jogo, planos de treino e sua operacionalização, participação em jogos oficiais, análise de todo o processo, entre outros. Os grandes objetivos deste estágio foram planejar e operacionalizar o processo de treino de uma mais eficaz e eficiente, aprofundar conhecimentos que enriquecem a compreensão do treino e do jogo, perceber melhor o jogo e sua natureza, entender de facto na prática qual é o impacto do treinador no ser que vive no jogador e vivenciar processos de aprendizagem distintos.

O Relatório de Estágio Profissionalizante está estruturado em 4 grandes partes após a Introdução, sendo eles o Enquadramento Concetual, a Contextualização/Desenvolvimento da Prática, o Desenvolvimento Profissional e as Considerações Finais. O Enquadramento Concetual incide essencialmente em definir/explicar alguns conceitos e visões essenciais para o desenvolvimento da atividade, pois todas as pessoas vêm com conceitos, observam com conceitos e decidem com conceitos. Na Contextualização/Desenvolvimento da Prática proceder-se-á a uma elucidação da forma como a instituição está organizada e funciona, tentando também especificar mais o contexto de estágio. Nas páginas respeitantes ao Desenvolvimento Profissional, procurou-se de uma forma sustentada e fundamentada refletir sobre todo o processo. Relativamente às Considerações Finais, tentou-se sucintamente retirar algumas considerações e reflexões sobre as aprendizagens de todo o processo e contexto envolvente, explanando-as de uma forma sustentada em referências.

No Futebol, o processo de treino poderá ser encarado e interpretado das mais variadíssimas formas. Todavia, há algo que deverá estar sempre presente no pensamento do treinador, o *“Treino de Futebol é essencialmente um treino de atitudes”* (Carlos Queiroz citado por Garganta, 2019). O que remete muito para a necessidade do Hábito, da Repetição Sistemática. São bases fundamentais para o desenrolar do processo ensino-aprendizagem, quer seja no alto rendimento ou na formação, quer de jogadores como de treinadores, não esquecendo que, o jogo, sendo todo ele tático, todo ele é pensamento sustentado num corpo físico. É uma inteireza inquebrantável, dotada de um carácter altamente imprevisível, caótico, variável e aleatório, percebendo que um *Microfacto* poderá ter *Macroconsequências*. Ainda assim, é possível procurar e treinar a previsibilidade, segundo a premissa de *fazer acontecer*, mesmo que esta não seja um acontecimento certo do ponto de vista probabilístico. O jogo... jogam-no os jogadores, a

Ideia de Jogo... é resultado do constructo que é o treinador... o Modelo de Jogo é um *cocktail* que não tem ponto final, está em permanente construção (Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Lage, 2019; Oliveira J.G., 2004).

Apesar de se considerar que a Natureza do Jogo de Futebol permanece inalterada, é evidente que este se tem tornado cada vez mais profissional (Almeida, 2014), mesmo ao nível dos ditos escalões de formação, logo, ao nível do treino de crianças e jovens. Isto acontece, por o treino de crianças e jovens ser também um treino que visa rendimento (Garganta, 2019; Mesquita, 2019), isto é, há um propósito no trabalho que é efetuado, numa busca constante da evolução e desenvolvimento de capacidades. Consequentemente, considera-se que, embora não seja uma ciência, este desporto poderá evoluir muito e beneficiar com uma relação estreita com a ciência, tornando-se uma melhor arte (Garganta, 2001). Portanto, ao se contemplar a estreita relação que existe entre treino, performance e competição, a organização, planeamento e operacionalização do treino deverão existir de uma forma rigorosa e alicerçada em procedimentos sustentados (Almeida, 2014). É a partir desta forma de atuação que se pode sistematizar o processo de treino, organizando-o, e diminuindo o caráter casuístico, desde logo com a formulação de objetivos e programação de intervenção, *feedbacks* a adotar e mecanismos de controlo (Proença, 1986).

Contudo, para tudo isto, há que não desvalorizar o fator tempo, fator esse que, hoje em dia, é sempre escasso, principalmente quando não se o consegue rentabilizar. Por isso, Almeida (2014), tendo por base Meinberg (2002), considera importante o treinador ser possuidor da “competência do tempo”, ou seja, ser capaz de, através de uma gestão eficiente, potenciar e rentabilizar o fator do tempo de uma forma eficaz a partir daqueles que são os meios e métodos disponíveis, e mais adequados às necessidades específicas do contexto.

Para sustentar tudo isto, há que ter presente que, da mesma forma que o Modelo de Jogo é um *cocktail* em permanente construção, a vivência do treinador, pessoal e profissional, e a forma como encara a sua própria formação deve ser no sentido de a potenciar ao máximo. Esta deverá ser contínua, com uma incessante procura de evolução, tentando todos os dias ser melhor do que no dia anterior, independentemente das dificuldades que possam surgir no caminho, pois, é no momento em que se desiste de aprender, ou se acha que já tudo se sabe, que se começa a perder o comboio. “*A morte do Homem começa no instante em que ele desiste de aprender*” (Albino Teixeira, s.d.).

Encarar as dificuldades e os problemas como uma oportunidade de aprendizagem é a chave, cada dificuldade é uma oportunidade para evoluir e ser melhor, há que os abraçar, focando-se na conceção de soluções para os ultrapassar e não no problema que o problema é em si mesmo. Neste sentido, *“Sê grato mesmo pelos revés e dificuldades. Lidar com os obstáculos é uma parte essencial do treino...”* (Ueshiba, 2005, p.70). No caso de um desporto dotado de complexidade como o futebol, ainda mais se torna importante esta abordagem, sabendo que perante a grande ambiguidade que caracteriza o jogo e a função do treinador, por muito que se trabalhe, sendo humanos, todos estão sujeitos ao erro. É fundamental perceber que este é parte integrante do processo e importante para a evolução, mas sem o banalizar, pois, como diz Ueshiba (2005, p.70) *“O falhanço é a chave para o êxito; Cada erro nos ensina alguma coisa”*.

2. Enquadramento Concetual

2.1 Caraterização da Modalidade – Futebol

“O futebol é um Jogo Desportivo Coletivo que ocorre num contexto de variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, no qual as equipas em confronto, disputando objetivos comuns, lutam para gerir em proveito próprio, o tempo e o espaço, realizando em cada momento, ações reversíveis de sinal contrário (ataque-defesa), alicerçadas em relações de oposição-cooperação”. (Garganta, 1997, p.21)

Tendo por base a Taxonomia das Atividades Desportivas de Fernando Almada, o Futebol, enquanto modalidade e atividade desportiva, enquadra-se no modelo taxonómico dos Jogos Desportivos Coletivos, mais concretamente dentro do grupo dos desportos de invasão. Isto deve-se ao Futebol ser uma atividade desportiva que se guia segundo objetivos convencionados, sendo resultado de uma ideia humana e criado pelo ser humano. Os objetivos do jogo em si, sustentam o já explicado, pois, inversamente a outros desportos, não pressupõem objetivos reais, visto não estarem ligados a necessidades básicas do ser humano e essenciais para a vida propriamente dita, no seu sentido mais primitivo, como por exemplo, caçar, pescar, correr (num sentido de fuga pela vida), entre outros (Lopes, Fernando & Simões, 2016b).

Todavia, quando comparado com outros desportos coletivos, acaba por ser diversificado, desde logo por se jogado com os pés, dotados de um nível de sensibilidade diferente do das mãos, que são já estimuladas no dia-a-dia para atividades de manuseamento fino. Portanto, acarreta níveis de aleatoriedade, imprevisibilidade e complexidade igualmente diferenciados, muito pela informação contextual a ser recolhida e tratada. Na mesma linha do anteriormente referido, poderá ainda mais se sustentar pelo grande estímulo coordenativo, não só óculo-manual, como também óculo-podal exigido, de forma a que o jogador possa libertar a sua visão para “ver o jogo”, e conseguir observar, analisar e interpretar as diversas dinâmicas presentes no mesmo (Esteves, 2017; Neto, 2014). Sendo que, conseguir fazer com os pés, aquilo que muitos nem com as mãos conseguem fazer, confere um caráter ainda mais apetecível, intuitivo e excitante a esta

arte desportiva (Esteves, 2017; Teodurescu, 2003). Para além disso, o facto de ser um desporto que pressupõe um espaço de jogo grande e com uma taxa de pontuação baixa, acaba por permitir que, mais “facilmente”, o “David possa desafiar e ganhar o Golias”, tornando o jogo mais apaixonante e acarretando uma carga emotiva maior, com possibilidade de, até ao último minuto, o jogo possuir uma narrativa quase digna de uma epopeia e superação (Mesquita, 2019; Neto, 2014).

Ainda segundo Garganta (1997, 2001), o Futebol não é apenas um Jogo Desportivo Coletivo. É também um espetáculo desportivo, que poderá ser uma disciplina de ensino e um meio de educação física e desportiva, sendo um meio de aplicação da ciência.

2.1.1. Fundamentos do Jogo de Futebol

2.1.1.1. Natureza do Jogo

“A ordem ou organização de um todo, ou sistema, transcende aquilo que pode ser oferecido pelo “conjunto” das suas partes quando estas são consideradas isoladas umas das outras.” (Frade, 1985, citado por Tobar, 2018, p.25)

A modalidade desportiva de Futebol caracteriza-se por ser um jogo de cooperação-oposição, havendo uma coadjuvação constante entre os colegas de uma equipa, em concomitância com a existência da oposição de um conjunto adversário; de invasão, visto que pressupõe a invasão do espaço defendido pelo oponente; e com existência de alvos a atacar e a defender, as balizas. Tem regras de jogo definidas à priori, que condicionam o jogo, onde também se enquadram um campo de jogo com espaço delimitado por linhas e outras referências espaciais. Na base do jogo está o objetivo “recuperar, conservar e fazer progredir” um objeto de jogo, no caso uma bola. Este implica uma grande variabilidade de situações de jogo, com grande quantidade de movimentos e combinações, fundadas em relações de interação (Esteves, 2011; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Neto, 2012).

Portanto, de uma forma ou de outra, quem pratica está sujeito a influências externas, capazes de exponenciar a aleatoriedade e a imprevisibilidade presentes no jogo de Futebol, tanto do ponto de vista relacional como perceptivo, não se descurando a consequente influência ao nível da execução motora. As condições ambientais, o espaço físico e os materiais para a prática também têm impacto, mesmo não sendo o mais importante fazem parte do contexto. O mencionado é afirmável e justificável, visto que todo o processo de tomada de decisão, que leva até a execução, está condicionado por aquele que vai executar e contexto envolvente, isto é, tudo depende das relações NET (número, espaço, tempo) e das capacidades e competências percebidas do executante em relação a si. Os níveis de autoestima e confiança também poderão ser condicionantes, principalmente ao nível das capacidades e competências percebidas (Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013).

Suportando o já mencionado, Castelo (2003) diz que *“o jogo de futebol é um desporto coletivo que opõe duas equipas formadas por 11 jogadores num espaço claramente definido, numa luta incessante pela conquista da bola com a finalidade (objectivo) de a introduzir o maior número de vezes possível na baliza adversária (marcar golo) e evitar que esta entre na sua própria baliza (evitar golo). Neste sentido, desde o momento em que o árbitro manda iniciar a partida, observa-se que os elementos das duas equipas, realizam no espaço de jogo um conjunto de ações individuais e coletivas (dentro dos limites das leis do jogo) com o objetivo de atingir a vitória.”*

Estabelecendo uma comparação, o Futebol poderá ser enquadrado como algo que fica entre o Xadrez e o Furacão, sendo dotado de processos cognitivos como o Xadrez, onde se enquadram a estratégia e tática. Por outro lado, pode também ser encarado como um sistema de auto-organização, complexo e dinâmico, tal como o furacão, sendo igualmente ecológico. Caracteriza-se por comportamentos emergentes e interativos numa constante alternância entre estados de ordem-desordem e instabilidade-estabilidade. A parti de uma perspectiva fractal, o Futebol, ou uma equipa, é mais do que o resultado da soma das suas partes, isto é, o sistema vale pela quantidade, regularidade e qualidade das interações dos jogadores e não pelo somatório da qualidade individual de cada um (Eccles & Tenenbaum, 2004; Gabriel, 2016; Garganta, 2001).

2.1.1.1.1. Futebol Enquanto Sistema Complexo

“Todas as partes têm um papel a desempenhar. Mesmo alterar apenas um dos elementos pode, às vezes, ter consequências completamente inesperadas.”
(Frade, 1985, citado por Tobar, 2018, p. 27)

Devemos olhar para o Futebol como um fenómeno que se enriquece em função das suas interações, tanto ao nível da regularidade como da qualidade das mesmas. Para se poder de facto avaliar a qualidade das interações é fundamental contextualizá-las, tornando possível o entendimento da natureza das mesmas. Isto não quer dizer que não se possa reduzir o jogo, não podemos é empobrecê-lo, isto é, desintegrá-lo e querer avaliar o bolo pelos seus ingredientes, em vez de o fazer pelas suas fatias ou migalhas. Ao avaliarmos os seus ingredientes, não vamos sentir o sabor e textura do bolo, ou seja, não estamos a sentir o “resultado do seu sistema”, a sua relação, tal como acontece se a prestação ou capacidade de um jogador for avaliada sem ter em conta todas as relações e o contexto envolventes (Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Maciel, 2020a; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

Em relação à análise de equipas verifica-se o mesmo, é fundamental contextualizar e perceber a conjectura momentânea da equipa, assim como não esquecer que no jogo há um adversário que permanentemente vai criando novos problemas e dificuldades. O referido poderá se aplicar igualmente aquilo que são os Momentos de Jogo dentro de um jogar, pois estes são interdependentes, interagem influenciando-se uns aos outros. A forma como se defende influencia a forma como se vai atacar e vice-versa, partindo desde aqueles que são os equilíbrios existentes por parte de ambas as equipas, métodos de jogo a adotar naquele instante, entre outros. Não se pode dissociar uma coisa da outra, pois, por exemplo, para anular ou condicionar o processo ofensivo de um adversário, poderá ser importante perceber onde se pode perder a posse de bola, de forma a inibir a emergência das maiores potencialidades do oponente. O jogo é uma constante resolução de problemas onde tudo está ligado e a equipa tem de funcionar como um sistema autossuficiente nessa resolução (Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Maciel, 2020a; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Valente, 2020).

Então o “resultado” é derivado de uma relação de interdependência onde todos se influenciam mutuamente. Se uma das partes integrantes do sistema não for capaz de se relacionar e interagir com as restantes da forma correta, desempenhando as suas funções específicas, todo o sistema é afetado. Voltando à analogia do bolo, se a farinha ou os ovos não estiverem bons para consumo, o bolo não irá ter o aspeto e o sabor esperados, porque a qualidade das interações foi comprometida, alterou-se. Todo o sistema que é o bolo foi afetado, apesar de os outros ingredientes poderem estar em perfeitas condições de consumo. Indo concretamente à realidade do Futebol, tendo como base a *perspetiva fractal*¹, para analisar, interpretar e treinar o jogo, os jogadores e as unidades funcionais da equipa não existem sem um contexto. Estão enquadrados numa identidade que lhes confere uma *inteligência coletiva*, isto é, uma linha de pensamento comum nos vários Momentos de Jogo. Contudo, isto não implica que, dentro de esta matriz, cada um não possa exprimir a sua personalidade. A sua expressão é condicionada por aquelas que são as ideias-alicerce do jogar da equipa. Dentro de uma aparência comum, ao diminuir a escala, existem distorções que estão relacionadas com os graus de liberdade do Modelo de Jogo. São estes graus de liberdade que vão permitir a expressão individual de cada um dentro de uma matriz coletiva (Assis, Miranda, Mota, Andrade & Castilho, 2008; Eccles & Tenenbaum, 2004; Carvalhal, 2014; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

O mencionado é também aplicável aos jogos reduzidos adotados em processo de treino quando se fomenta a interação dentro de certas redes, de *microsociedades* do jogar que, ao interagirem com as outras, formam o jogar da equipa. É importante não esquecer que, considerando que tudo está em constante interação e relação, os elementos de uma *microsociedade* fazem também parte de outras dentro do *macrosistema* equipa. São essas unidades funcionais que representam as fatias ou migalhas do bolo. O fulcral é não tirar o jogo ao jogo. O exercício, independentemente da relação numérica e do nível complexidade, deve ser dotado de Representatividade, de ligação ao jogo. O que se

¹ Um fractal é um objeto geométrico que é dotado de auto-similaridade e escala, isto é, podendo ser dividido em partes, cada uma delas é semelhante e representativa do seu todo. Do ponto de vista matemático nem sempre é fácil definir o fractal, pois, por vezes, faltam termos que se adequem a uma correta tradução. Contudo, segundo Mandelbort, um fractal pode ser definido como um sistema organizado para qual a sua dimensão excede aquilo que é a dimensão topológica, isto é, a dimensão do fractal vai para além de um número inteiro ou da soma de partes individuais. Nesta linha de pensamento, a parte do sistema reflete o todo da mesma forma que o todo reflete a parte do sistema dentro do seu contexto. Não se trata de desintegrar, mas sim de aumentar o “zoom”, observar em diferentes escalas (Assis, Miranda, Mota, Andrade & Castilho, 2008; *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, 2020b; *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2020).

poderá fazer é ajustar o nível de complexidade em função das escalas não das partes, ou seja, da capacidade dos jogadores naquele momento, podendo isto ser modelado em função da faixa etária e compreensão do jogo, do nível de fadiga (central e periférica) que vai condicionar a capacidade de os jogadores processarem informação e agirem, e das *subdinâmicas de esforço* que se possa preconizar como predominantes (não exclusivas) num determinado dia do *morfociclo*. O jogo deve estar sempre presente em toda a sua significância, pelo menos na máxima possível, lembrando que este nunca se repete da mesma forma. É a partir desta abordagem que o jogador e a equipa poderão com o treino ganhar cultura tática, sendo essa a cultura que os vai permitir entender o jogo e se adaptar consoante a sua emergência (Assis, Miranda, Mota, Andrade & Castilho, 2008; Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2020; Maciel, 2020a; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

“A equipa é um sistema, uma vez que as acções dos jogadores são integradas numa determinada estrutura, segundo um determinado modelo, de acordo com certos princípios e regras.” (Teodorescu, 1977, citado por Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 6)

Sabendo que um Sistema é uma unidade complexa de elementos que interagem entre si e com o meio envolvente formando um todo, não é compreensível pela soma das suas partes constituintes, fica claro que a interpretação do Futebol e das equipas à luz daquilo que é a conceção dos Sistemas Dinâmicos, Adaptativos e *Homeodinâmicos*², poderá fazer sentido para o melhor compreender. Importante ter presente que para se classificar algo como um Sistema, como um todo que é dinâmico, existem algumas condições imprescindíveis. Deverão estar presentes a abertura, que se refere à possibilidade de continuamente existir trocas, portanto interação, com o envolvimento; a complexidade, que poderá ser encarada como o conjunto de interações que o próprio sistema promove entre os seus elementos e o meio envolvente; a variabilidade, ligada às alterações que o sistema e o envolvimento provocam mutuamente entre si; a finalidade, que se baseia na consecução de um objetivo a partir das interações; o tratamento, diz respeito à relação dinâmica que possibilita as trocas existentes entre o sistema e o contexto envolvente; a totalidade, referindo-se à sinergia que se verifica entre os elementos dos sistema, tornando-o então mais do que a simples soma das partes; a organização, por o sistema ser mais do que o somatório de todos elementos, quando este é um todo

² Denominação, a ser aprofundada mais à frente, que é sugerida pelo Professor Vítor Frade, aplicando e contextualizando o conceito de Sistema Homeostático no Futebol (Tobar, 2018).

organizado; o fluxo, referindo-se à quantidade de interações existentes entre as partes integrantes do sistema e entre o próprio sistema e envolvimento; e o equilíbrio, que tem por base a procura da homeostasia, isto é, garantir a estabilidade relacional e *interacional* (Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

Logo, as interações implicam mútuas transformações nos sistemas (equipa), nos subsistemas do sistema (jogadores) e no meio envolvente (equipa adversária e contexto), visando a manutenção das relações de cooperação entre colegas de equipa (existência de sinergias e constância de interações). Com o desenrolar do jogo, os sistemas equipa procuram preservar o seu equilíbrio em concomitância com a criação de desequilíbrios no adversário no sentido de atingir um objetivo (marcar golo, ganhar o jogo) (Eccles & Tenenbaum, 2004; Garganta, 1997, 2005; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

Consequentemente, uma equipa, considerando-a como um todo organizado, pode ser definida e interpretada como um Sistema Dinâmico, e que é Adaptativo, porque é dotada da capacidade de reagir às alterações do envolvimento, se ajustando e se auto-organizando à imprevisibilidade e variabilidade associadas ao jogo. Então, há uma permanente promoção da modificação do seu estado de equilíbrio e, por consequência, uma constante modelação das interações. É também um Sistema *Homeodinâmico*, porque assegura a sua sobrevivência através de processos internos, conservando a sua estabilidade e homeostasia com um equilíbrio dinâmico, se adaptando, evoluindo e se transcendendo sem voltar ao seu ponto de partida. A equipa assegura a sua estabilidade com um equilíbrio dinâmico, evoluindo em conformidade com as suas vivências, não voltando ao seu ponto de partida, ou seja, desenvolve-se como um constructo das suas partilhas e vivências (Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2015; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

Prosseguindo, a denominação de *Sistema Homeodinâmico* fará mais sentido do que a de Sistema Homeostático, pois, neste contexto, a equipa assegura a sua estabilidade sem regressar ao seu estado inicial, há uma constante evolução. No caso de um Sistema Homeostático, este reequilibra-se e adapta-se regressando ao seu estado anterior, ou seja, volta ao ponto de partida, o que não acontece no jogo de futebol devido à sua natureza dinâmica e complexa. Indo a um caso prático, quando uma equipa *bascula* de um lado para outro do campo para se reequilibrar e fechar espaços, realiza ajustes estruturais

internos de maneira a se adaptar às transformações ocorridas no meio envolvente, mas sem regressar a uma cópia daquilo que era antes, embora não se desvincule da sua identidade. O mesmo acontece se a equipa tiver de vascular novamente para o lado contrário, nada se repete da mesma forma. O jogo não é linear, não existe uma repetição dos instantes ocorridos, mesmo podendo haver padrões identificáveis dentro de uma realidade de *repetição sem repetição*. Até ao nível do processo treino isto ocorre. Com o desenvolver do processo, a equipa deverá com o treino ir evoluindo e de uma forma dinâmica se reequilibrando em função dos estímulos presentes no mesmo. No processo de treino, criam-se dificuldades que vão provocar uma adaptação preconizada e consequente evolução, logo, um novo equilíbrio. Se assim não fosse, não haveria o problema do *destreino* nem grande benefício em treinar, porque não existiria evolução ou regressão, visto que, tudo voltaria sempre à posição inicial (Carvalho, 2014; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

Apesar da relação de interdependência referida por Tobar (2018, p. 29) quando afirma que “...*o todo está na parte, que está no todo. Não há como dissociar, uma vez que tudo está interligado e tudo é interdependente*”, um sistema complexo, como é o jogo de Futebol ou uma equipa, não está totalmente à mercê do envolvimento, possui alguma autonomia que é decorrente dessa influência recíproca. Nem a equipa está totalmente dependente do que o seu adversário fizer, nem o jogador está totalmente dependente dos seus colegas para decidir, existem graus de liberdade que permitem a expressão individual da personalidade, embora os colegas possam influenciar o processo de tomada de decisão com um maior ou menor número de soluções a emergir (Garganta, 1997, 2005; Silva H., 2008; Tobar, 2018; Valente, 2020).

O sistema complexo consegue influenciar o envolvimento, provocando transformações “em proveito próprio”, isto é, ao provocar desequilíbrios no que o envolve, leva a que o processo adaptativo se desenrole em função disso. O sistema ganha tem autonomia não evoluindo apenas em função do que se passa no envolvimento, mas também consoante a sua vontade e o que isso despoleta. Para que isto seja mais perceptível, uma equipa poderá atrair com bola o adversário com o propósito de atacar outro espaço, podendo provocar com bola pelo corredor lateral para abrir espaço por dentro, ou então, criar um espaço para um movimento de rutura ameaçando com um movimento em apoio. Não esquecendo que, por exemplo, o portador da bola poderá com a sua habilidade ter uma ação inesperada e obrigar a equipa e o adversário a se adaptar em função disso. Para

que tudo isto aconteça sem comprometer o sistema equipa, é fundamental compreender a natureza do jogo, de modo a que seja possível gerir, ocupar e manipular as variáveis espaço e tempo, tanto por quem é o líder do processo, o treinador, como por aqueles que são os seres pensantes que constroem o jogo, os jogadores (Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Mallo, 2015; Silva H., 2008; Valente, 2020).

“A otimização dum sistema num dado momento, resulta da confluência de distintos níveis de organização dos demais sistemas que o compõem. É a concordância dessas confluências que mediatiza o caminho da otimização (Seirul-lo, 1993). Nesta linha de raciocínio, no jogo de Futebol importa identificar sub-sistemas que, relacionados entre si, operem a otimização de todo o sistema.” (Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 7)

Então, o Futebol, mesmo se caracterizando como um sistema complexo e caótico onde a variabilidade está presente pela sua aleatoriedade e imprevisibilidade, é dotado de organização, existem padrões e regularidades que se *repetem sem repetir*³. O jogo desenrola-se dentro de uma permanente relação de variedades onde as dicotomias *ordem-desordem* e *estabilidade-instabilidade* estão sempre presentes. Portanto, o que existe é um *caótico determinístico*, isto é, dentro da aleatoriedade, da imprevisibilidade e de uma aparente confusão de um jogar, há uma organização e um fio condutor dos comportamentos com uma finalidade, um objetivo específico. Objetivo esse que é cumprido pelos elementos da equipa, os subsistemas que são os jogadores, através de sinergias, ou seja, com uma união de forças onde cada um cumpre a sua função. Se algum não cumprir, a consecução do objetivo poderá ficar desde logo comprometida (Carvalho, 2014; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

“Toda a interação dotada de alguma estabilidade ou regularidade assume um carácter organizacional e produz um sistema.” (Morin, 1990, citado por Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 7)

Tendo por base o referido, o sistema que é uma equipa pode ser visto como um sistema *(Des)hierarquizado* e Especializado. A equipa funciona segundo uma dinâmica

³ Há uma *repetição sem repetição*, isto é, a repetição nunca acontece da mesma forma, porque o contexto e o próprio sistema vão se alterando e evoluindo, não regressando aquele que era o seu estado inicial. A matriz, a identidade, é o que se “repete”, visto que, a forma como a equipa se organiza vai se modificando, dentro dos graus de liberdade do Modelo de Jogo. Não há uma linearidade temporal dos acontecimentos.

coletiva, há uma organização e não uma anarquia, tendo por base a sinergia entre um conjunto de redes com funções específicas que se “aninham” e encaixam umas nas outras, compensando e sendo compensadas. Contudo, embora seja hierarquizado, não existem elementos do todo, ou subsistemas, que sejam mais importantes do que os outros, da mesma forma que não existem limites ou fronteiras físicas definidas, que limitem as interações e a emergência das sinergias. A ação da equipa nas diversas escalas resulta da interação e da influência entre sistemas, tudo é contextual, pelo que a hierarquia está sujeita a variações e há existência de graus de liberdade que confirmam plasticidade e adaptabilidade ao jogar. Neste ponto, fica uma vez mais evidenciada a importância da cultura tática na equipa e nos jogadores, devido a ser imprescindível perceber o que se tem de fazer e quando se tem de o fazer, em função dos espaços onde se esteja e das relações que lá se estabeleçam ou possam estabelecer. Daí também se falar em funções e não posições, para além do facto de o jogo não ser estático, nem se desenvolver num ambiente fechado como já foi referido. Os jogadores podem ser especializados num determinado papel, terem criado hábitos no desenvolver de uma função, mas isso não implica que não possam ter abrangência (Carvalho, 2014; Eccles & Tenenbaum, 2004; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018; Valente, 2020).

A *(Des)hierarquização* não é sinónimo de uma anarquia, na medida que, a interação da equipa é direcionada por Princípios, por guias de ação, que pressupõem graus de liberdade dentro de uma identidade. Logo, o que se verifica é uma matriz coletiva dotada de adaptabilidade e plasticidade. No Modelo de Jogo está presente uma identidade que o caracteriza, mas este não existe de forma estanque em si mesmo, permite que a equipa se transforme e se adapte dentro dos graus de liberdade do jogar, pressupõem plasticidade que lhe confere abrangência. O Modelo de Jogo, enquanto modelação sistêmica, a partir da ideia de jogo vai influenciar o surgimento de uma funcionalidade, que só o será se originar uma estruturalidade. É Especializado devido a, como já enunciado, cada um ter uma função específica dentro do sistema, cada jogador é especializado numa função a desempenhar dentro do jogar da equipa, sendo ela igualmente especializada num jogar, naquilo que caracteriza a sua identidade. Funções essas que mudam de equipa para equipa, mesmo se tratando da mesma “posição” no campo, pois, diferentes “jogares” pressupõem diferentes interações. Mesmo dentro da própria equipa pode haver ajustes, dependendo das características dos jogadores e do que

estes aportam à equipa e ao seu jogar (Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997, 2005; Mallo, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008; Tobar, 2018; Valente, 2020).

2.1.1.1.2. Abordagem Sistémica

“A sistémica constitui uma abordagem, um método de compreensão e de resolução de problemas que visa aumentar a eficácia da acção face a problemas relacionados com o modo de observação, de representação, de modelação ou de simulação de totalidades complexas.” (Garganta, 1997, p. 128)

A Abordagem Sistémica surge a partir da Teoria Geral do Sistema criada por Ludwig von Bertalanffy. Todavia, esta Abordagem acaba por ser mais específica na medida em que é mais *praxiológica*, isto é, em vez de ser um conjunto de conhecimentos que se debruça sobre a leis de funcionamento dos sistemas em geral, incide mais sobre o estudo do comportamento humano. A partir deste prisma, uma equipa de futebol é compreendida como sendo um sistema social que é dinâmico e sociocognitivo, onde os elementos que a compõem relacionam-se interagindo com o propósito de adquirir conhecimentos que, por sua vez, lhes permitam agir e interagir com uma maior eficácia no seu contexto específico, segundo uma matriz coletiva na consecução dos objetivos do sistema (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008).

Para além de ser uma maneira de perspetivar um fenómeno complexo como o Futebol à luz da sua complexidade, sem o desintegrar, permite igualmente criar e coordenar sistemas sem desprezar a sua globalidade, isto é, sem os interpretar e conceber de uma forma isolada e desprovida de contexto. É a partir do pensamento sistémico que se poderá começar a modelar não só a forma como se observa e analisa, como também, concludentemente, todo o binómio treino-competição. Todo este processo assenta na criação e gestão de modelos que abracem a complexidade do sistema, analisando-a como um todo, como uma *inteireza inquebrantável*. A coordenação e modelação do processo desenvolve-se segundo modelos interpretativos *ad hoc*, contextuais, pois, são construídos e preparados para uma realidade específica, não se podendo fazer transposições de

modelos descurando o contexto (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008).

O pensamento sistémico tem por base a análise, conceção e gestão de recursos humanos e físicos, procurando alcançar os objetivos do todo, concretamente da equipa. No seguimento, estão englobados quatro grandes aspetos que vão guiar a coordenação de todo o processo, sendo eles os objetivos, aquilo que se procura atingir; a cultura, que é a base da identidade, no caso concreto do Futebol, aquilo que é o Modelo de Jogo e que guia as predominâncias do caminhar da equipa; os recursos humanos, que são todos os que constituem a equipa e que dão corpo ao caminhar, são os subsistemas do *macrosistema* equipa, sendo eles também uma *inteireza inquebrantável*; e os conhecimentos, que se referem aos conhecimentos específicos da área, nomeadamente, o conhecimento específico do Futebol, mas sem descurar todo o conhecimento não específico da modalidade que possa enriquecer o processo. É com a incorporação e domínio de todos estes fatores que o treinador, como elemento regulador e catalisador do processo, poderá pautar a sua intervenção por uma maior eficácia e compreensão, integrando-os na planificação, na regulação e na modelação do processo (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008).

“Toda a interação dotada de alguma estabilidade ou regularidade assume um carácter organizacional e produz um sistema.” (Morin, 1990, citado por Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 7)

Neste âmbito, é possível salientar pontos sensíveis de um sistema, identificar padrões, mesmo admitindo que dentro da ambiguidade e aleatoriedade implícitas não é possível definir claramente os seus limites. A própria cultura/Modelo de Jogo deverá carregar consigo graus de liberdade que vão permitir a adaptação do sistema ao seu meio envolvente específico, vão permitir que o próprio sistema equipa se contextualize e se auto-organize. É fundamental ter em conta a conjectura momentânea da equipa e de todo o seu enquadramento, encarando a situação de uma forma holística e global, integrando e contemplando todos os elementos, interações e subsistemas, interpretando o jogo à luz da sua complexidade e especificidade. Neste sentido, tendo por base o pensamento sistémico, a própria construção do Modelo de Jogo deverá respeitar estas condições (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Oliveira J.G.; Silva H., 2008).

A aplicação desta abordagem, poder-se-á justificar com a possibilidade de abarcar na reflexão aqueles que são os fenómenos emergentes dentro do fenómeno emergente que é o *macrosistema* Jogo, não excluindo dimensões, partes e interação percebidas como essenciais ao Futebol. A partir deste ponto é possível criar representações prováveis da realidade, portanto modelos, permitindo então a emergência de novas correntes de investigação e reflexão que, por sua vez, poderão enriquecer todo o processo ensino-aprendizagem no treino e o próprio jogo. Mesmo dentro de uma equipa técnica isto acontece, na medida que, a interpretação varia de pessoa para pessoa, apesar de poder existir um decalque quase perfeito das ideias do treinador principal. A riqueza dos todos elementos é em grande parte traduzida pela sua capacidade de trazer as suas ideias para debate, problematizando, dando origem a uma ideia final resultado da interação de pessoas, ideias e interpretações (Campos N., 2020; Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Maciel, 2020a; Oliveira J.G., 2004; Silva H., 2008).

2.1.1.1.2.1. Modelação Sistémica

“O conhecimento, a identificação e a definição do jogo de Futebol, passa pela utilização de modelos capazes de o explicar e interpretar (Gréhaigne, 1989). Trata-se de representar o conteúdo e a lógica do jogo a partir da integração das dimensões percebidas como essenciais do fenómeno.” (Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 8)

A Modelação Sistémica tem por base a criação de modelos visando uma aproximação à realidade, neste caso ao jogo. No entanto, não passa de uma previsão/projeção, visto que, não se consegue saber com toda a certeza como é que um sistema complexo se vai comportar à priori. Desintegrando-o e olhando às suas partes de forma isolada não será a melhor solução, pois, o que irá passar é uma falsa sensação de maior segurança. É uma falsa sensação, porque olhando às partes isoladas, perde-se o contexto e o grande problema é que não é possível entender a sua natureza em toda a plenitude. Para compreender o fenómeno Futebol, é fundamental não o desprover da sua identidade e representatividade, isto é, da sua complexidade, pelo que, a modelação

deverá seguir o princípio de tornar as interações emergentes inteligíveis dentro da sua complexidade, dentro do modelo que representa o sistema. Este modelo, no caso de ser o que vai originar uma cultura do jogar, uma inteligência coletiva, poderá ser definido como o Modelo de Jogo ou de Complexidade (Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Silva H., 2008). Garganta & Gréhaigne (1999, p. 8), afirmam que “...se pretendemos construir a inteligibilidade de um sistema complexo, devemos modela-lo. Modelar um sistema complexo é elaborar e conceber modelos, i.e., construções simbólicas, com a ajuda das quais podemos definir projectos de acção, avaliar os seus processos e a sua eficácia”.

Mesmo em processo de *treinabilidade* o referido acontece, há apenas uma projeção da realidade. O treinador com um determinado exercício acredita e prevê que terá um determinado resultado, contudo, este só saberá o efeito do treino e do exercício após o mesmo. À priori, o treinador não sabe se o exercício terá o efeito pretendido e isto poderá não ter a ver com a qualidade do exercício, no que diz respeito à forma como está estruturalmente concebido, podendo estar relacionado com o encadeamento de exercícios e/ou com a capacidade de a equipa, naquele momento em específico, decifrar e interpretar o *contexto de exercitação* da forma que o treinador perspetivou. Logo, para que se possa perceber o fenómeno emergente e complexo que é o jogo, há que o entender dentro da sua complexidade e sem o empobrecer. O jogo pode ser analisado, interpretado e modelado em diversas escalas, trabalhando com várias percentagens de “zoom”, mas sem o partir, ou seja, *reduzindo sem empobrecer*. Como já foi referido, é preciso olhar para as fatias do bolo que são o resultado da interação e não para os ingredientes de forma isolada (Carvalho, 2006; Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

“...não existe treinador que no seu íntimo não queira ser o “deus de Laplace” – conseguir prever com uma certeza infinitesimal a evolução do jogo, controlar esse sistema multivariável. Por isso, talvez ele preferisse substituir a variabilidade pela estereotipia na expectativa de que as atitudes dos seus jogadores fossem previstas e articuladas com a máxima certeza, de que as propriedades topológicas do movimento que eles manifestam fossem as menos variáveis”. (Cunha e Silva, 1995, citado por Garganta & Cunha e Silva, 2000, p. 5)

Sabendo que não se consegue controlar por completo todas as variáveis, é fundamental reconhecer que a ambiguidade está presente, sendo primordial ter a

capacidade de priorizar. Portanto, a forma como se modela está sujeita à interpretação de cada um e, por consequência, à limitação da realidade que daí advém. Em função do prisma de análise e enquadramento concetual de quem observa, e do modelo construído que daí advém, são impostas diferentes limitações à realidade, podendo estas ser maiores ou menores. A magnitude destas limitações é obviamente influenciada pela seletividade da atenção do observador e pelo significado atribuído ao que é observado, condicionados por aquilo que são as vivências e conhecimentos do observador. A observação não se esgota no olhar, observamos com conceitos (Carvalho, 2014; Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Silva H., 2008).

No seguimento, o processo dependerá do posicionamento do observador em relação ao fenómeno, isto é, do seu modelo referência, do nível de importância conferido aos vários estímulos, diferenciando entre o que é considerado pertinente e o que será acessório. É a partir desta atribuição de grau de relevância que todos aqueles dados identificados como pertinentes serão agrupados e interpretados, conferindo-lhes de um significado e sentido próprio. Por conseguinte, sabendo que a observação e análise influenciam aquela que é a coerência e congruência entre processo de treino e competição, teoricamente, estará mais próximo do sucesso aquele que for capaz de mutilar o mínimo possível a realidade, interpretando o todo do todo que é o jogo e que, perante isso, simultaneamente for capaz de priorizar identificando o que é mais importante (Garganta, 1997; Garganta & Cunha e Silva, 2000; Garganta & Gréhaigne, 1999; Silva H., 2008; Tobar, 2018).

2.1.1.1.3. Futebol Enquanto Fenómeno Desportivo

“Hoje o futebol tornou-se num negócio, mas eu continuo a fazer-me de autista e a olhar para o jogo dentro do meu prisma: perceber como vou ganhar ao meu adversário de forma a que os adeptos do Rio Ave sintam orgulho na nossa equipa, e possam rever-se nela. De que forma, tendo menos condições que o adversário, os podemos vencer... assim cumpro o meu sonho de menino, e é assim que me sinto feliz.”
(Carvalho, 2020b)

O Futebol é passível de ser interpretado e analisado de diferentes maneiras, podendo igualmente ser definido de diversas formas. Pode ser definido enquanto um jogo estratégico-tático, tático-técnico, um jogo de paixões, etc., tudo isto é uma questão de percepção, da lente com que observa. Não há errado aqui, mas sim formas diferentes de ver o jogo e interpretá-lo (Esteves, 2017; Lopes, Fernando & Simões, 2016b; Neto, 2014).

À escala global, o Futebol tem preconizado um constante crescimento do número de seguidores, praticantes, treinadores, estudiosos do fenómeno em diferentes áreas, entre outros agentes desportivos. O Futebol é de facto um fenómeno universal possuidor de plasticidade cultural na medida que, sem deixar de ser o mesmo, assume significados diferentes consoante o contexto social. Pelo que, é um fenómeno muito particular que ao mesmo tempo que é global e universal, é também muito local, sendo um marco de identificação cultural. O sentimento de pertença em relação a um clube é algo que move massas e é fundamental para dinâmica do mesmo. O conhecimento da história do clube e dos aspetos que mais são valorizados pela comunidade que o envolve, não só a região, mas todos os adeptos do clube, é de extrema importância para um treinador, pois, o apoio e vida dos clube vem daqueles que se reveem no clube, que culturalmente se identificam. Até do ponto de vista da gestão desportiva, isto é fundamental não só para saber vender uma ideia ou um produto, como para ligar todos em volta de algo, criar uma sinergia (Carvalho, 2020a; Esteves, 2017; Garganta, 1997; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Mesquita, 2019; Rinaldi, 2000).

“Este sentimento de pertença é muito importante para a dinâmica dos clubes... Por isso mesmo, nós, treinadores, dizemos que antes de ir para um qualquer clube interessa conhecer a sua história, a sua identidade cultural, aquilo que define a filosofia desse clube, que aspetos a comunidade mais valoriza. Só assim poderemos ter sucesso, por estarmos identificados com a comunidade.”

Prosseguindo, vários atores referem que o Futebol é “um facto cultural global” que move massas com milhares de milhões de espetadores e batendo recordes de audiência, quase que, a cada final de Campeonatos do Mundo, sendo praticado por todos, independentemente da ideologia, estrato social ou género, superando e quebrando barreiras. Apesar de ser uma arte, o Futebol pode e faz uso da ciência para ser mais e melhor arte, habitando num posto cada vez mais relevante dentro da conjectura desportiva e social atual, sendo considerado mais do que um desporto. Ao mesmo tempo que é uma

arte, que é campo de aplicação da ciência, é também um meio de formação, transformação e educação física e desportiva (Garganta; 1997; Mesquita, 2019; Rinaldi, 2000).

2.1.1.2. Momentos do Jogo

“Esteja ciente de que, durante o processo de ataque, estou gerando as futuras condições defensivas e vice-versa” (Fernandéz, 2012, citado por Tobar, 2018, p. 39)

Procurando analisar o jogo de uma forma mais profunda, podemos, segundo Carvalhal (2014), Dias (2016), Neto (2014), Quina (2001) e Tobar (2018), compartimentá-lo ou subdividi-lo, do ponto de vista didático, em 4 grandes momentos (cada momento é um conjunto de instantes) com bola em movimento:

- **Momento de Organização Ofensiva** – momento no qual a equipa tem a posse da bola e procura mantê-la. Concomitantemente, a equipa com bola, em princípio, tentará desorganizar e desequilibrar o adversário visando a progressão no terreno de jogo e, conseqüente, criação de situações passíveis de golo, o grande objetivo do jogo;
- **Momento de Organização Defensiva** – momento no qual a equipa não tem a posse da bola, e assume um comportamento no sentido de a conquistar/recuperar, procurando defender a sua baliza e evitar que o adversário crie situações de perigo e passíveis de golo;
- **Momento de Transição Ataque-Defesa** (Transição Defensiva) – conjunto de comportamentos individuais e coletivos adotados no instante da perda da bola, procurando defender a sua baliza, impedir a progressão adversário e/ou recuperar a posse de bola. Aqui também se pode considerar o instante que antecede a perda, isto é, o preparar (ou não) para a perda, a forma como a equipa se posiciona e procura equilíbrios. Os locais onde a equipa se permite perder a posse de bola também poderão ser tidos em conta no preparar a perda;

- **Momento de Transição Defesa-Ataque** (Transição Ofensiva) – conjunto de condutas individuais e coletivas adotadas no instante de recuperação da bola no sentido definir um critério e desenvolver o Momento de Organização Ofensiva. Tal como no Momento anterior, pode-se considerar os comportamentos que a equipa assume, nas mais variadas escalas, de forma a preparar a recuperação da bola, isto é, preparar o que têm de fazer quando a recuperarem.

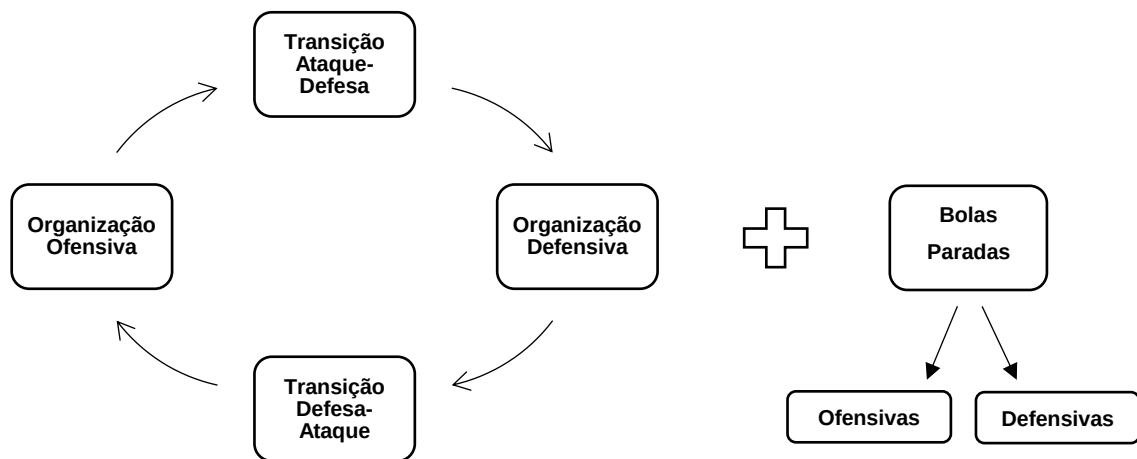


Figura 1: Momentos do Jogo⁴

Segundo alguns autores, para além destes 4 Momentos com bola em movimento, podemos identificar um *Quinto Momento*, o das Bolas Paradas ou Sistemas Táticos, devido à influência cada vez maior destas situações na taxa de golos. Por conseguinte, têm assumido uma grande preponderância no resultado final dos jogos, visto que, com o evoluir do conhecimento de jogo e progresso da organização defensiva, aliado a alguma falta de criatividade (por vezes causada pela formatação resultante da especialização precoce), torna-se muitas vezes mais difícil conseguir marcar golo em situações de *bola corrida* (Esteves, 2011; Barreira, 2019).

“É um momento de jogo como outro qualquer... bola parada é mais um momento de jogo... O facto de termos bons batedores de bola e bons cabeceadores torna tudo mais fácil, com essa qualidade podemos ir à procura disso e assim somos a equipa com mais golos de bola parada, hoje fizemos mais dois” (Jesus, 2017).

Existem outros autores que, na mesma linha, dando muita relevância a estas situações, também as preparam com especial atenção, mas sistematizando de uma forma

⁴ Adaptado a partir de Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo (2013).

mais pormenorizada. Na sua sistematização fazem uma maior distinção do ponto de vista didático, separando na sua organização aquilo que são as situações de bolas parada ofensivas das situações de bola parada defensivas, indicando seis Momentos de Jogo em vez de cinco (Barreira, 2019).

Porém, estes Momentos de Jogo não podem ser entendidos como estanques em si mesmos, na medida em que são interdependentes, reconhecendo que o jogo é uma *inteireza inquebrantável*. A forma como uma equipa se apresenta em Organização Ofensiva vai influenciar os comportamentos adotados aquando da perda de perda, sendo o mesmo verdade para a capacidade de preparar a perda, que equilíbrios existem na equipa. A mesma Organização Ofensiva será influenciada pelo comportamento da equipa em Organização Defensiva, isto é, a disposição e atitude evidenciadas pela equipa poderão influenciar a zona de recuperação da bola e, por consequência, que Método de Ataque a ser adotado em função da existência ou não de soluções e espaço para progredir rapidamente no terreno de jogo (Barbosa, 2014; Barreira, 2019; Carvalhal, 2014; Oliveira J.G., 2004).

Esta divisão é apenas de referência para melhor analisar e trabalhar o jogo, servindo como um controlo didático das conceções de jogo e das suas interações. Não devem igualmente ser entendidos como sequenciais, por não existir uma linha do tempo ou sequencial dos mesmos. Não é possível definir, nem saber previamente a ordem cronológica do jogo devido à variabilidade, complexidade, aleatoriedade e imprevisibilidade inerentes, não há uma certeza. O filme do jogo só se conhece no final. É apenas possível tentar prever e preparar potenciais cenários do ponto de vista estratégico decorrentes dos padrões de ação conhecidos dos adversários, sendo depois fulcral a capacidade de ler o contexto, tomar decisões e se antecipar, em permanentemente adaptação ao contexto e suas interações emergentes. Uma equipa pode estar em Organização Defensiva sem ter existido o Momento de Transição Ataque-Defesa, devido a uma falta ofensiva ou bola fora por exemplo. Ao nível dos *Submomentos*⁵ de jogo isto também se verifica, na medida que uns condicionam a emergência dos outros e forma como os jogadores interagem, sendo igualmente não sequenciais. Pode não ser preciso criar espaços para entrar em espaços ou chegar ao instante da finalização, do mesmo modo que não há uma sequência linear para o processo ofensivo do adversário e, por

⁵ “Subdivisões didáticas” dos Momentos de Jogo.

consequência, do processo defensivo da equipa (Barbosa, 2014; Barreira, 2019; Carvalhal, 2014; Oliveira J.G., 2004).

2.1.1.3. Princípios Táticos do Jogo

“Para jogar correctamente é necessário compreender, para compreender é necessário saber, para compreender e saber é necessário definir princípios do jogo.” (Teissie, 1970, citado por Urbano, s.d.)

Os Princípios Táticos do Jogo, são linhas orientadoras gerais que não caracterizam a identidade da equipa, sendo uma construção teórica decorrente da lógica do jogo. Estes, enquanto fundamento do jogo, emergem no jogar de cada equipa partir dos princípios preconizados no seu Modelo de Jogo, sendo a base dos mesmos (Costa, Garganta, Greco & Mesquita, 2009; Quina, 2001; Urbano, s.d.).

2.1.1.3.1. Princípios Táticos Gerais

“Os princípios gerais recebem essa denominação pelo fato de serem comuns as diferentes fases do jogo e aos outros princípios” (Costa, Garganta, Greco & Mesquita, 2009, p. 658).

Os Princípios Gerais são normas de ação base que devem estar sempre presentes, independentemente da situação, sendo comuns a todos os Momentos do Jogo. É com base nesta linha orientadora que os jogadores se regem para desenvolver e coordenar as suas ações durante todo o jogo. Dentro da variabilidade, imprevisibilidade e aleatoriedade características do jogo, estes princípios deverão estar consciencializados como uma referência para a ação (Costa, Garganta, Greco & Mesquita, 2009; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Quina, 2001; Quina & Graça, 2011; Teodorescu, 2003).

Princípios Gerais do Jogo de Futebol
Rejeitar a inferioridade numérica
Evitar a inferioridade numérica
Procurar a superioridade numérica

Tabela 1: Princípios Gerais do Jogo de Futebol⁶

2.1.1.3.2. Princípios Táticos Específicos

“A cada princípio do ataque corresponde um princípio da defesa e vice-versa.”
(Quina, 2001, p. 60)

No seguimento, consoante a fase e o Momento de Jogo, estão preconizados Princípios Específicos básicos e gerais que, teoricamente, se vão manifestar em qualquer equipa, suportando os seus princípios e as suas ações. Contudo, a forma como se manifestam, tal como a sua regularidade, está subjacente ao tipo de relações pretendidas no jogar da equipa. A sua emergência acaba por estar condicionada ao que é o Modelo de Jogo e pelos princípios do jogar estabelecidos no mesmo (Costa, Garganta, Greco & Mesquita, 2009; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Quina, 2001; Quina & Graça, 2011; Teodorescu, 2003; Urbano, s.d.).

Princípios Específicos do Jogo de Futebol	
Ofensivos	Defensivos
Penetração	Contenção
Cobertura Ofensiva	Cobertura Defensiva
Mobilidade	Equilíbrio
Espaço	Concentração

Tabela 2: Princípios Específicos do Jogo de Futebol⁷

⁶ Adaptado a partir de Casarin, Reverdito, Grebogg, Afonso & Scaglia (2011), Costa, Garganta, Greco & Mesquita (2009), Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo (2013), Quina (2001), Urbano (s.d.).

⁷ Adaptado a partir de Casarin, Reverdito, Grebogg, Afonso & Scaglia (2011), Costa, Garganta, Greco & Mesquita (2009), Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo (2013), Quina (2001), Urbano (s.d.).

2.1.1.3.2.1. Ofensivos

Tendo em conta as referências anteriores, os Princípios Específicos Ofensivos podem ser caracterizados do modo subsequente:

➤ **Penetração**

- Ataque direto ao adversário invadindo o seu espaço com bola ou até a própria baliza. Visa produzir desequilíbrios na organização defensiva do adversário, propiciando ocasiões vantajosas do ponto de vista numérico e espacial para a sua equipa.

➤ **Cobertura Ofensiva**

- Tem como objetivo ajudar na manutenção da posse de bola, fornecendo opções e linhas de passe ao portador da mesma de forma a dar sequência à jogada. Ao ser criada uma superioridade numérica, poderá se induzir um desequilíbrio na organização defensiva adversária, diminuindo a pressão sobre o portador da bola. Alguns autores definem este princípio considerando como Cobertura Ofensiva apenas o apoio que é dado numa linha anterior à linha da bola, denominando os movimentos de apoio à frente da mesma simplesmente como movimentos de apoio.

➤ **Mobilidade**

- Ações de rotura na organização defensiva adversária, tentando criar linhas de passe, principalmente em profundidade, e espaço para o portador da bola, atraindo adversários, com chegada a zonas e espaços mais adiantados.

➤ **Espaço**

- Tem como propósito ampliar e aclarar o espaço efetivo de jogo, aumentando as distâncias entre colegas e, por consequência, também entre os oponentes com vista à existência de opções seguras para dar sequência à jogada. Ao dificultar as marcações defensivas da equipa adversária, irá facilitar as ações ofensivas da própria equipa.

2.1.1.3.2.2. Defensivos

Lembrando ainda os mesmos autores, os Princípios Específicos Defensivos enunciados poderão ser explanados da seguinte forma:

➤ **Contenção**

- Visa parar ou atrasar a progressão do adversário, orientando-a e diminuindo o espaço de ação concedido. O jogador que a executa procura dar tempo à equipa para recuperar e se reorganizar defensivamente, restringindo as opções de passe e impedindo a finalização.

➤ **Cobertura Defensiva**

- Tem por base a intenção de ser uma nova barreira para o jogador que transporta a bola, na eventualidade de este conseguir ultrapassar o colega que está a fazer a contenção. Este jogador transmite segurança ao que está em contenção, passando-lhe uma sensação de segurança para que este ataque a bola.

➤ **Equilíbrio**

- Promove a estabilidade defensiva em zonas e espaços de disputa da bola, assegurando a cobertura aos jogadores que estão em contenção e cobertura defensiva, cobrindo possíveis linha de passe e marcando jogadores que possam receber a bola.

➤ **Concentração**

- Propicia um incremento da proteção à baliza a defender, orientando o ataque adversário para zonas com menor índice de risco no terreno de jogo, podendo posteriormente promover uma maior pressão sobre a zona da bola.

2.1.1.4. Ações Tático-Técnicas no Futebol

A Ações Tático-Técnicas são passíveis de ser descritas como comportamentos que são adotados pelos jogadores de forma a responderem às exigências, desafios e natureza

do jogo. Aos jogadores é constantemente solicitada uma atitude estratégico-tática, sendo a Dimensão Tática uma condicionante importante ao desempenho nas diferentes escalas, é a dimensão unificadora do jogo (Garganta, 1997; Quina, 2001; Teodorescu, 2003).

Apesar das tabelas apresentadas abaixo evidenciarem uma clara diferenciação entre Ações Tático-Técnicas Individuais e Coletivas, esta serve apenas para um enquadramento de ponto de vista didático-organizacional. Em virtude do Futebol se alicerçar em interações, existem ações que poderiam constar em ambas as tabelas, podendo ser exemplo disso o Passe ou o Lançamento Lateral. No caso do Passe, a menos que se faça um *autopasse*, a bola é passada para alguém, pressupõem-se uma interação entre pelo menos 2 jogadores. Então, nesta perspetiva, o Futebol não se compadece muito com esta completa divisão, pois, regra geral, nada é resultado de algo exclusivamente ou puramente individual e independente do seu envolvimento, nem acontece dentro de um contexto completamente fechado, sem interferência de outros intervenientes ou variáveis. A “ação” tem por base uma matriz coletiva e as interações que daí advêm. O jogo tem natureza contextual sendo considerado um fenómeno emergente onde a Técnica é condicionada pela Tática, é parte integrante desta, estando ao seu serviço, daí a aplicação do termo Ações Tático-Técnicas. A Tática, enquanto compreensão e pensamento do jogo, é o que unifica o jogo em todas as suas dimensões (Esteves, 2018; Barreira, 2019; Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2004).

Ações Técnico-Táticas Coletivas	
Ofensivas	Defensivas
Combinações Táticas	Compensações/Permutações
Compensações/Permutações	Marcações
Deslocamentos Ofensivos	Dobras
Temporização	Temporização
Écrans/Cortinas	Écrans/Cortinas

Tabela 3:Ações Tático-Técnicas Coletivas
(Adaptado a partir de Castelo, 1994, e Quina, 2001)

Ações Tático-Técnicas Individuais	
Ofensivas	Defensivas
Simulação	Desarme
Recepção de bola	Intercepção
Proteção da bola	Carga
Condução de bola	Cabeceamento
Drible/Finta	Técnica de Guarda-Redes
Passe	
Cabeceamento	
Remate	
Lançamento de Linha Lateral	
Técnica de Guarda-Redes	

Tabela 4: Ações Tático-Técnicas Individuais
(Adaptado a partir de Castelo, 1994, e Quina, 2001)

2.1.1.4.1. Do Ato Tático de Mahlo à Percepção Direta

“Para Temprado (1991) os conhecimentos que estão na base do pensamento tático estão organizados sob a forma de cenários, de acordo com um conjunto de indicadores, de objectivos a alcançar e de efeitos a produzir. Deste modo, os conhecimentos de que um jogador dispõe permitem-lhe orientar-se, prioritariamente, para certas sequências de acção, em detrimento de outras.” (Garganta, 2005, p. 7)

O Ato Tático é um processo que tem por base um conjunto de processos complexos, onde, para além de aspetos fisiológicos e nervosos, existe de facto um processo psíquico complexo alicerçado num processo de análise das condições. A análise vai se traduzir numa percepção da realidade, que será relativa, estando enviesada por aquilo que são os conhecimentos, as observações e os processos psíquicos. Portanto, a realidade percebida não é um decalque perfeito da realidade, mas sim o produto da interpretação e do significado atribuídos à situação. A Ação Tática é resultado de um conjunto complexo de operações coordenadas entre si que estão em permanente funcionamento e relação. O ato de pensar tem de ser constante, quando isto não acontece é normal que possam existir

erros táticos (Mahlo, 1980; Quina, 2001). Segundo as mesmas referências, neste processo podem ser identificadas 3 fases base que funcionam em interação:

➤ **Percepção e Análise**

- Através dos órgãos sensoriais há uma recolha de informação acerca do jogo, que depois é processada e tratada a nível central.

➤ **Solução Mental**

- A Solução Mental para a ocasião em causa, é concebida tendo em conta aquela que é a informação selecionada e recolhida aliada à memória e aos dados e conhecimentos já anteriormente adquiridos pelo indivíduo, onde se insere o seu “currículo motor”, isto é, reportório motor armazenado em resultado de outras vivências e experiências.

➤ **Solução Motora**

- Após encontrar e selecionar centralmente a Solução Mental desejada, há a sua expressão, manifestação, a Solução Motora. Esta é resultado não só do programa motor selecionado, como também das características físicas e capacidades do indivíduo naquele momento. Portanto, a Solução Motora é suportada tanto pelo Sistema Nervoso, como pelo Sistema Músculo-Esquelético.

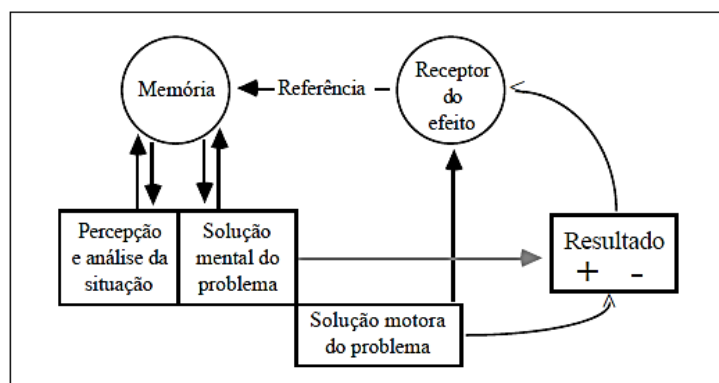


Figura 2: Fases do Ato Tático
(Quina, 2001, a partir de Mahlo, 1966)

Portanto, este modelo teria como pressuposto que a tomada de decisão do jogador tinha por base o conhecimento tático especializado do indivíduo que está armazenado na memória a longo prazo. Este conhecimento, supostamente, seria ativado, sendo a seguir

na memória de trabalho que se efetuaria a seleção da resposta acertada, saindo depois a ordem para a execução da resposta motora. No entanto, segundo algumas correntes de pensamento, por vezes, este modelo teórico poderá ser considerado, de certa forma, algo “desajustado” pela natureza contextual e emergente que o jogo possui, porque a ação dos jogadores não é única e exclusivamente resultado de constrangimentos cognitivos, mas sim de um conjunto de fatores onde se insere o envolvimento. Embora o sucesso nos jogos táticos esteja ligado ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e perceptivas dos indivíduos, há uma permanente associação com outros fatores que vão determinar a performance. A atividade cognitiva é parte do movimento desportivo, integra o sistema complexo que é o jogador. Como sistema complexo que está em permanente interação, não será fácil definir com exatidão uma sequência linear de processos ou acontecimentos à priori. Com isto não se quer dizer que não possa existir atividade cognitiva prévia. Todavia, da mesma forma, há um movimento que antecede o próprio pensamento, influenciando-o (Araújo, 2003; Costa, Garganta, Fonseca & Botelho, 2002).

Perante a natureza do jogo, poderá não ser possível haver um tratamento central da informação, podendo a ação motora ser resultante de um reflexo por exemplo. No seguimento do anteriormente referido, no jogo de Futebol por vezes não há tempo para todo o processo enunciado no Modelo do Ato Tático de Mahlo, acontecendo com regularidade os jogadores terem de se antecipar ou agir quase que por pequenos impulsos, isto é, por vezes, os jogadores têm de agir para depois poderem pensar. A tomada de decisão, e consequentemente a ação, será um resultado de interação, não podendo ser retirada do seu contexto. Em alguns momentos, é necessário primeiro ganhar espaço para depois pensar, em alguns momentos, há pessoas que precisam de mexer para conseguirem pensar. Se toda a ação fosse sempre definida até ao seu final à priori e apenas a nível cognitivo com base na memória, não seria possível haver adaptação à variabilidade contextual, pois, o contexto está em permanente transformação. Apesar de existirem padrões e regularidades no jogo, nada se repete da mesma forma, não havendo uma relação previamente definida entre aquele que é o estímulo e a resposta (Araújo, 2003; Costa, Garganta, Fonseca & Botelho, 2002; Frade, 2015; Garganta, 2005).

“... ao assumir-se que o conhecimento dos jogadores de maior perícia está sempre disponível na sua memória, se experimenta dificuldade em explicar, por exemplo, as variações do rendimento desportivo quando os jogadores defrontam diferentes adversários em distintos enquadramentos competitivos. Acrescentam que talvez esta seja

uma das muitas questões que levam cada vez mais autores a apontar para a necessidade de se considerar a dinâmica da interação jogador-envolvimento para compreender a tomada de decisão no desporto.” (Garganta, 2005, p. 8)

Tendo por base uma Abordagem Ecológica, foi introduzido por James Gibson o conceito de Percepção Direta, segundo a premissa de que existe uma inter-relação entre sujeito e o envolvimento, podendo a informação ser percecionada diretamente sem que passe por um processamento central, onde é comparada com aquela que está na memória. É considerado que a informação necessária para a ação do jogador está no envolvimento e é percecionada de forma direta. Embora a sua tomada decisão não coloque a memória de parte, o grande fundamento é o envolvimento que é alterado pela ação do jogador. Acaba por não ser possível definir uma sequência linear de processos, porque uns geram os outros em permanente interação. A tomada de decisão gera ação e, em contínua concomitância, a ação gera tomada de decisão. A memória não funcionará para ditar respostas, porque não existem respostas preparadas e adequadas à priori, visto que, não se sabe o que vai acontecer. Podem existir modelos que projetem uma possível realidade, mas apenas isso, uma previsão da forma como tudo se desenvolverá. Por exemplo, numa situação de 1x1, quanto mais perto estiver o atacante do defesa, menos tempo terá para agir consoante as reações do mesmo. Então, mais do que pensar no que fez em outras situações de 1x1 para encontrar uma resposta, terá de perceber, através da percepção direta do contexto, que respostas poderão ser ajustadas em função das permanentes mudanças do envolvimento (Passos, Batalau & Gonçalves, 2006).

Perante o mencionado, o próprio problema vai se alterando conforme vai sendo solucionado, daí, teoricamente, o jogador não poder seguir uma resposta motora que foi selecionada no início de uma jogada, porque o contexto vai se modificando ainda durante a ação. Sem estar permanentemente a percecionar o contexto e ajustar o seu comportamento durante a ação, o jogador quase que estaria a jogar decor, não contemplando o que se desenvolve em seu redor. O problema vai se alterando não sendo o mesmo que era no seu início, pelo que, não há uma solução previamente definida que assegure o sucesso. A ação e o problema vão se modificando continuamente em conjunto. Este entendimento revela-se primordial, porque o jogo é uma constante resolução de problemas perante as permanentes transformações do contexto. Apesar de se poder considerar processos de Ação-Percepção (Garganta, 2005; Passos, Batalau & Gonçalves, 2006).

Em situações onde a incerteza está presente, como acontece no jogo de Futebol, o conhecimento teórico, por si só, não é suficiente para as resolver. Ao longo das suas vivências o ser humano vai, em permanência, construindo associações entre experiências e consequências, categorizando-as a partir da identificação das emoções associadas. Através do processo de treino os jogadores devem ter espaço para vivenciar o jogo e associá-lo às referências do jogar da equipa. A partir daqui criam-se imagens mentais, que ficam gravadas no indivíduo e acarretam sentimentos e emoções que, por sua vez, vão auxiliar a tomada de decisão. Estes sentimentos e emoções, podendo ser positivos ou negativos, originam os *marcadores somáticos*⁸ e associam-se por via da aprendizagem consoante as experiências vividas, seus resultados e consequências. Os *marcadores somáticos* não tomam a decisão, mas são uma condicionante importante, devido à relação emocional que se cria com cada situação. O indivíduo ao passar por situações semelhantes às que já vivenciou, os sentimentos e emoções decorrentes vêm atona, associando-se e sinalizando a nova situação. Quando ao marcador está associado a sentimentos e emoções negativos este funciona como um alerta, uma inibição. Quando está associado a sentimentos e emoções positivas, funciona como um incentivo. Quem não tem a capacidade de se emocionar e sentir acaba por evidenciar uma maior dificuldade em tomar decisões (Correia, 2017; Damásio, 1994; Esteves, 2018; Garganta, 2019; Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006)

Perante aquilo que foi explanado anteriormente sobre a Ação Tática, poderá parecer que o conceito de *marcador somático* não se ajusta bem à natureza do jogo, com a existência de algum conflito em relação ao conceito de Percepção Direta. Todavia, o que se sucede é que os *marcadores somáticos* podem funcionar de uma forma inconsciente, isto é, sem haver um tratamento central, e através de um circuito emocional. Estes marcadores trabalham destacando opções, tanto positivas como negativas, que depois são excluídas rapidamente, já não aparecendo na análise seguinte. Portanto, o que acaba por existir, é um sistema automático de classificação preditivo, tentando antecipar e prever cenários futuros. Portanto, num processo de *treinabilidade*, de somatização de um jogar, o treinador não deverá descurar a importância das emoções e dos sentimentos dos outros na sua intervenção, sabendo fazer uso das suas para criar o impacto desejado. As emoções e sentimentos são fundamentais no processo de aprendizagem e construção dos hábitos

⁸ Esta designação surge da associação de uma sensação corporal, portanto somática, a uma marca corporal sob a forma de imagem mental (Correia, 2017; Damásio, 1994; Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006).

de um jogar (Correia, 2017; Damásio, 1994; Esteves, 2018; Frade, 2012; Garganta, 2019; Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006).

2.1.1.5. Métodos de Jogo

“Os métodos de jogo expressam a compreensão de um conjunto coordenado de princípios coletivos e ações técnicas individuais, que têm por objetivo a organização racional do ataque e da defesa” (Barbosa, 2014a, p.38)

Os Métodos de Jogo, quer sejam ofensivos ou defensivos, caracterizam-se por ser o modo como as equipas se organizam de uma maneira geral nas diferentes escalas dentro do sistema jogo, abrangendo um conjunto sinérgico de princípios, de dispositivos e de ações, visando uma organização racional da equipa nos diversos Momentos de Jogo. A sua manifestação acontece pelo jogar da equipa, pela forma como é estabelecida a gestão dos ritmos de jogo e do espaço, coordenando as ações emergentes em todas as escalas. Cada método pressupõem uma gestão do tempo e do espaço diferenciada, isto é, existe uma variação dos ritmos de jogo impostos, dos espaços de predominante atuação e da tipologia das ações que vão emergir (Barbosa, 2014a, 2014b; Castelo, 1994; Garganta, 1997; Quina, 2001).

2.1.1.5.1. Ofensivos

No que diz respeito aos Métodos de Jogo Ofensivos, estes têm em vista objetivos específicos do processo ofensivo, como fazer a bola progredir no terreno de jogo e criação de situações de finalização. Os métodos ofensivos deverão compreender o instante a partir do qual a equipa ganha a posse da bola até ao momento em que a posse da mesma é perdida, podendo-se identificar 3 métodos emergir (Barbosa, 2014a, 2014b; Castelo, 1994; Garganta, 1997; Quina, 2001):

➤ Contra-Ataque

- A bola é recuperada no meio campo defensivo da equipa, o adversário está avançado no terreno de jogo e defensivamente desequilibrado. Caracteriza-se por ser um método que privilegia a profundidade em detrimento da

largura. O ritmo de jogo é muito elevado, havendo um número reduzido de passes (igual ou inferior a 5), num tempo máximo de 12 segundos. O tipo de passe preferencial é o longo, com desmarcações de rutura e execuções sempre muito rápidas, de forma a proporcionar uma chegada muito rápida da bola de um lado do campo ao outro.

➤ **Ataque Rápido**

- Apresenta algumas semelhanças com o Contra-Ataque. Tem por base a conquista da bola no meio campo defensivo ou ofensivo, processos rápidos e ainda com algum risco. Neste método, as situações de finalização acontecem normalmente com adversário já equilibrado do ponto de vista defensivo. Caracteriza-se por um explorar da profundidade e da largura, com alternância de passes curtos e longos combinados, com desmarcações de rutura. Tem um tempo máximo reduzido (até aproximadamente 18 segundos), com um número máximo de passes a se cifrar nos 7. O ritmo de jogo é alto sustentado por uma circulação de bola e jogadas rápidos.

➤ **Ataque Posicional**

- Tal como no caso do Ataque Rápido, a bola pode ser conquistada tanto no meio campo defensivo ou como no ofensivo, e com o adversário defensivamente equilibrado. A predominância do tipo de desmarcações é de apoio, com uma maior procura da largura para circular a bola em detrimento da profundidade, com maior recurso ao passe curto. O ritmo de jogo é mais lento, com menor velocidade na circulação da bola e dos jogadores. O tempo de duração é superior a 18 segundos e com o número de passes superior a 7.

2.1.1.5.2. Defensivos

Os Métodos de Jogo Defensivos têm como objetivo a concretização de objetivos específicos do processo defensivo, como evitar a progressão do adversário, recuperar a bola e defender a própria baliza. Os métodos defensivos deverão incluir tudo desde o

instante em que a equipa perde a posse da bola até ao momento em que a posse da mesma é recuperada. Na sequência, embora possam existir autores que indiquem um número e definições diferentes, identificam-se os seguintes 4 métodos (Castelo, 2009; Esteves, 2017):

➤ **Defesa Individual**

- Tem por base a “lei do 1x1”, sendo o adversário a principal referência de marcação e espacial no jogo. Conforme a bola se aproxima da baliza, a agressividade aumenta, sendo que está sustentada principalmente nos fundamentos da contenção. Acarreta níveis físicos mais elevados que permitam reagir de forma constante e capaz aos movimentos do adversário, que, por sua vez, solicita igualmente elevados níveis de capacidade de sacrifício, abnegação e atenção seletiva. O Princípio da Responsabilidade Individual funciona aqui como um fundamento basilar.

➤ **Defesa à Zona**

- Sustenta-se na “lei de todos contra 1”, sendo cada jogador responsável por uma zona do campo definida, tendo como função intervir quando a bola ou um adversário, com ou sem bola, lá penetre. Há a formação de uma 1ª linha defensiva que se move em função da bola, com outra atrás que serve de cobertura, baseando-se em permanentes relações de cooperação e entreajuda. Neste caso já se poderá utilizar e aproveitar a lei do fora-de-jogo. Portanto, neste método, o espaço é a referência de marcação, enquanto que a bola é a principal referência de pressão.

➤ **Defesa Mista**

- Basicamente, este método desenvolve-se como uma síntese entre os 2 métodos anteriormente explicitados. Caracteriza-se por haver uma marcação individual ao adversário numa determinada zona do campo, mas que se mantém mesmo que este se desloque para outra zona, enquanto o adversário não se desfizer da bola ou um colega chegue para assumir a marcação. Só depois o 1º defesa mencionado poderá voltar ao seu espaço. No que diz respeito a este método, o Princípio Defensivo mais presente é

o da Contenção. Os restantes colegas, a partir da sua zona de ação, continuam em cobertura controlando os adversários.

➤ **Defesa à Zona Pressionante**

- Caracteriza-se por uma marcação rigorosa e agressiva ao oponente com bola, procurando recuperar a bola ou provocar o erro do atacante. No seguimento, cada defesa, sendo responsável pela sua zona, deverá evoluir na mesma, mas com a consciência que deverá se deslocar para outra no sentido de a equipa se concentrar em zonas próximas da bola. Esta pressão é exercida não só ao portador da bola, como também aos jogadores que poderão dar continuidade ao processo ofensivo adversário. Por conseguinte, diminui-se a pressão sobre os oponentes mais afastados da bola. Tem como objetivo condicionar e conduzir o adversário para um espaço de jogo mais propício à recuperação da posse da bola, tendo por base uma concentração e homogeneidade de deslocamento defensivo, independente da movimentação da bola. Pressupõe um elevado espírito de equipa, com altos níveis de coordenação, solidariedade e comunicação verbal, principalmente quando o adversário faz variação do ângulo de ataque e de corredor.

2.1.1.6. Estrutura, Ideia de Jogo e Modelo de Jogo

“Hoje em dia sabe-se que até em relação à cooperatividade há mapeamentos em função disso. Portanto, para mim, modelo é o que existe em termos estruturais e funcionais, que proporciona que regularmente uma equipa se identifique como equipa... modelo de jogo para mim, não é o que habitualmente as pessoas exprimem e expressam, é efetivamente aquilo que uma equipa revela como uma regularidade quando acontece. E isso é fruto dum conjunto de coordenadas, mas porque é uma emergência, é qualquer coisa que precisa de tempo para aparecer, precisa de uma ideia que a sustenta e precisa dum processo que orienta esta aquisição.” (Frade, 2012, p. 2)

A Estrutura de Jogo é a distribuição posicional dos jogadores, ou seja, acaba por ser uma repartição espacial da equipa. Contudo, esta distribuição apenas diz respeito ao seu espaço de intervenção e posicionamento iniciais, isto é, estabelece, à priori, qual seria a relação entre os espaços a ocupar por cada jogador, sendo formadas a partir daqui as linhas de distribuição dos jogadores. Estas estruturas estão sujeitas à dinâmica constante decorrente do jogo de Futebol, variabilidade e inclusive perda de funcionalidade. Tenha-se presente que, o que de facto permite ou não a consecução de um jogar é a emergência de dinâmicas e interações, sendo que, esta influência da Estrutura no jogar da equipa poderá se verificar mais relacionada com as características dos jogadores. Por exemplo, será que existe na equipa um médio defensivo que consiga interpretar aquilo que é fundamental naquela função para sustentar o jogar ou é necessário de ter dois jogadores a partir daquela “posição”? Que função cada um terá nos diferentes momentos do jogo? Que repercussões essa alteração poderá ter no meu jogar? Tudo depende das interações que possam emergir, do que cada indivíduo possa aportar à equipa dentro do todo. São essas dinâmicas que vão potenciar, ou não, o equilíbrio da equipa (Carneiro, 2018; Esteves, 2018; Tobar, 2018).

Reforçando a ideia enunciada, a Estrutura de Jogo⁹ está ligada à disposição dos jogadores pelo campo de jogo, sendo algo rígido e não dotado de funcionalidade, pois, a disposição da equipa por si só não confere uma “vida ao jogo”, um jogar. Portanto, o que fará diferença serão então as dinâmicas e intencionalidades estratégico-táticas da equipa que vão emergindo, até porque, 2 equipas com a mesma Estrutura de Jogo podem ter “jogares” e dinâmicas completamente diferentes (Campos N., 2020; Carvalhal, 2014; Tobar, 2018).

Por sua vez, a Ideia de Jogo, deverá ser encarada como a conceção de jogo do treinador, isto é, a maneira como o treinador preconiza o seu jogar, podendo ser encaradas como as ideias que o treinador, líder do processo, tem acerca do Futebol e do jogar. De certa forma, a Ideia de Jogo pode ser definida como uma base para aquilo que será o

⁹ Com a evolução do jogo, a forma como as equipas se organizam, nomeadamente ao nível das suas Estruturas de Jogo, sofreu muitas alterações desde, por exemplo, a “Época dos Dribladores”, com uma estrutura composta por 1 Guarda-Redes, 1 Defesa e 8 Avançados, onde predominavam as ações individuais, até aquilo que acontece na atualidade, passando por aquilo que foi o “Sistema WM” ou o início da aplicação de estruturas com 4 Defesas. Concluindo-se então que, com o desenvolver do jogo, à medida que este começou a ter presente uma matriz mais coletiva no que diz respeito às ideias de fundamentam o jogar das equipas, as Estruturas de Jogo têm sido dotadas de maior equilíbrio ao nível da distribuição espacial inicial dos jogadores (Esteves, 2018; Grando & Marcelino, 2014).

Modelo de Jogo da equipa, isto é, é o futuro que se pretende concretizar a partir da modelação sistémica que é o Modelo de Jogo (Esteves, 2018; Frade, 2012, 2015; Tobar, 2018).

No seguimento, considerando que o Modelo de Jogo poderá ser definido como algo consecutivo à Ideia de Jogo, este pode ser visto como a adaptação da Ideia de Jogo do treinador à realidade do clube, não só no que diz respeito às características da equipa e dos jogadores, mas também aquela que é a cultura do clube. Acima de tudo o Modelo de Jogo é matéria de ação e não de pregação, como diz o Professor Vítor Frade (2012), visto que, é aquilo que emerge, são os comportamentos que a equipa evidencia em jogo. Daí este não existir verdadeiramente, sendo algo que está sempre em aberto e permanente construção. Tem por base guias de ação, de comportamento e de conduta denominados, de uma forma geral, como Princípios. Estes Princípios não passam de guias de orientação, não sendo mais do que isso mesmo, princípios, são o início, um referencial para o emergir das interações da equipa. Os Princípios existem em diferentes escalas, desde os *Macroprincípios* até aos *Subprincípios* e *Subsubprincípios* enquadrados nos diferentes Momentos de Jogo (Frade, 2012, 2015; Silva M.G., 2008; Oliveira J.G., 2004). Logo, é a partir dos Princípios que se desenvolve todo o processo de treino e o nosso jogar, são os “...*princípios dão organização à equipa*” (Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006).

Por conseguinte, o Modelo de Jogo não deve ser encarado como algo estanque em si mesmo, mas sim como um *Plano de Predominâncias* que se desenvolve dentro da *inteireza inquebrantável* que é o jogo de Futebol, sendo flexível e adaptável, pressupondo graus de liberdade que vão tornar possível a adaptação da equipa ao contexto a partir de uma matriz coletiva. Enquanto uma referência de ação, deverá estar permanente construção para que possa ganhar abrangência e se alicerçar em graus de liberdade que prevejam a capacidade de a equipa se ajustar ao envolvimento modelando-o. Porém, a sua adaptabilidade não deverá ser sinónimo de perda de identidade, antes pelo contrário. É a partir dessa identidade, da redundância do jogar, que se desenvolve a plasticidade do jogar da equipa, a variabilidade do jogar. A adaptabilidade refere-se ao ajuste de pequenas nuances da estratégia para o jogo, a “pequenos” detalhes que, dentro do contexto que a equipa técnica antecipa para o momento competitivo, poderão potenciar mais o seu jogar. O jogador deve ter a liberdade para, a partir do argumento, dar o seu toque à história que se constrói no jogo (Campos N., 2020; Frade, 2012, 2015; Esteves, 2018; Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2019).

De forma a sustentar o que foi referido, considere-se por exemplo uma equipa que tem concetualizado um jogo de posse com construção curta desde trás. Devido a variadíssimos fatores, num certo jogo poderá evidenciar dificuldades em ter sucesso em função daquilo que sejam as características do adversário e, conseqüente, aquelas que forem as dificuldades impostas pelos mesmos. Sem perder a sua matriz e identidade, a equipa poderá optar por, na sua saída de bola, jogar de uma forma mais vertical de modo a poder sair desde trás em segurança perante uma pressão alta e forte do adversário. Após sair da zona de pressão, a equipa tendo espaço, já poderá jogar de uma forma mais pausada, organizando o seu processo ofensivo dentro daquilo que é a predominância do idealizado no Modelo de Jogo. A própria estrutura poderá igualmente sofrer alguma alteração, de forma a melhor conseguir controlar algum ponto forte do jogo adversário, por exemplo a largura, mas sem que isso afete a identidade da equipa e os Princípios que a caracterizam (Campos N., 2020; Silva M., 2020; Tobar, 2018).

Primordial aqui, independentemente daquelas que sejam as ideias a desenvolver, é o treinador estar seguro e ser um profundo conhecedor da mesma, caso contrário, poderá não ser capaz de elucidar as dúvidas dos jogadores, originando a uma deficiente transmissão da informação e descrença no processo por parte dos mesmos. Por conseguinte, o treinador deverá conhecer as suas ideias a todos os níveis e tê-las bem definidas e esclarecidas, de forma a ser capaz de melhor as desenvolver. Se isto não acontecer, o treinador corre o risco de não conseguir criar os alicerces necessários para a sedimentação dos princípios pretendidos, podendo levar também à própria descrença do treinador e, possivelmente, a uma conseqüente constante mudança de ideias, “deitando fora” as anteriores. Isto poderá ser originado pela falta de confiança e segurança do treinador no processo, que, por sua vez, acaba por ser transmitida para os jogadores (Campos N., 2020; Esteves, 2018; Valente, 2020).

Portanto, para que o treinador não corra o risco de se autocolocar em causa por apresentar lacunas ao nível do conhecimento das supostas “próprias ideias”, este deve criar o seu Modelo de Jogo e não ir atrás de modas, embora possa enriquecê-la através da análise de outros Modelos. *Um mau original é melhor do que uma cópia perfeita*, pois, a partir do mau original, poderemos refletir sobre as nossas conceções e o nosso jogar, podendo reciclar e enriquecer o nosso pensamento sobre o jogo, logo crescer. Quem não reflete dificilmente poderá evoluir (Campos N., 2020; Esteves, 2018; Garganta, 2019).

2.1.1.7. Metodologia do Treino Desportivo

"Metodologia é uma palavra composta por três vocábulos gregos: metà ("para além de"), odòs ("caminho") e logos ("estudo"). O conceito faz alusão aos métodos de investigação que permitem obter certos objectivos numa ciência. A metodologia também pode ser aplicada à arte, quando se efectua uma observação rigorosa. Como tal, a metodologia é o conjunto de métodos que regem uma investigação científica ou numa exposição doutrinal." (Conceito de, 2010)

Segundo a informação disponível in *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* (2020c), Metodologia pode ser definida como *"conjunto de regras ou princípios empregados no ensino de uma ciência ou arte"; "parte da lógica que estuda os métodos das diversas ciências"; "arte de dirigir o espírito na investigação da verdade"*.

A Metodologia do Treino Desportivo é a base para atuação e intervenção do treinador, é o fundamento científico que o sustenta e que sistematiza o processo de treino segundo uma lógica de ação, evidenciando possíveis caminhos para atingir um determinado fim. Tem por base um conjunto de conhecimentos e teorias, como são os princípios do treino, onde se incluem conceitos e terminologia específica. Enquanto base concetual do treino, a Metodologia é aquilo que vai modelar o desenvolvimento de todo o processo de treino segundo objetivos específicos (Esteves, 2017; Oliveira J., 2018; Oliveira R., 2005; Silva A., 2010).

Dentro daquilo que é uma Metodologia, existem um conjunto de métodos e meios associados que a suportam, sendo esses um integrado de processos didático-pedagógicos, ou seja, são um conjunto "ferramentas" ao dispor do treinador que, a partir de uma conceção, permitem sustentar a sua intervenção. Os métodos e meios a selecionar dependem da intencionalidade do treinador, daquela que for a linha metodológica e de pensamento preconizadas pelo mesmo. A seleção de uns em detrimento de outros está subjacente a um conjunto de variáveis como são os conteúdos a abordar, os espaços e condições de treino, localização temporal dentro do *morfociclo* de treino, características da equipa e dos jogadores individualmente, no que diz respeito à escolha da informação a passar, e sua forma, em função das suas necessidades, entre outros. Os métodos poderão

ser orais, onde se incluem as análises com discussão, palestras e explicações; visuais, como são as demonstrações ou análises com recurso a vídeo; e práticos, que estão ligados ao desenvolvimento do processo através da exercitação e desenvolvimento de capacidades específicas na prática. Podendo todos eles ser importantes, devem ser utilizados de uma forma combinada e sinérgica de modo a enriquecer o processo de treino e potenciar ao máximo o processo ensino-aprendizagem. A percentagem de importância de cada conjunto pode variar com o momento e com intencionalidade do treinador, sem esquecer que a prática é fundamental para o processo de aprendizagem, aprende-se fazendo (Esteves, 2017; Oliveira J., 2018; Oliveira R., 2005; Prudente, 2016; Reverter Masià, Jové Deltell, Fonseca & Navarro Eroles, 2012).

2.1.1.7.1. Periodização Convencional

“O modelo de planificação permite-nos conhecer as propriedades do modelo e formular previsões sobre o fenómeno modelado, mas só se pode verificar o resultado ao mobilizar empiricamente as propriedades do modelo.” (Reverter Masià, Jové Deltell, Fonseca & Navarro Eroles, 2012, p. 81)

A periodização do treino tem por base uma divisão da época desportiva por períodos de uma forma cronológica e estratégica, obedecendo a objetivos específicos que visam fomentar um processo de treino sistematizado potenciador de evolução e rendimento. Pretende-se que, a partir de uma linha metodológica, se possa aplicar cargas de treino numa lógica evolutiva de esforços que, subsequentemente, levarão a adaptações do organismo do indivíduo, visando potenciar um desenvolvimento ótimo das capacidades e do seu rendimento. Portanto, a periodização do treino está ligada ao desenvolvimento das capacidades de cada indivíduo e também de capacidades coletivas, quando se refere a desportos coletivos como o Futebol. No caso concreto do Futebol, dever-se-á pretender um desenvolvimento holístico e global do indivíduo, reconhecendo a natureza complexa e atuando sobre várias dimensões como são a tática, a estratégia, a técnica, a física, a cognitiva e a psicológica (Bompa, Blumenstein, Hoffmann, Howell &

Orbach, 2019; Esteves, 2017; Oliveira J., 2018; Oliveira R., 2005; Prudente, 2016; Silva A., 2010).

Ao longo dos anos existiram várias referências neste âmbito de onde se poderá destacar nomes como o de Matveiev, Bompá, Verjoshanski e Platanov, por exemplo. No entanto, metodologicamente, havia de um certo modo um vazio ao nível dos desportos coletivos, porque as linhas metodológicas existentes tinham sido criadas tendo em vista os desportos individuais e estavam a ser aplicadas aos desportos coletivos. Além disso, algumas estavam alicerçadas em princípios, métodos e meios mais cartesianos, não respeitando a complexidade que caracteriza um sistema complexo como o Futebol. Por vezes, tanto a análise do jogador, como da própria equipa e do jogo, e toda a posterior modelação compreendiam uma divisão em partes e dimensões que eram interpretadas de forma isolada, sem ter em conta a *inteireza inquebrantável* que é o jogador enquanto ser humano e sistema complexo e que é o Futebol enquanto fenómeno emergente *interacional* (Carvalho, 2006; Esteves, 2017; Oliveira R., 2005; Prudente, 2016; Silva A., 2010; Tobar, 2018).

Já a partir de uma perspetiva diferente, Garganta & Gréhaigne (1999, p. 8) defendem que “...*não é possível compreender e explicar a complexidade dos JDC, enquanto sistema de transformação, senão apeando a modelos que integrem as noções de ordem, desordem, interação e organização.*” (Garganta & Gréhaigne, 1999, p. 8)

Por exemplo, no caso da linha de pensamento sugerida por alguns autores, sem estar colocar em causa a sua validade em relação ao contexto para o qual foi concebido, estão definidos 3 períodos, o de Período de Preparação, em que a preparação geral assumia uma grande predominância temporal, com uma dinâmica de cargas baseado em grandes ondas e que servia de preparação para a competição principal desse período, procurando-se atingir o *Pico de Forma* exatamente no momento da competição; o Período Competitivo, que era a competição propriamente dita; e o Período Pós-Competitivo, que se caracterizava por ser um período recuperação após o momento competitivo. Este modelo enunciado acaba por não se coadunar muito com a realidade e natureza do Futebol, visto que, estamos a falar de uma modalidade que se caracteriza por períodos competitivos extensos. Neste caso concreto há um campeonato que se desenrola durante vários meses, não existindo uma ou duas competições alvo onde se pretende estar no *Pico de Forma*, sendo as outras preparatórias para essas principais (Carvalho, 2006; Esteves, 2017; Oliveira R., 2005; Prudente, 2016; Silva A., 2010).

Além do mais, completando o já enunciando, tudo o que não se treina e não é estimulado acaba por atrofiar e enfraquecer com o passar do tempo, logo, não se pode esperar que uma preparação geral perdure durante toda uma época que poderá ter 10 meses, não esquecendo que, perante a densidade competitiva que existe, torna-se difícil haver espaço para um preparação geral entre momentos competitivos. Por conseguinte, a preparação específica ganha uma maior preponderância num processo de treino que se quer específico e representativo. Concluindo-se que, no Futebol, mais do que *Picos de Forma*, procuram-se *Plataformas de Rendimento* ao longo de toda a época (Esteves, 2017; Oliveira R., 2005; Silva A., 2010; Tobar, 2018).

2.1.1.7.2. Periodização Tática

“... o jogo para a Periodização Tática é mais um labirinto, que um mapa.” (Frade, 2015, p. 190)

A *Periodização Tática*, que tem como “pai” o Professor Vítor Frade, surgiu quase como uma provocação ao que metodologicamente existia e que estava muito ligado às metodologias dos desportos individuais. Frade (2012, p. 3), diz que “*A Periodização Tática aparece precisamente por não estar satisfeita com nada do que existia*”. Esta metodologia refuta o paradigma da simplicidade, encarando o jogo como um fenómeno dotado de uma natureza complexa, onde não faz sentido separar as suas partes ou desintegrá-las (Carvalho, 2006; Oliveira J.G., 2019)

Para Carvalho, Lage & Oliveira (2014, p.14) é através da *Periodização Tática* que se consegue interpretar da forma mais adequada o Futebol, acreditando que esta melhor responde às necessidades inerentes à análise de todas as dinâmicas implícitas ao jogo. Estes afirmam que “*A **modelação sistémica** (Periodização Tática) aparece para permitir tratar fenómenos apercebidos complexos, ou seja, fenómenos que “á priori” se considera não poderem conhecer-se por decomposição analítica*”, acrescentando que, segundo a noção de *fractalidade*, se percebe “*que o todo é muito mais que a soma das partes*”, num sistema complexo e caótico como é o Jogo de Futebol. Ainda na mesma linha, Frade (2015) diz que a *Periodização Tática* contempla toda a natureza e riqueza

do jogo, encarando-o mais como um labirinto, do que como um mapa, isto é, está contemplada a incerteza e ambiguidade do jogo, onde se sabe quais são os nossos princípios, mas não é possível saber com toda a certeza qual será o final.

O Futebol é baseado em 4 grandes dimensões que interagem entre si, sendo elas a tática, a técnica, a física e a psicológica. Neste contexto, tendo por base a *Periodização Tática*, acredita-se que é a dimensão Tática, enquanto dimensão unificadora, juntamente com o Modelo de Jogo que deve coordenar e orientar toda a periodização e planificação, mas mantendo uma perspectiva holística e global no desenvolver do processo de treino, que é a base para a consecução do Modelo de Jogo. No entanto, nenhuma dimensão, nem mesmo a tática, será maior ou mais importante que as outras, todas têm o seu papel. É a partir daqui que se cria, gere, organiza, interpreta e trata o fenómeno complexo e caótico (determinístico) que é o jogo de Futebol e a complexidade inerente ao processo ensino-aprendizagem. Por isso, não fará sentido que o processo de treino se desenvolva de forma desintegrada, numa perspectiva que não seja holística e que procure trabalhar as diferentes componentes e dimensões do jogo e do Homem de forma separada. Seguindo este enquadramento, o trabalho físico é colocado ao serviço da tática, isto é, qualquer que seja a capacidade condicionante, a tática tem valor e é basilar. O mesmo se aplica às restantes dimensões, a sua expressão está sujeita aquela que for a realidade contextual do jogo (Carvalho, 2014; Carvalho, Lage & Oliveira, 2014; Frade, 2012, 2015; Oliveira J.G., 2004; Silva M.G., 2008; Tobar, 2018).

Tendo como referência esta metodologia, não se procuram atingir *Picos de Forma*, mas sim *Plataformas de Rendimento*, isto é, o processo de treino desenvolve-se no sentido de atingir uma estabilização da performance da equipa ao longo da época desportiva. Todavia, sabe-se que após atingir níveis ótimos de desempenho, estes não se mantêm estáticos, sendo, tal como o jogo, dinâmicos, isto é, são variáveis. Ainda assim, esta variação, por si só, não é um indicador de perda de identidade (Carvalho, 2014; Esteves, 2017; Oliveira J.G., 2019; Tobar, 2018).

Segundo esta linha de pensamento, os Princípios de Jogo são padrões comportamentais e de conduta que o treinador pretende que se revelem durante os diferentes momentos e jogo pela sua equipa nas diversas escalas. Tendo em conta o já enunciado, é possível, uma vez mais, reforçar a fundamental necessidade de constante capacidade de adaptação dos intervenientes aos jogos e suas especificidades tendo em conta ao longo do jogo devido o seu carácter variável, imprevisível e aleatório, assumindo

uma atitude dinâmica e proactiva (Carvalhal, 2014; Frade, 2012, 2015; Esteves, 2017; Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2004, 2019; Tobar, 2018).

Apesar de esta ter sido preconizada para o Futebol sénior, esta metodologia poderá ser aplicada em contexto de Futebol de Formação e às características de crianças e jovens (Frade, 2012; Oliveira J.G., 2019). Ideia reforçada pelo Professor Vítor Frade (2012, p. 14) quando afirma que, *“Sim, tem “modificações”, mas com aspas, e era o que eu ia lhe dizer: Na formação você tem que saber o que é uma criança, tem que saber o que é a aprendizagem, tem que saber que o quadro competitivo não tem a mesma configuração que tem nos profissionais, mas tudo está dentro da Periodização Tática”*.

2.1.1.7.2.1. Modelo de Jogo – Qual a sua Importância?

“O mais importante numa equipa é ter um determinado modelo de jogo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem... No fundo, é aquilo que eu chamo organização de jogo...” (Mourinho, 2002, citado por Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006, p.36)

Como já anteriormente referido, o Modelo de Jogo deverá ser uma adaptação e uma manifestação da flexibilidade da Ideia de Jogo do treinador. O próprio Modelo deverá ser dotado de plasticidade, conferindo uma identidade à equipa, mas sem apresentar limites estanques, porque o jogo desenvolve-se numa realidade imprevisível e aleatória de ordem-desordem e estabilidade-instabilidade. Todavia, a ideia de Modelo existe e tem sentido, visto que, mesmo sem conseguir definir uma sequência linear de acontecimentos devido à natureza complexa do jogo, é possível conceber previsões da realidade, isto é, no caos que é o jogo há uma organização que sustenta a ação, o jogo é um *caótico determinístico* (Campos C., 2019; Carvalhal, 2014; Frade, 2015; Garganta, 1997; Oliveira J.G., 2004; Tamarit, 2007).

“... modelo de jogo é, no fundo, um complexo de referências coletivas e individuais, referências essas que são os princípios de jogo concebidos, pelo treinador. Os princípios de jogo são referências de ação, referências comportamentais, que levam

os jogadores a jogar em equipa. São eles que fazem aparecer com regularidade a coordenação coletiva.” (Oliveira, Amieiro, Resende & Barreto, 2006, p.36)

De acordo com uma perspetiva sistémica, o modelo opõe-se a um carácter estático e rígido, devendo ser dotado de variabilidade e propício à emergência de criatividade dentro da identidade. Cabe ao treinador potenciar este processo, também através da diversificação de estímulos ao longo do processo de treino, de forma a melhor preparar os jogadores para possíveis cenários a ocorrer no jogo. O Modelo deverá ser dotado de abrangência e preconizar graus de liberdade que permitam à equipa se adaptar e modelar o contexto, sendo este mais rico quanto mais partilhado for. Com a partilha há um cruzamento de concepções, o que pode levar a que o plano estratégico seja fundamentado em “lentes” e pontos de vista diferentes. Acima de tudo o debate promove a reflexão, podendo as ideias crescer sem que a matriz seja perdida, isto é, a concepção, respeitando aquela que é a natureza do jogo, deverá ser compreendida como contextual e interativa, estando em permanente desenvolvimento e adaptação (Carvalho, 2014; Casarin, Reverdito, Grebogg, Afonso & Scaglia, 2011; Frade, 2012, 2015; Garganta, 1997; Maciel, 2020a; Oliveira J.G., 2004; Tamarit, 2007).

O Modelo de Jogo deverá estar enquadrado ao contexto, nomeadamente, às características do clube, da equipa e dos jogadores, promovendo a criação de uma forma de jogar segundo os Princípios e padrões de ação adotados nos vários Momentos do Jogo. Contudo, o treinador nunca deverá ir contra si mesmo e seus princípios. É determinante para que se possa realmente avaliar de uma forma fidedigna a equipa no que diz respeito ao seu conhecimento do jogo, pois, funciona como uma referência de análise onde estão estabelecidos critérios. É partir daqui se desenvolve todo o processo de treino desde o seu planeamento, passando pela operacionalização do mesmo, até à sua análise e avaliação. Há que saber avaliar para poder modelar e sem critérios não se consegue avaliar. O Modelo de Jogo é o precursor do Modelo de Treino, orienta a sua construção e consequente operacionalização, logo, o processo de treino decorre em concordância com forma que se pretende jogar (Campos C., 2019; Carvalho, 2014; Garganta, 1997; Maciel, 2020a; Oliveira J.G., 2004; Tamarit, 2007).

No entanto, quase que parecendo um contrassenso, o Modelo de jogo é algo que efetivamente não existe, funcionando sim como aquilo que o treinador procura atingir com a sua equipa. O Modelo de Jogo funciona como uma forma de objetivar e caracterizar um objeto de estudo que é o jogar, sendo uma configuração de um futuro que é o elemento

causal da *interacionalidade*, ou seja, o Modelo é o futuro que se perspectiva acontecer, balizando a intervenção e modelação do treinador nos *contextos de exercitação e treinabilidade* (Carvalho, 2014; Frade, 2012, 2015; Oliveira J.G., 2004).

2.1.1.7.2.2. Organização dos Princípios de Jogo

“Princípios de Jogo são padrões de ação táticos, padrões de intencionalidades e regularidades que a equipa e os respetivos jogadores devem manifestar nas diferentes escalas, durante os diferentes Momentos de Jogo.” (Oliveira, 2014, citado por Esteves, 2018)

Os *MacroPrincípios* são os padrões de jogo que de uma forma geral definem a identidade da equipa, isto é, são os referenciais coletivos que implicam toda a equipa e que servem para balizar a modelação de todo o processo. É a este nível que se verifica mais a redundância do jogar, sendo nas outras escalas que se evidencia mais a variabilidade do jogar. Os *SubPrincípios* caracterizam-se por ser padrões de ação de nível intermédio e que vão dar vida aos *MacroPrincípios*, sendo, portanto, uma dimensão Meso. Os *Subsubprincípios* por sua vez estão no plano Micro, sendo *micropadrões* de comportamento que se revelam segundo as dinâmicas dos planos Macro e Meso, relacionam-se com o que dá imprevisibilidade à previsibilidade. Pelo treinador são essencialmente treinados os Princípios a um nível Macro e Meso (Esteves, 2018; Frade, 2012, 2015; Oliveira J.G., 2019; Silva M.G., 2008).

2.1.1.7.2.3. Princípios Metodológicos

“Eu até gosto às vezes de chamar de praxiológicos, ou seja, a práxis que eu quero levar a efeito tem uma lógica, que é deliberada, é condizente com o condicionalismo da ideia que eu lhe quero colocar, com a ideia de jogo. Portanto no plano metodológico, no plano da fabricação, no plano do “parto” digamos assim, é que como a coisa é complexa há que contemplar as várias dimensões da complexidade. E então, surge a necessidade,

embora estes princípios ... concretização da utilização, do levar a efeito destes princípios metodológicos é conseguida em função da presentificação semanal de uma realidade que é o morfociclo. Portanto, eles não existem isoladamente porque, a leitura e a interpretação deles é também em função de uma lógica de causalidade não-linear, portanto eles não existem uns sem os outros e aí eu dizer que a gestão da utilização deles consegue-se em função da respeitabilidade da presença do morfociclo.” (Frade, 2012, p. 4)

Os Princípios Metodológicos são a base de outro princípio base da aprendizagem, o *Princípio da Repetição Sistemática* já que este é fundamental para o processo de aprendizagem, aprende-se fazendo. Estes sustentam a prática deliberada que é o processo de treino, o *fazer acontecer*, não sendo possível dar primazia a um deles em detrimento de outros, visto serem interdependentes, estando permanentemente em interação. Uns condicionam os outros dentro da complexidade que caracteriza a natureza do fenómeno e da especificidade do *Morfociclo* (Campos C., 2008; Chéu, 2018; Esteves, 2018; Frade, 2015; Oliveira J.G., 2019).

Como base estruturante para estes princípios é preconizado um *SupraPrincípio da Especificidade*, funcionando quase que como um Princípio dos Princípios Metodológicos, na medida que é a *Especificidade* que guia a conexão e relação dos princípios. Embora não seja verdadeiramente um princípio, é aquilo que se pretende concretizar. É este futuro que guia a modelação sistémica que é o Modelo de Jogo na consecução de uma ideia, de uma identidade (Amieiro, 2020; Carvalhal, Lage & Oliveira, 2014; Esteves, 2018; Frade, 2015, Oliveira J.G., 2019). Frade (2012, p. 4) afirma que “*A Especificidade para mim não é um princípio metodológico. O que eu quero é concretizar a Especificidade! E então sirvo-me de princípios, estes sim, metodológicos*”. Os Princípios Metodológicos são:

➤ **Princípio da Progressão Complexa**

- Explicita que a evolução e o processo de aprendizagem não são lineares, nem constantes, há avanços e retrocessos, sendo o processo modelado pelas interações na equipa, pela distribuição dos conteúdos pelos *Morfociclos*, crescimento do Modelo de Jogo, entre outros. Está ligado e influencia o desenvolver da forma de jogar, a forma e tipo de distribuição dos conteúdos de treino ao

longo do tempo. Tem em atenção o controlo e adequação da complexidade dos *contextos de exercício* ao nível dos jogadores sem desnaturar o jogo, procurando respeitar a coerência que deve existir na relação esforço/recuperação. No seguimento, dita a distribuição dos *MacroPrincípios* e dos *SubPrincípios* ao longo do *Morfociclo Padrão*, assim como para cada *Morfociclo*. O nível complexidade dos *contextos de exercício* poderá variar com o avançar do processo de treino e mesmo dentro da própria unidade de treino, tendo em conta o sistema complexo que é o ser humano e o que o caracteriza, os problemas evidenciados pela equipa e de forma a que melhor sejam assimilados os princípios de jogo (Campos C., 2008; Carvalhal, 2014; Carvalhal, Lage & Oliveira, 2014; Costa, 2020; Frade, 2012, 2015; Tamarit, 2007; Tobar, 2018).

➤ **Princípio das Propensões**

- Procura a criação de contextos que sejam, como diz o nome do mesmo, mais propícios a uma coisa do que a outra, é *fazer acontecer* o que é pretendido. Neste caso, diz respeito à criação de *contextos de exercício* que promovam a ocorrência dos comportamentos pretendidos pelo treinador. É este princípio o principal “promotor” da *Repetição Sistemática*, basilar para aquilo que é o processo de aprendizagem, e da *Especificidade*, apesar de isto também depender da modelação dos restantes princípios metodológicos sendo alvo de preocupação por parte de todos. É através da criação de hábitos seguindo o princípio de *saber fazer, fazendo*, que se potencia a aprendizagem, na medida que estes hábitos vão sendo interiorizados e guardados, numa 1ª fase na “memória recente” dos indivíduos até chegarmos à existência dos chamados *marcadores somáticos*, levando à aparição dos padrões comportamentais que se pretende. A partir daqui passa-se de um simples contexto caótico, para um *caótico determinístico* com os referidos padrões. (Carvalhal, Lage & Oliveira, 2014; Chéu, 2018;

Frade, 2012, 2015; Oliveira J.G., 2004; Tamarit, 2007; Vieira, 2006).

➤ **Princípio da Alternância Horizontal em especificidade**

- Citando Esteves (2018), a partir de Frade (2013), este princípio procura “*induzir adaptações nas diferentes escalas e respetivas interações, através de uma lógica operacional, de forma a fazer emergir os padrões de jogo Específicos pretendidos*”, acarretando uma “*invariância metodológica – Morfociclo Padrão*”. Ainda segundo Frade (2015), o facto de se escrever *especificidade* com letra minúscula na denominação deste princípio metodológico não é por acaso, deve-se a esta *especificidade* ser apenas uma parte da grande *Especificidade*, isto é, uma escala da grande que caracteriza o jogo. Daí também a emergência do *reduzir sem empobrecer*.
- Paralelamente a esta indução de padrões, procura não sobrecarregar as mesmas estruturas, solicitando outras ou as mesmas de forma diferente, segundo os binómios fadiga/recuperação e individual/coletivo. Por consequência, a relação entre Princípios e Subprincípios e padrões de esforço está subjacente. Para haver treino é preciso criar fadiga e para fatigar novamente é preciso recuperar, sabendo que é fundamental desenvolver uma *inteligibilidade coletiva* que preconize uma expressão dinâmica do individual. É a partir desta orientação por parte dos binómios mencionados que depois se caracteriza e define os diferentes dias do *Morfociclo Padrão*. Os dias são caracterizados segundo as diferentes escalas e pelos padrões de contrações musculares segundo as suas *subdinâmicas de esforço* específicas como tensão da contração, velocidade de contração e duração da contração (Campos C., 2019; Carvalhal, Lage & Oliveira, 2014; Costa, 2020; Frade, 2012, 2015; Oliveira J.G., 2019; Tamarit, 2007).

2.1.1.7.2.4. Morfociclo Padrão

“O morfociclo é uma espécie de fractal de todo o processo. É uma espécie de isomorfismo de um processo. E é uma coisa relativamente simples, mas lida e levada às últimas consequências, é extraordinariamente complexa, porque aquilo é uma representação, por exemplo, as cores, simbolicamente elas representam qualquer coisa. Portanto digamos assim, uma coisa é o mapa da mina, mas não é o território. O mapa está sempre aquém do território, porque o território é a consequência e a consolidação de termos utilizado o mapa, e descobriremos coisas no território, e se descobrimos foi no território e se descobrimos foi através do mapa, melhorando a “perfeição” do mapa.” (Frade, 2015, p.195)

O *Morfociclo* procura a consecução do Modelo de Jogo tendo em conta os binómios fadiga/recuperação e individual/coletivo, tentando criar um jogar, promovendo a formação de uma *inteligência coletiva*, visando, portanto, a formação de um referencial coletivo de ação, sem nunca comprometer o individual. São considerados 2 aspetos importantes, sendo eles Plano Tático/organizativo e Técnico e o Plano Fisiológico. O Plano Tático/organizativo e Técnico tem a ver com a quantidade de vezes que um determinado princípio emerge no jogo, ou seja, está mais ligado às ideias que se pretendem colocar em prática. Já o Plano Fisiológico está mais relacionado com a *subdinâmica* que é solicitada em cada dia do *morfociclo*, transmitindo uma noção de solicitação dos músculos, fundamentalmente ao nível do trem inferior, isto é, pernas e pés, fazendo com que estes possam funcionar dentro de graus de liberdade de uma amplitude significativa, sendo também imprescindível a capacidade de se adaptar aquelas que são as exigências competitivas, onde são fundamentais todas as velocidades da velocidade. Independentemente do dia da semana, de uma forma aberta, proporcionam-se *contextos de exercitação* que permitam aos jogadores treinar ideias decifrando o jogo, sem lhes dar receitas ou comportamentos finais, porque os jogadores têm de ser agentes na interpretação do jogo e não reagentes do jogo, visto que, são eles que constroem jogo não sendo espetadores do mesmo. O que acontece ao longo da semana é uma manipulação do nível de *Complexidade* sem desintegrar o jogo, logo, sem retirar a *Especificidade* do jogo. Esta manipulação é feita segundo a contemplação das noções de *fadiga central* (sistema nervoso central) e *fadiga periférica* (sistema nervoso periférico), variando

escalas de *especificidade* para atingir a *Especificidade* (Campos C., 2019; Frade, 2015; Chéu, 2018; Oliveira J.G., 2019).

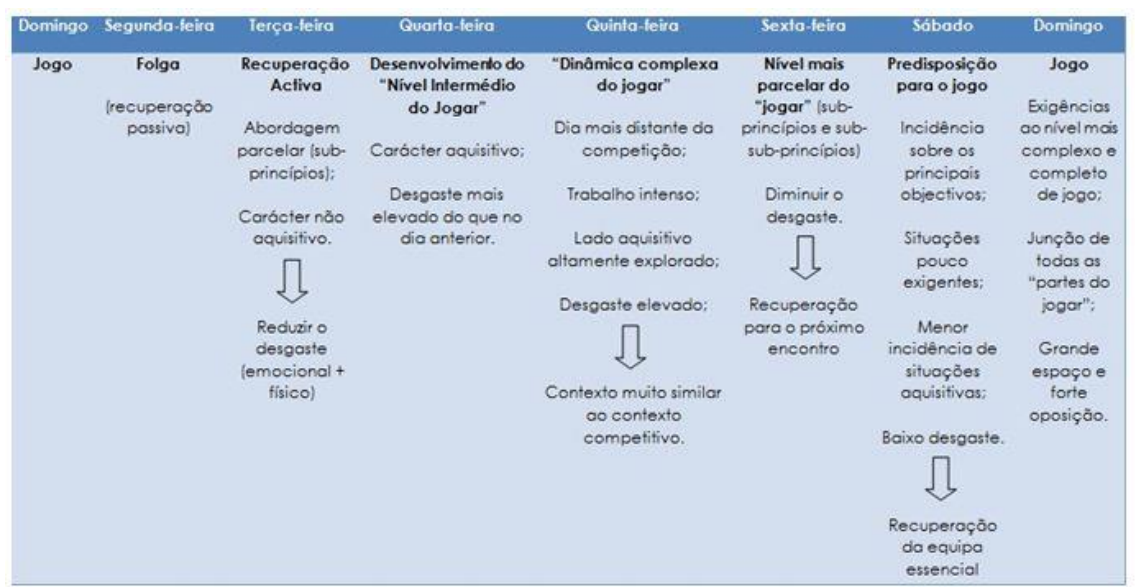


Figura 3: Morfociclo Padrão 1
(Retirado de Mendonça, s.d.)

MORFOCICLO PADRÃO (com Jogo de Domingo a Domingo)							
D	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	S	D
J O G O	Recuperação		Operacionalização Aquisitiva			Recuperação / Ativação	
	F O L G A	SubPrincípios e SubSubPrincípios	SubPrincípios e SubSubPrincípios	MacroPrincípios e SubPrincípios	SubPrincípios e SubSubPrincípios	SubPrincípios e SubSubPrincípios	J O G O
		Contracções Musculares:	Contracções Musculares:	Contracções Musculares:	Contracções Musculares:	Contracções Musculares:	
		Tensão + Duração -- Velocidade +	Tensão +++ Duração -- Velocidade ++	Tensão + Duração ++ Velocidade +	Tensão + Duração -- Velocidade +++	Tensão -/+ Duração -- Velocidade -/+	
		Complexidade: Baixa -	Complexidade: Moderada +	Complexidade: Alta ++	Complexidade: Baixa -	Complexidade: Baixa -/+	
		Descontinuidade: ++++	Descontinuidade: ++++	Descontinuidade: +	Descontinuidade: +++	Descontinuidade: +++	

Figura 4: Morfociclo Padrão 2
(Retirado de Silva A., 2010).

Considerando um *morfociclo* com um jogo por semana de domingo a domingo, no que diz respeito ao período aquisitivo, a quarta-feira, “dia azul”, tem como predominante a *subdinâmica* tensão, a quinta-feira, “dia verde”, tem como predominância

a *subdinâmica* a duração, e a sexta-feira, “dia amarelo”, tem como predominantemente a *subdinâmica* velocidade.

2.1.1.7.2.5. Exercício de Treino

“*Ouvir é esquecer... ver é recordar... Fazer é compreender...*” (Confúcio, séc. V a.c., citado por Cortes-Real, 2018)

O exercício de treino poderá ser reconhecido como uma forma de linguagem, na medida que é este que vai, através de uma linha de coerência com a Ideia e Modelo de Jogo, formar o nosso jogar. Pelo que, os *contextos de exercitação* são teoricamente a consecução e objetivação do Modelo de Jogo, devendo ser coerentes com o mesmo, promovendo a emergência dos padrões comportamentais que se preconizam para o jogar da equipa. Por conseguinte, o exercício pode ser encarado como um catalisador do processo de assimilação do Modelo de Jogo e de aprendizagem. Neste sentido, o treinador deve ser o seu produtor de conhecimento, criando *contextos de exercitação* coerentes com as ideias que se pretendem que sejam os guias da ação e com as necessidades dos jogadores, não fazendo uso de “*cartilhas de circunstância*”, muitas vezes denominadas como manuais de exercício (Barbosa, 2014b; Carvalhal, 2014; Chéu, 2018; Frade, 2015; Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2019).

No que diz respeito à sua construção, planeamento e mesmo operacionalização, deverá se ter em conta aquelas que são as características dos jogadores a aplicar, no sentido de perceber se estes são os mais adequados para aquela população alvo, produzindo os efeitos pretendidos. Não se deve descurar também quais é que são as aprendizagens fundamentais, priorizando. As transformações que se pretendem deverão ser positivas e estáveis, isto é, lembrando o Princípio das Propensões, dever-se-á induzir transformações que sejam coerentes com o nosso jogar e que sejam duráveis no tempo, embora sabendo que sem prática também se poderá perder alguns ganhos. O exercício de treino deve funcionar com uma vacina que vai relembrando o importante conforme vai sendo necessário. Da mesma forma, o exercício pode ser encarado como um medicamento que promova a resolução de um problema. Contudo, como qualquer medicamento, poderá ter

efeitos secundários e caberá ao treinador gerir isso, à medida que se adquire umas coisas, perde-se outras. A própria musculatura do ser humano só adquire aquilo que treina (Costa, 2020; Esteves, 2017; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Garganta, 2019).

Ainda na construção e aplicação dos exercícios é importante atender aos conceitos de *representatividade* e de *especificidade* do exercício, diferente da *Especificidade*, percebendo-os e diferenciando-os. A *representatividade* está relacionada com o “grau de realidade” que o exercício possui em relação ao jogo propriamente dito, sendo então um conceito ligado à organização das condicionantes do contexto de forma a reproduzir e representar da forma mais idêntica possível o ambiente comportamental, informacional e funcional do contexto real, neste caso o Jogo de Futebol. Algumas variáveis a ter em conta poderão ser a existência ou não de balizas e em que número, o número de equipas, dimensões do campo, entre outras. Esta *especificidade*, por sua vez, está relacionada com, salvo seja a redundância, o quão específico o exercício é em relação a algo. Mais concretamente, por exemplo, realizar um exercício de finalização de cabeça 2x0 (sem guarda-redes), ou um exercício de 10x0+Guarda-Redes, que poderá ser possuidor de grande *especificidade*, mas pouco representativo, visto existir oposição de uma equipa durante jogo de futebol (Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2004, 2019).

De uma forma geral, dever-se-á procurar construir *contextos de exercitação* que liguem ambas, ou seja, que sejam o mais representativos e específicos possíveis, ainda que, a ter de escolher entre ambas, poderá ser preferível fazer uma aposta maior na *representatividade*, sem, contudo, descuidar a *especificidade*. Isto deverá ser sempre enquadrado ao contexto de cada treinador e equipa, pois as dificuldades e necessidades de cada um são diferentes, são individuais, levando a que o processo de aprendizagem seja igualmente diferenciado. Esta maior referência à *representatividade* tem muito a ver com o *reduzir sem empobrecer*, com o respeitar da natureza com complexa do jogo, sabendo que, na *representatividade* já existe também a *Especificidade*. Contudo, é igualmente fundamental ter esta *especificidade* presente, porque é nela que mora o objetivo e a intencionalidade do exercício (Garganta, 2019; Oliveira J.G., 2004, 2019).

Para que a operacionalização do exercício vá de encontro aos comportamentos pretendidos, é importante ter em conta que a intervenção do treinador, a sua forma de comunicar verbal e não verbalmente, assim como a utilidade e caráter dado ao *feedback*, são fundamentais, sendo inclusive partes integrantes do exercício. Logo, o treinador

poderá à priori delinear uma base de intervenção e comunicação para o exercício, mesmo sabendo que estará sempre condicionado ao inesperado que a operacionalização do exercício pode acarretar. Nas suas intervenções, o treinador deverá saber utilizar bem as emoções enquanto promotoras de comportamentos e com capacidade de exponenciar os mesmos, tendo presente o conceito de *marcadores somáticos*. Por conseguinte, aliando ao já enunciado, relativamente aqueles que são objetivos do exercício, o líder do processo deverá procurar associar emoções, transmitindo-as forma positiva ou negativa conforme se verifiquem ou não os padrões de conduta que se pretendem, ou até consoante outra intencionalidade (Esteves, 2018; Garganta, 2019; Vieira, 2006).

Barbosa (2014a) afirma ainda que ao longo do processo de assimilação do Modelo de Jogo, e por consequência, ao longo do processo de treino se deve criar contextos com regras e condicionantes que propiciem o desafio perante realidades que sejam adversas. Dito isto, este caminho caracteriza-se pela busca de permitir ao jogador se preparar de tal forma para lidar com a incerteza, imprevisibilidade e ambiguidade inerentes ao jogo, ao ponto de poder sentir o que Magic Johnson, antiga estrela da NBA, dizia, concretamente, pelo tanto que treinava, o imprevisível do jogo quase que se tornava previsível. Contudo, a regras não se deverão sobrevalorizar em relação aquilo que é o jogo e sua génese, por via de estas serem nefastas e limitativas, não dando a flexibilidade e liberdade necessárias ao *saber fazer, fazendo*. No treino, há que saber tirar como se de esculpir se tratasse, o mais difícil é tornar as coisas simples (Campos C., 2019; Garganta, 2019; Oliveira J., 2018).

2.1.2. Observação e Análise do Jogo de Futebol

“O estudo do jogo é hoje uma ferramenta imprescindível que orienta a evolução do trabalho das equipas técnicas no futebol.” (Fonseca, 2017)

Com o evoluir do jogo e aumento da sua complexidade, cada vez mais os jogos se decidem em “pequenos detalhes”, pequenos pormenores que são de facto *pormenores*, sendo a linha que separa o sucesso do insucesso muito ténue. Por isto mesmo, nos dias de hoje a Observação e Análise de Jogo tem ganha uma relevância muito grande com todos

os clubes de 1ª linha a possuírem extensos departamentos de *scouting* de forma a conhecerem melhor os seus adversários e a própria equipa, filmando não só os seus jogos, como também os seus treinos (Barreira, 2019; Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017; Santos, 2013; Ventura, 2013). Algo substanciado por Travassos (2017) ao afirmar que “*A capacidade de retirar informação sobre o treino e sobre o jogo é hoje um fator diferenciador dos grandes treinadores*”. Independentemente dos meios a utilizar, deve ser tido em conta que os dados quantitativos são importantes fundamentalmente para chamar a atenção de algo que já se verificou, isto é, é um complemento à análise qualitativa. A análise quantitativa por si só é desprovida de significado e tem de ser contextualizada de forma a passar informação condizente com a realidade. É aí que entra a análise qualitativa, que mais do que olhar aos dados, que são exatos e fintos, avalia os comportamentos no seu contexto. Com isto não se quer dizer que a análise quantitativa não seja importante, mas deverá funcionar com um reforço à análise qualitativa (Leal, 2020; Pimenta, 2020). A partir daqui é possível desconstruir o jogo do adversário identificar suas debilidades e trabalhar sobre elas, o mesmo se aplicando à própria equipa, ou seja, poderá ser possível diminuir a imprevisibilidade e aleatoriedade do jogo, podendo advir daqui também uma melhor tomada de decisão por parte do treinador, pois as melhores decisões são aquelas as informadas (Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017; Mesquita, 2019).

“A Observação e Análise de jogos, está cada vez mais evoluída e proporciona aos treinadores, ferramentas que permitam saber cada vez mais sobre o adversário, vai dar a todos nós, mais uma arma para abordar a dura batalha que é o jogo. Neste jogo, quem conseguir explorar melhor o erro ou as debilidades do adversário, pode estar mais perto de ganhar mas, por si só, não chega, agora ajuda muito.” (Sampaio, 2017)

Ao nível da prospeção de novos jogadores, quer seja em idade sénior, quer em idade juvenil, verifica-se igualmente uma grande intervenção destes departamentos de Observação e Análise na identificação de novos jogadores de elevado potencial e/ou valor para a equipa (Barreira, 2019; Santos, 2013; Ventura, 2013).

Com o desenvolvimento tecnológico e informático, houve uma evolução dos mecanismos de observação e análise, sendo já possível aceder a informação de diversas formas. Mesmos clubes com menores recursos financeiros serem possuidores de grande capacidade de observação e análise de jogadores, devido a um conjunto alargado de plataformas que fornecem um conjunto alargado de informações sobre jogadores por todo

o mundo, o mesmo se aplicando a equipas (Barreira, 2019; Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017; Santos 2013). Alguns exemplos disso são as plataformas Amisco, VideoObserver ou Wyscout para a análise de jogo, e MatchVision, NacSport ou SportsCode para a edição, embora o último referido possa ter dupla função (Barreira, 2019; Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017).

Santos (2013) afirma ainda que é devido a esta mesma evolução que surgiu uma nova função no Futebol, a de observador ou *scouter*, sendo nos dias de hoje claramente parte integrante e importante de uma equipa técnica, tal como um médico, um fisioterapeuta ou um preparador físico o são. Na atualidade, dificilmente alguém não os considera mesmo indispensáveis (Ventura, 2013). No seguimento, cada vez mais é comum a existência de departamentos de análise de jogo nos clubes, sendo compostos não só por analistas, existindo pessoas mais ligadas a outras áreas como a informática. Muitas vezes os analistas que compõem estes departamentos são concomitantemente treinadores dos clubes noutros escalões. Contudo, visto que, o papel do analista não acaba na edição de vídeo, este deverá ter conhecimento e estar por dentro do processo de treino e identificado com o trabalho que é realizado para que a informação a ser passada esteja o mais contextualizada possível, devendo também ser um profundo conhecedor da natureza do fenómeno futebol. (Leal, 2020; Pimenta, 2020). Portanto, independentemente dos sistemas utilizados, o fundamental é que o sistema forneça de forma fácil e prática a informação necessária para quem utiliza, isto é, o fundamental é que quem trabalha neste processo consiga compreender os dados extraídos e a partir daí seja capaz de interpretá-los e fornecer a informação pertinente (Barreira, 2019; Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017). Algo reforçado por Carlos Azenha, citado por Ventura (2013, p. 16) quando afirma que *“Efetivamente a observação é determinante, de forma a se perceber melhor o jogo, para entender o jogo. Mas, de pouco vale, se aquilo que eu observo, não sei interpretar.”*

O facto de o jogo ser dotado de uma crescente complexidade e de, por isso, à luz do que cada um vê, poder ser analisado de formas diferentes, segundo a lente de cada um, deixa isto mais evidente, pois, pese embora vejamos com os olhos, observamos com conceitos. Consoante a capacidade de cada um, tipo de experiências que teve, ideia de jogo que acredita e do conhecimento específico efetivo que tenha da modalidade, a interpretação poderá ser diferente, as lentes, os filtros são outros, variam de pessoa para pessoa (Esteves, 2017; Ventura, 2013). *“As pessoas só veem o que estão preparadas para ver”* (Ralph Emerson, s.d., citado por Tobar, 2018, p.25).

No seguimento, a observação e análise da própria equipa não devem ser descurados, incluindo o do processo de treino, visto ser a partir de daí que o treinador poderá melhor identificar as forças e fraquezas da sua equipa e a partir daí enriquecer todo o processo de treino e melhor preparar não só o jogo, como também melhor a formação individual de cada um dos jogadores. Também para a evolução do treinador enquanto profissional poderá ser importante, na medida que este poderá observar e avaliar o seu comportamento desde uma perspetiva diferente (Mesquita, 2019; Ventura, 2013). Ainda segundo Garganta (1997), através da análise da performance é possível melhor interpretar as ações e organização que influenciam e concorrem para a qualidade do jogar, planificar, organizar e controlar o processo de treino de uma forma mais específica, estabelecer planos táticos adequados e regular a aprendizagem. No caso concreto dos escalões de formação, esta análise deverá se cingir mais à equipa, pelo que esta é sempre o foco de análise, sendo o adversário algo mais secundário (Leal, 2020; Pimenta, 2020).

Portanto, a grande pertinência da Observação e Análise é a possibilidade de, a partir de uma maior quantidade informação, melhor conhecer e controlar todas as variáveis multidimensionais que influenciam o rendimento desportivo, sendo aplicável ao processo de ensino-aprendizagem. Podendo então haver não só um desenvolvimento do conhecimento da modalidade, neste caso Futebol, como também um maior potenciar da qualidade da prestação de cada um (Mesquita, 2019; Ventura, 2013). Concludentemente, apenas percebendo o anteriormente enunciado, é que o treinador será capaz de entender e potenciar o ciclo ilustrado abaixo, e por consequência a prestação da sua equipa coletiva e individualmente:

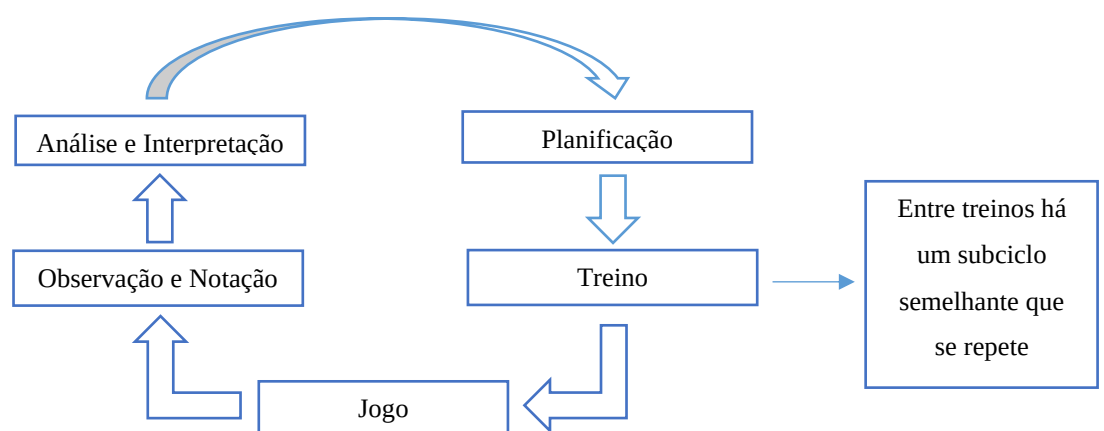


Figura 5: Ciclo Observacional
(Adaptado de Couceiro, Dias, Gama & Vaz, 2017; Garganta, 1997; Ventura, 2013)

2.1.3. Desporto para Crianças e Jovens

“A educação é a arma mais potente que podemos usar para mudar o mundo”
(Nelson Mandela, s.d.)

A Desporto de Crianças e Jovens é fundamental em diversos aspetos, desde logo pela promoção de hábitos de vida ativa e saudável, aumento da base de recrutamento com vista o desporto de alto nível, desenvolver um curriculum motor rico, entre outros. O primordial no início é a técnica, saber executar bem. Posteriormente deve-se procurar realizar bem e variado. Só uma vez estando estas anteriores etapas consolidadas, com Programa Motores bem construídos, é que se deve passar para execuções mais rápidas. A aquisição de novas técnicas desportivas encontrando-se dependente dos hábitos motores previamente adquiridos, como controlo de competências motoras fundamentais, varia de indivíduo para indivíduo. O treinador, enquanto formador e pedagogo, deverá então, respeitando o desenvolvimento e necessidades de cada um trabalhar sobre a tríade de *saber, saber fazer, saber estar* promover um correto desenvolvimento não só motor, como psicológico, social, cultural, etc. (Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Lima, 2000; Oliveira J., 2019; Soares, 2016).

Ainda assim, as técnicas desportivas também poderão servir de “rampa de lançamento” para um maior e mais eficaz e eficiente desenvolvimento de habilidades motoras por parte das crianças e jovens, desde que sem objetivas um rendimento maximal, que é característico da *Especialização Precoce*. No seguimento a capacidade superação deverá ser algo autodirigido e não imposto (Garganta Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Lima, 2000; Oliveira J., 2019; Soares, 2016).

O Treino deve ser realizado de forma empenhada, séria, intensa e frequente, diversificando não só as habilidades assim como estímulos. Deve ter por base a disciplina, essencial para a qualidade da formação; a atitude no sentido da promoção e avaliação da perseverança e capacidade de trabalho; a assimilação tendo por base a repetição como promoção de adaptação e retenção; e a translação no sentido de saber aplicar os conhecimentos. (Oliveira J., 2019; Lima, 2000).

2.1.3.1. Organização das Competições

“Eu apenas vos peço isto. Eu não irei vos culpar se falharam um passe, um cabeceamento que deu golo, desde que vocês se entreguem a 100%.” (Pep Guardiola, citado por Lança, 2016, p.83)

As características da competição e sua densidade deverá estar sempre relacionado e ligado ao grau de especialização da preparação desportiva. As competições, do ponto de vista formal, deverão ser condizentes e proporcionais com o processo de treino, principalmente em crianças e jovens. Logo, é fundamental encontrar uma compatibilidade com exigências de diferentes naturezas, como social ou escolar, de forma não comprometer o processo evolutivo das crianças e jovens (Garganta Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Oliveira J., 2019).

Em crianças, referindo-se a idades em fases de iniciação desportiva, a participação em competição deve ser frequente, mas sem assumir um grande caráter formal, optando por competições auto-organizadas pelas instituições, com uma estrutura modificada e adaptada e sem ter a preocupação de definir um vencedor único. A atribuição dos prémios poderá ser realizada consoantes critérios de reconhecimento, como empenho, disciplina, domínio de habilidades, entre outros (Oliveira J., 2019; Soares, 2016).

Em idades um pouco mais velhas, mas ainda assim jovens, já numa fase de treino para competir, é fundamental existirem competições formais regulares a nível regional, nacional e internacional, desde que exista a vontade e disponibilidade para entrar numa fase de especialização na modalidade. Nenhuma competição é encarada como um problema, a não ser que seja um fator de exclusão do processo de competição. Deve-se procurar com que estas sejam desafiantes, sendo um fator que impulsione a autossuperação, tendo em atenção a variabilidade maturacional. As competições nunca deverão ser um fator de humilhação ou desmotivação, caso contrário não estão a cumprir os seus propósitos. Como referido, a competição deverá ser regular e frequente, contudo, não pode ser numa proporção exagerada em relação à frequência de treino, de forma a valorizar o sentido de necessidade de preparação (Oliveira J., 2019).

2.1.3.2. Futebol de Formação

“A pior derrota é aquela onde vais para casa com a sensação que não deste tudo, que não estiveste bem.” (Pep Guardiola, citado por Lança, 2016, p.47)

A Formação Tática deve se iniciar desde cedo, sempre em conformidade com aquele que é o nível dos jogadores e sua capacidade de aprendizagem para que, se possa garantir o melhor processo evolutivo possível. *“Apesar da importância da organização do jogo das equipas, na formação não indicado centrar a atenção exclusivamente na sua abordagem. Paralelamente à evolução de um jogar organizado, deve ocorrer um desenvolvimento das competências individuais dos jogadores”* (p. 25). O Jogador forma-se enquanto ser pensante e capaz de tomar decisões com a tática, pois *“O Tático é pensar. O Tático é tomar decisões. O Tático é jogar”* (p. 22), isto é, tudo é tático, um simples passe, remate ou drible é tático, porque para haver a ação, houve uma decisão, e a decisão é tático (Lage, 2019).

“Os projetos de formação são para fazer jogadores e não equipas. O que não quer dizer que não o possamos fazer segundo princípios coletivos.” (Campos C., 2019)

Sendo o Futebol uma atividade desportiva com profundas raízes na sociedade e cultura portuguesa, assim como a um nível mundial, este assume um lugar de destaque nas mesmas, ao mesmo tempo que acaba por seguir os seus princípios, sendo o Futebol diferente de região para região, apesar de não deixar de ser “igual”. No seguimento, há uma partilha de princípios e ideais comuns relacionados com o rendimento, metodologia, hierarquização e organização. Logo, a formação no Futebol é tão importante para o Futebol, como é a escola para uma criança que começa a aprender, tal como evidencia Pereira (2007, p.7), citando Bento (1997), *“é sobejamente conhecida a pergunta sacramental de Humboldt: Qual é o fim supremo do homem? Não menos conhecidas e elucidativas são as respostas que ele nos deixou: Formar-se! Aumentar, desenvolver, elevar e transcender a forma originária, acrescentar-lhe formas novas e sempre mais perfeitas”*. É a partir do Futebol de formação que se vão desenvolver o mais importante do mesmo, são os jogadores, os protagonistas.

O processo formativo não seguir uma linha lógica de coerência com aquilo que se pretende de um jogador de Futebol, assim como de um cidadão nos dias de hoje, que acima de tudo é que seja um ser pensante que consiga ler contextos, interpretar e tomar decisões sustentadas e adequadas. Não se querendo então jogadores da *playstation*, nem telecomandos, mas sim jogadores autônomos e dotados da capacidade de pensar. Tal como diz Moita (2008), tendo em conta Johansson (2005), o Futebol de Formação é a base, e se esta não fizer parte da cultura, e não estiver enraizada, toda a estrutura irá sofrer com isso, ou seja, o Futebol. A 1ª referência na formação deve ser o *Futebol de Rua*, trazendo o que de si tem de melhor. É fundamental deixar brincar, para poder treinar. *“Tentar e falhar são, pelo menos, aprender. Não chegar a tentar é sofrer a inestimável perda do que poderia ter sido.”* (Geraldo Eustáquio, s.d.). Há que deixar arriscar e aprender com o erro, encarando-o como uma ferramenta pedagógica, mas sem o banalizar (Garganta, 2018; Garganta, 2019; Lopes, Fernando & Simões, 2016a).

Durante o processo formativo, deverá ser preocupação do líder do processo, transmitir às crianças e/ou jovens valores de bem comum como o espírito de sacrifício, a entreajuda e solidariedade, mas tirar a liberdade de o jogador se exprimir individualmente, isto é, não o castrar à nascença. É fundamental treinar a intenção, educar a decifrar o jogo, saber observar para interpretar, sendo por isso cada vez mais importante treinar os índices de vigilância e a atenção seletiva, na medida que só jogamos aquilo que estamos preparados para jogar e só vemos o que estamos preparados para ver. O que faz diferença é criar o jogo dentro do jogo, reduzindo sem empobrecer. Então, o processo de formação passa muito por incutir valores de conduta e padrões de atitude (Garganta, 2019; Graça & Oliveira, 1995; Lopes, Fernando & Simões, 2016a).

Bielsa citado por Garganta (2019) afirma que *“Se algum dia tivesse de analisar um treinador, prescindiria do resultado, examinaria o método.”* Se isto é verdade nos seniores, ainda mais verdade assume na formação. O resultado não pode ser encarado como um fim em si mesmo, sendo apenas um indicador relativo daquilo que realmente importa, o processo. Os Objetivos Mediatos na formação devem ser essencialmente formativos e transformativos ao nível do conhecimento do jogo e do desenvolvimento pessoal. Mesmo os Objetivos Imediatos, não devem ter como fundamento o resultado, mas sim o desempenho e o desenvolver do processo, com a consecução e concretização de metas e etapas desenvolvimento. Contudo, o ganhar não deixa de ser importante, o fulcral é a forma como se o encara, isto é, mais do que se preocupar se se ganha sempre,

é ter presente a ideia de jogar sempre para ganhar (Esteves, 2017, Garganta, 2019; Lopes, Fernando & Simões, 2016a).

Para aprender há que “desaprender”, no sentido de “desconstruir” para construir, e isso leva tempo, implica criar novos hábitos. A dependência de um jogar poderá ser uma dependência somática. Não é não saber fazer, mas é o hábito, estão mais rotinados para determinadas condutas. Tem a ver com os marcadores somáticos. Temos memória no corpo todo, guardamos informação em todo o corpo, existe memória muscular. Para chegarmos ao futebol que pretendemos, é essencial pensá-lo, treiná-lo e jogá-lo, isto é, há que o sentir quase que o aprendendo por osmose ao imergir num ambiente. Portanto, é na origem que mudamos a atitude, é na base, nos alicerces da “casa” que o fazemos, e não ao “pintar as paredes” (Esteves, 2017; Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Oliveira J.G., 2004)

Deve-se procurar uma alfabetização motora e tática que permita que as crianças e jovens sejam dotadas da capacidade de jogar em diferentes estruturas e sistemas. Diversificar o Modelo de Jogo através da variabilidade de estímulos no treino e da própria variação do modelo poderá ser uma opção, mas sem que se comprometa a ideia. É na quantidade da qualidade das vivências que mora a excelência. É fundamental abrir o ângulo percetivo, treinando conceitos jogando em diferentes espaços e com diversas funções. A *Especialização Precoce* não é só fisiológica ou ósseo-articular, tem muito de comportamental (Garganta, 2019; Oliveira J., 2019).

Tendo por base Pereira (2007) fica uma vez mais claro que a formação é de facto basilar, sendo a partir de lá que poderão surgir jogadores de qualidade e rendimento superiores, que fora a mais valia desportiva, numa outra perspetiva poderão também se tornar em mais valias financeiras para os clubes.

Todavia, para que isso seja uma realidade, há que estruturar muito bem a base para a partir de lá se construir a “casa”. É fundamental ter em conta os princípios da progressividade, da pedagogia, das cargas, entre outros, de forma a que não se caminhe na direção da *Especialização Precoce*, mas sim de uma *Especificidade Precoce*. Um jogador que tenha muito sucesso nos ditos escalões de formação apenas por ser fisicamente mais desenvolvido, e que por isso não sente a necessidade de desenvolver a sua técnica, está a perder tempo, está a entrar numa *Especialização Precoce*, da mesma

forma que uma criança que jogue sempre nos mesmos espaços sem experienciar diferentes funções também o está (Esteves, 2017).

Consequentemente, para permitir aos jovens perceber o jogo a partir de qualquer posição e/ou função no terreno de jogo, mantendo uma relação estreita entre o que é o treino e a competição, aproximando-os, as condições de exercitação devem promover a capacidade de o jogador perceber o jogo, tendo a capacidade de o analisar e interpretar, decifrando-o, e, por sua vez, tomar decisões de forma autónoma, dinâmica e criativa, lembrando sempre a capacidade de *transfer* ao lidar se confrontar com o inesperado e ambiguidade inerentes ao jogo (Garganta, Oliveira, Barreira, Brito & Rebelo, 2013; Garganta, 2019; Soares, 2016)

Ainda no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças e jovens e dos valores a incutir, fica claro que os melhores exemplos são aqueles que se vêem, devendo o treinador assumir uma clara coerência entre aquilo que comunica verbal e não verbalmente e aquilo que são as suas ações e comportamentos. Como diz Ueshiba (2005, p. 57) “*Uma postura correta reflete um estado de espírito adequado.*”, portanto, a linguagem não verbal e o exemplo que se dá são igualmente muito importantes, transmitindo muito daquilo que pensamentos e sentimos e, por consequência, vai influenciar as reações e os comportamentos dos outros. É isto que aliado à crenças e metodologias pedagógicas e de treino que poderá tornar o impacto do treinador ainda mais positivo nas várias dimensões e componentes (Smoll, Smith, Curtis & Hunt, 1978). De acordo com Bloom (1975) esta é uma das principais condicionantes daquilo que é o processo ensino-aprendizagem, e por sua vez, da potenciação e desenvolvimento do(s) “talento(s)”.

Segundo Pereira (2007), o processo formativo desportivo deve promover uma transformação e formação numa perspetiva holística, integral e harmoniosa, e que potencie a aquisição de hábitos de vida ativos e saudáveis. A atividade deverá ser enquadrada tendo em conta as especificidades maturacionais e necessidades das crianças e jovens segundo uma vertente pluridisciplinar e multidimensional, com vista a promover a aquisição e desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras, comportamento e condutas, a capacidade de pensar de forma autónoma e tomar decisões conscientes e ponderadas. Para isto será também importante que seja dada estabilidade aos treinadores de forma a que possa haver uma identificação com o projeto de modo a facilitar estes processos (Garganta, 2019).

2.1.3.2.1. Tipo de Intervenção do Treinador

“Ensinar bem é fazer aprender com gosto e alegria.” (Lima, 2000)

De forma a potenciar um ótimo contexto propenso à aprendizagem, o treinador deverá promover um clima positivo nos treinos onde haja espaço para a exaltação dos mais altos valores desportivos, onde se incluem o espírito de sacrifício, entreaajuda, superação, entre outros (Cunha & Garcia, 2016; Lopes, Fernando & Simões, 2016a). Portanto, partindo deste ideal, deverá se construir um clima de segurança onde as crianças e jovens se sintam confortáveis o suficiente para, dentro de um ajustado desafio, tentarem fazer e experienciarem sem o medo do errar (Esteves, 2018; Graça & Oliveira, 1995). Tudo isto é válido se for acompanhado de uma consciencialização do ato, que é fundamental para o crescimento individual de cada um dentro de um contexto coletivo. O foco deverá estar em potenciar individualmente cada um percebendo um coletivo e o jogo, e não potenciar o coletivo em detrimento do individual quando se está a falar dos ditos escalões de formação, pois a em formação devemos estar sempre, esta deverá ser continua (Campos C., 2019; Garganta, 2019).

Contudo, por vezes o proporcionar um contexto “mais pesado”, com um clima mais negativo, poderá ser também positivo, ou seja, por vezes proporcionar o insucesso poderá ser importante para estimular ou desencadear um processo mais rico (Chéu, 2018; Lopes, Fernando & Simões, 2016a). No entanto, para aplicar este tipo de estratégias, para além de o treinador ter de ser um profundo conhecedor da realidade envolvente e de cada jogador enquanto indivíduo, é de extrema relevância que domine de uma forma não só teórica, como também prática, conceitos da Psicologia e do Coaching Desportivo (Mesquita, 2019). No caso concreto do Treino de Crianças e Jovens isto assume uma dimensão ainda mais exacerbada, visto estarmos a falar de indivíduos que se estão a formar para serem os Homens e Mulheres do amanhã, e de estar a ser proporcionada uma experiência que vai deixar marcas para o resto das vidas dos mesmos (Esteves, 2018; Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Mesquita, 2019).

Segundo o Modelo de Newell, existem 3 tipos de constrangimentos a ter em conta que, através da sua interação, geram campos de informação e são responsáveis pela

emergência de padrões coordenativos do comportamento. Os Constrangimentos são os do Sujeito, relacionados com as capacidades e características físicas e psicológicas do indivíduo, estado emocional, autoestima, etc.; os do Envolvimento, que estão ligadas às características do ambiente envolvente, nomeadamente, piso, condições climatéricas, existência de público, por exemplo; e os da Tarefa, que são os mais específicos, respeitantes às regras do jogo, material específico da modalidade, estratégias, tática, número de jogadores, limites do exercício, entre outros. É através da manipulação deste triângulo interativo que o treinador, enquanto facilitador e catalisador de aprendizagem, pode tornar o treino mais rico na consecução dos objetivos pretendidos. A criação de *contextos de exercitação* coerentes com aquilo que é o jogo, a forma como se desenvolve a ação tática e o que é o jogador, enquanto agente ativo da sua aprendizagem, é o que vai permitir uma otimização dos processos que foram referidos anteriormente. A representatividade do jogo deve estar presente no treino de forma a preparar os jogadores para a tipologia de estímulos que poderão emergir, presenteando-os com exercícios dotados de complexidade e que exijam os referidos processos de Perceção Direta (Corte-Real, 2018; Costa, Garganta, Fonseca & Botelho, 2002; Passos, Batalau & Gonçalves, 2006).

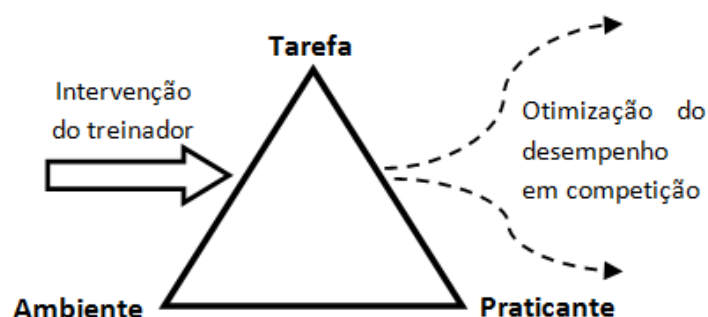


Figura 6: Modelo de Newell – Intervenção do Treinador (Almeida, 2016)

2.1.3.2.1.1. Feedback

“Reenvio à origem de informação sobre o resultado de um trabalho efetuado” (in *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, 2020a)

O *feedback* poderá assumir diferentes formas dependendo da intencionalidade do treinador e do que for pretendido. De forma a potenciar ao máximo o processo ensino-aprendizagem, este deverá ser estimulador de um clima positivo e da consciencialização da própria ação por parte da criança/jovem (Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Corte-Real, 2018).

Para cumprir estas premissas, regra geral, o *feedback* do treinador não deve ser utilizado ao desbarato, isto é, embora deva ser frequente, não deve ser a “toda a hora”, há que dar espaço para a criança/jovem desenvolver o seu *autofeedback*, a sua própria reflexão (Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Mesquita, 2019). Para que se promova ainda mais este tipo de mecanismo, o *feedback*, quer seja concomitante, quer seja final, pode ser via questionamento e reforçando quando é bem realizada a atividade/ação (Mesquita, 2019; Soares, 2016). Todavia, por vezes, poderá ser também importante ter uma intervenção “mais negativa”, tudo depende do contexto e do indivíduo em si (Chéu, 2018).

Ainda no seguimento, ao se elogiar alguém, deverá ser procurar elogiar perante o grupo, o coletivo, e quando for preciso chamar a atenção, deverá se o fazer em privado, no entanto, “a exceção faz a regra”, ou seja, este tipo de atuação terá de ser sempre adequado ao contexto e à intencionalidade do jogador (Soares, 2016). Há momentos em que poderá ser benéfico chamar à atenção em público, quando por exemplo se quer passar uma mensagem em relação a um comportamento específico que diz respeito todos e não é tolerável, como a violência (Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Mesquita, 2019). Em relação ao elogio, também poderá ser positivo fazê-lo em privado se for algo que não diga respeito ao todo coletivo ou, por exemplo, se for um indivíduo que facilmente se deslumbre perante um elogio em público e que por isso perca o foco (Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Mesquita, 2019). Ainda assim, mesmo com esta atenuante, não quer dizer que não se deva nunca elogiar em público um indivíduo por esta situação, há que saber gerir, “há que saber a folga que se dá à corda, nem dando demasiado, nem a puxando ao ponto de partir” (Chéu, 2018). O fundamental para a correta aplicação de tudo isto é um grande desenvolvimento pessoal do treinador, compreendo bem as variáveis da motivação e da psicologia, ao mesmo tempo que deve ser um profundo conhecedor da maneira de ser e dos contextos que rodeiam os seus jogadores, a empatia e ligação com as crianças/jovens é a chave (Mesquita, 2019).

2.1.3.2.1.2. Motivação enquanto principal fator de aprendizagem

“Tente outra vez, falhe outra vez, falhe melhor.” (Samuel Becket, citado por Lança, 2013, p. 191)

No sentido de potenciar uma máxima aprendizagem existem vários fatores influenciadores, isto é, que podem condicionar positiva ou negativamente a aprendizagem, tanto podem ser catalisadores como inibidores. A mesma estratégia ou manipulação de fator para pessoas diferentes irá gerar respostas diferentes, e mesmo na mesma pessoa, em momentos diferentes poderá gerar respostas também elas diferenciadas (Antunes & Soares, 2017; Lopes, Fernando & Simões, 2016a; Mesquita, 2019).

Sendo o motivo um fator dinâmico que influencia o comportamento, poderá ser impulsionador de uma prática deliberada e satisfatória. Consciente ou inconscientemente, poderá estar alicerçado em fatores fisiológicos, afetivos, intelectuais ou sociais, por exemplo, influenciando a conduta de um indivíduo no sentido da consecução de um determinado objetivo (Brito, 2001). À luz de uma perspectiva de *Desenvolvimento Positivo*, é fundamental que a atenção do treinador seja contínua e constante, e que juntamente com a equipa e mesmo de forma individual, sejam formulados objetivos dentro de um quadro de expectativas desafiantes, mas claras realistas e justas, de forma a potenciar a motivação dentro de um processo de liderança participativo. Mesmo sendo o treinador aquele que é o líder do processo, é importante promover um espírito de responsabilização que leve a uma maior autonomia e capacidade de decisão de todos no caminho da sua valorização dentro da equipa e aumento do compromisso com tudo o que envolve, posteriormente, a atividade humana. À medida que se forem atingindo os objetivos deverão ser delineando outros segundo uma liderança por objetivos mediatos que conduzam ao objetivo final (Corte-Real, 2018; Lopes, Fernando & Simões, 2016a, 2016b).

A motivação, advindo do motivo, pode se manifestar a um nível intrínseco, primário, relacionado com fatores profundos, como o crescimento pessoal, instintos ou

necessidades básicas essenciais à vida do ser humano, como a saúde (Antunes & Soares, 2017; Brito, 2001; Corte-Real, 2018; Soares, 2016). Num 2º grau, ou extrínsecas, estão ligadas mais a estímulos de ordem social ou relacional, envolvendo a afirmação pessoal ou hierarquias, com a tentativa de se afiliar ou pertencer a um determinado grupo ou estatuto, por exemplo (Antunes & Soares, 2017; Brito, 2001; Corte-Real, 2018; Soares, 2016). No caso desta motivação extrínseca, é possível identificar 4 subgrupos, a externa, que visa ganhar algum tipo de recompensa ou evitar por exemplo um castigo “*só vou ao treino, porque os meus pais dizem*”; a introjetada, que visa evitar algum tipo de sentimento de culpa ou ansiedade, por exemplo “*sinto-me culpado se não for ao treino*”; a identificada, quando é identificado pela pessoa como algo que é importante, “*vou ao treino, para melhorar a minha saúde*”; e a integrada que está relacionada com um grau elevado de congruência com valores e necessidades já decorrentes da vida do sujeito, “*vou ao treino, porque já faz parte da minha rotina*” (Corte-Real, 2018).

Portanto, o motivo é algo que oscila entre aquilo que é o impulso e a meta a alcançar, isto é, entre aquilo que o processo interno que incita/provoca a ação e aquela que é o objetivo a atingir, sendo como um ciclo que se repete e vai repetindo enquanto houver estímulo suficiente para isso. A relação e ligação com o treinador aqui são muito importantes, até na formulação de objetivos, pois este ciclo poderá se repetir tanto quanto mais forem as “gratificações/satisfações percebidas (Antunes & Soares, 2017; Brito, 2001; Corte-Real, 2018; Soares, 2016).

Então, para melhor perceber o que poderá e de que forma se poderá motivar ao máxima todo um grupo de pessoas, logo, aquilo que guia a ação segundo um propósito individual e coletivo. Neste sentido, revela-se a importância *Teoria da Autodeterminação*, procurando fomentar uma cooperação entre todos, concomitantemente a uma maior responsabilização dentro de um clima participativo onde treinador revela um real interesse pelos seus jogadores. É fulcral valorizar o esforço e processo evolutivo de cada um corrigindo ações sem ferir as pessoas que moram nos jogadores, ainda mais quando se refere a crianças e jovens. Para que isto aconteça, há que não ter medo de lhes dar oportunidades para crescerem. “*Treinar é promover, provocar e emancipar...*” (Corte-Real, 2018).

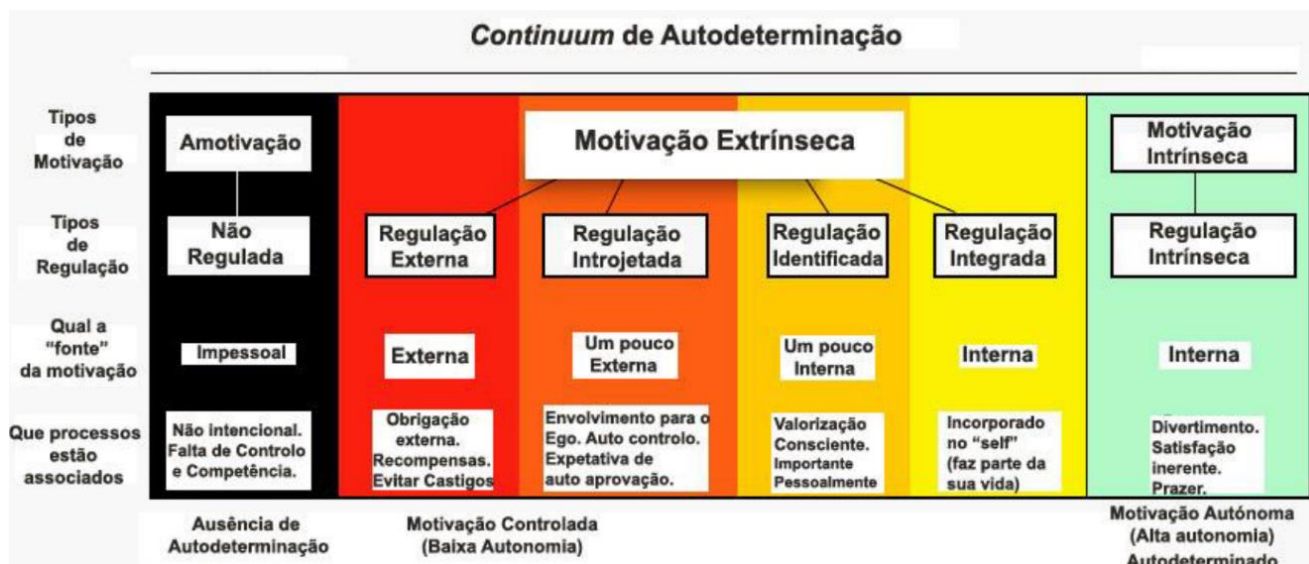


Figura 7: Teoria da Autodeterminação
(Retirado de Corte-Real, 2018)

Importante não esquecer que para a base de tudo é fundamental perceber as necessidades básicas de cada um, dentro daquilo que caracteriza o Ser Humano e suas necessidades, sendo elas a *Competência*, a *Autonomia* e o *Relacionamento*. A necessidade de sentir *Competência* está relacionada com a capacidade de ser eficaz ao interagir com o envolvimento. A *Autonomia* está relacionada com a capacidade de o indivíduo ser capaz de regular e gerir as suas próprias ações, é capaz de decidir. O *Relacionamento* está ligado à capacidade de se envolver e relacionar socialmente com os outros, isto é, o sentido de inclusão e pertença a um grupo e daí sucesso ao nível das relações interpessoais (Brito, 2001; Corte-Real, 2018).

A este nível, tendo em conta o já mencionado, é igualmente importante ter em atenção a Pirâmide de Maslow, que diz respeito à hierarquia das necessidades humanas. Este conceito, indica que o Ser Humano tem um conjunto de necessidades básicas que estão divididas por estágios segundo níveis de importância. Maslow afirmava ainda que um qualquer indivíduo só deverá sentir a vontade de concretizar uma necessidade do nível seguinte caso a necessidade do estágio anterior já realizada. Ainda se baseando no autor desta teoria, a esta vontade de materializar as diversas necessidades acontece de uma forma gradual. Estas necessidades podem ser balizadas em 5 níveis diferentes divididos por 3 grupos. Os 2 níveis mais baixos são as Necessidades Fisiológicas e de Segurança, formando o grupo das Necessidades Básicas. O grupo seguinte é o das Necessidades Psicológicas e engloba 2 níveis, sendo eles as necessidades relacionadas com o

Amor/Relacionamento e as necessidades ligadas à Estima. Por último, no cume da pirâmide, está o grupo das Necessidades de Autorrealização, que é composto por apenas um nível onde estão contempladas as Necessidade de Realização Pessoal (Corte-Real, 2018; Koltko-Rivera, 2006).

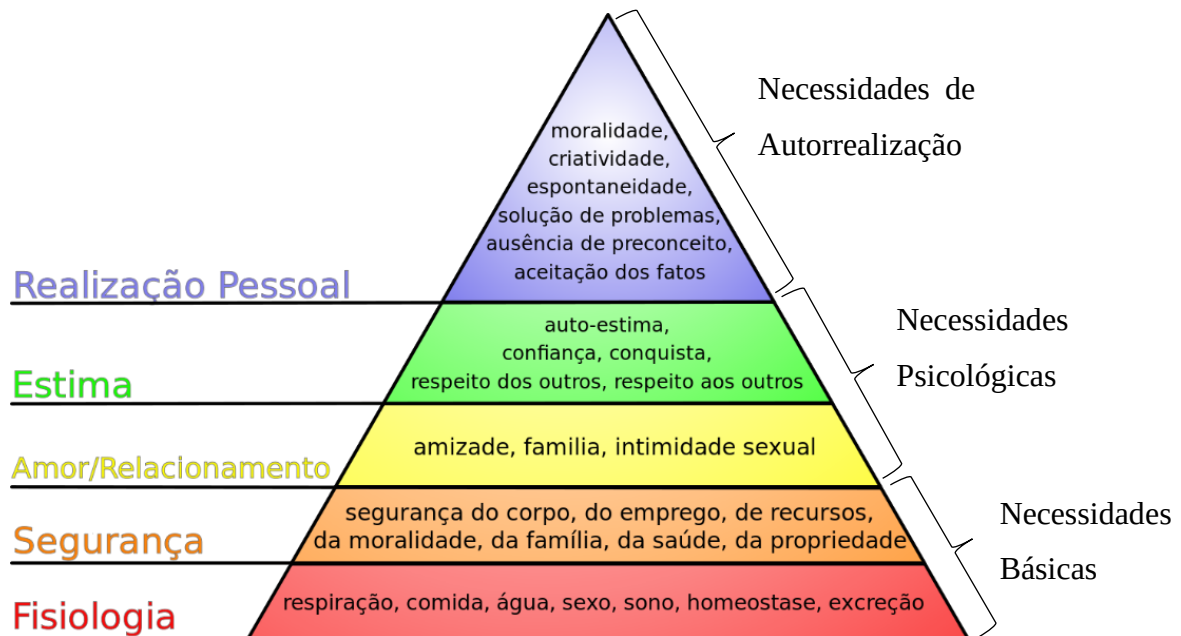


Figura 8: Pirâmide de Maslow
(Adaptado a partir de Corte-Real, 2018)

3. Contextualização/ Desenvolvimento da Prática

3.1. Contextualização e Caracterização Institucional – Projeto Dragon Force

O Projeto Dragon Force é um projeto criado pelo Futebol Clube do Porto, em 2008, com vista a apresentar uma visão formativa inovadora em Portugal. Este destina-se a indivíduos entre os 4 e os 14 anos dos sexos masculino e feminino. Um dos grandes propósitos deste projeto passa também pela deteção e desenvolvimento de valores, com vista a integrar os escalões de formação do Futebol Clube do Porto. Objetivo esse que tem sido atingido tendo em conta que cerca de 33% dos jogadores da referida formação são provenientes do projeto em questão (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

Em 2010, iniciou-se a 1ª expansão do projeto em território nacional, mas apenas na modalidade de Futebol. No final do verão de ano de 2012 procedeu-se a extensão da Dragon Force a outras áreas do Futebol Clube do Porto, concretamente, andebol, basquetebol e hóquei em patins. Em setembro de 2014 deu-se abertura da 1ª escola internacional, situada em Bogotá na Colômbia. Esta aposta na projeção internacional continuou com a abertura das Escolas Internacionais de Toronto no Canadá e de Valência em Espanha, nos anos de 2015 e 2016, respetivamente. Também em 2016, o projeto Dragon Force foi alargado à modalidade de natação (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

Contudo, o conceito das escolas Dragon Force vai para lá da deteção e aperfeiçoamento das capacidades e competências futebolísticas dos alunos. Procura-se também ajudar tanto os alunos como os seus encarregados de educação no seu processo crescimento, recorrendo-se então a 3 áreas basilares de apoio, sendo elas a pedagogia, a psicologia e a saúde (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

No seguimento, como instituição reguladora e Mãe está presente a Futebol Clube do Porto, Futebol SAD. Em 2010, as escolas Dragon Force receberam por parte da Associação Portuguesa de Certificação uma certificação de qualidade, devido ao seu Sistema de Gestão de Qualidade ISSO 9001:2008 (Manual Operacional da Dragon Force, 2019-2020). Apresenta-se de seguida um organigrama que explicita a organização do Projeto Dragon Force respeitante ao Futebol:

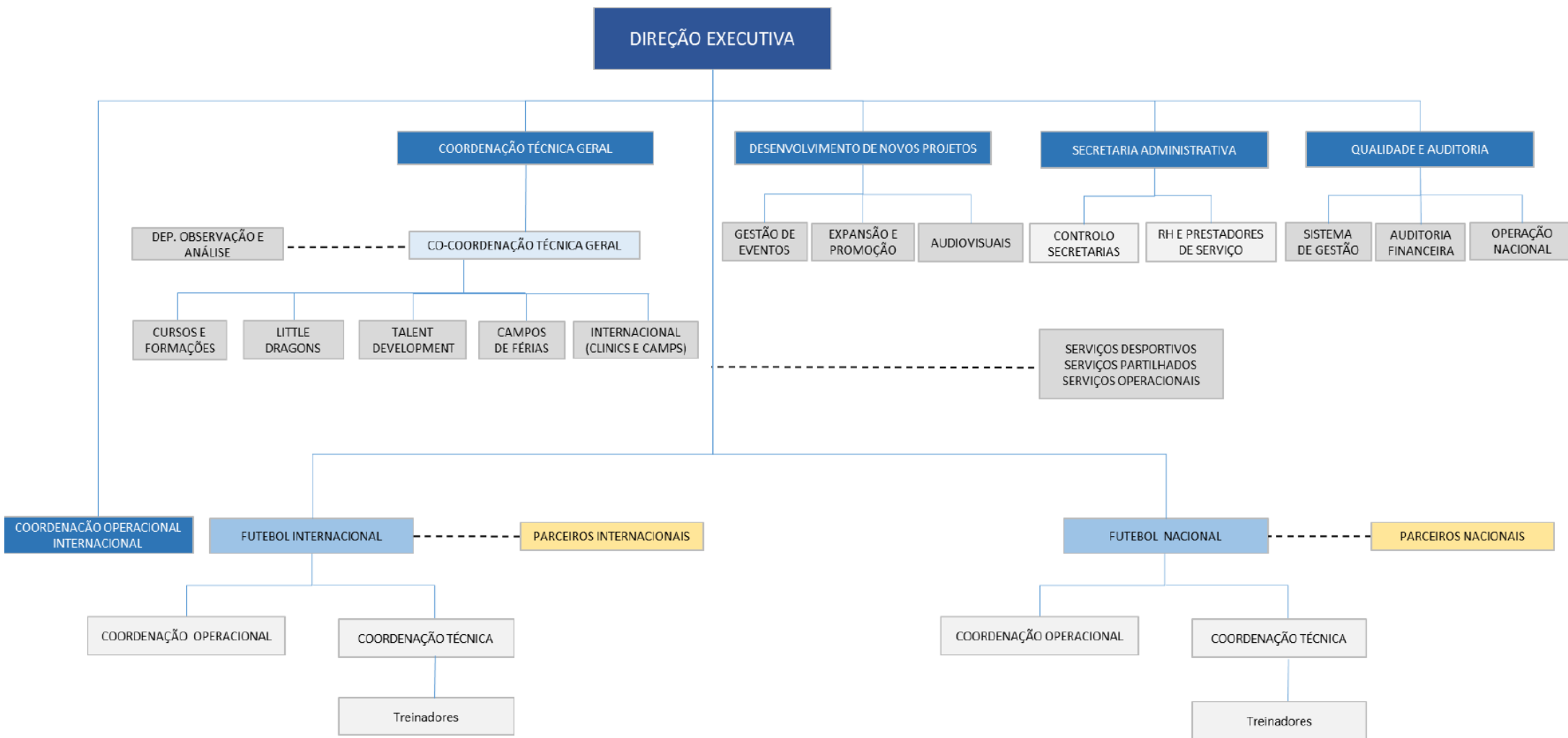


Figura 9: Organigrama - Projeto Dragon Force
(Manual Operacional da Dragon Force, 2019-2020)

Na Área de Futebol, a Dragon Force conta com 23 escolas ativas para a época 2019/2020, sendo que 2 delas são internacionais. Em território português as escolas em funcionamento serão as de Algarve, Aveiro, Belém, Braga, Cascais, Colégio do Rosário, Colégio Novo da Maia, Constituição Park, Ermesinde, Famalicão, Foz, Gens, Grijó, Lisboa, Madeira, Marco de Canaveses, Penafiel, Rio Meão, Torre de Moncorvo, Valadares e Viana do Castelo. Das escolas internacionais referidas anteriormente, encontram-se em atividade as escolas de Bogotá e de Valência (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

Os objetivos institucionais definidos para a época 2019/2020, segundo o Manual Operacional da Dragon Force são:

- Posicionar e consolidar a DF como a melhor escola de formação desportiva em Portugal, assim como, continuar a expandir a nível internacional;
- Ser o maior fornecedor de atletas para a formação do FCP;
- Maximizar satisfação dos alunos, encarregados de educação e parceiros;
- Manter elevados padrões de qualidade.

3.1.1. Turmas, Seleções e Equipas de Competição – Conceito e Enquadramento

O funcionamento das escolas no âmbito do Projeto Dragon Force tem por base a existência de turmas, que têm como propósito ser um espaço de evolução e desenvolvimento, no sentido de a partir das mesmas formar as Seleções e Equipas de Competição. Neste projeto estão definidos 5 níveis de ensino no que às turmas diz respeito. A divisão dos alunos por estes níveis tem em linha de conta não só a faixa etária dos mesmos, como também o seu nível de capacidades de jogo e competências, podendo então o aluno ser enquadrado num nível diferente em relação às faixas etárias mencionadas. Procurando-se, portanto, manter um ambiente e contexto envolvente suficientemente estimulante. Nesta eventualidade de ser necessário fazer alguma alteração, esta deverá ser sempre resultado de um acordo entre Treinadores, Coordenador Técnico e Encarregado de Educação.

Designação	Escalão
Iniciação	Sub5 e Sub6
Básico	Sub7 e Sub8
Intermédio	Sub9 e Sub10
Avançado	Sub11 e Sub12
Expert	Sub13 e Sub14

Tabela 5: Correspondência Turmas/Escalão Dragon Force

No seguimento, no sentido de manter um projeto de desenvolvimento do aluno/jogador, existem as já referidas Seleções e Equipas de Competição de modo a que o contexto seja sempre o mais estimulante e competitivo possível, ao mesmo tempo que adequado. Nestes contextos mencionados, são enquadrados aqueles alunos que nas turmas revelam um desempenho e performance muito acima e que revelam um potencial de desenvolvimento e evolução acima da média. Os critérios que são adotados e preconizados com referência de avaliação estão tanto relacionados com a capacidade técnica e tática, por exemplo, como com o perfil comportamental e atitudinal. Ainda assim, o “potencial oculto” não é descurado, sendo analisados de forma profunda e atenta o individual de cada aluno. Tudo este processo, é realizado de forma pensada e refletida, de modo a tomar decisões de forma equilibrada e sustentada, para que não se comprometa o desenvolvimento e evolução dos indivíduos por decisões precipitadas.

3.1.2. Filosofia Dragon Force – Futebol Clube do Porto

3.1.2.1. Modelo de Jogo

O Modelo e jogo a adotar, tem como bases fundamentais 2 grandes ideias, concretamente a de promover o desenvolvimento de uma Filosofia que seja congruente com aquilo que é definido pelo Departamento de Formação do Futebol Clube do Porto e permitir que a evolução dos alunos seja garantida independentemente do seu nível de desempenho e desenvolvimento potencial percebido (Manual Técnico da Dragon Force, 2019-2020).

No seguimento, de forma a melhor estruturar o conhecimento e facilitar a aplicação dos conteúdos, do ponto de vista didático-metodológico, o jogo é “dividido”¹⁰ 4 grandes momentos tendo em conta características específicas, sendo eles:

¹⁰ O jogo é uma inteireza inquebrável (Frade V. , 2012).

- Organização Ofensiva (O.O.): quando há posse de bola;
- Organização Defensiva (O.D.): sem posse de bola;
- Transição Defesa – Ataque (T.D.A.): quando há recuperação da posse da bola;
- Transição Ataque – Defesa (T.A.D.): ao haver perda da posse da bola.

Os grandes princípios a desenvolver, em consonância com o definido verticalmente, são comuns a todo o projeto. Ofensivamente, promove-se o gosto por tratar bem a bola e manter a sua posse de uma forma objetiva e inteligente, mas sem nunca esquecer o objetivo do jogo, tanto individualmente, como coletivamente. Do ponto de vista defensivo, preconiza-se o preferencialmente o recurso ao Método Defensivo de Zona Pressionante, evitando dar espaço ao adversário. Nos momentos de transição é estimulado uma atitude reação sempre fortes, tentando aproveitar a eventual desorganização do adversário (Manual Técnico da Dragon Force, 2019-2020).

No nosso jogar, é preferencialmente privilegiado o “jogo posicional”, como promoção da formação de várias linhas, tanto em amplitude como em profundidade, e do “desenhar” de diagonais, criando muitos triângulos e losangos. Não esquecer que, tudo isto e sua operacionalização está condicionado ao respeito e atenção pelas características e especificidades da equipa e dos jogadores (Manual Técnico da Dragon Force, 2019-2020).

3.1.2.2. Modelo de Treino

Todo o processo de planeamento e operacionalização das unidades de treino deverá ter em conta um conjunto de princípios mencionados nos Manual Operacional da Dragon Force (2019-2020) e Manual Técnico da Dragon Force (2019-2020), sendo eles a disciplina, a propensão, a densidade, o desafio e a intervenção.

3.1.2.2.1. Disciplina

A Disciplina deverá ser encarada como algo fundamental. O deverá se assumir enquanto um agente que comporta autoridade, cabendo ao mesmo saber valer o valor do respeito que deverá existir, este é primordial. Como consequência, todo e qualquer caso de indisciplina deve ser alvo de intervenção no cerne da questão no sentido de corrigir a atitude. Esta intervenção deverá ser acompanhada de um processo de continuidade, se necessário, sabendo que todas as intervenções deverão ser enquadradas, contextualizadas e específicas.

3.1.2.2.2. Propensão

Todo o processo de treino, e por consequência a unidade mais básica da unidade de treino, leia-se exercício, deverá seguir o caminho de coerência e consonância entre as ideais e conteúdos que se pretende trabalhar, planeamento e a sua operacionalização. Portanto, a configuração dos mesmos deverá ir no sentido de promover aquilo que queremos trabalhar, isto é, que os comportamentos pretendidos possam emergir e acontecer muitas vezes. Para isto, há que ter em conta as regras/condicionantes a adotar, a relação NET (Número, Espaço, Tempo) e o tipo de intervenção a adotar por parte do treinador.

3.1.2.2.3. Densidade

Dentro do pretendido a unidade e treino deverá comportar uma grande Densidade motora específica aos objetivos pretendidos. Estando isto garantido, será possível garantir o princípio da repetição sistemática, basilar para garantir uma aprendizagem sólida e duradoura.

3.1.2.2.4. Desafio

É princípio assente que sem Desafio, não há evolução, isto é, sem dificuldade, o indivíduo não precisa de se adaptar e, por conseguinte, arranjar novas estratégias para superar novos e mais difíceis desafios que poderão aparecer na competição ou noutros contextos mais complicados. Contudo, este Desafio, não deverá pecar por excesso também, pois, poderá levar ao comprometimento da evolução dos indivíduos. Logo, deverá haver sempre um ajustamento e adaptar da dificuldade e da complexidade ao nível coletivo e individual.

3.1.2.2.5. Intervenção

O *Feedback* e sua tipologia durante o treino deverá seguir um princípio aquisitivo, podendo assumir diversas formas, seguindo essa linha do mais aquisitivo possível. Para isto há que conhecer e entender o processo de aprendizagem em crianças e jovens, e saber respeitá-lo dentro das suas características, especificidades e individualidade, não esquecendo a possibilidade de, por exemplo, ocorrência de períodos de latência denominados de aprendizagem latente.

3.1.2.3. Áreas Educativas

3.1.2.3.1. Pedagogia

Esta área tem como objetivo a promoção de atividades que vão para lá da atividade desportiva, como por exemplo da cidadania, do ambiente, informática, entre outras, visando a promoção do espírito crítico e reflexivo. De forma a acompanhar e se manter a par do percurso académico dos alunos, estes têm uma Caderneta do Aluno Dragon Force que funciona com uma ferramenta de contacto e comunicação com os restantes contextos educativos onde o aluno está inserido (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

3.1.2.3.2. Psicologia

A Psicologia enquanto uma área de intervenção e ação na Dragon Force está disponível de modo a apoiar não só os alunos, como também os encarregados de educação durante todo o processo ao longo da época. Durante a mesma, esta área promove a realização de diferentes atividades no sentido de munir os jogadores de ferramentas fundamentais para estes superarem e ultrapassarem os desafios e obstáculos que lhes são colocados no desporto e na vida. Se necessário, depois de uma avaliação refletida, são também realizadas algumas intervenções individuais com alunos e /ou encarregados de educação (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

3.1.2.3.3. Saúde

Nesta área, existem 2 subáreas que gozam de um grande contributo no seio da escola, sendo elas as áreas médica e nutricional. A Área Médica funciona com base na Fisioterapia e tem como objetivo tratar e acompanhar os jogadores com lesões ocorridas durante a duração do treino/jogo e como preventivo procurando corrigir aspetos posturais que provocam lesão, no sentido de potenciar a recuperação e performance (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

A Área Nutricional visa a promoção e potenciação de hábitos de vida saudável, nomeadamente ao nível da alimentação, cooperando também com a fisioterapeuta presente na Área Médica. Todos os jogadores da escola, sem exceção, são sujeitos a avaliações antropométricas periódicas. Em caso de necessidade, são também adotadas e realizadas consultas de aconselhamento para que se possa avaliar melhor as características do aluno, planear uma solução específica para o indivíduo e operacionalizá-la de modo a

melhorar a saúde e hábitos de alimentação do mesmo (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

3.1.3. Contextualização e Caracterização da Escola de Futebol Dragon Force Ermesinde

A Escola Dragon Force Ermesinde iniciou a sua atividade em 2010 através de uma parceria estabelecida entre as instituições Futebol Clube do Porto-Dragon Force e o Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde. De acordo com aquelas que são as diretrizes e intenções políticas do Projeto Dragon Force, nesta escola estão definidos 3 grandes objetivos (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019):

- Desenvolver nos alunos competências para jogar futebol, apostando também em áreas pedagógicas, como a Nutrição, a Cidadania, o Ambiente, a Saúde e a Geografia;
- Proporcionar aos alunos um conjunto de atividades de ocupação dos tempos livres que sejam um veículo de aquisição de hábitos de saúde, cultura e lazer;
- Transmitir os valores do Futebol Clube do Porto - Competência, Ambição, Rigor e Paixão.

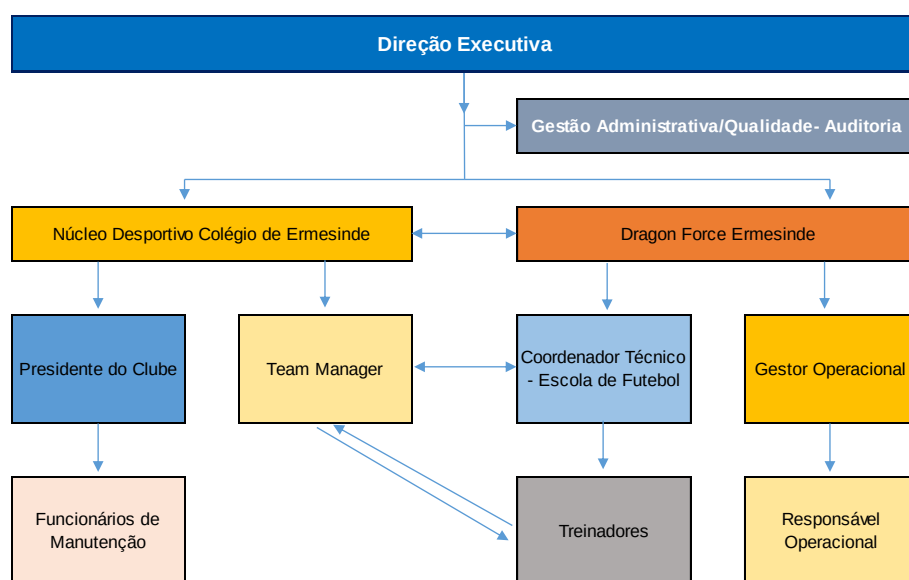


Figura 10: Organograma - Dragon Force Ermesinde (Manual Operacional da Dragon Force, 2019-2020)

3.1.3.1. Instalações Desportivas

As instalações utilizadas pela Escola Dragon Force Ermesinde situam-se no Colégio Ermesinde. Estas encontram-se subdivididas em diferentes áreas consoante as necessidades específicas da escola de Ermesinde, as características do Colégio Ermesinde e a Filosofia do Projeto Dragon Force, podendo ser enquadradas segundo Áreas de Serviço, Áreas de Apoio e Recintos de Jogo, como está abaixo discriminado:

Áreas de Serviço	Áreas de Apoio	Recintos de Jogo
Bar	Receção	1 Campo de Futebol de 11 (tem integrados 2 campo de futebol de 7)
Loja do Associado	Departamento Médico	2 Ringues de Futebol de 5
Secretaria Desportiva	Sala Multiusos – “Espaço Aberto”	1 Campo de Futebol de 5 (pelado)
-	3+2 Balneários (para jogadores)	-
-	1 Balneário para treinadores (em dia de jogo para os árbitros)	-
-	Gabinete dos Treinadores	-
-	Arrecadação	-

Tabela 6: Instalações Desportivas
(Web Site Futebol Clube do Porto, 2019)

Descrevendo um pouco aqueles que são os espaços mais relacionados com a atividade e filosofia da escola, mas sem retirar importância aos restantes, a Sala Multiusos - “Espaço Aberto” poderá ser considerada como “base área” ou “torre de controlo” da Pedagogia na nesta escola de Ermesinde, sendo esta sala um espaço que todos os alunos da escola poderão frequentar e realizar diversas atividades, antes e depois dos treinos, que vão desde desenhos a questionários ou elaboração de projetos de equipa, por exemplo. As atividades que são realizadas variam dependendo da faixa etária e até da própria equipa e são da responsabilidade de um Mediador Educativo que está sempre presente. Ainda assim, as atividades a realizar também poderão ser resultado de sugestões do treinador e da troca de ideias entre o treinador e o Mediador Socioeducativo no sentido de atingir os resultados pretendidos (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

O Departamento Médico é dotado de equipamentos e utensílios básicos de assistência aos alunos em situações da responsabilidade de um fisioterapeuta. Este está sempre aberto e com um fisioterapeuta presente nos horários de treino, o mesmo acontecendo nos jogos em casa (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019).

Como mencionado, nas instalações existem 1 campo de futebol de 11 (que integra 2 campos de 7). Este espaço está sempre garantido para os horários. Os restantes espaços e sua utilização está condicionada à disponibilidade das mesmas e requisição prévia à coordenação para a sua utilização.

No que diz respeito ao acesso às instalações, os jogadores só poderão abandonar as instalações acompanhados pelos encarregados de educação ou alguém autorizado para o efeito. Só podem sair sozinhos se estiverem devidamente autorizados para tal pelos encarregados de educação (Manual Operacional da Dragon Force, 2019-2020).

A figura que se segue mapeia e identifica os espaços discriminados e descritos anteriormente no Colégio Ermesinde e que são utilizados pelo Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde/Escola Dragon Force Ermesinde.

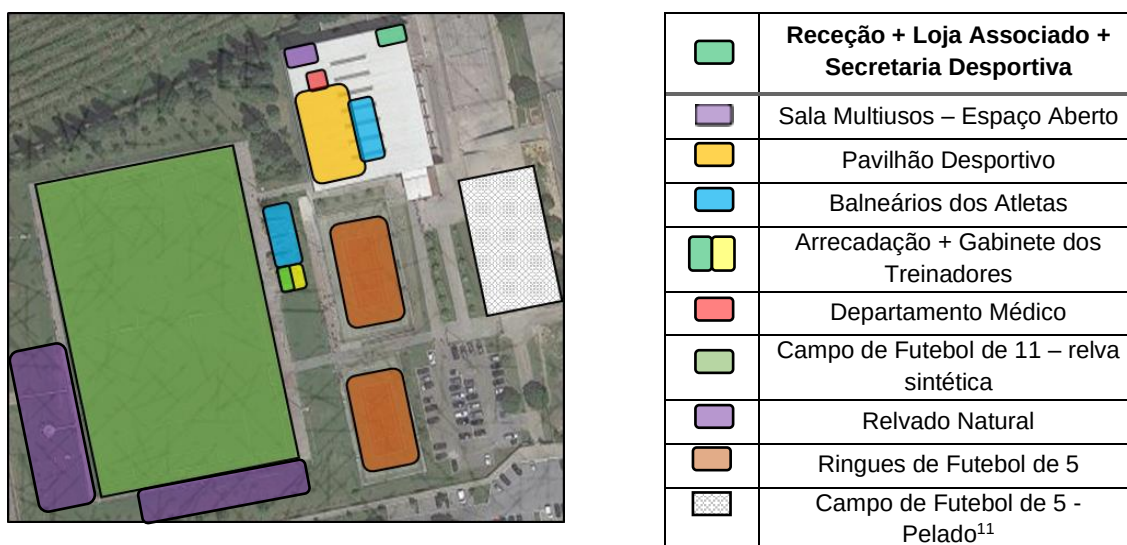


Figura 11: Instalações Desportivas
(Web Site Futebol Clube do Porto, 2019)

¹¹ (Web Site Futebol Clube do Porto, 2019)

3.1.3.2. Recursos Materiais

Aquando da utilização dos recursos materiais descritos abaixo para a operacionalização do processo de treino e competição, a responsabilidade pela totalidade do material utilizado é do treinador. Se houver alguma detioração, estrago ou desaparecimento de material ou infraestrutura, o treinador deverá comunicar no imediato ao Responsável Operacional. Na ocasião de recurso ao campo pelado para o desenvolver do treino, deverá ser assegurado pelo treinador que todos os alunos limpam as sapatilhas/chuteiras antes de recolherem aos balneários no final (Manual Operacional da Dragon Force, 2019-2020).

Balizas (nº em quantidade)	Balizas de 1 – 20 amovíveis	Balizas de 3 – 24 amovíveis	Balizas de 5 – 12 amovíveis	Balizas de 7 – 4 fixas + 2 amovíveis	Balizas de 11 – 2 fixas	-
Bolas (nº em quantidade)	Bolas nº 3 – 45	Bolas nº 4 – 40	Bolas nº 5 – 20	-	-	-
Outros Materiais de Treino (nº em)	Arcos Grandes - 5×2	Arcos Pequenos – 8+8	Coletes – 4×40	Cones – 4×12	Sinalizadores – 8×20	Sinalizadores Rasos – 8×20

Tabela 7: Recursos Materiais

3.1.3.3. Espaços de Desenvolvimento e Operacionalização de Treino

Sabendo que, na Escola Dragon Force de Ermesinde existem várias seleções/equipas de competição e turmas, nos horários de treino, há sempre uma logística associada, tanto ao nível da divisão de material, como da organização dos espaços de treino. No seguimento, ao longo do morfociclo o espaço de treino varia, consoante o

número de equipas que está a treinar e suas características, nomeadamente faixa etária, por exemplo, e consoante a *subdinâmica de esforço* inerente a esse dia de treino.



Figura 12: Espaços de Treino

As cores utilizadas na figura anterior estão relacionadas com o enquadramento da tipologia no morfociclo utilizado. As dimensões do espaço de treino também vão ao encontro disso, isto é, das subdinâmicas de esforço associadas que já foram referidas previamente.

3.1.3.4. Contextualização da Equipa de Estágio

Como já referido, o estágio profissionalizante decorre ao longo da época desportiva 2019/2020, no Núcleo Desportivo Colégio Ermesinde/Dragon Force Ermesinde. As funções a desempenhar dentro de este contexto, de uma forma sucinta, foram:

- Construção do Modelo de Jogo e formulação de objetivos;
- Planear, preparar e operacionalizar unidades de treino de uma equipa de Sub13;
- Avaliação, Análise e Reflexão do processo de treino;
- Preparação da equipa do ponto de vista estratégico-tático;
- Presença e participação em jogos oficiais;
- Avaliação, Análise e Reflexão dos jogos;
- Preenchimento de Registo de Ocorrências de Jogo;
- Preenchimento de Registo de Tempo de Jogo;
- Análise de adversários;
- Elaboração de Relatórios de Jogo;

- Elaboração de Convocatórias de Jogo;
- Elaboração de cortes de vídeo com vista à produção de vídeos motivacionais e complementares aos Relatório de Jogo;
- Manutenção de um dossier atualizado;
- Verificação do balneário após treinos e jogos;
- Participação em reuniões técnicas periódicas.

Como referido anteriormente, a equipa de estágio era uma equipa de Infantis (Juniões D - Sub13), neste caso a Equipa de Competição Sub13 F1, que é na teoria composta por jogadores que, de uma maneira geral, apresentam um perfil um pouco mais evoluído no que diz respeito ao seu nível de jogo em relação aos Sub13 F2. A competição em disputa é a 1ª Divisão Distrital de Infantis (Juniões D - Sub13) da Associação de Futebol do Porto (AFP), a disputar futebol de 11. O plantel era inicialmente composto por 21 jogadores, mas por razões várias alterou para 20, entre entradas e saídas. Dos elementos que compõem a equipa, apenas 1 dos jogadores era Sub12, sendo os restantes Sub13. Em virtude de ser necessário ficar sempre alguém fora da convocatória por causa dos regulamentos, só podemos levar 18 jogadores a jogo, o jogador que não era convocado tinha sempre oportunidade de ir jogar à equipa de Sub12, que se identifica como Sub13 F2, competindo na 2ª Divisão Distrital de Infantis (Juniões D – Sub13) da AFP. Por vezes, tendo em conta os contextos e adversários das outras equipas da escola, no sentido de melhor adequar o contexto aos nossos jogadores e em alguns momentos fazer face às necessidades das outras equipas, alguns elementos foram jogar à equipa de Sub 14, que compete na 2ª Divisão Distrital de Iniciados (Juniões C - Sub15) da AFP, e à equipa de Sub 15, que compete na 1ª Divisão Distrital de Iniciados (Juniões C - Sub15) da AFP. Estas permutas são legitimamente possíveis tanto do ponto de vista legal como desportivo, sendo encaradas como oportunidades de evolução que são tidas em conta com ponderação e critério de forma a potenciar a aprendizagem.

A equipa técnica era composta por 4, sendo 1 o Treinador Principal e 3 Treinadores Adjuntos (onde me incluo), aos quais se junta 1 Psicólogo/Mediador Educativo, que acompanhava sempre a equipa, e 1 Treinador de Guarda-Redes que é comum a toda a escola/clube. A acompanhar a equipa em treinos e jogos há também um fisioterapeuta, para além do acompanhamento por parte dos Departamentos de Nutrição, de Psicologia e Pedagogia, principalmente a alguns elementos sinalizados dentro da equipa.

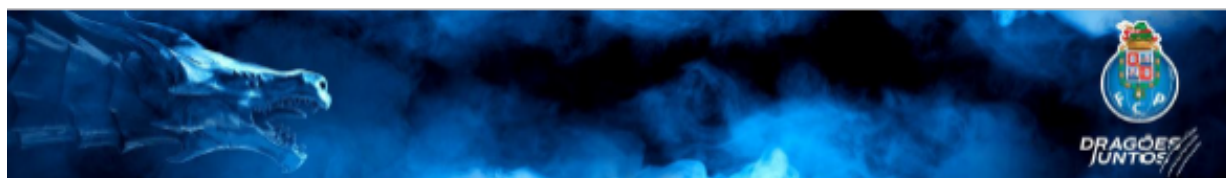
3.1.3.4.1. Caraterização da Equipa

3.1.3.4.1.1. Coletiva - Inicial

De uma forma geral, a equipa de estágio caraterizava-se por ser um grupo de jovens jogadores que, embora apresentassem um nível técnico satisfatório, apresentavam algumas dificuldades ao nível da leitura e do decifrar do jogo, isto é, da dimensão tática do jogo. Não sendo uma equipa que transitasse toda junta do ano anterior, houve uma naturalmente uma reorganização das lideranças dentro do balneário, os jogadores tiveram de se descobrir uns aos outros e perceber quais eram os seus papéis dentro dessa dinâmica. Dentro deste processo, apesar de aparentemente todos se darem bem, existiam alguns anticorpos que por vezes serviam como promotores de instabilidade dentro da equipa, devido a alguns elementos se concentrarem posteriormente em fatores extra treino e procurando desculpas para justificar as suas ações, não se responsabilizando verdadeiramente. O processo de avaliação da evolução é constante com análise das unidades de treino e dos jogos, tanto do ponto de vista coletiva como individual, aliado ao preenchimento de “Fichas de Jogador” segundo as diretrizes e procedimentos estabelecidos no Projeto Dragon Force. A análise efetuada tinha por norma teve como base uma perspetiva qualitativa, com observação e registo de reflexões.

3.1.3.4.1.2. Individual - Semestral

A este nível, tendo em conta as diretrizes existentes no Projeto Dragon Force e a necessidade de assegurar o anonimato de cada jogador, só serão apresentadas as avaliações semestrais, pois, como já foi referido, houve jogadores que saíram da equipa depois da época iniciar e outros que no entretanto entraram, para além da época desportiva ter terminado mais cedo do que o previsto em virtude da pandemia relacionada com o Covid-19. Também de forma a garantir o máximo possível o anonimato, a avaliação dos guarda-redes da equipa será apresentada numa ficha igual à dos restantes jogadores, sendo que por exemplo, nestes casos, a “execução sem bola” terá a ver com a técnica específica de guarda-redes e o “cabeceamento” dirá respeito à disputa de bolas altas. Os jogadores serão representados por números, os quais correspondem aos que serão apresentados nos relatórios de jogo. Nesta caraterização não estarão presentes todos os números, pois, alguns correspondem a jogadores que abandonaram a equipa e outros a jogadores que fazem parte da equipa de Sub 12, mas que vieram jogar a equipa de estágio.



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 1	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)		X						
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible		X						
Condução de bola		X						
Cabeceamento		X						
Remate			X					
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

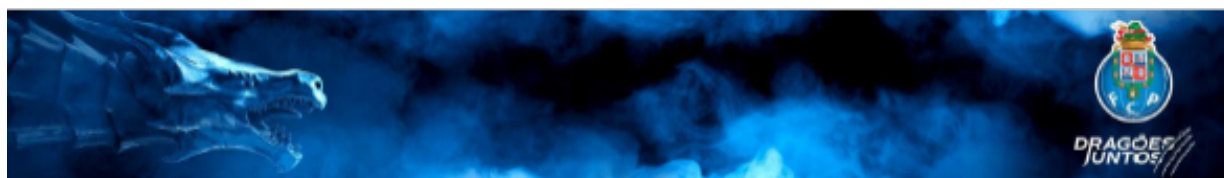
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Capacidade se antecipar o que vai acontecer
 2. Posicionamento sem bola
 3. Colocação dos apoios

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 2	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)		X						
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque			X					
Drible		X						
Condução de bola			X					
Cabeceamento		X						
Remate		X						
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho			X					
Relacionamento			X					
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração			X					

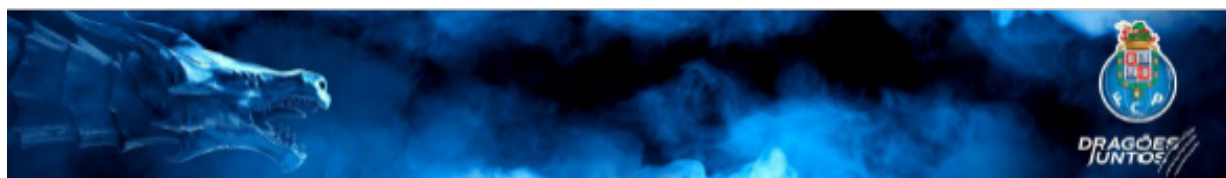
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Capacidade de se focar no que é importante
2. Ver opções diferentes para jogar

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 3	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola				X				
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)		X						
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo				X				
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola				X				
Cabeceamento			X					
Remate				X				
Agilidade			X					
Velocidade de execução			X					

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento			X					
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Intensidade no jogo
 2. Autoconfiança

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 4	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola				X				
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)				X				
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible				X				
Condução de bola				X				
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade				X				
Velocidade de execução				X				

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Simplificar um pouco mais o seu jogo em zonas recuadas
2. Remate
3. Ter um pouco mais de variabilidade no último terço

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 5	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desame, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)				X				
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible		X						
Condução de bola		X						
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

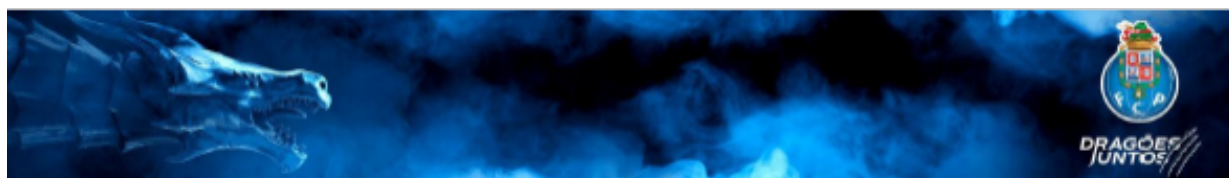
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Controlo Motor
 2. Relação com bola

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 6	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible		X						
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração			X					

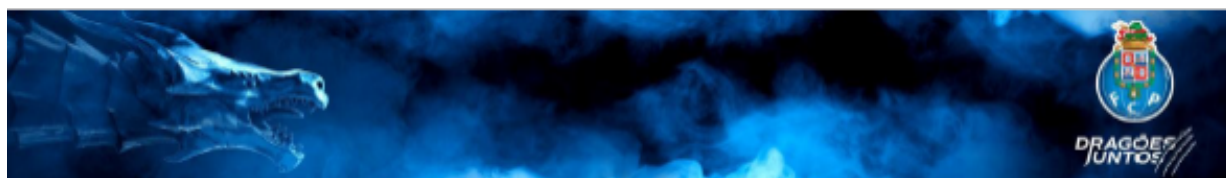
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Ser um pouco mais sério em treino
2. Ver melhor a vantagem e ter mais calma com bola

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 8	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)		X						
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque			X					
Drible		X						
Condução de bola			X					
Cabeceamento		X						
Remate		X						
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

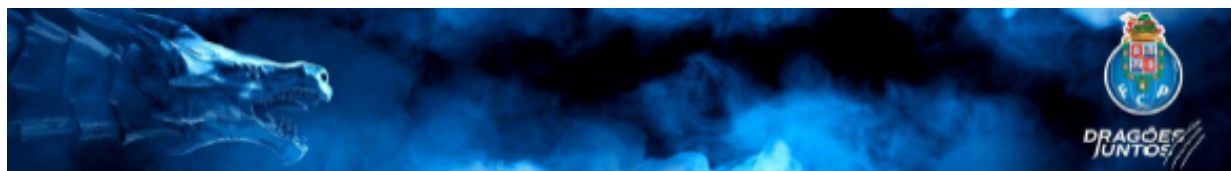
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspectos a melhorar):

1. Mais confiança a jogar
2. Ser mais vezes solução, precisa de mais mobilidade
3. Intensidade

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 9	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo				X				
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate				X				
Agilidade			X					
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

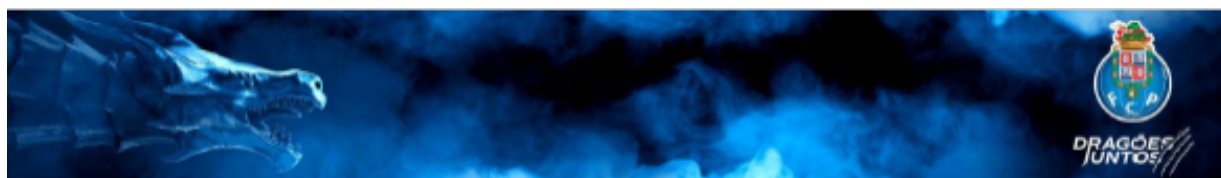
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Ser mais intenso
2. Enrolar menos o jogo, por vezes menos é mais

Data: 10/01/2020 **O treinador:**

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 10	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

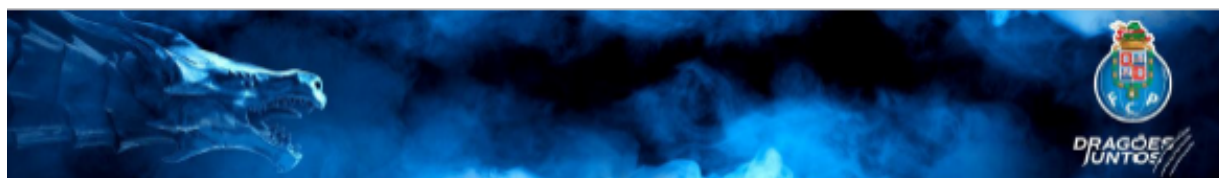
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Ser mais veloz e capaz de ver a profundidade
 2. Passe longo

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 12	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)		X						
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible				X				
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate				X				
Agilidade			X					
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

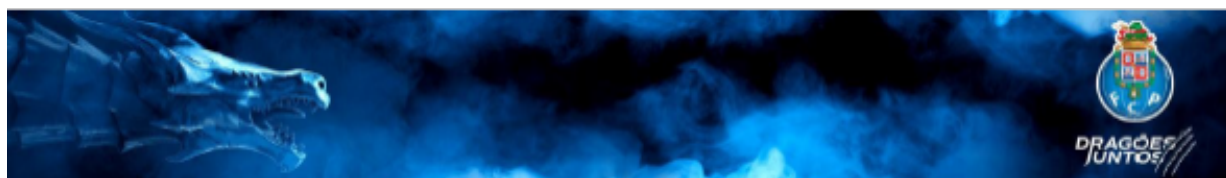
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Imprimir mais intensidade e emoção no faz
2. Tomada de decisão (entender melhor alguns princípios básicos do jogo)

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 13	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola		X						
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desame, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)		X						
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto		X						
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible		X						
Condução de bola		X						
Cabeceamento		X						
Remate		X						
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho			X					
Relacionamento			X					
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração			X					

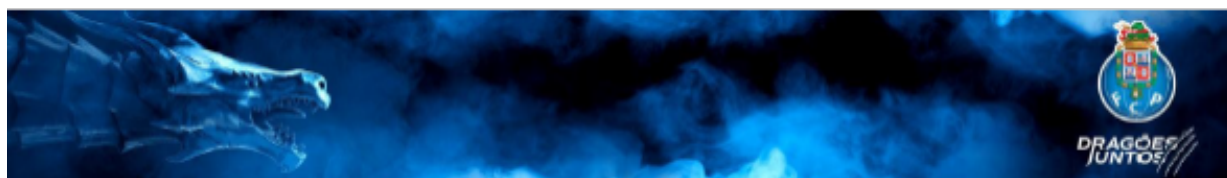
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspectos a melhorar):

1. Conseguir entender melhor o jogo
 2. Relação com bola e com os colegas

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 14	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola				X				
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)		X						
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto				X				
Passe longo				X				
1º toque			X					
Drible		X						
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate				X				
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho		X						
Relacionamento			X					
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspectos a melhorar):

1. Empenho, focando-se no que realmente importa
 2. Postura competitiva

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 15	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)		X						
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento		X						
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução			X					

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Perceber que o jogo não é só a atacar
2. Ainda pode melhorar as situações de 1x1 e de finalização

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 16	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola				X				
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola				X				
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)				X				
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto				X				
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola				X				
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução				X				

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Assumir mais o jogo e passe longo
2. Remate e chegada a zonas mais adiantadas

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 17	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)		X						
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto		X						
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible		X						
Condução de bola		X						
Cabeceamento		X						
Remate		X						
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

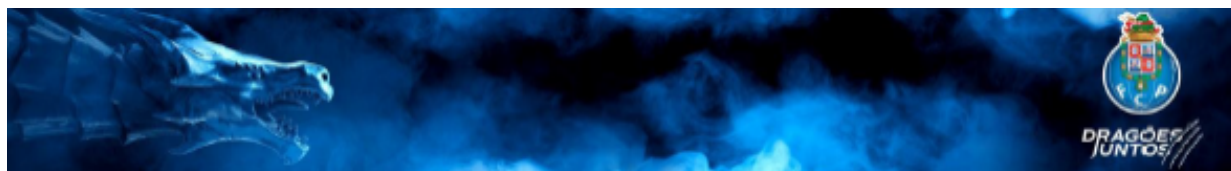
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Relação com bola
2. Perceber melhor que opções serão mais acertadas para jogar
3. Colocação dos apoios

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 18	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola		X						
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)		X						
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)		X						
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo		X						
1º toque		X						
Drible		X						
Condução de bola			X					
Cabeceamento		X						
Remate		X						
Agilidade		X						
Velocidade de execução		X						

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração			X					

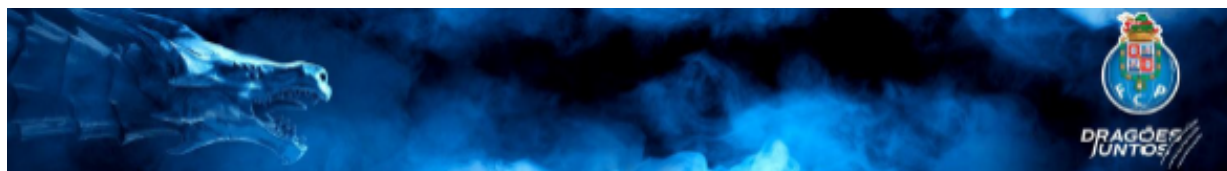
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Concentração
 2. Noção espacial

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 20	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano:	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola				X				
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desame, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)				X				
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento				X				
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução				X				

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

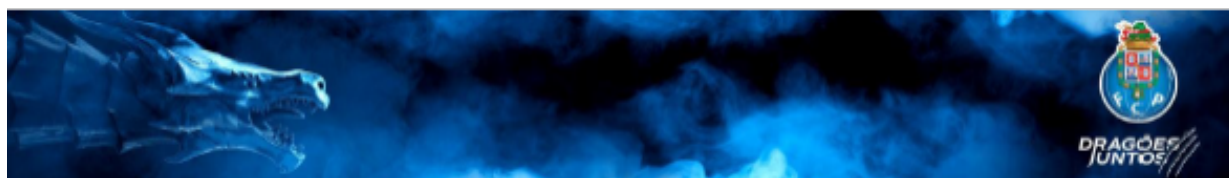
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspectos a melhorar):

1. Ser capaz de se antecipar mais vezes
2. Melhorar um pouco o passe longo

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 21	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola		X						
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA		X						

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque		X						
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução			X					

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Melhor perceção dos espaços
2. Colocação dos apoios

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 22	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola				X				
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)				X				
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible				X				
Condução de bola				X				
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade				X				
Velocidade de execução				X				

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento				X				
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração				X				

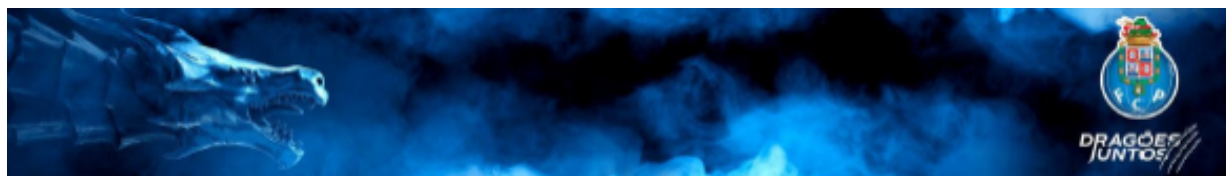
Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Autoconfiança
2. Tentar mais vezes o remate em zonas próximas à baliza

Data:	10/01/2020	O treinador:	

DFF.010.02



FICHA DE JOGADOR DE COMPETIÇÃO/SELEÇÃO

Época:	2019/2020	Posição:	
Nome:	Jogador 24	Nº aluno:	
Equipa:	Sub 13 F1	Ano	

COMPORTAMENTOS TÁTICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Posicionamento com bola			X					
Tomada de decisão com bola			X					
Posicionamento sem bola			X					
Execução sem bola (duelos, desarme, etc)			X					
Reação à perda (mudança de atitude)			X					
Manutenção da PB (guardar bola)			X					
Reconhecimento de vantagem na TDA			X					

COMPORTAMENTOS TÉCNICOS

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Passe curto			X					
Passe longo			X					
1º toque			X					
Drible			X					
Condução de bola			X					
Cabeceamento			X					
Remate			X					
Agilidade			X					
Velocidade de execução			X					

PERFIL COMPORTAMENTAL

	1º Semestre				2º Semestre			
	I	S	B	MB	I	S	B	MB
Empenho				X				
Relacionamento			X					
Pontualidade				X				
Assiduidade				X				
Disciplina				X				
Concentração			X					

Legenda: I – Insatisfatório S – Satisfatório B – Bom MB – Muito Bom

Objetivos Prioritários (Aspetos a melhorar):

1. Calma e paciência em momentos críticos e de pressão-
2. Tentar mais vezes o remate em zonas próximas à baliza

Data: 10/01/2020 **O treinador:**

DFF.010.02

3.1.3.4.2. Objetivos

As grandes expectativas e objetivos para equipa alicerçaram-se no conseguir um crescimento enquanto indivíduos e membros de uma sociedade e de um desporto que se deve reger por valores que consigo transporta. Do ponto de vista pessoal, perspetivou-se, a partir de uma melhor leitura da paisagem social da equipa e compreensão das micropolíticas subjacentes a um grupo, evoluir e ser capaz de melhor decidir, sabendo que a ambiguidade faz parte desta função e deverá ser encarada não como um problema, mas sim como uma oportunidade de aprendizagem. Para além disso, pretendeu-se conseguir melhorar leitura de jogo e das suas relações emergentes. A aprendizagem deve ser constante dentro da sua variabilidade e não linearidade. Pelo percurso existem dificuldades e barreiras, que não deverão ser impeditivas de nada, sendo sim a janela de oportunidade que se precisa para poder ser melhor, isto é, aprender.

A formulação de objetivos é fundamental para o desenvolver de um processo, pois, são estes que guiam toda a modelação do mesmo. Estes objetivos poderão assumir diversas formas, segundo diferentes enquadramentos. No contexto de estágio, tratando-se de futebol de formação onde se lidam com jogadores que acima de tudo são crianças e jovens, é necessário saber identificar o que de facto é mais importante para o seu desenvolvimento enquanto cidadãos que são parte de uma sociedade que se guia por valores e enquanto jogadores. Disto isto, nesta faixa etária, mais do que olhar a objetivos de rendimento há que olhar aos fatores que poderão consumir o desenvolvimento anteriormente referido. O processo formativo de crianças e jovens não pode estar unicamente limitado por aquilo que são os resultados desportivos, a definição de sucesso deverá ultrapassar isso. Todavia, embora ganhar não seja o prioritário, há que jogar sempre para ganhar, sabendo que, o mais natural é que não se ganhe sempre e que isso faz parte do processo. Este jogar sempre para ganhar, deve ser contextualizado, não no ser melhor que o adversário, mas sim no se transcender constantemente e ser cada vez melhor. Tendo isto por base, preconizam-se 3 grupos de objetivos, os de Formação, os de Preparação e os de Performance (Fernandes, 2015; Garganta, 2019).

3.1.3.4.2.1. Objetivos de Formação

Quando faz referência a Objetivos de Formação, está-se a incidir mais sobre aquilo que é a formação das crianças e jovens sob o ponto de vista humano. Referem-se mais a uma formação do ponto de vista do enquadramento dos jogadores enquanto membros de uma “família”, que é a equipa, e da sociedade, podendo se incluir objetivos de um cariz psicossocial (Fernandes, 2015; Garganta, 2019). Os grandes objetivos definidos para este contexto foram o respeito pelos treinadores, colegas, adversários, árbitros, independentemente dos resultados dos jogos, e demais intervenientes na vida desportiva e quotidiana, o respeito pelo clube e pela equipa tendo em conta as suas regras, fomentar a capacidade de cada um se responsabilizar pelos seus atos tanto no contexto desportivo como escolar, desenvolver a capacidade de se motivar, incentivar a formulação de objetivos e o trabalho para os atingir, estimular a capacidade de assumir compromissos perante a equipa e treinadores, a importância da vida escolar e o esforço que isso requer, a solidariedade, o reconhecimento de boas condutas de comportamento, o *Fair-Play*, a entreaajuda, a união, promoção de climas positivos em treino e espaços envolventes ao mesmo, ajudar a desenvolver a autoconfiança e autoestima, manutenção de um equilíbrio emocional nas diversas situações que possam surgir, estimular o empenho e o espírito de sacrifício como essenciais ao sucesso dentro de um contexto guiado pela meritocracia e desenvolver a capacidade de comunicar. Para além de esta formulação de objetivos ter em conta as ideias da equipa técnica, seguem aquilo que está definido no Manuel Operacional da Dragon Force (2019-2020).

3.1.3.4.2.2. Objetivos de Preparação

Os Objetivos de Preparação têm a ver com o adquirir de competências subjacentes ao jogo em si, pelo que estão mais direcionados para os fundamentos do jogo e para o processo de aprendizagem relativo ao Modelo de Jogo preconizado (Fernandes, 2015; Garganta, 2019). Neste âmbito, objetivou-se como primordial o entendimento e domínio dos Princípios Táticos Gerais e Específicos dentro daquilo que era a ideia de jogo da equipa. O mencionado entendimento, mais do que dizer respeito à capacidade de executar de uma forma correta, refere-se ao perceber o que fazer e quando o fazer ao longo dos vários momentos do jogo. É fundamental que os jogadores consigam perceber o que devem fazer em função da bola e do espaço, isto é, qual é a forma e a tipologia de

comportamentos que devem emergir consoante os problemas forem surgindo. Portanto, o grande objetivo aqui era que toda a equipa fosse capaz de ir conhecendo o jogo e dominar os fundamentos básicos do jogo em concomitância com o desenvolver de uma *cultura tática*, uma *inteligibilidade coletiva*, onde o foco não deixava de ser o individual devido a ser tratar de um escalão de formação com uma faixa etária ainda muito jovem. Todo este delineamento foi realizado em congruência com os Modelo de Jogo e Modelo de Treino da Dragon Force, presentes no Manual Operacional da Dragon Force (2019-2020).

3.1.3.4.2.3. Objetivos de Performance

Estes objetivos estão mais relacionados com aquilo é o objetivo competitivo (Fernandes, 2015; Garganta, 2019). No contexto de estágio, a este nível o 1º grande objetivo era assegurar a manutenção, não só por ser fundamental garantir um contexto competitivo mais elevado para a geração seguinte de Sub 13, como também por permitir que a geração de Sub 12 da próxima época desportiva possa, tal como a deste ano, competir na 2ª Divisão Distrital de Infantis (Juniore D – Sub13) se assim for entendido como benéfico. Contudo, este objetivo não se sobreponha aos objetivos anteriores, sabendo que se trata de uma faixa etária ainda muito jovem. Consumado este objetivo, o próximo passo seria conseguir um lugar dentro do grupo das 10 1^{as} equipas, tentado lutar por um lugar na metade superior da tabela.

3.1.3.4.3. Modelo de Jogo da Equipa

Na sequência do referido acerca desta temática em momentos anteriores, a tabela a apresentar em seguida é apenas um ponto de situação do Modelo de Jogo da Equipa, isto é, sabendo que o Modelo de Jogo não é algo estanque e que está em permanente construção esta é apenas a versão mais atualizada da forma com está preconizada o padrão comportamental preferencial da equipa. Como tal, até o momento da paragem, este foi alvo de diversas alterações e evoluções, tendo crescido com o tempo.



Modelo de Jogo – Sub 13 F1

Equipa Técnica: Duarte Rocha (T.P.), Francisco Santos (T.A.) e Gabriel Rocha (T.A.)

Princípios base: Rejeitar a Inferioridade Numérica; Evitar a Igualdade Numérica; Garantir a Superioridade Numérica.

Tabela 8: Modelo de Jogo da Equipa de estágio

Grandes Princípios			Sub Princípios	Sub Sub Princípios
Organização Ofensiva	1º SubMomento Saída de Bola	Jogo de posse desde início promovendo a circulação de bola.	Saída preferencialmente curta exterior com movimentos de aproximação em apoio interiores. No caso de impossibilidade o Guarda-Redes com recurso a bola longa procura espaço nos corredores laterais ou o Avançado para jogar.	Linhas de passe perto a partir dos Defesas Centrais e Pivô. Defesas Centrais aproximadamente à largura da grande área; Defesas laterais em campo grande para dar 2ª solução aos Guarda-Redes; Movimentos de aproximação dos Médios Interiores para ser solução quando a bola está nos Defesas Centrais. O movimento pode também ser garantido pelo Avançado ou pelo Extremo desde que conjugado com movimento de rutura do Médio Interior;



				Aquando de recurso a bola longa, a equipa deve fechar com movimento em apoio do Avançado; Apoios virados para a frente; Receção orientada para onde queremos jogar.
	2º SubMomento Criação de espaços	Posse e circulação com primazia de passe curto na procura de criar desequilíbrio. (Ver Perto! Ver Perto! Para ver Longe!)	Muita mobilidade com movimentos de aproximação por parte dos Médios Interiores e Avançado para atrair e libertar espaço.	Apoios sempre em diagonal para ver jogo; Avançado aparece no lado da bola em apoio para ajudar e criar espaço para os Extremos; Quando a bola está no meio, equipa em Campo Grande: Com bola num corredor lateral, Extremo contrário dá a largura no lado contrário. Lateral lado contrário dentro para dar ajuda. Defesa mantém sempre cobertura dando solução de passe; Guarda-Redes a encurtar espaços e profundidade.
	3º SubMomento Entrada nos Espaços	Circular a bola com vista a atrair o adversário e gerar desequilíbrios.	Rápido aproveitamento de espaços e desequilíbrios para progredir;	Apoios em diagonal para movimentos de rutura; Entrada do Extremo contrário no meio pelo lado cego do Defesa Central do seu lado conjugado com



			Procurar espaço nas costas do adversário e entre os Defesas Centrais ou entre Defesa Central e Defesa Lateral.	movimento de apoio frontal por parte do Avançado ou apoio em profundidade no lado da bola.
	4º SubMomento Finalização	Procurar ter sempre pelo menos 3 jogadores em zona de finalização e 1 na entrada na área.	Entrada em diferentes zonas de passíveis de finalização por diferentes jogadores.	Apoios em diagonal para ver o jogo e ter mais facilidade em finalizar; Avançado a atacar 1º poste, Extremo contrário entre a marca de penákti e 2º poste, Médio Interior do lado contrário na zona de penákti; O outro Médio Interior e Pivô no corredor central preparados para eventuais 2^{as} bolas. No caso de permuta do Avançado com o Extremo do lado da bola, este Extremo com movimento de rutura deverá ocupar um espaço deixado livre com a reorganização da equipa.
Transição Ataque-Defesa		Reação forte à perda com pressão imediata	Não recuar logo e cobrir a bola;	



	sobre o portador da bola encurtando distâncias.	Equipa junta.	Jogador que perde a bola exerce logo uma pressão inicial com o jogador mais próximo a apoiar para cobrir a bola e não deixar o adversário avançar; criar situação de 3x1. Assumir rapidamente 4 linhas defensivas em 4:1:4:1 ou, pelo menos, em 4:4:1; Apoios orientados para fora e preparados para correr mesmo antes da perda de bola; Com perda de bola no corredor lateral, no setor ofensivo Avançado sai na bola com um dos Médios Interiores a sair no Defesa Central do outro lado se a bola for para lá, dividindo ambos função movimentando-se quase que em Yo-Yo; No setor intermédio, salta o Extremo na bola ficando o resto da equipa em equilíbrio; No setor defensivo, se necessário sai o Defesa Lateral na bola com o Pivô a fazer cobertura; No corredor central sai um dos Médios Interiores à bola com o Pivô a aproximar da linha média.



Organização Defensiva	1º SubMomento Condicionar Construção e Anular Saídas Curtas	Impedir desde logo a progressão com bola por parte do adversário.	Pressão alta convidando o adversário para zonas/jogadores que nos sejam favoráveis; Proteção do corredor central.	Apoios sempre a orientar para fora ou pé mais fraco; GR controla a profundidade não deixando espaço nas costas da equipa; Avançado é o 1º a pressionar, sendo a referência da equipa. Utilizar movimentos em foice para orientar adversário para fora; Para o outro lado, sai ao Defesa Central o Médio Interior desse lado com o Avançado abaixar; Só condicionar à partida um jogador em particular, caso seja identificada muita dificuldade a jogar pelo mesmo; Extremos assumem linha inicial dos Médios Interiores com o Pivô entre eles e linha defensiva; Linhas assumem ligeira diagonal, protegendo o corredor central, com o Pivô a aparecer, numa linha mais recuada, entre Extremo e Médio Interior do lado da bola; Defesa Lateral encosta no Extremo/Médio-Ala contrário para o anular.



	2º SubMomento Impedir Criação e Entrada nos Espaços	Contrariar o avançar do adversário com bola; Impedir a chegada a zonas passíveis de finalização.	Equipa junta sem dar espaço por dentro; Vasculação fechando sempre o corredor da bola e o central.	Jogador mais próximo em contenção até que seja possível efetuar desarme; Avançar para desarme ou adiantamento no terreno de jogo com bola a saltitar, adversário de costas ou com bola afastada do pé do adversário; Reagir aos indicadores bola fechada e bola coberta; Equipa encurta distância com bola fechada ou coberta e com bola aberta ou descoberta apenas condiciona evitando deixar espaços livres no meio e nas costas; Só orientar adversário para dentro se tivermos grande superioridade no corredor central e a condicionar pé mais forte.
	3º SubMomento Impedir Finalização	Impedir a chegada do adversário a zonas avançadas do nosso setor defensivo pelo corredor central.	Orientar o adversário para fora e evitar situações de cruzamento; Coberturas mais próximas e agressivas; Manter superioridade numérica.	Tapar a bola com os apoios a orientar para fora ou pé mais fraco sem dar costas à bola; No caso de cruzamento, e de ser o Defesa Lateral a estar na bola, o Pivô deve estar a fazer cobertura juntando-se à linha defensiva; Os Médios Interiores deverão estar divididos entre área e imediações da



				mesma no corredor central, preparando uma possível 2ª bola; Extremo contrário perto da área ou a entrar dependendo da disposição do adversário.
Transição Defesa-Ataque		Saída rápida quando há espaço ou salvar a bola quando o caminho está fechado.	No caso de não houver saída rápida, a equipa entra em Organização Ofensiva organizando a saída desde trás com bola controlada.	Jogadores sempre com os apoios vivos e preparados para reagir; Muita velocidade de reação e deslocamento; Avançado e Extremos a sair com diagonais de forma a procurar as costas do adversário; No caso de um destes não sair outro jogador deverá garantir estas soluções, ficando o outro a equilibrar à medida que a equipa de reorganiza para jogar; Campo Grande imediato para jogar.

3.1.3.4.4. Planeamento e Programação de Conteúdos

Neste contexto de estágio não se verificou uma programação de conteúdos a longo prazo, tendo sido privilegiado um planeamento e seleção de conteúdos segundo uma perspetiva mais micro, a curto prazo. Em função das características da equipa e do jogar que se pretendia implementar, decidiu-se que seria importante iniciar a época a trabalhar Organização Ofensiva, devido a se considerar que seria de grande importância saber ter bola, com tudo o que isso envolve, e confiança com a mesma. Tentou-se desde logo começar a construir o Modelo de Jogo e trabalhar os fundamentos do jogo por onde se considerava que a equipa poderia evidenciar mais dificuldades e que ia permitir transmitir mais alguma confiança. O restante planeamento foi sendo delineado ao longo do processo com reuniões semanais entre a equipa técnica onde eram discutidos os treinos e os jogos. A construção do *morfociclo* era normalmente alicerçada nos conteúdos que a equipa manifestava mais lacunas nos treinos mais recentes e nos jogos. O planeamento tinha sempre em conta uma avaliação da emergência dos comportamentos da equipa, sem ter grande foco no resultado, não era algo que por si só influenciasse mudanças no processo. Tudo isto era também complementado com discussões sobre o processo de treino e desempenho em jogo com o Coordenador Técnico no sentido de fazer face as maiores dificuldades dos jovens e enriquecer o processo.

3.1.3.4.4.1.Exemplo de *Morfociclo* da Equipa

Serão apresentadas 2 semanas de trabalho da equipa em períodos distintos, sendo o 1º *morfociclo* respeitante a uma fase inicial do campeonato, enquanto que o 2º enquadra-se na semana após a paragem de Natal. Em ambas as semanas, procurou-se de uma forma representativa construir *contextos de exercício* jogados que permitissem à equipa se desenvolver dentro do jogo para o jogo. No 2º *morfociclo* há uma situação de treino de bolas paradas, não porque fosse considerado como primordial nesta idade, mas apenas por a equipa estar a sofrer quase que consecutivamente golos de bola parada, que depois acabavam por afetar a atuação da equipa no jogo.

Não serão apresentados mais exemplos por uma questão de proteção do trabalho da equipa técnica. Nos exemplos a ser apresentados só não é apresentada a elaboração das equipas por cada exercício devido à proteção de dados.

3.1.3.4.1.1. Exemplo 1

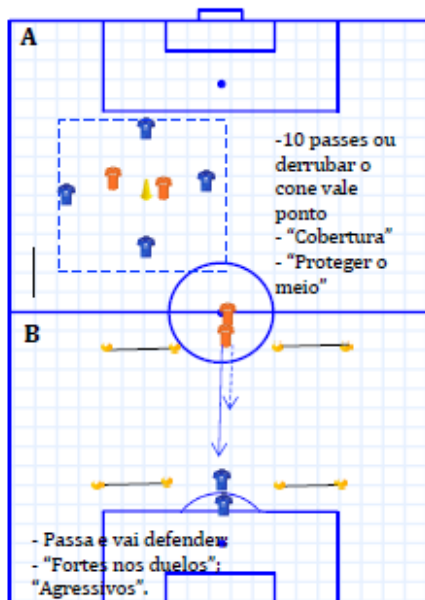
		PLANIFICAÇÃO TÉCNICA SEMANAL			
TREINADOR:	DR+FS+GR	EQUIPA SUB:	13 F1	FUTEBOL:	11
DIAS DE TREINO:			2ª, 3ª e 5ª feira		Nº JOGADORES:
OBJETIVO(S) CENTRAL(AIS) DA SEMANA : Organização Defensiva – 1ª/2ª submomentos + Transição Defesa-Ataque					
TREINO 1		TREINO 2		TREINO 3	
DIA DA SEMANA/DATA:	2ª - 30/09/2019	DIA DA SEMANA/DATA:	3ª - 01/10/2019	DIA DA SEMANA/DATA:	5ª - 03/10/2019
ESPAÇO DE TREINO:	1/4 campo de 11	ESPAÇO DE TREINO:	1/2 campo de 11	ESPAÇO DE TREINO:	1/2 campo de 11
HORA DO TREINO:	19 : 15	HORA DO TREINO:	19 : 15	HORA DO TREINO:	19 : 15
PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS		PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS		PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS	
- O.D.: - Fecho dos espaços à largura e profundidade (marcação e coberturas); - Posição Defensiva. - T.D.A.: - Saída da zona de pressão.		- O.D.: - Fecho dos espaços à largura e profundidade (formação da linha defensiva); - Reagir aos indicadores de pressão.		- O.D.: - Fecho dos espaços à largura e profundidade (equilíbrios); - T.D.A.: - Saída da zona de pressão; - Campo Grande em equilíbrio.	
CONTRAÇÕES MUSCULARES:		CONTRAÇÕES MUSCULARES:		CONTRAÇÕES MUSCULARES:	
- Tensão ++ - Duração +- - Velocidade +-		- Tensão +- - Duração ++ - Velocidade +-		- Tensão +- - Duração +- - Velocidade ++	
JOGO: N.D.C.E. Sub13F1 3 x 3 Varzim S.C. DIA DA SEMANA/DATA: Sábado – 05/10/2019 HORA DE CONCENTRAÇÃO: 13 : 15 HORA DE JOGO: 15 : 00 INFORMAÇÕES A TRANSMITIR - Reforço dos conteúdos trabalhados; - Reforço positivo e motivacional; - Eventual pequeno alerta para alguma particularidade do adversário.					

DFF.179.01



PLANO DE TREINO

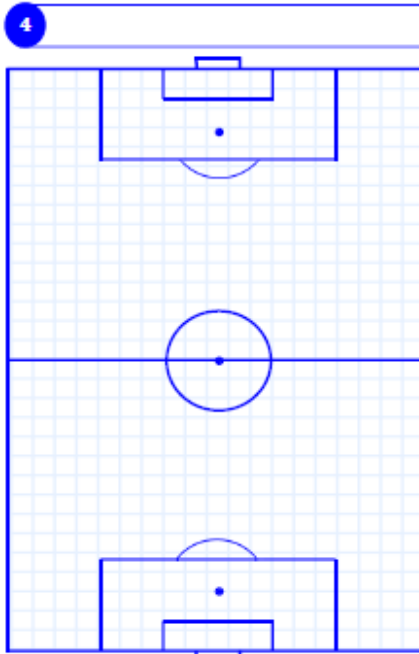
1 Meinho 4x2 // 1x1 com portas (20')



2 6x5 em O.D. // 1x1 com balizas (25')



3 Torneio GR+3 x GR+3 // 3x3 (30')



TREINO Nº 15

DATA
30/09/19

EQUIPA
Sub13 F1

TREINADOR
DR + FS + GR

MATERIAL

- 4 balizas nº 3;
- 1 baliza nº 7;
- 16+8 Sinalizadores;
- 20+10 coletes
- 15 bolas nº 4.

NOTAS

CONTEÚDOS TREINO

O.D.:

- Fecho dos espaços à largura e profundidade;
- Posição Defensiva.

T.D.A.:

- Saída da zona de pressão.

CONTEÚDOS TREINO SEQUINTE

O.D.:

- Fecho dos espaços à largura e profundidade;
- Reagir aos indicadores de pressão.

DFF.016.03



PLANO DE TREINO

1 6x6 // 2x2+2+1 Joker (15')



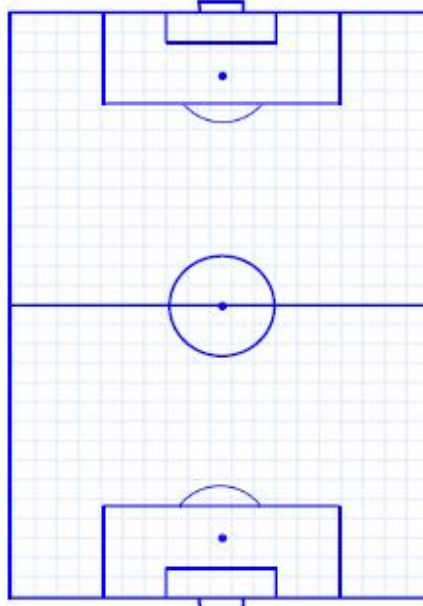
2 9x8 com 4 corredores (25')



3 11x10 (30')



4



TREINO Nº 16

DATA
01/10/2019

EQUIPA
Sub13 F1

TREINADOR
DR + FS + GR

MATERIAL
- 2 balizas nº 1;
- 1 baliza nº 7;
- 16+8 Sinalizadores;
- 8 + 8 + 2 coletes
- 15 bolas nº 4.

NOTAS

CONTEÚDOS TREINO

CONTEÚDOS TREINO
SEGUINTE

DFF.016.03



PLANO DE TREINO

1 Meinho 5x2 + Finalização em T.D.A. (20')



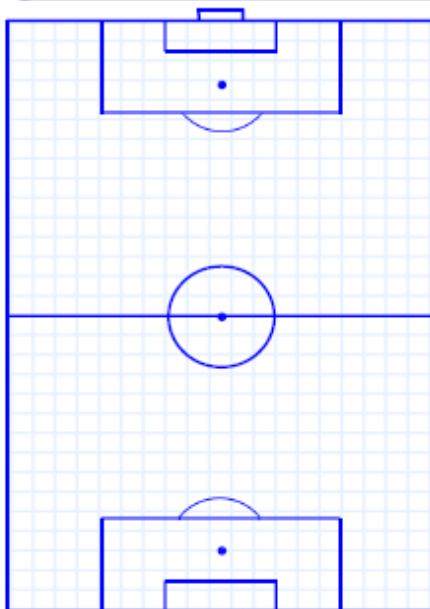
2 11x8 com setores (30')



3 Bota fora - (GR+6 x GR+6) + 1 Joker + 6 apoios (25')



4



TREINO Nº 17

DATA
03/10/2019

EQUIPA
Sub13 F1

TREINADOR
DR + FS + GR

MATERIAL
- 2 balizas nº 1;
- 1 baliza nº 7;
- 16+8 Sinalizadores;
- 8 + 8 + 2 coletes;
- 15 bolas nº 4.

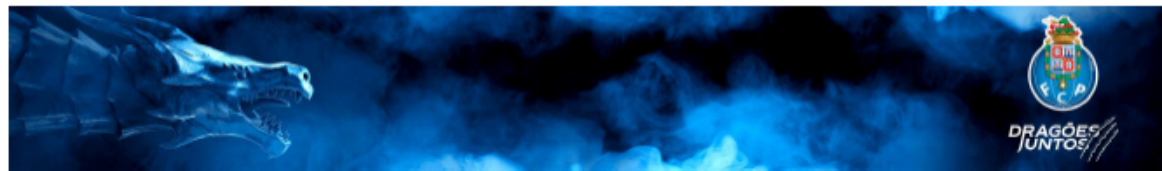
NOTAS
Convocatória às
13h15
(Varzim S.C.)

CONTEÚDOS TREINO
O.D.:
- Fecho das linhas à largura e à profundidade.
T.D.A.:
- Saída da zona de pressão;
- Campo grande em equilíbrio.

CONTEÚDOS TREINO
SEGUINTE
O.D. - Individual:
- Posição defensiva;
- Condicionar através dos apoios;
T.D.A.:
- Saída da pressão.

DFF.016.03

3.1.3.4.1.2. Exemplo 2



PLANIFICAÇÃO TÉCNICA SEMANAL

TREINADOR: DR+FS+GR

EQUIPA SUB: 13 F1

FUTEB OL: 11

DIAS DE TREINO: 2ª, 3ª e 5ª feira

Nº JOGADORES: 20

OBJETIVO(S) CENTRAL(AIS) DA SEMANA : Organização Ofensiva – 1º/2º submomentos

TREINO 1	
DIA DA SEMANA/DATA:	2ª - 06/01/2020
ESPAÇO DE TREINO:	1/4 campo de 11
HORA DO TREINO:	19 : 15
PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS	
- Mobilidade para ser solução; - Orientação do corpo e dos apoios.	
CONTRAÇÕES MUSCULARES:	
- Tensão ++ - Duração ++ - Velocidade ++	

TREINO 2	
DIA DA SEMANA/DATA:	3ª - 07/01/2020
ESPAÇO DE TREINO:	1/2 campo de 11
HORA DO TREINO:	19 : 15
PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS	
- Campo Grande; - Visualização dos espaços (ver dentro para ver fora; ver perto para ver longe).	
CONTRAÇÕES MUSCULARES:	
- Tensão ++ - Duração ++ - Velocidade ++	

TREINO 3	
DIA DA SEMANA/DATA:	5ª - 09/01/2020
ESPAÇO DE TREINO:	1/2 campo de 11
HORA DO TREINO:	19 : 15
PRINCÍPIOS / SUB PRINCÍPIOS /CONTEÚDOS	
- Campo Grande; - Penetração. - Bolas Paradas Defensivas.	
CONTRAÇÕES MUSCULARES:	
- Tensão ++ - Duração ++ - Velocidade ++	

JOGO:	
S.C. Salgueiros	2 x 2 N.D.C.E. Sub13F1
DIA DA SEMANA/DATA: Sábado – 11/01/2020	
HORA DE CONCENTRAÇÃO: 15 : 45	
HORA DE JOGO: 17 : 00	
INFORMAÇÕES A TRANSMITIR	
- Reforço dos conteúdos trabalhados; - Reforço positivo e motivacional; - Eventual pequeno alerta para alguma particularidade do adversário.	

DDF.179.01



PLANO DE TREINO

1 Meinho 3x2 (20')

A

- Podem marcar golo em qualquer baliza (balizas viradas para fora);
- "Vivos a ser solução"; "Trocás de posicionamento";
- Quem está a meio fica com o colete na mão.

B - Futvolei 2x2

- A bola não pode tocar no chão;
- Nenhum jogador não pode dar dois toques consecutivos, para o máximo de três toques por equipa.

2 3x3 + 1 Joker + 2 Apoios (40')

A

- Joker faz de Ponta de Lança das duas equipas;
- Só podem ativar finalização se:
 - Triangularem ou fizerem ponte no quadrado;
 - Chegar aos dois apoios.

3 Torneio (15')

Regra:

- Para ser golo a bola tem de passar no quadrado central e sair.

4 2B - acontece ao mesmo tempo que o 2A

10 abdominais

10 flexões

10 dorsais

10 saltos kanguru

velocidade

velocidade

velocidade

TREINO Nº 52

DATA
06/01/2020

EQUIPA
Sub13 F1

TREINADOR
DR + FS + GR

MATERIAL

- 4 balizas nº 1;
- 4 balizas nº 5;
- 15 bolas nº 4;
- 15+15 sinalizadores;
- 5+5+5 coletes.

NOTAS



CONTEÚDOS TREINO
O.Ofensiva - 1º/2º
submomentos;

- Mobilidade para ser solução;
- Colocação dos apoios.

CONTEÚDOS TREINO
SEGUINTE
O.Ofensiva - 1º/2º
submomentos;

- Campo grande;
- Visualização do espaço.

DFF.016.03



PLANO DE TREINO

1 6x6 + 2 Jokers + 4 apoios (15')

- Sempre que 1 apoio tem bola o outro tem de estar fora;
- Ativa finalização se passar em 2 apoios ou recuperar a bola em 5 segundos;
- Valoriza se houver "△" ou "P".

2 8x8 + 2 Jokers (20')

- Obrigatório ligar no quadrado do meio;
- Ativa finalização com "△" ou "P";
- Máximo 2 toques no quadrado e 3 toques no resto.

TREINO Nº 53

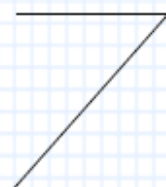
DATA
07/01/2020

EQUIPA
Sub13 F1

TREINADOR
DR + FS + GR

MATERIAL
- 4 balizas nº3
- 15 bolas nº4
- 1 baliza nº7
- 10+10+2 coletes

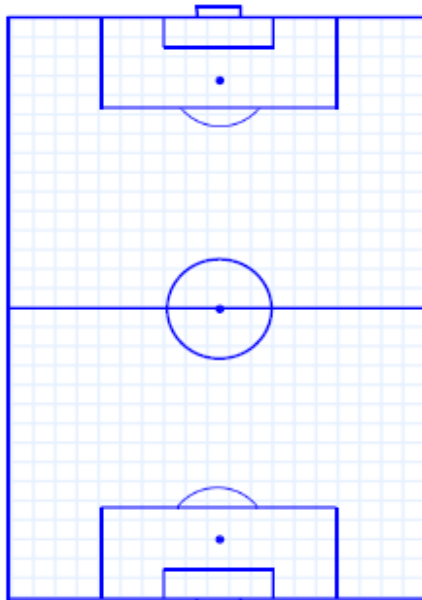
NOTAS



3 10x9 (30')

- Lateral livre de toques;
- Corredor central = 2 toques;
- "Superioridade no meio".

4



CONTEÚDOS TREINO

O. Ofensiva - 1º/2º submomentos;
- Campo grande;
- Visualização do espaço.

CONTEÚDOS TREINO SEQUINTE

O. Ofensiva - 1º/2º submomentos;
- Campo grande;
- Penetração;
- Bolas paradas defensivas.

DFF.016.03



PLANO DE TREINO

1 2x2 + Joker - T. Ataque-Defesa (25')



2 8x6 + Guarda-redes (30')



TREINO Nº 54

DATA

09/01/2020

EQUIPA

Sub13 F1

TREINADOR

DR + FS + GR

MATERIAL

- 1 baliza nº7
- 2 balizas nº 5
- 10 sinalizadores
- 10 coletes
- 10 bolas nº 4

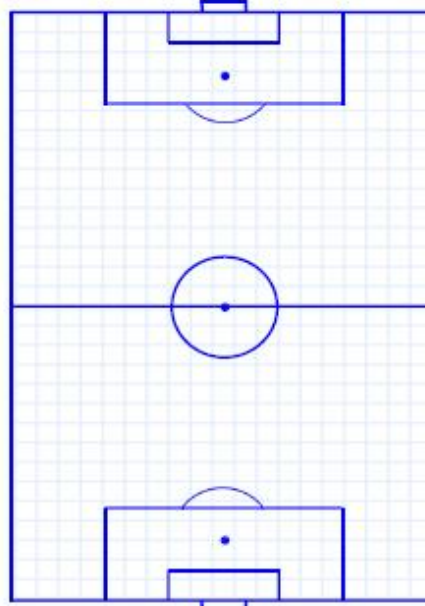
NOTAS

Convocatória - jogo vs S.C. Salgueiros

3 Bolas paradas defensivas (15')



4



CONTEÚDOS TREINO

O. Ofensiva - 1ª/2ª submomentos;

- Campo grande;
- Penetração;
- Bolas paradas defensivas.

CONTEÚDOS TREINO SEGUINTE

O. Defensiva - 1ª/2ª submomentos;

- Pressão e fecho dos espaços interiores;
- Colocação/orientação dos apoios.

DFF.016.03

3.2. Contextualização Funcional

3.2.1. Conhecimentos e Competências

Tendo por base aquela que é a Normativa Operacional da Dragon Force (2019-2020) e o Manual Operacional da Dragon Force (2019-2020), entende-se que para uma intervenção de superior qualidade e mais capaz, o treinador deve ter conhecimentos teóricos e práticos relacionados com:

- Conhecimento sobre o jogo:
 - Entendimento do jogo na sua globalidade e complexidade, de modo a poder ser um bom observador e analista do jogo e dos jogadores, valorizando e selecionando as informações mais relevantes, isto é, identificando aqueles que são os fatores “oxigenantes” e “poluentes” do jogo. Como afirma Garganta (2019), é preciso de conhecer o jogo para saber “o quê?” e “como?” procurar, pois o jogo responde a tudo aquilo que soubermos perguntar;
 - Capacidade de ler e entender os contextos, nomeadamente ao nível dos aspetos culturais não só do envolvimento, como também dos jogadores, construindo um processo de treino Específico para cada equipa.
- Conhecimentos didático-metodológicos:
 - Capacidade de ler e tratar conteúdos e conhecimento, selecionando-os em função da sua necessidade e pertinência, concretizando uma planeamento e operacionalização coerentes;
 - Ser capaz de ajustar e adaptar ao longo do todo o processo;
 - Ser dotado de uma intervenção eficaz no processo de treino.
- Conhecimentos sobre as faixas etárias dos alunos:

- Adaptação dos conteúdos futebolísticos à faixa etária, ajustando a sua complexidade, mas procurando sempre como diz Esteves (2017) *reduzir sem empobrecer*;
- Adaptação do processo de comunicação, quer seja verbal ou não verbal, por exemplo com o utilizar de expressões como “guarda-costas” para designar a Cobertura Defensiva ou “Ferrari” como designação para a necessidade ou importância de pressionar num dado momento.

Reforçando estas ideias existentes na Dragon Force Ermesinde, Garganta (2019) afirma o conhecimento é fundamental para uma prática de qualidade, tendo por base uma prática refletida, reforçando *“Conhecer para intervir. Intervir para conhecer.”* Posteriormente, através da experimentação e do acumular de vivências, do sentir, poderão se ir desenvolvendo e aprimorando competências.

3.2.2. Funções e Tarefas

Uma vez mais tendo em conta a Normativa Operacional da Dragon Force (2019-2020) e o Manual Operacional da Dragon Force (2019-2020), de uma forma geral, ao treinador são delegadas as seguintes funções e tarefas:

- Planeamento e Operacionalização de todo o processo de Treino e Competição:
 - Construção e Desenvolvimento de um Modelo de Jogo. Este deverá estar enquadrado e ter por base os grandes Princípios de Jogo que estão preconizados pelo Projeto Dragon Force e, mais especificamente, no contexto da Escola Dragon Force Ermesinde. Contudo, o referido Modelo de Jogo deverá ter sempre em conta as características e especificidades dos jogadores e da equipa. Ideia reforçada por Garganta (2019) quando afirma que o treinador manipula os constrangimentos, tendo de perceber como os manipular para ter o “prato” que quer.

- Planeamento e Operacionalização da totalidade do processo de treino, tanto semanalmente, com a definição dos conteúdos a abordar, como diariamente, leia-se treino a treino, com a construção dos *contextos de exercitação* mais adequados aos jogadores no sentido da evolução e resolução de problemas. Este processo é desenvolvido de acordo com os Princípios e Filosofia assumidos pelo Projeto Dragon Force, ao mesmo tempo que segue as normas orientadoras do Coordenador Técnico da Escola Dragon Force, neste caso de Ermesinde, para melhor enquadrar os conteúdos dentro daquilo que é a faixa etária.
- Acompanhar e auxiliar o desenvolvimento do percurso académico dos alunos através da verificação semanal das Cadernetas do Aluno Dragon Force dos mesmos.
- Avaliação, Análise e Reflexão dos jogos e do processo de treino:
 - Avaliar periodicamente tanto a equipa do ponto de vista individual, como coletivo, no que diz respeito às várias escolas e momentos do jogo. Avaliação de aspetos técnico-táticos e tático-técnicos, e de perfil comportamental;
 - Análise e reflexão de performance em contexto competitivo, com a elaboração de relatórios escritos, onde se procura avaliar, analisar e refletir sobre o desempenho coletivo e individual da equipa com análises dotadas de informação real e consistente. Adicionalmente, nos referidos relatórios, é incluído uma análise do adversário baseada no seu padrão de jogo.
- Cumprimento das Normas de Funcionamento da Dragon Force Ermesinde:
 - Organização – proceder ao registo de todo o planeamento de forma atempada e devida organização no Dossier do Treinador, de forma a que este se mantenha atualizado diariamente;
 - Registo de presenças dos alunos em todas as unidades de treinos na base de dados correspondente;

- Realização do Registo de Ocorrências e de Tempo de Jogo a cada jogo, registando toda a informação relativa à competição, onde se insere a o tempo de jogo, golo marcados e sofridos, assistências, lesões, convocatória, comparecimento a jogo, entre outros;
- Cuidado a ter com a imagem, nomeadamente com a atenção a ter com o visual e equipamentos, tanto de jogo como de treino;
- Rigor em toda a atividade, respeitando e cumprindo os horários estabelecidos, relacionamento correto e adequado com todos os funcionários, alunos/jogadores, encarregados de educação, adversários, árbitros e demais agentes desportivos;
- Ter uma utilização sustentável e racional dos recursos materiais existentes, quer seja nos períodos de treino, assim como em jogos.

4. Desenvolvimento Profissional

“No ensinar tem competências importantes como o saber-estar com a equipa, perante a equipa, saber ensinar. Os maiores erros que observamos nos treinadores são erros de base ao nível pedagógico. Não saber comunicar com os atletas, ouvir, olhar, não saber situar-se perante os atletas. A comunicação posicional com os atletas, gestual, verbal é muito importante, são muito atletas tem de ser dominada como um todo de uma forma muito natural, com fluidez.” (Tomaz Morais, citado por Lança, 2013, p.103)

Ser treinador é também aceitar que não se pode controlar tudo... nem tudo é controlável... há que aceitar essa ambiguidade dando tudo de nós, se concentrando e direcionando energias para o que é realmente importante, controlando tudo o que se pode controlar, não esquecendo que as melhores decisões são as informadas (Mesquita, 2019). Tendo isto em mente, cada vez mais tem feito sentido uma constante procura de se focar no processo, não valorando alguns ruídos de fundo que apenas estão presentes para dificultar o nosso caminho sem uma perspetiva construtiva. Atenção que isto não se refere à crítica construtiva e que visa ajudar, mas sim à crítica gratuita e sem fundamentos.

“Nos dias que correm, a complexidade do jogo de Futebol é cada vez maior. O jogo tornou-se mais rápido, as equipas são cada vez mais organizadas e os treinadores estão mais evoluídos na forma de preparar estrategicamente um jogo. Sabemos que não conseguimos controlar todos os aspetos de um jogo, mas temos que acreditar que podemos reduzir a imprevisibilidade de alguns acontecimentos e, dessa forma, ficar mais próximos do sucesso.” (Moita, 2017)

Enquanto treinador em formação, da formação e em permanente formação, cada vez mais tem lógica o *caos determinístico* que é o jogo de Futebol (Frade, 2012), sendo ele, de facto uma boa analogia para aquilo que é todo um percurso de vida. Nem tudo podemos controlar, mas muito depende de nós e da nossa vontade de sermos melhores em todas as dimensões humanas.

Todo este percurso tem sido uma nova prova que a sorte dá muito trabalho, nada acontece por *“geração espontânea”* como diz Queiroz (2019). A mesma referência afirma que *“Não há futuro sem memória”* e que é importante saber *“qual foi o antes, o*

que é que se passa hoje e qual será o amanhã, porque o futuro contrai-se pela memória de facto e por pessoas que constroem o presente para que o futuro seja mais risonho.”

Fazendo um paralelo destas afirmações, e relacionando-as com o processo de treino, tudo está relacionado, o que é operacionalizado no *morfociclo* anterior, o passado da equipa e dos jogadores e suas características, os jogos realizados, o exercício que realizamos antes de realizar o próximo, tudo são fatores importantes e que não devem ser descurados a bem do processo.

Importante para todo este processo de estágio profissionalizante, que tem sido muito formativo e proveitoso, tem sido a relação muito positiva e de partilha com toda a equipa técnica, com o coordenador da escola e colegas de outras equipas da Dragon Force, em especial da escola de Ermesinde. Muito relevante e construtivo é a relação de abertura, para debate de ideias, e de partilha especialmente entre equipa técnica, visto ser nesse contexto que mais tempo, permitindo e promovendo um crescimento de uma forma holística, ou seja, a todas as dimensões enquanto ser humano e treinador em formação. Existindo um clima aberto e de confiança tudo se torna mais fácil e possível, sendo a confiança algo mesmo muito importante para que todos os elementos da equipa técnica tenham oportunidade de fazer parte do debate. Como diz Ferguson, citado por Lança (2016, p. 122), *“Tens de ter como teu adjunto alguém em quem confiaste... sempre foi fiel ao seu homem.”*

Ao chegar a esta instituição foi de facto muito importante ler a paisagem social e perceber como funcionava toda a micropolítica, não só da escola, mas também da equipa, até porque não conhecendo o grupo de jogares e sabendo que tinham entrado elementos novos este ano na equipa, provavelmente, poderia haver uma nova reorganização das lideranças. Isto foi considerado por todos como algo muito importante, na medida que conhecendo e percebendo quais são e como funcionam as lideranças do grupo, principalmente as “lideranças mais obscuras”, isto é, as que funcionam mais num registo “underground” e que embora podendo não ser tão visíveis, podem influenciar e condicionar a evolução e desenvolvimento do grupo tanto positivamente como negativamente.

No seguimento, durante algum tempo isto foi um problema, porque denotou-se uma “liderança underground” que influenciava um pequeno grupo negativamente, condicionando não só a sua opinião, como também a sua postura em treino. Tendo isto sido identificado, em parceria com o psicólogo que acompanha a equipa tentou-se fazer

diversas atividades que propiciem um maior espírito de união no grupo, de modo a que este funcione com uma família que não se desgregara que todos lutam por todos. Com este estímulo temos evoluído nesse sentido, conseguindo que por vezes sejam eles próprios, jogadores, a não deixar que os colegas se desencaminhem e não sigam o caminho certo, com valores importantíssimos para instituição como são a ambição, a paixão, o rigor e a competência. Algumas das atividades adotadas, foram, por exemplo, *meinhos* com mão dada de forma a que percebessem que era importante trabalhar em equipa, escrever num papel anónimo uma crítica construtiva para outro colega, ou dizer escrever também num papel 2 coisas que já estavam a funcionar bem no grupo e 2 que ainda fossem preciso melhorar. Ainda no mesmo sentido, promoveram-se reuniões em que se debateu com os jogadores temas como a importância da coesão e solidariedade dentro de um grupo e sobre a necessidade de nos sabermos colocar no lugar dos outros, a importância da empatia.

Neste contexto, em virtude de alguns bons resultados da pré-temporada, alguns jogadores poderão ter ficado algo deslumbrados e achado que o caminho seria sempre fácil, e daí poderá ter surgido alguma postura que nem sempre ter sido a melhor. Daí também poderão ter surgido os problemas referidos. O campeonato iniciou com uma derrota pesada de 4-0, posteriormente, na 2ª jornada, em jogar em casa, estando a ganhar 3-1 deixamo-nos empatar perto do final e eis que é “lançada uma nova acha para a fogueira”. Todavia, a atitude não melhorou, nova derrota, desta feita por 6-1, à qual se somaram mais 2 por margem mínima de 3-2. Portanto, à entrada da 6ª jornada havia falta de confiança, alguns comportamentos fundamentais idealizados no modelo de jogo persistiam em não aparecer e a já referida atitude de alguns continuava sem ser a mais positiva.

Algun excesso de tensão entre a equipa deverá ser ter devido, não só, mas também muito à dificuldade que alguns elementos têm em lidar com o insucesso, isto é, torna-se uma barreira e dali não conseguem sair, sendo, portanto, promotor de conflito. Somando isto ao facto de os resultados não estarem a ser positivos, leva a um escalar da situação, visto ninguém gostar de perder e por vezes tornando-se numa incompatibilidade pela frustração. Algo que pode ser substanciado com a afirmação de Mourinho (2019) ao dizer que tem de “*treinar ao mais alto nível e treinar para ganhar*”, completando, dizendo que provavelmente preferia treinar uma equipa do Campeonato de Portugal, tendo como objetivo ser campeão e subir de divisão, do que estar numa equipa de 1ª Liga Portuguesa

que lutasse para não descer de divisão. Portanto, enquanto que se sentisse que todos não estavam embutidos no processo de uma forma conjunta, dificilmente teríamos sucesso, porque isto quebra o equilíbrio que deve existir no ecossistema que é a equipa. Tal como diz Frade (1985), citado por Tobar (2018, p.27), *“Todas as partes têm um papel a desempenhar. Mesmo alterar apenas um dos elementos pode, às vezes, ter consequência completamente inesperadas”, então se a postura não fosse a adequada e houvesse quem estivesse a remar para trás, o processo poderia ficar comprometido.”*

Ao nível do que foi mencionado nestes últimos parágrafos, a intervenção dos treinadores foi sempre em conjunto com a intervenção do psicólogo que nos acompanhava, sendo ele uma parte importante das soluções que se forma encontrando. Fazendo um balanço daquilo que foi a transformação da equipa, o saldo é positivo, embora se sinta que o caminho ficou curto pela paragem abrupta do campeonato. Verificou-se evolução na equipa de uma forma geral em diversos aspetos, e aos poucos ia-se notando mais essa evolução, principalmente no que diz respeito aqueles que foram os objetivos de formação propostos. De uma forma paulatina começou-se a perceber que os jovens estavam a perceber a importância do “nós no eu”, a união e entreajuda já era muito maior, sendo também evidente uma maior compreensão dos valores e princípios a que nos propusemos no início da época.

Como diz Sousa (2018), a homeostasia, o equilíbrio, da equipa depende da intervenção do treinador. Posto isto, estando conscientes que, enquanto equipa técnica tínhamos de construir um caminho que pudesse solucionar estas questões, e não o estávamos a conseguir, isto é, apesar de seguros do nosso trabalho e convicções, o processo não estava a evoluir da forma pretendida. E eis que aparece uma mudança. Mudança da estrutura de jogo da equipa e, consequentemente, uma adaptação daquele que era o Modelo de Jogo preconizado, tentando ir de encontro aquelas que eram as necessidades da equipa, embora se considerasse que este grupo era capaz de personificar as ideias anteriores. Então, deixou-se de o 4:4:2 adotado até então, optando por uma estrutura em 4:3:3, adaptando também as dinâmicas de jogo pretendidas em função desta estrutura. O 4:3:3 foi escolhido, pois, estando já o “barco a andar” e em “mares muito desafiantes”, era sabido que era uma estrutura com a qual a maioria do grupo já estava familiarizada. Adicionalmente, e fundamental para a tomada de decisão, para além do mencionado, é uma estrutura que à partida permite uma maior e mais racional ocupação dos espaços, com a formação de muitas linhas verticais e horizontais (Oliveira J. G.,

2019). Reforçando que, de facto, as melhores decisões são as informadas, porque só estando com informação adequada em posse podemos de uma forma eficaz atuar sobre o problema (Mesquita, 2019), não esquecendo que, tal como afirmam Saury & Durand (1998) citados por Mesquita (2019), *“As ações dos treinadores estão muito dependentes dos eventos circunstanciais de diferente índole”*.

Após esta alteração a equipa somou a 1ª vitória do campeonato e um empate contra uma equipa do Futebol Clube do Porto, empate esse que foi conseguido já no final do jogo após estar a perder por 3-1. Mais importante, que o resultado em si, foi a mudança de atitude e confiança que a 1ª vitória trouxe à equipa, para além de os comportamentos padrão pretendidos estarem a começar a surgir e de uma forma livre, isto é, sem procurar castrar, mas sim “apenas” influenciando. Marcante foi também o 1º fim-de-semana de 2020 com a equipa a somar pela 1ª vez 2 vitórias consecutivas, nas quais acumulou um somatório de 8 golos marcados. Com estes resultados foi possível ganhar outra confiança, com a saída dos lugares de despromoção emergiu outra atitude nos treinos por parte de alguns jogadores, embora ainda aparecessem algumas condutas não tão interessantes. Contudo, como referido, a união e o crescimento da equipa, enquanto um coletivo, desde o início da época já eram assinaláveis, mesmo ainda não estando perfeito já se nota evolução a este respeito. O mesmo efeito já enunciado surgiu com melhor série de resultados quando, em 5 jogos, só perdemos um e por diferença de um golo. Neste período conseguimos vencer 3 jogos e sentiu-se que os jogadores começaram novamente a acreditar mais no processo, estavam mais motivados. O que acaba por ir de encontro ao referido acerca da Teoria da Autodeterminação e das necessidades básicas do indivíduo acerca da motivação.

Por consequência, estes períodos foram também positivos devido à consecução dos objetivos de preparação preconizados. Dentro da complexidade inerente ao jogo e à aprendizagem, as tomadas de decisão e a capacidade de decifrar o jogo melhoraram de uma forma geral em relação ao início da época. Contudo, esta poderia ter sido ainda mais exponenciada. Em relação aos objetivos de performance, o balanço é também ele positivo, visto que o principal objetivo estava em vias de ser alcançado, tendo sido materializado pela paragem do campeonato.

Fala-se em influenciar, porque o treinador, mas do que um treinador deverá ser um professor que não impinge, mas influencia num sentido. Contudo, cada um toma as suas decisões, e o jogador não é diferente, pois independentemente da idade, lá dentro, no jogo,

quem decide é quem joga. Aqui, uma vez mais aparece a ambiguidade presente na vida do treinador, pois o treinador não controla ninguém, os jogadores não são bonecos de um jogo de *playstation* que são controlados por um comando. Portanto, o trabalho do treinador passa muito também pela capacidade de “vender” a sua ideia e influenciar com a sua ideia a forma de pensar e tomada de decisão de um jogador, sabendo que quem a toma é sempre o jogador e não o treinador (Carvalho, 2014; Esteves, 2017; Garganta, 2019; Lança, 2013), daí também que “*Qualquer treinador depende dos seus jogadores e como eles jogam.*” (José Mourinho citado por Lança, 2016)

Para tudo isto resultar, é também importante incluir os jogadores no processo de decisão, mesmo que apenas de forma aparente, isto é, fazê-los acreditar, porque o são, importantes e que também têm voz, e que o treinador está pronto para falar com eles e quer os ouvir, isto é, empoderá-los no processo e potenciar o engajamento (Mesquita, 2019; Soares, 2016). É então fundamental, saber valorizar a pessoa que mora no jogador, sim porque, o jogador não deixa de ser uma pessoa, um ser humano de sentimentos e afetos. Esta relação estreita, mas que deixa clara que o treinador é o treinador, e o jogador é o jogador, torna-se importante na medida que o treinador conseguir “tirar” tudo o que quiser dos jogadores, porque eles dão, e dão com muita vontade, ou seja, estão prontos a dar tudo pelo treinador, porque sabem que o treinador também dá tudo por eles (Mourinho, 2019; Jones, Armour & Potrac, 2004).

Na sequência, fica então, ainda mais, claro para mim que o treinador, deve ser um capacitador e não um simples instrutor, na medida que deve ser capaz de ser um emancipador e engajador do processo. Deve ter uma atuação holística e o mais individualizada possível, valorizando a pessoa que mora que cada um, sempre na procura incessante de gerar e potenciar aprendizagem, pois, treinar é mais do que simplesmente isso. Treinar é uma atividade humana, que tal como o Jogo de Futebol, não tem uma Natureza sequencial ou linear, é dotada de volatilidade e ambiguidade, sendo fundamental o treinador estar bem informado de forma a poder tomar as melhores decisões ao mesmo tempo que sabe viver com essa incerteza associada à função, por fatores vários, ao ponto de ser capaz de a “desfrutar” (Mesquita, 2019).

Hoje, embora mais preparado do que ontem, há ainda um futuro para continuar a construir, porque o futuro é já, e quem não estiver preparado, quem não se procurar cultivar arrisca-se seriamente a ficar para trás (Garganta, 2019; Mesquita, 2019). Como tal, o processo foi até ao momento muito enriquecedor e também ele capacitador, no

sentido que hoje consigo ser mais capaz de perceber os *pormenores* que na verdade são *pormenores*, identificando melhor as variáveis que influenciam o treino e o jogo, relativizando o que não interessa ou não consigo controlar, sendo capaz de uma forma mais estruturada refletir sobre todo o processo e possíveis implicações consequentes à tomada de decisão. Positivo, tem sido também uma maior capacidade de montar o treino e realizar as transições de uma forma mais célere e eficiente, diminuindo o efeito de redução do tempo. Ao nível do *feedback* em treino e análise do processo tem havido melhorias com uma maior capacidade de intervenção mais direta, sustentada e direcionada, conseguindo adaptar melhor às necessidades de cada jogador e individualizar o mais possível o *Scaffolding*, ou seja, dar o suporte necessário que cada um precisa em cada momento, para que, depois de uma forma natural este se possam emancipar e surgir mais capazes.

Contudo, nem tudo é perfeito, e acredito que poderia ter sido um pouco mais pró-ativo em alguns momentos do treino e no próprio processo de decisão, não tendo receio de me “chegar mais à frente”. Um exemplo disso pode ser o facto de ter pensado numa solução para adaptar o nosso Modelo de Jogo, começando na estrutura a adotar, mas apenas falei nisso quando o treinador principal da tocou nesse assunto, e como diz Edward Estlin Cummings (s.d.) “É preciso coragem para crescer e torna-se o que você realmente é.” Do ponto de vista da liderança, e gestão dos egos, nem sempre foi fácil, principalmente quando os resultados não iam de encontro ao que os jogadores, e toda gente, queria. Complementarmente, gerir o insucesso mesmo no processo de treino, e assumir uma liderança sempre forte nem sempre é fácil, o que era fundamental, pois tal como afirma Mourinho (2019), “os jogadores precisam de líderes, os líderes são carismáticos”. Para além disso o treinador deverá ser capaz de fazer a adaptação dos contextos através do *Scaffolding* à medida que se vai orientado e dando mais ou menos suporte durante o desenvolvimento, conforme seja mais ou menos necessário a cada jogador e à própria equipa.

De forma a potenciar ainda mais o processo, teria sido muito positivo conseguir filmar com maior frequência os treinos, e nos jogos ter uma câmara suplementar de forma a filmar mais consistentemente a minha atuação para que a autoavaliação da mesma fosse mais fidedigna, a partir de uma visão exterior. De forma a tentar colmatar estas limitações procurei debater com outros colegas, não só os da equipa técnica, e perceber como é que eles analisavam e avaliavam a minha atuação ao longo do processo. Estes momentos de

partilha foram de grande crescimento pessoal e profissional, pois ao trabalharmos em conjunto e debatermos ideias de uma forma construtiva podemos aprender muito (Mesquita, Isidro & Rosado, 2010).

Do ponto de vista da formação ou construção daquela que é a Identidade Profissional, foi muito profícuo, não sucumbindo *“perante o desafio da complexidade”* (Maciel, 2018), e moldando, e de uma forma sustentada, a minha forma de agir e pensar todo o processo de uma forma mais global e holística, mas sem tirar o foco e a atenção do importante. Tentado encarar tudo de uma forma positiva, pois o problema não é o problema em si, mas sim a forma como o encaramos, sendo então primordial que consigamos olhar para o erro/dificuldades como oportunidades de aprendizagem (Dover, 2017). *“Por isso, tudo o que nos acontece, para mim não é um problema. Quer eu magoe o joelho, quer eu falhe um lançamento... Tudo o que me acontece na vida, é algo em que existe um risco e uma oportunidade. E para eu chegar onde quero nos próximos anos, tenho de ter em atenção o risco e a oportunidade, e não ter tanto medo do perigo e do risco ao ponto de não aproveitar a oportunidade”* (Dover, 2017).

Paralelamente, o saber controlar das emoções e aprender a mostrar as emoções e sentimentos que queremos transparecer é basilar, visto que é nisso que as nossas decisões se muito baseiam, na medida que o sentimento é tão importante como o pensamento (Sousa, 2018). Tendo sido então fundamental entende que o corpo funciona com um todo inquebrável, tal como o jogo de Futebol, e que não se pode separar o cérebro daquilo que é o músculo, da mesma forma que não se separa a memória do futuro. Portanto, não se separar o pensamento que é influenciado pelo sentimento, da ação motora gerada ou que se quer gerar, criando situações e *contextos de exercitação* que propiciem a sua aparição e ocorrência em jogo (Esteves, 2018; Queiroz, 2019; Sousa, 2018), *“Os cérebros e os corpos são ingredientes da mesma sopa.”* (António Damásio citado por Sousa, 2018)

No entanto, não esquecer que as emoções e sentimentos dos jogadores são também importantes, são muito relevantes, até porque só há vitórias se houver jogadores, sem eles nem sequer se joga. Ficou bem claro também que enquanto treinador devo ser capaz de entender a importância das emoções dos jogadores nos resultados e de que forma influenciam, tendo também em conta a noção de *marcador somático* (Lança, 2013). Do mesmo modo que Joyce Maynard se referindo ao lar diz que *“Um bom lar precisa ser feito, não comprado”*, o treinador, a sua postura e identidade, não poderão ser compradas, têm de ser construídas, mais vale um mau original, que uma cópia perfeita. O mesmo se

poderá aplicar a todo o processo de treino que se deve reger por um combate “à preguiça mental” referida por Mourinho (2015). O treinador deve ter a sua ideia e princípios, a partir daí criar o seu próprio conhecimento, ou seja, operacionalizar as suas ideias, promovendo ferramentas adequadas aos contextos e momentos.

Do ponto de vista da minha formação, o grande crescimento que sinto que alcancei foi atingir um maior nível de sensibilidade em relação ao jogador. Percebi o quão importante é ouvi-lo e saber lhe transmitir confiança, sabendo da sua importância no processo. Outro ensinamento que daqui advém é que, o treinador constrói o treino para criar bases/ferramentas que quando descobertas pelo jogador, podem permitir que construir o jogo de uma melhor forma. Embora o resultado não seja certo, o treinador constrói segundo uma previsão sustentada, um modelo que vai sendo modelado. Como diz Mahatma Gandhi (s.d.) “*Você nunca sabe que resultados virão de sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados.*”. É a partir do modelo que se constrói que se poderá avançar com constante análise e reflexão. Sem esquecer que de facto, seja em que área for, temos de ser fiéis a nós próprios e saber construir e defender as nossas ideias, mas sem a assunção de que são as únicas boas ou que resultam. simplesmente serão diferentes e resultado.

No que diz respeito aos objetivos propostos, apesar da paragem abrupta da época em virtude da pandemia Covid-19, o balanço que se faz é muito positivo, porque foi possível olhar o jogo de uma outra forma e perceber melhor a sua natureza. No entanto, sinto ainda que me falta perceber um pouco melhor e aprofundar mais conhecimentos acerca da construção da minha ideia metodológica, nomeadamente no que se refere aquela que será a metodologia que melhor responderá às minhas dúvidas e questões. Não consigo no momento dizer que a linha metodológica mais indicada será a *Periodização Tática*, pois não a conheço ainda na sua máxima profundidade, apesar de eu considerar que dentro daquilo que conheço ser aquela que mais me ajuda a perceber a complexidade do jogo e do indivíduo, devido ao conjunto de conhecimentos de pressupõem a sua criação, é abrangente respeitando a *Especificidade* do Jogo. O que me é possível afirmar é que a natureza do jogo não permite certezas, mas modelos preditivos sustentados, sendo para isso fundamental a compreensão da abordagem ecológica e sistémica.

5. Considerações Finais

“O homem corajoso não é aquele que não tem medo, mas aquele que vence o medo.”

Nelson Mandela (s.d.)

Com este estágio profissionalizante, fica patente que de facto o treinar é um processo multifatorial, de Natureza pedagógica e social, e como atividade humana, é fundamental perceber o Homem na sua globalidade. Há que cultivar o corpo para poder melhor cultivar a mente, e cultivar a mente para melhor poder cultivar o corpo, indo ao encontro de uma teoria de prática em uníssono. Isto está claramente relacionado com o treino, visto o treino deve ser a operacionalização de uma ideia onde o corpo e a mente são cultivados como dimensões do Homem com vista a uma melhor preparação holística e consecução dos objetivos (Garganta, 2019). Completando, John McCrone citado por Sousa (2018) afirma que *“O cérebro existe para transformar os dados em reações tão rápidas e eficazes quanto possível.”*

Nesta mesma linha, estando o Ser Humano sujeito ao erro, há que encará-lo como algo integrante do processo, sendo uma oportunidade de aprendizagem e não uma barreira que trava a evolução. Para isso é muito importante que se seja capaz de consciencializar a ação, ligação corpo-mente. Um bom treinador terá de ser capaz de criar contextos onde isto seja propenso, fazendo também com que os jogadores acreditem em si e nas suas capacidades (Dover, 2017). A referência mencionada, ao mesmo tempo, tendo por base Moncho López, diz que o treinador deverá ser capaz de ver até onde o jogador pode ir, sendo depois fundamental, os jogadores acreditarem em si e confiarem no treinador para os guiar até ao nível seguinte. *“As tuas escolhas devem refletir as tuas esperanças, não os teus medos.”* (Nelson Mandela, s.d.)

Para o sucesso do processo, é fundamental ter a capacidade filtrar e priorizar mesmo ao nível do treino de forma a decidir o que é importante (Mourinho, 2015). Logo, há que saber dentro de um contexto repleto de ambiguidade e de excessos de informação focar atenção no que realmente é importante e se pode controlar (Mesquita, 2019), sendo a partir daí que poderá modelar um processo. No seguimento, Mourinho (2015) afirma que

“o conhecimento está ao alcance de todos”, acrescentando que, do ponto de vista estrutural, só não se organiza um bom treino se não se quiser, pois a informação hoje em dia é global, dizendo que “podes treinar mal, mas estruturares o teu treino, só não estruturas se não o quiseres”. Contudo, afirma que, para ele, isso é ser 0% treinador, na medida que “uma coisa é o conhecimento que está ao alcance de todos... e outra coisa é a capacidade de produzires o próprio conhecimento...”. Afirmando ainda que isto é um grande contributo para a preguiça mental, e que ninguém melhor que o treinador “deve ser capaz de ter uma determinada ideia para um período de tempo ou para treino em especificamente e ser capaz de a operacionalizar. A capacidade de operacionalização de uma ideia é aquilo que faz de facto o treino rico, que te faz escolher os exercícios adaptados às tuas ideias e aquilo que tu queres transmitir.”

“Se há algo que deveria ser eterno é a nossa procura pela excelência!” (Tarantini, s.d.)

Entendeu-se igualmente não se pode deixar andar à sorte, nem esperar pela sorte, há que organizar e sistematizar o processo, pois, o talento por si só não é garante de nada e exige trabalho (Ronaldo, 2019). O talento tem de ser trabalhado (Garganta, 2018), quase como se fosse um pedaço de pedra que é esculpida dando origem a uma estátua. Todavia, nunca se deve perder o respeito pela individualidade e essência de cada um, tentando acima tudo potenciar o bom de cada um (Garganta, 2018). Consequentemente, o desenvolvimento do jogar deverá seguir um conjunto de princípios metodológicos, devido a serem estes que nos permitem conhecer a “periodização” de uma ideia de jogo com uma priorização e modelação específicas constantes (Silva M.G., 2018). O mesmo autor refere que *“Os princípios não admitem piruetas”*, acabando por nos remeter para uma ideia clara de que é fundamental conhecermos e estarmos seguros dos princípios, pois sendo eles o início de tudo, se não houver segurança e conhecimento profundo dos mesmos o futuro poderá ficar comprometido, porque o antes é basilar para a fundação do presente onde se constrói o futuro, o futuro é já (Queiroz, 2019).

No que diz respeito ao exercício, fica evidente que este é de facto a ferramenta mais forte que o treinador tem para de uma forma silenciosa, mas muito forte, influenciar todo um grupo de jogadores num caminho, numa direção, sem os obrigar a tal (Barbosa, 2014; Chéu, 2018). Mesmo nem sempre sendo fácil de passar da teoria à prática, é importante mostrar aos jogadores que estamos no caminho certo, criando um conjunto de processos/dinâmicas que visam potenciar o melhor de cada um, em prol da criação de

uma *Inteligência Coletiva*, segundo um processo de descoberta guiada, onde se guia e orienta o percurso de cada um sem limitar a um caminho ou soluções fixas, promovendo constantemente a consciencialização e reflexão individual e coletiva (Lança, 2016). Fundamental é nunca esquecer a importância da Representatividade e especificidade dos exercícios. Não sendo uma mais importante que outra, poderá se dar um privilégio à Representatividade, por ser nela que mora a essência do jogo, ou seja, toda a Natureza do jogo. Contudo, não se pode descurar a especificidade, visto ser também nela, e de forma forte, que reside o objetivo e aquilo que se pretende de um exercício (Mourinho, 2015). Para tudo isto, importante não só é a estrutura do exercício, e a forma com está montado, como também é, e até mais, a capacidade de o treinador, através da sua atuação, *feedback* e operacionalização, enriquecer o exercício dotando-o de mais Representatividade e especificidade (Mourinho, 2015).

Neste sentido, há que entender o Modelo de Jogo como algo que é resultado do treino, sendo algo abstrato e não existe verdadeiramente de forma física, é aquilo que os jogadores expressão em campo. O seu ponto de partida é a Ideia de Jogo, sendo a Estrutura apenas uma parte disso, uma organização inicial num fenómeno complexo e sistémico que é o jogo de Futebol, onde a dinâmica está sempre presente. Perante isto, são criados constantes períodos de crise temporal onde os jogadores são permanentemente obrigados a perceberem de forma direta o jogo, criando novas soluções à medida que o problema se vai também modificando. Isto é a natureza do jogo, é aceitar a complexidade, imprevisibilidade e aleatoriedade, sabendo que dentro de um contexto caótico, há algo que o guia, que são ideias materializadas através de um modo de linguagem, que é o exercício, onde a intervenção do treinador é fundamental para criar uma matriz de pensamento coletiva que preconize a expressão individual de cada indivíduo, isto é, construção de uma cultura tática que permita a cada jogador interagir com o jogo e ser criativo dentro de uma linha de pensamento comum, ou seja, é capaz de decidir e criar atividade que vai gerar desordem no contexto envolvente para o seu sistema, de uma forma *homeodinâmica*, evoluir.

Ao longo deste processo ficou evidente que realmente a aprendizagem é complexo e individual, algo constatável pela avaliação presente na caracterização da equipa e no que é relatado nos Relatórios de Jogo. Por consequência, a observação e análise é fundamental para se conseguir aferir o ponto de situação, mesmo sabendo que a aprendizagem caracteriza-se por períodos latência. Neste contexto, quando se fala de escalões de

formação em idades mais jovens, a observação e análise deve ser de facto concentrada na equipa, pois só assim se poderá identificar as lacunas ainda presentes, principalmente ao nível dos Fundamentos e Princípios Táticos do jogo de Futebol. Se a análise for muito concentrada no adversário, o foco deixa de estar tanto na evolução da equipa, mas sim na parte estratégica do jogo, o que não é o primordial nestas idades, visto o importante ser o desenvolvimento individual de cada um. Na formação formam-se jogadores e não equipas.

Bem presente fica, igualmente, que de facto o Ser Humano é o seu Hábito, sendo aquilo que faz repetidamente e não pontualmente, é isso que o define. Aqui entra a prática deliberada e o princípio da Repetição Sistemática, defendendo uma prática estrutura de forma a evoluir e aperfeiçoar o desempenho, para ser é preciso fazer (Esteves, 2018; Lança, 2016). Reforçado por Marisa Gomes Silva (2018) ao afirmar que “*Somos o que pensamos e somos o que fazemos.*” Para não esquecer, tal como outras premissas já mencionadas, “*quem opta por um caminho assume conceitos, premissas e paradigmas*” (Silva M.G., 2018), então ao escolhermos um caminho deveremos escolhê-lo com as nossas ideias, com aquilo que acreditamos para que depois sejamos capazes de “*dar tudo de nós no pouco que fazemos*”. Sabendo que o treino é uma atividade humano construída por humanos e para o humanos, nem tudo o que é importante está “à mão de semear”, sendo que muitas vezes “*o essencial é invisível aos olhos...*” como diz (Maciel, 2018).

Por isso, os princípios e os valores que regem a atividade devem estar bem identificados desde início, pois são eles que vão reger a atividade dentro dos seus graus de liberdade. Isto verifica-se tanto do ponto de vista futebolístico como de outro qualquer, sendo imprescindível enquadrar e aculturar todos numa ideia coletiva onde os objetivos de formação são fundamentais para construir os objetivos de preparação e consequentemente os de performance. Portanto, para isto, mais do que perceber o indivíduo, há que perceber o indivíduo dentro de um coletivo, como são as suas interações e relações dando espaço e abertura para a sua expressão e aprendizagem individual. Para potenciar tudo isto, da mesma forma que não se pode desprover o jogo da sua *Especificidade*, não se pode descurar a *Especificidade* do Ser Humano e das suas necessidades básicas.

Sintetizando-se que “*A complexidade do fenómeno no seu jogo espaço-temporal de inédito, singular e repetição mata a noção tradicional de facto mostrando que quem se nega a ir mais além dos factos raramente chega até aos próprios factos.*” (Huxley citado

por Frade, 1985, p.3, em Tobar, 2018, p. 17). Mais importante que conhecer apenas os elementos constituintes, é basilar conhecer as suas relações, o modo como se relacionam e interagem (Tobar, 2018). Logo, o percurso deverá ser guiado por valores, causas e paixões que “através de uma “ressonância empática” vá ligando todos, mas de uma forma que não se consegue explicar de uma forma simples devido ao seu caráter complexo (Maciel, 2018). É imprescindível perceber que o jogo de futebol tal como um puzzle não faz sentido se for interpretado pela observação das suas peças de forma isolada. As peças não transportam consigo todo o significado da Especificidade do todo. *Há que reduzir sem empobrecer* o jogo e o jogador, respeitando a sua *Especificidade e Complexidade*, tendo em conta todas as dimensões, desde o teoricamente mais físico ao que é do palco do cognitivo e das emoções por onde passam o jogo, que é complexo, não fosse ele construído por seres complexos. O jogo não existe sem as pessoas.

Para tudo isto continua a ser primordial que o treinador domine uma metodologia de treino e que o estilo de jogo seja um constructo que se vai formando e alinhavando ao longo do processo e em conjunto com os jogadores, sendo treinado todos os dias da perfeição (Tobar, 2018). Mesmo que se possa encarar esta como utópica, esta busca é a “gasolina” necessária para sermos cada vez melhores, “*A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar*” (Eduardo Galeno citado por Cunha & Garcia, 2016).

6. Referências Bibliográficas

- Almeida, C. (2016). O Papel do Treinador no Futebol de Formação segundo a Abordagem Baseada nos Constrangimentos. *Portal FDF Futebol de Formação*. Obtido em 17 de abril de 2020, de <https://www.futeboldeformacao.pt/2016/03/16/o-papel-do-treinador-no-futebol-de-formacao-segundo-a-abordagem-baseada-nos-constrangimentos/>
- Almeida, R. d. (2014). *Da conceptualização dos métodos de treino à operacionalização prática no quadro do modelo de jogo adotado*. Lisboa: R. Almeida. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Amieiro, N. (2020). Periodização Tática com Jorge Marciel, Mara Vieira e Nuno Amieiro. *Quarentena da Bola - Por Rémulo Jónatas*. (R. Jónatas, Entrevistador) Obtido em 23 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=g17P4blfwA&t=746s>
- Antunes, H., & Soares, J. (2016). Apontamentos da unidade curricular de Gestão e Marketing do Desporto da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Araújo, D. (2003). A auto-organização da acção tática: Comentário a Costa, Garganta, Fonseca e Botelho (2002). *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3(3), 87-93.
- Assis, T., Miranda, J., Mota, F., Andrade, R., & Castilho, C. (2008). Geometria fractal: propriedades e características de fractais ideais. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 30(2), 2304-2314.
- Barbosa, A. (2014a). *Métodos de jogo ofensivo no futebol - Comparação dos padrões de jogo das equipas Internacional de Milão e Real Madrid (Tese de Doutoramento)*. Lleida: A. Barbosa. Tese de Doutoramento apresentada ao Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya da Universidad de Lleida.
- Barbosa, A. (2014b). *Os Jogos por Trás do Jogo* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Barreira, D. (2019). Apontamentos da Unidade Curricular de Metodologia do Desporto - Treino de Crianças e Jovens do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino

- de Crianças e Jovens. *Não Publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Bloom, R. (1975). Stating Educational Objectives in Behavioral Terms. *Wiley Online Library*. Obtido em 2 de julho de 2019, de <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1744-6198.1975.tb00084.x>
- Bompa, T., Blumenstein, Hoffman, J., Howell, S., & Orbach, I. (2019). *Integrated Periodization in Sports Training & Athletic Development - Combining Training Methodology, Sports Psychology, and Nutrition to Optimize Performance*. Reino Unido: Meyer & Meyer Sport.
- Brito, A. P. (2001). *Psicologia do Desporto*. Edições Omniserviços.
- Campos, C. (2008). *A justificação da Periodização Tática como uma fenomenotécnica. A singularidade da intervenção do treinador como a sua impressão digital* (1ª ed.). Vigo, Espanha: MCSports.
- Campos, C. (2019). Apontamentos de aula no âmbito da unidade da Unidade Curricular de Metodologia do Desporto - Treino de Crianças e Jovens do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Campos, N. (2020). Noite de Champions com Nuno Campos (AS Roma). *Quarentena da Bola - Por Rémulo Jónatas*. (R. Jónatas, Entrevistador) Obtido em 15 de abril de 2020, de https://www.youtube.com/watch?v=_XsCNgY5i1w
- Carneiro, R. (2018). *Futebol - Anatomia do Jogo* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Carvalhal, C. (2006). Periodização Tática. Do paradigma da simplicidade ao da complexidade... *Associação Nacional de Treinadores de Futebol*.
- Carvalhal, C. (2014). *Entre Linhas* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Carvalhal, C. (2020a). A Importância da Ligação entre a Equipa e a Comunidade. *A Bola*. Obtido em 16 de abril de 2020, de <https://www.abola.pt/nnh/2020-04-16/a-bola-e-minha-a-importancia-da-ligacao-entre-equipa-e-comunidade-artigo-de-carl/839887>

- Carvalho, C. (2020b). Por Favor Tragam os Adeptos de Volta aos Estádios. *A Bola*. Obtido em 17 de abril de 2020, de <https://www.abola.pt/nnh/2020-04-17/a-bola-e-minha-por-favor-tragam-os-adeptos-de-volta-aos-estadios-artigo-de-carlo/840110>
- Carvalho, C., Lage, B., & Oliveira, J. M. (2014). *Futebol – Um saber sobre o saber fazer* (2ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Casarin, R., Reverdito, R., Grebogg, D., Afonso, C., & Scaglia, A. (2011). Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. *Movimento - Revista de Educação Física da UFRGS*, 17, pp. 133-152.
- Castelo, J. (1994). *Futebol modelo técnico-tático do jogo: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Castelo, J. (2003). *Futebol - Actividades Físicas e Desportivas*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Castelo, J. (2009). *Futebol - Organização e Dinâmica do jogo* (3ª ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Chéu, R. (2018). Apontamentos de aula no âmbito da unidade curricular de Intervenção em Desporto II - Treino Desportivo: Futebol da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Conceito de. (2010). *Conceito de metodologia*. Obtido em 16 de maio de 2020, de <https://conceito.de/metodologia>
- Correia, A. (2017). Apontamentos da unidade curricular de Psicofisiologia da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Corte-Real, N. (2018). Apontamentos da Unidade Curricular de Psicologia do Desporto do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Faculdade do Porto.
- Costa, H. (2020). À Conversa com o Prof. Humberto Costa - Entender o Corpo para entender o Treino. Reflexões sobre o futebol de formação. *Descodificando O*

- Treino*. (Á. Alves, & F. Albuquerque, Entrevistadores) Obtido em 13 de maio de 2020, de https://www.facebook.com/watch/live/?v=341428070174054&ref=notif&notif_id=1589403706079433&notif_t=live_video_explicit
- Costa, I., Garganta, J., Greco, P., & Mesquita, I. (2009). Princípios Táticos do Jogo de Futebol: conceitos e aplicação. *Motriz*, 15, pp. 657-668.
- Costa, J., Garganta, J., Fonseca, A., & Botelho, M. (2002). Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(4), 7-20.
- Couceiro, M., Dias, G., Gama, J., & Vaz, V. (2017). *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: PrimeBooks.
- Cunha, A. C., & Garcia, R. P. (2016). *Jogos Olímpicos sob o signo da utopia*. Lisboa, Portugal: Visão & Contextos.
- Damásio, A. (1994). *O Erro de Descartes - Emoção, Razão e o Cérebro Humano*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020a). Feedback. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. Obtido em 10 de maio de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/feedback>
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020b). Fractal. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. Obtido em 25 de abril de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fractal>
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020c). Metodologia. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora. Obtido em 16 de maio de 2020, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/metodologia>
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (s.d.). Fractal. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Obtido em 25 de abril de 2020, de <https://dicionario.priberam.org/fractal>
- Dover, D. (2017). Universo Porto - Entrevista. (R. Cerqueira, Entrevistador) Porto Canal.
- Dragon Force. (2019-2020). Manual Operacional da Dragon Force. *Não Publicado*.

- Dragon Force. (2019-2020). Manual Técnico da Dragon Force. *Não Publicado*.
- Dragon Force. (2019-2020). Normativa Operacional da Dragon Force. *Não Publicado*.
- Eccles, D. W., & Tenenbaum, G. (2004). Why an Expert Team is More Than a Team of Experts: A Social-Cognitive Conceptualization of Team Coordination and Communication in Sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 26, 542-560.
- Esteves, L. (2011). *Situações de Bola Parada no Jogo de Futebol: As Sequências de Jogo a partir dos Livres no Meio Campo Ofensivo - Estudo no Campeonato Europeu 2008 de Seniores de Futebol com Recurso à Análise Sequencial*. Funchal: L. Esteves. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Esteves, L. (2017). Apontamentos da unidade curricular de Intervenção em Desporto I - Treino Desportivo: Futebol da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Esteves, L. (2018). Apontamentos da unidade curricular de Intervenção em Desporto II - Treino Desportivo: Futebol da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Fernandes, R. (2015). *O Treino de Jovens no Futebol. A integração dos fatores de treino ao longo de uma época desportiva*. Rio Maior: R. Fernandes. Trabalho de cariz profissional para obtenção do título de especialista na Área 813 apresentado à Escola Superior de Desporto de Rio Maior do Instituto Politécnico de Santarém.
- Fonseca, P. (2017). Capa. Em M. Couceiro, G. Dias, J. Gama, & V. Vaz, *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Frade, V. (2012). Periodização Tática - Entrevista a Vítor Frade. (J. Tobar, Entrevistador) Porto.
- Frade, V. (2015). Periodização Tática: Fundamentos e Perspectivas. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 180-204. (P. H. Borges, Entrevistador) Campinas.

- Gabriel, J. (2016). Apontamentos da unidade curricular de Metodologia do Treino Desportivo da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol - Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Porto: J. Garganta. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Garganta, J. (2001). Futebol e ciência. Ciência e Futebol. *Educación Física y Deportes. Revista Digital*, 7(40). Obtido em 12 de outubro de 2019, de <http://www.efdeportes.com/efd40/fcienc.htm>
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. Em D. Araújo (Ed.), *O Contexto da Decisão. A acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão & Contextos.
- Garganta, J. (2018). Entrevista a Júlio Garganta acerca do tema "Talento" a alunos da unidade curricular de Intervenção em Desporto II - Treino Desportivo: Futebol da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Garganta, J. (2019). Apontamentos da Unidade Curricular de Metodologia do Desporto - Treino de Crianças e Jovens do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não Publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Garganta, J., & Cunha e Silva, P. (2000). O jogo de futebol: entre o caos e a regra. *Horizonte*, 16(91), 5-8.
- Garganta, J., & Gréhaigne, J. F. (1999). Abordagem sistêmica do jogo de futebol: Moda ou necessidade? *Revista Movimento*, 5(10), 40-50.
- Garganta, J., Oliveira, J. G., Barreira, D., Brito, J., & Rebelo, A. (2013). Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. Em F. Tavares, *Jogos Desportivos Coletivos. Ensinar a jogar* (pp. 199-263). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Graça, A., & Oliveira, J. (1995). *O ensino dos jogos desportivos* (2ª ed.). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Grando, F., & Marcelino, P. (2014). A evolução das táticas no futebol. *EFDeportes.com, Revista Digital*(189). Obtido em 10 de março de 2020, de <https://www.efdeportes.com/efd189/a-evolucao-das-taticas-no-futebol.htm>
- Jesus, J. (2017). Eu “show” Jesus: os “atrasados mensais”, o quinto momento de jogo e o feeling diferente de Coentrão. *Observador*. (B. Roseiro, Entrevistador) Obtido de Observador: <https://observador.pt/2017/12/09/eu-show-jesus-os-atrasados-mensais-o-quinto-momento-de-jogo-e-o-feeling-diferente-de-coentrao/>
- Jones, R., Armour, K., & Potrac, P. (2004). *Sports Coaching Cultures: From Practice to Theory*. Albingdon, Oxon: Routledge.
- Koltko-Rivera, M. E. (2006). Rediscovering the later version of Maslow’s hierarchy of needs: Self-transcendence and opportunities for theory, research, and unification. *Review of General Psychology*, 10(4), 302-317.
- Lage, B. (2019). *Formação - Da Iniciação à Equipa B* (2ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Lança, R. (2013). *Coach to Coach* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Lança, R. (2016). *Guardiola vs Mourinho - Mais do Que Treinadores* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Leal, T. (2020). #2 ProScout Live - A importância da análise tática com Tiago Leal e Abel Pimenta. *ProScout*. (F. G. Silva, Entrevistador) Obtido em 17 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=opkHhuw0WCI>
- Lima, T. (2000). *Saber treinar, Aprende-se!* Instituto Nacional Formação e Estudos do Desporto.
- Lopes, H., Fernando, C., & Simões, J. (2016a). Apontamentos da unidade curricular de Pedagogia do Desporto da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Lopes, H., Fernando, C., & Simões, J. (2016b). Apontamentos da unidade curricular de Sistemática das Atividades Desportivas da Licenciatura em Educação Física e

- Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.
- Maciel, J. (2018). Com a palavra, Jorge Maciel - "Os princípios não admitem piruetas". Em J. Tobar, *Periodização Tática - Entender e Aprofundar a Metodologia que Revolucionou o Treino de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Maciel, J. (2020a). À conversa com Jorge Maciel: O Corpo de um jogador como fundamental no processo da construção de um jogar. *Descodificando O Treino*. (F. Albuquerque, & Á. Alves, Entrevistadores) Obtido em 26 de abril de 2020, de https://www.facebook.com/watch/live/?v=3398997453448272&ref=watch_permalink
- Maciel, J. (2020b). Periodização Tática com Jorge Maciel, Mara Vieira e Nuno Amieiro. *Quarentena da Bola - Por Rémulos Jónatas*. (R. Jónatas, Entrevistador) Obtido em 23 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=g17P4blfwA&t=746s>
- Mahlo, F. (1980). *O acto tático no jogo*. Lisboa: Compendium.
- Mallo, J. (2015). *Complex Football. From Seiru-lo's structured planning to Frade's tactical periodization*. Espanha: Topprosoccer S.L.
- Meinberg, E. (2002). Training: a special form of teaching. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2(42), 115-123.
- Mendonça, P. (s.d.). Entrevista a Pedro Mendonça. *Wi Coach - My place in football*. Obtido em 15 de janeiro de 2020, de <https://www.wicoach.net/?st=interviews&id=12>
- Mesquita, I. (2019). Apontamentos da Unidade Curricular de Pedagogia do Desporto do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não Publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I., Isidro, S., & Rosado, A. (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 480-489.
- Moita, M. (2008). *Um Percurso de Sucesso na Formação de Jogadores de Futebol. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal - Academia Sporting/Puma*.

- Porto: M. Moita. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Moita, M. (2017). Testemunhos. Em M. Couceiro, G. Dias, J. Gama, & V. Vaz, *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol*. Estoril, Portugal: Prime Books.
- Mourinho, J. (2015). Entrevista José Mourinho. FPF 360° TV.
- Mourinho, J. (2019). José Mourinho: O Chefe da Tribo. (N. Santos, Entrevistador) Canal 11.
- Neto, J. (2012). *Futebol de Corpo Inteiro* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Neto, J. (2014). *Preparar para Ganhar* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N., & Barreto, R. (2006). *Mourinho: ¿Por qué tantas Vitórias?*. Vigo, Espanha: MCSports.
- Oliveira, J. (2018). Apontamentos da Unidade Curricular de Teoria e Metodologia do Treino do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Oliveira, J. (2019). Apontamentos da Unidade Curricular de Teoria e Metodologia do Treino do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não Publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Oliveira, J. G. (2004). *Conhecimento específico em futebol: Contributos para a definição de uma matriz dinâmica ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Porto: J.G. Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Oliveira, J. G. (2019). Apontamentos da Unidade Curricular de Metodologia do Desporto (Futebol) - Treino de Crianças e Jovens do Mestrado em Treino Desportivo - Ramo: Treino de Crianças e Jovens. *Não Publicado*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Oliveira, R. (2005). A Planificação, Programação, e Periodização do Treino em Futebol - Um Olhar sobre a Especificidade do Jogo de Futebol. *EFDeportes.com, Revista*

Digital, 10(89). Obtido em 3 de março de 2020, de <https://www.efdeportes.com/efd89/futeb.htm>

Passos, P., Batalau, R., & Gonçalves, P. (2006). Comparação entre as abordagens ecológica e cognitivista para o treino da tomada de decisão no Ténis e no Rugby. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 6(3), 305-317.

Pereira, A. (2007). *A Competição no Processo de Formação dos Jovens Futebolistas em Portugal - Estudo Realizado em todas as Associações de Futebol do País*. Porto: A. Pereira. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Pimenta, A. (2020). #2 ProScout Live - A importância da análise táctica com Tiago Leal e Abel Pimenta. *ProScout*. (F. G. Silva, Entrevistador) Obtido em 17 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=opkHhuw0WCI>

Proença, J. (1986). Organização e Planeamento do Sistema de Treino Desportivo. *Revista Horizonte*, 2(12), I-XII.

Prudente, J. (2016). Apontamentos da unidade curricular de Metodologia do Treino Desportivo da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não publicado*. Funchal: Faculdade Ciências Sociais da Universidade da Madeira.

Queiroz, C. (2019). Futebol Total. (P. Sousa, Entrevistador) Canal 11.

Quina, J. (2001). *Futebol: Referências para a organização do jogo*. Bragança: Série Estudos. Edição do Instituto Politécnico de Bragança.

Quina, J., & Graça, A. (2011). O ensino do jogo de futebol: um modelo híbrido de desenvolvimento da competência táctica. *3º Congresso Internacional de Jogos Desportivos*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Reverter Masià, J., Jové Deltell, C., Fonseca, T., & Navarro Eroles, E. (2012). Análisis del la Planificación del Entrenamiento en los Deportes de Equipo. *Movimiento humano*(3), 79-98.

Rinaldi, W. (2000). Futebol: manifestação cultural e ideologização. *Journal of Physical Education*, pp. 167-172.

Ronaldo, C. (2019). Entrevista - Cristiano Ronaldo. (J. S. Martins, Entrevistador) TVI.

- Sampaio, M. (2017). Testemunhos. Em M. Couceiro, G. Dias, J. Gama, & V. Vaz, *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Santos, F. (2013). Prefácio. Em N. Ventura, *Observar Para Ganhar* (1ª ed.). Lisboa, Portugal: PrimeBooks.
- Silva, A. (2010). Da periodização tradicional à periodização tática: ‘Pontos comuns’ e diversos e um ‘olhar’ sobre as dimensões do morfociclo padrão. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 15(148). Obtido em 20 de janeiro de 2020, de <https://www.efdeportes.com/efd148/da-periodizacao-tradicional-a-periodizacao-tactica.htm>
- Silva, H. (2008). *A organização de jogo de uma equipa de futebol - Uma abordagem sistémica para a construção de uma forma de jogar*. Porto: H. Silva. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Silva, M. (2020). Mário Silva Treinador Vencedor da Youth League com o FC Porto na Quarentena da Bola. *Quarentena da Bola - Por Rémulo Jónatas*. (R. Jónatas, Entrevistador) Obtido em 28 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=kvdSrYnDT0o&t=21s>
- Silva, M. G. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*. Vigo, Espanha: MCSports.
- Silva, M. G. (2018). Com a palavra, Marisa Gomes da Silva - "Ter uma ideia é sempre melhor do que ideia nenhuma.". Em J. Tobar, *Periodização Tática - Entender e Aprofundar a Metodologia que Revolucionou o Treino de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Smoll, F., Smith, R., Curtis, B., & Hunt, E. (1978). Toward a Mediation Model of Coach-Player Relationships. *Taylor & Francis Online*. Obtido em 2 de julho de 2019, de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10671315.1978.10615567?journalCode=urqe18>
- Soares, J. (2016). Apontamentos da unidade curricular de Controlo e Aprendizagem Motora da Licenciatura em Educação Física e Desporto. *Não Publicado*. Funchal: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira.

- Sousa, G. (2018). *Decidir como Um Treinador - A Ciência e a Prática no Futebol e na Vida* (1ª ed.). Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- Tamarit, X. (2007). *Que es la "Periodización Táctica"? Vivenciar el "juego" para condicionar el Juego*. Vigo, Espanha: MCSports.
- Teodurescu, L. (2003). *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Tobar, J. (2018). *Periodização Tática - Entender e Aprofundar a Metodologia que Revolucionou o Treino do Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Travassos, B. (2017). Testemunhos. Em M. Couceiro, G. Dias, J. Gama, & V. Vaz, *Novos Métodos para Observar e Analisar o Jogo de Futebol* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Ueshiba, M. (2005). *The Art of Peace*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Urbano, V. (s.d.). Simplificação da Estrutura Complexa do Jogo - Fases do Jogo. *ANTF - Acção de Actualização para Treinadores de Futebol de Jovens*. Associação Nacional de Treinadores de Futebol de Jovens.
- Valente, F. (2020). Aula aberta com Fernando Valente. *Instituto Superior de Ciências Educativas*. (T. Rodrigues, & V. Pinheiro, Entrevistadores) Obtido em 24 de abril de 2020, de https://www.youtube.com/watch?v=dHGSS_9DNBQ&t=7610s
- Ventura, N. (2013). *Observar Para Ganhar* (1ª ed.). Estoril, Portugal: Prime Books.
- Vieira, M. (2006). «Comunicação Específica» no Futebol. Porto: M. Vieira. Monografia de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Web Site Futebol Clube do Porto. (2019). *Dragon Force - O Projeto*. Obtido em janeiro de 2019, de Web Site de Futebol Clube do Porto: www.fcporto.pt/pt/dragon-force/o-projeto

7. Anexos

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital de Juniores D – 1ª Divisão - Série 1			JORNADA:	1ª
JOGO	União Nogueirense FC	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	28 setembro 2019	HORA:	15H00	LOCAL:	Nogueira - Maia
CLIMA:	Céu Limpo	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE DE ERMESINDE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	30					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	50					
...	...	MD	60					
...	...	PV	60					
...	...	PV	30					
...	...	ME	39					
...	...	AV	60					
...	...	AV	50					
...	...	GR	30					
...	...	DC/DE	0					
...	...	DD	20					
...	...	AV	0					
...	...	MD	21					
...	...	AV	10					
...	...	AV	30					

RESULTADO			
1ª PARTE	3	x	0
2ª PARTE	1	x	0
FINAL	4	x	0

DRAGON FORCE DE ERMESINDE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

EQUIPA DE ARBITRAGEM	
ÁRBITRO	
ASSISTENTES	

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS

Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar

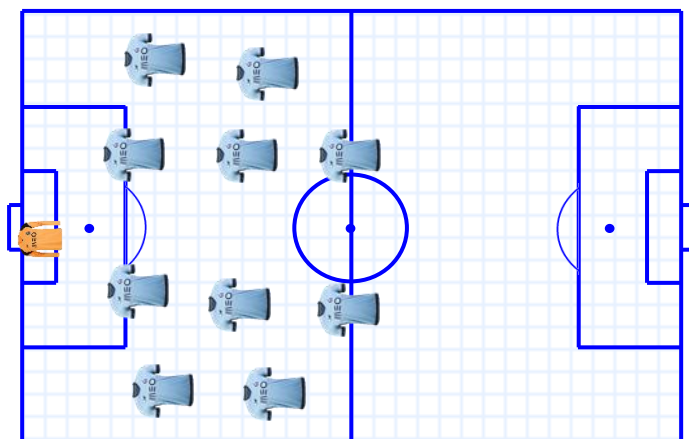
ADVERSÁRIO	
TREINADOR	
T. ADJUNTO	
DELEGADO	
D. MÉDICO	

CAPITÃO	
S. CAPITÃO	

RELATÓRIO DE JOGO

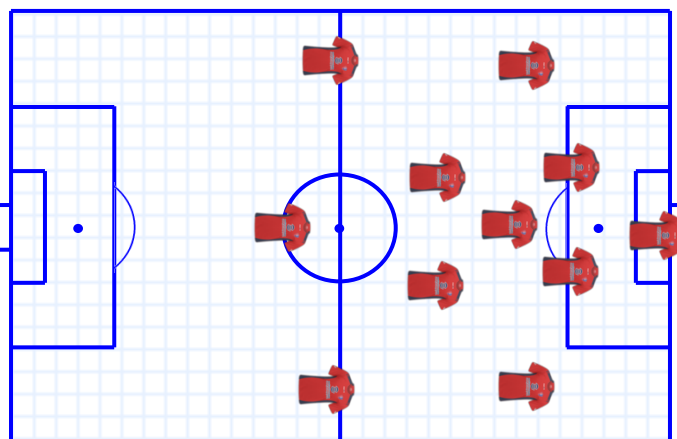
ESTRUTURA DFE

1:4:4:2



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DE JOGADORES REFERENCIADOS

Avançado muito forte no ataque à profundidade, conseguindo estar sempre com os apoios bem colocados para atacar o espaço.

Guarda redes gigante a nível de altura e com grande projeção da bola quando esta se encontra na mão.

Interior esquerdo muito forte no 1x1, criando sempre perigo quando tocava na bola. Facilidade em encontrar espaço nas costas do ADV com passes exímios.

Extremo esquerdo muito forte no 1x1, criando muitos desequilíbrios.

RELATÓRIO DE JOGO

1. Nota Inicial

Realizou-se no dia 28 de setembro de 2019 o jogo entre o União Nogueirense Futebol Clube e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde a contar para a 1ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

Durante este Morfociclo Padrão, foi dado maior enfoque aos Princípios e Sub-princípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, concretamente aos **2º/3º submomentos** seguindo as premissas de “Campo Grande”, “Procura do 3º Homem”, “Provocar com e sem bola”, “Passe e Penetração com Movimentos de Rutura” e “Equilíbrio”. Adicionalmente, também foram abordados alguns conteúdos relacionados com a **Transição Ataque-Defesa**, nomeadamente, “Fecho dos Espaços” e “Pressão Imediata ao Portador da Bola”.

Embora não tivéssemos ainda muita informação acerca do adversário, mas sabendo que era uma equipa fisicamente, de uma forma geral, forte e com jogadores de elevada estatura, e que jogavam em sua casa, antevia-se um jogo difícil a abrir o campeonato. Com a informação recolhida, ficou-se a saber que o adversário jogaria a partir de uma estrutura de 1:4:3:3, sendo o seu avançado e o guarda-redes dotados de uma estampa física assinalável. Aliado a isso “apontava-se” para que o avançado fosse pressionante nas nossas saídas desde trás.

RELATÓRIO DE JOGO

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário

Relativamente ao nosso adversário, a análise que fizemos é que, revelaram sempre muitas dificuldades em apresentar um jogo coerente e organizado. A equipa não parecia ligada a uma ideia de jogo parecendo algo *presa* posicionalmente devido às marcações individuais no momento de organização defensiva.

Ofensivamente, davam primazia como métodos de ataque ao ataque rápido e ao contra-ataque. Numa 1ª fase de **Construção**, a equipa procurava sair a jogar de forma curta quando era possível jogar nos Defesas Centrais, caso contrário ligavam mais longo nos corredores laterais com os Extremos da equipa. Contudo, mesmo esta saída curta, era uma falsa saída curta, visto que ao a bola chegar ao Defesa Central este tenta ligar longo também de forma lateralizada. Numa 2ª fase, sem grande construção, a partir de 2 ou 3 passes tentavam colocar bola na profundidade de forma a aproveitar as costas da nossa linha defensiva, onde nasce o 1º e 3º golo.

Defensivamente, adotavam sempre uma atitude muito pressionante, com o trio de jogadores do ataque a condicionar a nossa saída, acompanhados pelos 2 médios centro. Contudo, a equipa depois partir ficando um espaço muito grande entre a linha média e a linha defensiva. Faziam-no com o Avançado a sair do meio e a pressionar no lado da bola. Os Extremos começavam próximos dos nossos laterais para obrigar a jogar pelo Defesas Centrais. Numa 2ª fase, a equipa juntava perto da sua área sem dar muito espaço entrelinhas, apenas vasculando para o corredor da bola, ficando com uma estrutura de 1:4:1:4:1.

RELATÓRIO DE JOGO

3. Adaptabilidade ao Contexto – Análise e Reflexão

3.1 Organização Ofensiva

De uma forma geral, entendemos que é possível dividir o jogo em 3 períodos, sendo o 1º até sofrermos o 2º golo; o 2º período até aos 10 minutos finais da 1ª parte do jogo; e um 3º período até final do jogo. Em contraste ao 1º período e ao 3º, no 2º período, tivemos muita dificuldade em ligar jogo e mantê-la durante muito tempo. Havia poucas soluções e quando não perdíamos a bola mal a recuperávamos, perdíamos na tentativa de recurso a bola longas. Não esquecendo que houve pouca procura do lado vazio e que se liga o insucesso mais a questões posicionais.

Nos outros referidos períodos, já conseguimos manter a bola durante mais tempo, ainda que sem uma supremacia perante ao adversário. Continuamos a ver pouco o lado vazio e circular a bola com velocidade, estando aqui os erros mais ligados a aspetos da tomada de decisão ou falha técnica.

Resumindo-se que faltou mais dinâmica no nosso meio campo a dar soluções assim como faltou algum acerto a ligar com os Avançados. No seguimento, tivemos um jogo demasiado vertical com bola, variando pouco o corredor, mesmo nas vezes em que houve solução para jogar, e forçando em alguns momentos demasiado a jogada individual. Do ponto de vista individual, não fomos fortes nos duelos, sendo pouco contundentes nos mesmos. Fomos sempre uma equipa pouco agressiva quando tínhamos bola, sem grande intensidade e sem grande velocidade na bola, o que tornou o nosso jogo previsível para o adversário.

1º Sub-Momento – Saídas de Bola:

Foram escassas as ocasiões de saída de bola a partir do Guarda-Redes, e mesmo saídas a circular pelo mesmo. Conseguimos sair várias vezes pelos nosso Defesas Centrais, todavia, faltou-nos capacidade para ligar com qualidade para o 2º submomento, o mesmo aconteceu quando tentamos entrar logo nos espaços.

RELATÓRIO DE JOGO

Faltaram ajudas de qualidade a aparecer para sair curto de forma apoiada, pelo que se evidenciaram dificuldades em circular com segurança sob pressão no setor defensivo.

2º Sub-Momento – Criação de Espaços:

Num cômputo geral, uma vez mais faltou-nos muitas vezes qualidade aqui a ligar a equipa. Aproveitamos mal o espaço que era deixado entrelinhas pelo adversário quando este estava mais avançado. Por vezes, devido a faltar ajudas por dentro ou largura para procurar lado vazio.

Paralelamente, mesmo quando estávamos bem posicionados, evidenciamos alguma lentidão de processos dando tempo para o adversário vascular e/ou se reequilibrar. Como estrutura da equipa estivemos bem posicionalmente (ainda que tenha mostrado alguma lentidão em certos momentos nos movimentos para coberturas ofensivas ao portador da bola), tendo o portador da bola várias linhas de passe (perto e longe), jogando por diversas vezes com superioridade numérica na zona do meio campo.

Consequentemente, com frequência, fomos por caminhos vantajosos para o Nogueirense, onde este tinha superioridade numérica e forçando em demasia a jogada individual sem grande consequência, mesmo nas ocasiões em que conseguimos colocar bola nas costas da linha defensiva adversária.

3º Sub-Momento – Entrada nos Espaços:

Ao longo de quase todo o jogo forçamos em demasia a entrada no espaço, tentando entrar pelo mesmo corredor onde tínhamos a posse da bola (não procurando sair da zona de pressão), quer de forma curta, como longa. Procuramos por diversas ocasiões entrar com passe longo para as costas da linha defensiva adversária, mas sem grande sucesso, também devido ao central direito ter uma constituição física vantajosa em comparação aos nossos avançados

RELATÓRIO DE JOGO

Para ter mais sucesso neste submomento faltou-nos maior capacidade de acelerar com e sem bola, e executar variações de corredor com qualidade aproveitando a largura máxima.

4º Sub-Momento – Finalização:

Criamos poucas ocasiões flagrantes de golo, algo substanciado por um número muito reduzido de remates. Conseguimos chegar ainda num número considerável de vezes ao nosso setor ofensivo, no entanto, sempre com muita gente no mesmo espaço de finalização.

Continuamos a aproveitar mal a largura, circulando pouco a bola não variando muito o corredor, desenvolvendo quase toda a jogada pelo mesmo corredor. As nossas chegadas à frente deram-se muito com recuso a bolas longas aliadas a iniciativas individuais.

3.2 Transição Ataque-Defesa

Ao longo do jogo, tivemos algumas dificuldades, demorando a reagir de forma intensa e com qualidade, lembrando que nem sempre estivemos prontos e preparados para a perda, quer fosse a com a correta colocação dos apoios ou com deficientes posicionamentos a fechar a o corredor central.

Estas lacunas ao nível posicional fizeram-se nota mais ao nível da nossa linha defensiva com grandes distâncias entre os Defesas Centrais e entre Defesa Central e Defesa Lateral com frequência. Ao nível da colocação dos apoios nem sempre estivemos prontos a ir buscar uma bola nas costas o que resultou também em algumas más abordagens, como no 1º e 3º golo do ADV.

Quando era necessário baixar o bloco para organizar, tivemos dificuldade com a recuperação dos jogadores mais adiantados na jogada subsequente a demorar e com deficiente ocupação do espaço interior. Isto aplica-se ao nível dos Avançados e dos Pivôs, mas também em algumas ocasiões ao Médio-Ala

RELATÓRIO DE JOGO

do lado contrário que por vezes estava muito perto dos Avançados ou recuado em excesso em relação ao espaço que devia ocupar.

3.3 Organização Defensiva

Neste momento, demonstramos algumas lacunas ao nível dos equilíbrios e mesmo das coberturas. As abordagens 1x1 não foram as melhores saindo de 1ª e de forma arriscada em algumas ocasiões ou demorando a reagir quando o adversário conseguia sair desta situação. Contribuiu para isso um deficiente posicionamento e correta colocação/orientação dos apoios. Ao nível da disputa de bolas aéreas e 2ªs fomos pouco positivamente agressivos tendo então um nível de eficácia baixo.

1º Sub-Momento – Condicionar Construção:

Os nossos principais problemas foram ao nível do fechar os espaços interiores. Erramos por diversas ocasiões no posicionamento da cobertura, nomeadamente entre Avançados, com o Avançado do lado contrário a ficar muito adiantado não fechando o pivot adversário. A cortar ligação entre central e interior conseguimos com sucesso algumas vezes, criando a nossa zona de pressão no lateral adversário onde conseguimos roubar com sucesso em algumas ocasiões do jogo.

2º Sub-Momento – Impedir Criação e Entrada nos Espaços:

O momento mais débil na nossa equipa e onde o adversário nos criou mais dificuldades.

No setor intermédio continuamos a evidenciar algumas lacunas ao nível do ajuste e articulação entre Pivôs dando espaço ao Médio Interior adversário do lado da bola espaço para receber e jogar. Como consequência deixamos frequentemente o adversário colocar bola nas costas da nossa linha defensiva que não estava preparada para isso.

RELATÓRIO DE JOGO

Complementarmente muitas vezes eramos muito atraídos, ficando a equipa quase toda no corredor da bola ou até à fronteira entre o corredor da bola e o central, deixando muito espaço para ao adversário jogar.

3º Sub-Momento – Impedir Finalização:

Demonstramos muita dificuldade em gerir a bolas que entravam nas costas da nossa defesa, pois não estávamos preparados para tal, evidenciado alguma deficiente colocação dos apoios, mas principalmente um excessivo espaço entre os Defesas Centrais e entre Defesa Central e Defesa Lateral quando a bola estava no lado contrário ou no corredor central. Apresentamos igualmente uma deficiente abordagem a situações de 1x1, sendo facilmente ultrapassados e pouco contundentes nos duelos.

Ficou, por consequência, exponenciado os problemas de mau posicionamento das coberturas e equilíbrios. **Algo urgente a corrigir.**

3.4 Transição Defesa-Ataque

No seguimento daquilo que foi o momento de Organização Ofensiva, tivemos alguma dificuldade e criar situações reais de perigo com remate, devido a uma excessiva verticalidade com pouca variação de corredor e mais focada em iniciativas individuais. Com a entrada do ... na 2ª parte conseguimos ter mais sucesso neste momento, mas sem criar situações de finalização pois a tomada de decisão foi novamente errada.

De forma “insistente insistimos”, salvo seja a redundância, em quase sempre no mesmo corredor, desenrolando-se toda a jogada no meio ou para o meio da confusão facilitando a vida ao oponente, que mesmo sem recuperar muito rápido tinha tempo para fechar e formar entre 2 a 3 linhas muito juntas não dando espaço para jogar entre linhas.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital de Juniores D – 1ª Divisão - Série 1			JORNADA:	2ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Varzim SC		
DATA:	5 outubro 2019	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Limpo	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE DE ERMESINDE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					1
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	48					
...	...	MD	48					
...	...	PV	60					
...	...	PV	60					
...	...	ME	39				1	
...	...	AV	48					
...	...	AV	60				2	
...	...	GR	0					
...	...	DD	21					
...	...	DC	0					
...	...	DE	12					
...	...	DC/PV	0					
...	...	MD/MC	12					
...	...	AV	12					

RESULTADO			
1ª PARTE	2	x	0
2ª PARTE	1	x	3
FINAL	3	x	3

DRAGON FORCE DE ERMESINDE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

EQUIPA DE ARBITRAGEM	
ÁRBITRO	
ASSISTENTES	

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS

Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar

ADVERSÁRIO	
TREINADOR	
T. ADJUNTO	
DELEGADO	
D. MÉDICO	
CAPITÃO	
S. CAPITÃO	

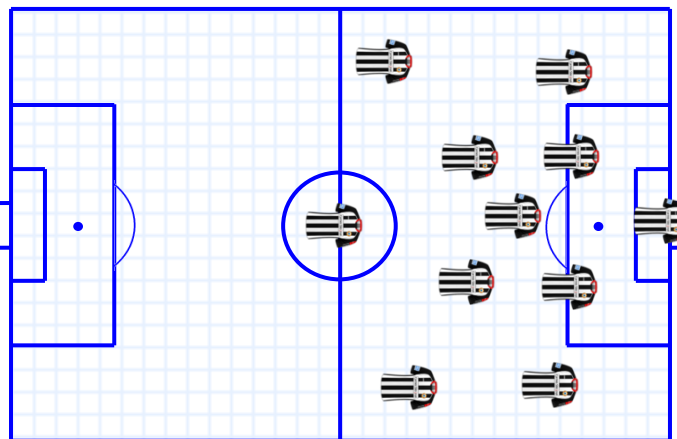
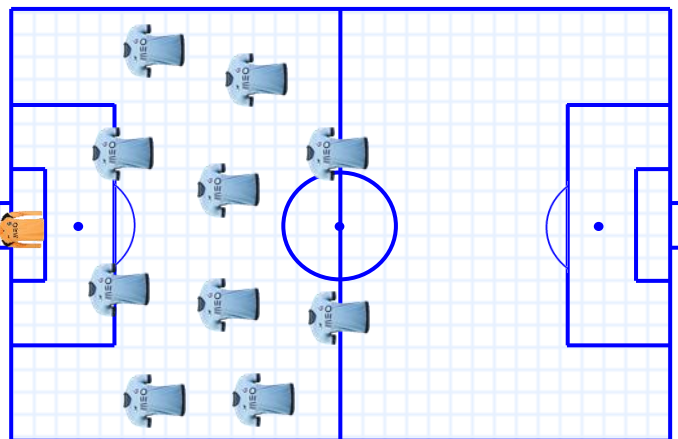
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DFE

1:4:4:2

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DE JOGADORES REFERENCIADOS

Pivô forte a ligar na frente com espaço. Tem alguma facilidade em encontrar o espaço nas costas da linha defensiva adversária.

Extremo esquerdo capaz no 1x1, conseguindo criar desequilíbrios.

RELATÓRIO DE JOGO

1. Nota Inicial

Realizou-se no dia 5 de outubro de 2019 o jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Varzim Sport Club a contar para a 2ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

Durante este Morfociclo Padrão, foi dado maior enfoque aos Princípios e Sub-princípios respeitantes ao momento de **Organização Defensiva**, mais concretamente aos **1º/2º submomentos** seguindo as premissas de “Marcação e Coberturas”, “Formação da Linha Defensiva”, “Colocação dos Apoios a Orientar para fora e prontos para correr” e “Equilíbrios”. Adicionalmente, também foram abordados alguns conteúdos relacionados com a **Transição Defesa-Ataque**, nomeadamente, “Reação Rápida”, “Saída da Zona de Pressão” e “Campo Grande”.

Embora não houvesse um conhecimento profundo do adversário, sabia-se que deveria jogar a partir de uma estrutura de 1:4:3:3, recorrendo ao ataque rápido e ao contra-ataque como métodos de ataque primordiais. Defensivamente, não deveriam exercer grande pressão em zona adiantadas do terreno de jogo, ficando um pouco mais recuados na nossa saída de bola.

RELATÓRIO DE JOGO

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário

Relativamente ao nosso adversário, a análise que fizemos é que, revelaram sempre muitas dificuldades em apresentar um jogo coerente e organizado. A equipa não parecia ligada a uma ideia de jogo parecendo algo *presa* posicionalmente devido às marcações individuais no momento de organização defensiva.

Ofensivamente, davam primazia como métodos de ataque ao ataque rápido e ao contra-ataque. Numa 1ª fase de **Construção**, a equipa por vezes procurava sair a jogar de forma curta quando era possível jogar nos Defesas Centrais, caso contrário ligavam mais longo nos corredores laterais com os Extremos da equipa. Contudo, mesmo esta saída curta, era uma falsa saída curta, visto que ao a bola chegar ao Defesa Central ou ao Pivô, estes tentavam ligar longo de uma forma rápida de forma a tentar tirar partido do espaço nas costas da nossa alinha defensiva. também de forma lateralizada.

Defensivamente, não adotavam uma atitude sempre pressionante em zonas adiantadas, embora chegassem com 2 jogadores mais perto a fechar por dentro nas nossas saídas de bola, perfilando uma estrutura 1:4:4:2 neste submomento. No seguimento, vasculavam conforme o corredor da bola sem avançar muito as linhas. Individualmente não faziam nenhuma marcação específica. Principalmente nas nossas saídas de bola, deixavam algum espaço entrelinhas, tanto entre a 1ª e a 2ª, com entre a 2ª e a 3ª. Numa 2ª fase, a equipa juntava mais perto ficando mais compacta, mas sempre deixando algum espaço entre jogadores e nas costas da linha defensiva.

RELATÓRIO DE JOGO

3. Adaptabilidade ao Contexto – Análise e Reflexão

3.1 Organização Ofensiva

Num computeo geral, é possível identificar um padrão de erro algo comum ao longo de todo o jogo. Contudo, a incidência e prevalência dos mesmos terá sido maior na 2ª parte do jogo. Com bola de uma forma geral, fomos muito verticais, sem apresentar grande variação de corredor, ao ponto de algumas jogadas começarem e se desenrolarem até ao seu final sempre no mesmo corredor, com predominância pelo corredor central. Isto também se deveu a alguma lentidão a dar largura, demorando um pouco a reagir.

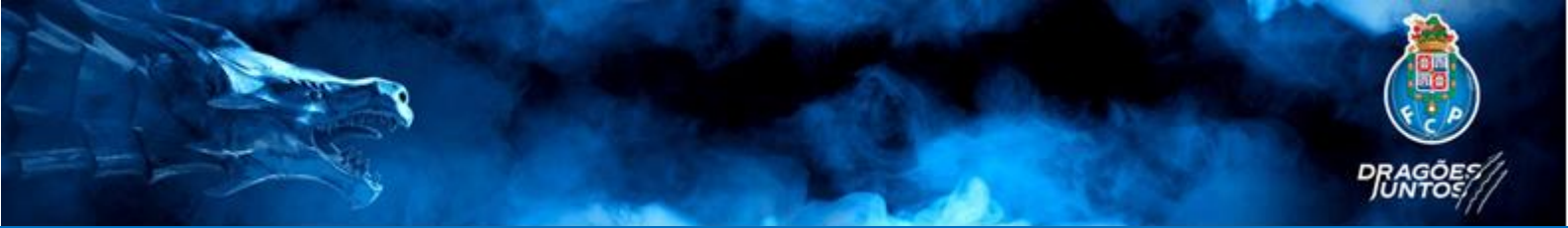
Comparativamente com o jogo passado, melhoramos um pouco tendo apresentado mais capacidade de manter a bola em nossa posse por mais tempo, ainda que com um jogo algo “afunilado” e partido. Ainda falta alguma velocidade de circulação para criar mais desequilíbrios e espaços, e mesmo no que diz respeito a aproveitá-los.

Resumindo continua a faltar mais dinâmica no nosso meio campo de forma a dar soluções, assim como faltou algum acerto a ligar com os Avançados em Organização Ofensiva, variando pouco o corredor da bola. Do ponto de vista individual, não fomos fortes nos duelos, sendo pouco contundentes nos mesmos. Ainda nos falta mais alguma agressividade e intensidade quando temos bola para tornar o nosso jogo mais imprevisível.

1º Sub-Momento – Saídas de Bola:

Foram poucas as ocasiões de saída de bola curta a partir do Guarda-Redes, e mesmo saídas a circular pelo mesmo. Isto também se deveu a o Guarda-Redes ter mandado com frequência a equipa fechar para bater bola longa sem ser de facto necessário, pois havia espaço para jogar e em alguns momentos não tínhamos vantagem à frente. Complementarmente, com recurso a bola longa, quase invariavelmente, a bola caía no corredor central.

Nas saídas curtas conseguimos sair várias vezes pelos nosso Defesas Centrais, e mesmo com um Pivô a aparecer por dentro, todavia, faltou-nos



RELATÓRIO DE JOGO

capacidade para ligar com mais qualidade e segurança para o 2º submomento. O mesmo aconteceu quando tentamos entrar logo nos espaços.

Faltaram ajudas de qualidade a aparecer para sair curto de forma apoiada, pelo que se evidenciaram dificuldades em circular com segurança e sair da pressão no setor defensivo.



Figura 1: Soluções Perto



Figura 2: GR Manda Fechar



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 3: Bola Longa para Zona sem Vantagem

2º Sub-Momento – Criação de Espaços:

Num cômputo geral, faltou-nos alguma qualidade a ligar a equipa. Aproveitamos mal o espaço que era deixado entrelinhas e no corredor contrário pelo adversário, muito devido a falta de ajudas por dentro ou a dar largura para procurar lado vazio.

Paralelamente, mesmo quando estávamos bem posicionados, evidenciamos alguma lentidão de processos dando tempo para o adversário vascular e/ou se reequilibrar. Como estrutura da equipa nem sempre estivemos bem posicionalmente (alguma lentidão em certos momentos nos movimentos para coberturas ofensivas ao portador da bola), faltando mais opções de linha de passe perto do portador da bola. Mesmos as soluções de passe longe muitas vezes estavam marcadas faltando mais mobilidade.

Consequentemente, ainda procuramos caminhos que nem sempre nos eram vantajosos e onde não tínhamos vantagem numérica, faltando a calma necessária para salvar a bola e construir desde trás ou variar para o corredor contrário.

RELATÓRIO DE JOGO



Figura 4: Falta de calma para salvar bola



3º Sub-Momento – Entrada nos Espaços:

Ao longo de quase todo o jogo tivemos mais sucesso neste submomento recorrendo a bola longa nas costas da defesa adversária e com subsequente iniciativa individual. Todavia, procuramos maioritariamente explorar sempre o mesmo corredor, não variando com bola no pé, nem com diagonais. Logo, não havia uma clara procura de sair da zona de pressão, quer fosse de forma curta ou longa.

RELATÓRIO DE JOGO

Para ter mais sucesso neste submomento faltou-nos maior capacidade de acelerar com e sem bola, e executar variações de corredor com qualidade aproveitando a largura máxima.

4º Sub-Momento – Finalização:

Criamos várias ocasiões passíveis de golo, com um número considerável de bola nas cogitações da área adversária, e inclusivamente com situações iminentes de golo com remate. No entanto, tivemos dificuldade em criar vantagem numérica em zonas de finalização, e nos momentos em que o poderíamos ter feito, aconteceu aparecer muita gente no mesmo espaço.

Os maiores erros aqui, terão sido mais relacionados com falhas técnicas como mau último passe ou não falhar a abordagem à bola no momento do remate.

3.2 Transição Ataque-Defesa

Ao longo do jogo, tivemos algumas dificuldades, demorando a reagir de forma intensa e com qualidade, permitindo que o adversário conseguisse colocar muitas bolas longas nas nossas costas. Complementarmente, frequentemente não estivemos prontos e preparados para a perda, quer fosse a com a correta colocação dos apoios ou com deficientes posicionamentos a fechar o corredor central.

Estas lacunas ao nível posicional fizeram-se nota mais ao nível da nossa linha defensiva com grandes distâncias entre os Defesas Centrais e entre Defesa Central e Defesa Lateral com frequência (sobretudo nos últimos 15 minutos de jogo com os 2 Defesas Laterais muitas vezes projetados). Paralelamente, faltou-nos uma reação mais forte por parte dos jogadores da frente, com os Pivôs e os Avançados e fecharem mal por dentro. O Médio-Ala do lado contrário por vezes estava muito perto dos Avançados ou recuado em excesso em relação ao espaço que devia ocupar. Adicionalmente, ficamos com a equipa muito partida no setor intermédio entre os Pivôs.

RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível da colocação dos apoios nem sempre estivemos prontos a ir buscar uma bola nas costas o que resultou também em algumas más abordagens, que foram solucionadas pelo aproximar do Guarda-Redes.



Figura 5: Incorreta Colocação dos Apoios



Figura 6: Os 2 Defesas Laterais Projetados

3.3 Organização Defensiva

Neste momento, demonstramos algumas lacunas ao nível dos equilíbrios e mesmo das coberturas. As abordagens 1x1 não foram as melhores saindo de 1ª e de forma arriscada em algumas ocasiões ou demorando a reagir quando o adversário conseguia sair desta situação. Contribuiu para isso um deficiente posicionamento e colocação/orientação dos apoios tanto para condicionar como para preparar para correr. Ao nível da disputa de bolas aéreas e 2ªs bolas fomos pouco positivamente agressivos tendo então um nível de eficácia baixo.

1º Sub-Momento – Condicionar Construção:

Os nossos principais problemas foram ao nível do fechar os espaços interiores. Erramos por diversas ocasiões no posicionamento da cobertura,

RELATÓRIO DE JOGO

nomeadamente entre Avançados, com o Avançado do lado contrário a ficar muito adiantado e demasiado paralelo não fechando o pivot adversário e o corredor central. A cortar ligação entre central e interior conseguimos com sucesso algumas vezes, criando a nossa zona de pressão no lateral adversário onde conseguimos roubar com sucesso em algumas ocasiões do jogo.



Figura 7: Avançado do Lado Contrário a não fechar o centro

2º Sub-Momento – Impedir Criação e Entrada nos Espaços:

No setor intermédio continuamos a evidenciar algumas lacunas ao nível do ajuste e articulação entre Pivôs dando espaço tanto Pivô como ao Médio Interior do lado da bola adversários espaço para receber e ligar. Como consequência deixamos frequentemente o adversário colocar bola nas costas da nossa linha defensiva que não estava preparada para isso. Sobretudo nos últimos 15 minutos de jogo, os 2 Defesas Laterais estavam quase que em permanência projetados deixando muito espaço nas costas.

Complementarmente muitas vezes eramos muito atraídos, ficando a equipa quase toda no corredor da bola ou até à fronteira entre o corredor da bola e o central, deixando muito espaço para ao adversário jogar.

Embora com melhorias, este submomento, principalmente na 2ª parte terá sido onde erramos mais.

RELATÓRIO DE JOGO



Figura 8: Distância entre DC e DL

3º Sub-Momento – Impedir Finalização:

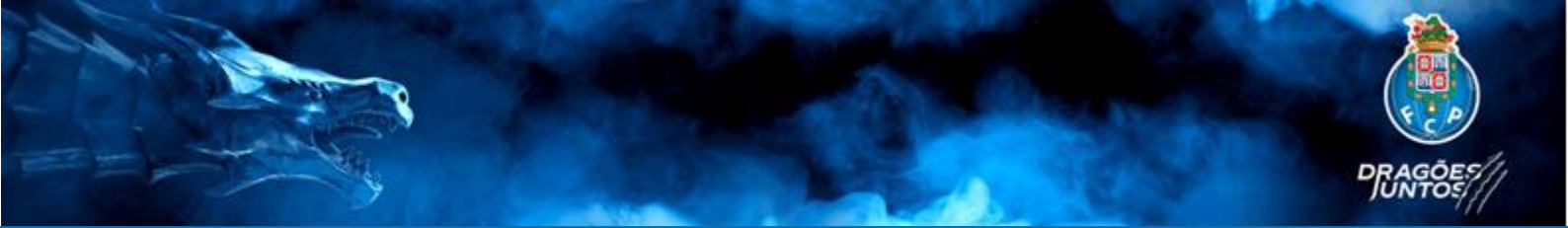
Demonstramos muita dificuldade em gerir a bolas que entravam nas costas da nossa defesa, pois não estávamos preparados para tal, evidenciado alguma deficiente colocação dos apoios, mas principalmente um excessivo espaço entre os Defesas Centrais e entre Defesa Central e Defesa Lateral quando a bola estava no lado contrário ou no corredor central. Apresentamos igualmente uma deficiente abordagem a situações de 1x1, sendo diversas vezes ultrapassados e pouco contundentes nos duelos.

Ficou, por consequência, exponenciado os problemas de mau posicionamento das coberturas e equilíbrios.

3.4 Transição Defesa-Ataque

No seguimento daquilo que foi o momento de Organização Ofensiva, tivemos alguma dificuldade em criar situações de perigo com uma elevada densidade de jogadores da nossa equipa, muito devido à fraca reação à mudança da posse de bola, semelhantemente ao que ocorreu na Transição Ataque-Defesa. Consequentemente, tivemos menos situações de remate, devido a falta de apoio em setores adiantados neste momento. Aqui tivemos mais sucesso através de passes longos aliados a iniciativas individuais.

Uma vez mais, insistentemente, desenvolvemos o nosso processo quase que apenas por um único corredor por jogada, acabando por nunca sair



RELATÓRIO DE JOGO

verdadeiramente da pressão após a conquista da posse da bola. Faltaram soluções de passe em largura.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital de Juniores D – 1ª Divisão - Série 1			JORNADA:	3ª
JOGO	Dragon Force Football Club	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	12 outubro 2019	HORA:	17H00	LOCAL:	Centro de Treinos e Formação Porto/Gaia
CLIMA:	Céu Limpo	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE DE ERMESINDE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	53					
...	...	DC	60					
...	...	DE	42					
...	...	MD	53					
...	...	PV	53					
...	...	PV	42					
...	...	ME	60					
...	...	AV	60				1	
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DD	18					
...	...	DC	7					
...	...	MD	7					
...	...	PV	18					
...	...	MD	7					
...	...	AV	0					

RESULTADO			
1ª PARTE	3	x	0
2ª PARTE	3	x	1
FINAL	6	x	1

DRAGON FORCE DE ERMESINDE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

EQUIPA DE ARBITRAGEM	
ÁRBITRO	
ASSISTENTES	

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS

ADVERSÁRIO	
TREINADOR	
T. ADJUNTO	
DELEGADO	
D. MÉDICO	
CAPITÃO	
S. CAPITÃO	

Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar

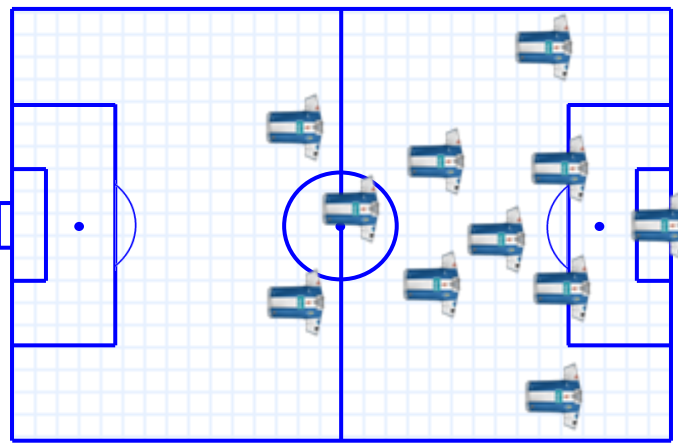
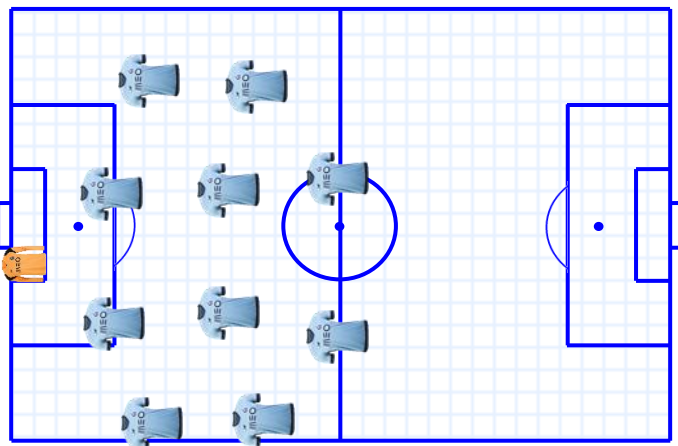
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DFE

1:4:4:2

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:4:2



INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DE JOGADORES REFERENCIADOS

Guarda-Redes (nº...) alto e forte, bem a sair da baliza e procura profundidade.

Defesa Central Direito (nº...) alto e forte, embora algo lento é possante.

Médio Interior Direito (nº...), ..., é muito móvel com e sem bola, e muito pressionante.

RELATÓRIO DE JOGO

1.Nota Inicial

Realizou-se no dia 12 de outubro de 2019 o jogo entre a Dragon Force Football Club e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde a contar para a 3ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

Durante este Morfociclo Padrão, foi dado maior enfoque aos Princípios e Sub-princípios respeitantes ao momento de **Organização Defensiva**, mais concretamente ao **2º submomento** seguindo as premissas de “Posição Defensiva e utilização dos apoios para condicionar”, “Reagir a Indicadores de Pressão”, “Fecho dos Espaços”, “Antecipação da T.D.A.” e “Ajustamento Estratégico”. Adicionalmente, também foram abordados alguns conteúdos relacionados com a **Transição Defesa-Ataque**, nomeadamente, “Saída da Zona de Pressão”, “Campo Grande” e “Equilíbrios”.

Durante a preparação desta época desportiva, 2019/2020, como já tínhamos defrontado este adversário, já preparamos o Morfociclo tendo em conta alguma informação mais concreta sobre o adversário. Estava identificado que esta equipa provavelmente sairia a construir desde trás projetando muito os seus Defesas Laterais para ter amplitude máxima no seu processo ofensivo e com muita mobilidade dos seus Médios Interiores. Do ponto de vista defensivo, sabia-se que tinham uma reação forte à perda, mas que em virtude da sua forma de atacar deixavam muito espaço nas costas do seus Defesas Laterais.

RELATÓRIO DE JOGO

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário

A análise que feita identifica uma forma de jogar coerente e ligada de toda a equipa, isto é, há uma ideia que se identifica comum, tanto nos processos com bola como sem bola, havendo, portanto, um sentido coletivo no jogo jogado.

Ofensivamente, predominantemente optavam pelo ataque posicional como método de ataque. Numa 1ª fase de **Construção**, procuravam sair a jogar pelos Defesas Centrais para depois ligar com os Defesas Laterais ou Médios Interiores. Posteriormente, jogavam mais em passe curto procurando atrair de forma a se proporcionarem situações de 1x1 nos corredores laterais. Nestas situações tentavam ligar com o Avançado que aparecia na largura ou com o Defesa Lateral que estava a dar amplitude máxima.

Defensivamente, adotavam uma atitude pressionante desde o seu setor ofensivo, dando muito pouco espaço no setor intermédio, com os Médios Interiores a não darem muito espaço aos nossos Pivôs. No seguimento, vasculavam conforme o corredor da bola com as suas linhas adiantadas, sendo o Guarda-Redes o responsável por tirar a profundidade nas costas da linha defensiva.

3. Adaptabilidade ao Contexto – Análise e Reflexão

3.1 Organização Ofensiva

De uma forma geral, os grandes erros da equipa neste momento mantiveram-se, embora com um índice de prevalência menor. Na 2ª metade do jogo, houve sim uma maior incidência dos mesmos, mesmo que sem grande relação direta com o resultado do jogo. Quando tínhamos bola, faltou-nos muito garantir uma maior largura, mais mobilidade para jogar com calma e segurança, capacidade de ver quais eram as zonas vantajosas para nós e alguma velocidade, tanto ao nível das capacidades motoras como de processos. Consequentemente, continuamos sem apresentar grande variação de corredor, tornando o nosso jogo mais previsível e mais fácil de condicionar. É importante melhorar as dinâmicas “ver perto; ver perto; ver longe”, no sentido de atrair o adversário e depois sermos rápidos não só a virar o corredor, como também a variar o ritmo de jogo através acelerações com e sem bola para aproveitar o espaço criado.

Individualmente, continuamos a apresentar alguma dificuldade em situações de 1x1, evidenciando “um corpo pouco elástico” para enganar, demonstrando então uma execução de drible/finta tecnicamente algo limitado até do ponto de vista da diversificação de soluções. Nos duelos, falta também alguma agressividade e contundência para podermos ser mais fortes nestas situações.

1º Sub-Momento – Saídas de Bola:

Nas diferentes ocasiões de saída de bola, podemos claramente identificar 2 acontecimentos diferentes, sendo eles, 1º quando o nosso Guarda-Redes procura ver os Defesas Centrais ou o Defesas Laterais para jogar desde trás, e 2º quando manda a equipa fechar para bater longo. No 1º acontecimento referido, conseguimos ter muito sucesso, na medida em que fomos capazes de sair desde trás com bola, embora depois tivesse faltado alguma capacidade de

RELATÓRIO DE JOGO

dar seguimento. No 2º, aconteceu o inverso, pois muitas vezes batemos longo para zonas que não tínhamos vantagem, para além de termos optado erradamente por esta via, visto que haveria espaço para jogar curto desde trás. Contudo, posteriormente, faltaram mais ajudas de qualidade a aparecer para sair curto de forma apoiada, pelo que se evidenciaram dificuldades em circular com segurança e sair da pressão no setor defensivo. Aliado a isto alguma lentidão de na execução também nos prejudicou.



Figura 1: GR manda fechar quando temos espaço para jogar pelos corredores laterais

2º Sub-Momento – Criação de Espaços:

Num cômputo geral, faltou-nos alguma qualidade a ligar a equipa de forma a tentar aproveitar algum espaço deixado entrelinhas e no corredor contrário pelo adversário, muito devido a falta de ajudas por dentro ou a dar largura para procurar lado vazio.

Paralelamente, mesmo quando estávamos bem posicionados, evidenciamos alguma lentidão de processos dando tempo para o adversário vascular e/ou se reequilibrar. Como estrutura da equipa nem sempre estivemos bem posicionalmente (alguma lentidão em certos momentos nos movimentos para coberturas ofensivas ao portador da bola), faltando mais opções de linha de passe perto do portador da bola e a aproveitar a largura. Mesmo quando havia essas soluções de passe frequentemente afunilamos o nosso jogo, não saindo do corredor central e procurando a profundidade quando havia soluções para manter a bola e aproveitar o desequilíbrio do adversário.

RELATÓRIO DE JOGO

Resumindo-se que, ainda estamos a procurar caminhos que nem sempre nos são favoráveis e onde não temos vantagem numérica, faltando a calma necessária para salvar a bola e construir desde trás ou variar para o corredor contrário.

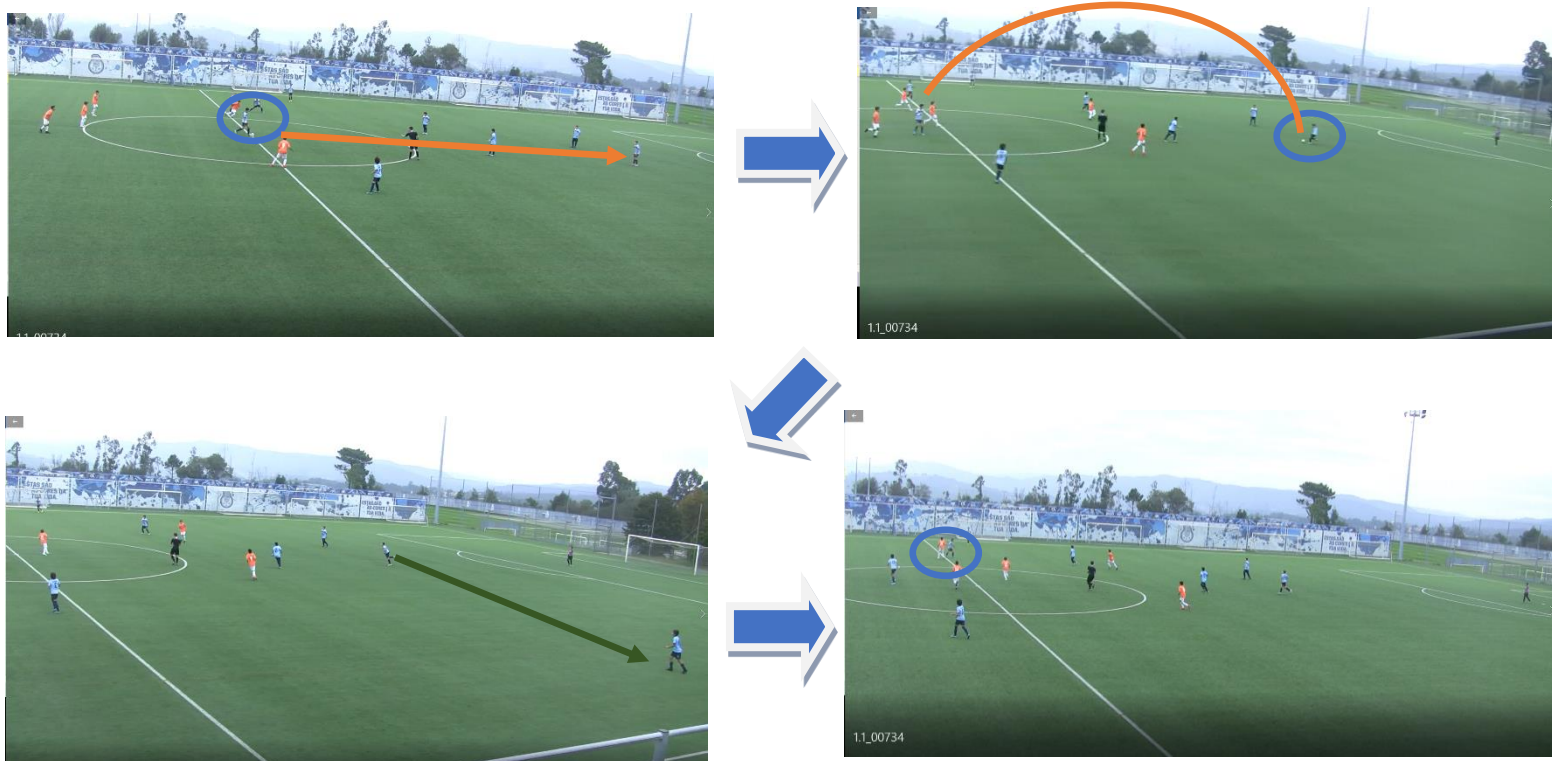


Figura 2: Jogar para zonas que não são vantajosas

3º Sub-Momento – Entrada nos Espaços:

Ao longo de quase todo o jogo tivemos mais sucesso neste submomento recorrendo a bola longa nas costas da defesa adversária e com subsequente iniciativa individual. Todavia, uma vez mais faltou amplitude no nosso processo, não havendo uma escassa variação de corredor, não só, mas também, porque quase repetidamente faltavam soluções por fora, ficando por exemplo os 2 Avançados muito por dentro com frequência. Consequentemente, faltava capacidade de sair da zona de pressão de forma controlada e sem ter de esticar para zonas que não nos eram favoráveis.

RELATÓRIO DE JOGO

Em suma, para ter mais sucesso neste submomento faltou-nos maior capacidade de acelerar com e sem bola, e executar variações de corredor com qualidade aproveitando a largura máxima.



Figura 3: Bem a procurar o espaço deixado nas costas

4º Sub-Momento – Finalização:

Criamos algumas ocasiões passíveis de golo, ainda que num reduzido número, principalmente na 2ª parte. No entanto, tivemos dificuldade em criar vantagem numérica em zonas de finalização, normalmente, aparecendo apenas o portador da bola e um dos Avançados.

Os maiores erros aqui, terão sido mais relacionados com falhas técnicas como mau último passe ou não falhar a abordagem à bola no momento do remate.

3.2 Transição Ataque-Defesa

Ao longo do jogo, tivemos algumas dificuldades, demorando a reagir de forma intensa e com qualidade, permitindo que o adversário tivesse espaço para jogar. Complementarmente, em alguns momentos não estivemos prontos e preparados para a perda, quer fosse a com a correta colocação dos apoios ou com deficientes posicionamentos a fechar o corredor central.

Estas lacunas ao nível posicional fizeram-se notar mais na distância entre os nossos setores intermédio e defensivo, visto que ficávamos com a linha defensiva muito recuada e com um dos Pivôs encostado, ao passo que todos os outros jogadores subiam sem igualmente terem em atenção o espaço

RELATÓRIO DE JOGO

entrelinhas. Ao nível da nossa linha defensiva erramos mais no que diz respeito à distância entre jogadores (ora muito afastados, ora demasiado perto) e por vezes na colocação dos apoios.

Em suma, faltou-nos uma equipa a reagir em bloco com boas coberturas a fechar por dentro, como por exemplo o Médio-Ala do lado contrário, Pivôs mais vivos e interligados, o Avançado do lado contrário a impedir que o Pivô adversário pudesse receber bola e uma maior capacidade de antecipação durante o jogo.



Figura 4: Má Reação à Perda



3.3 Organização Defensiva

Neste momento, até sofrer o 1º golo estivemos bem a vascular e a cobrir os espaços, principalmente do setor intermédio para trás. Posteriormente, demonstramos algumas lacunas ao nível dos equilíbrios e mesmo das coberturas. As abordagens 1x1 não foram as melhores muitas vezes chegando

RELATÓRIO DE JOGO

tarde, e na sequência saindo de 1ª ou de forma arriscada em algumas situações demorando a reagir quando o adversário conseguia sair desta situação. Contribuiu para isso essencialmente um deficiente posicionamento e, por vezes, uma má colocação/orientação dos apoios tanto para condicionar como para preparar para correr, aliado a uma fraca capacidade de reação que prejudicava a nossa vasculação. Ao nível da disputa de bolas aéreas e 2ªs bolas ainda fomos pouco contundentes e agressivos.

1º Sub-Momento – Condicionar Construção:

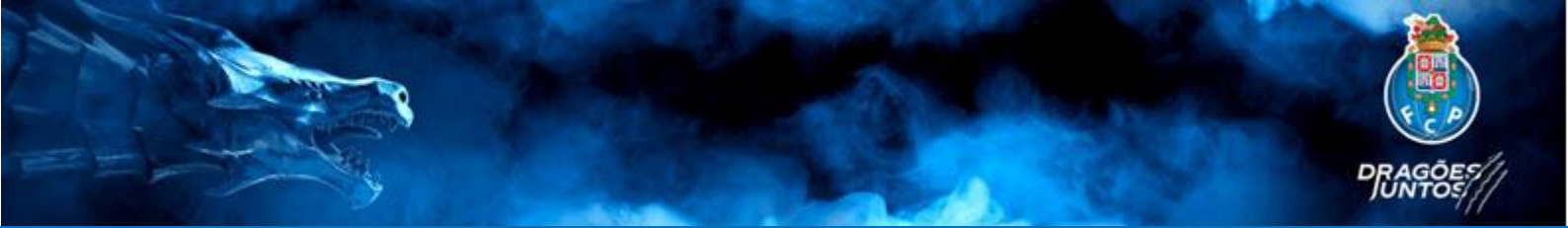
Os nossos principais problemas foram ao nível do fechar os espaços interiores. Erramos em algumas ocasiões no posicionamento da cobertura, nomeadamente entre Avançados, com o Avançado do lado contrário a ficar muito adiantado e demasiado paralelo não fechando o pivot adversário e o corredor central. Paralelamente, nem sempre os nosso Pivôs estavam a condicionar o os Médios Interiores, nem o Médio-Ala contrário tinha calma necessária antes de saltar deixando espaço nas costas entrelinhas.



Figura 5: Ninguém pega no Pivô adversário

2º Sub-Momento – Impedir Criação e Entrada nos Espaços:

No setor intermédio continuamos a evidenciar algumas lacunas ao nível do ajuste e articulação entre Pivôs dando em alguns momentos espaço aos Médios Interiores adversários para receber e ligar. Como consequência, deixamos frequentemente o adversário colocar bola nos corredores laterais com situações de 1x1 contra os nossos Defesas Laterais, situações onde



RELATÓRIO DE JOGO

evidenciamos muita dificuldade principalmente por chegarmos tarde, por sermos pouco agressivos e atacarmos a bola em momentos errados.

Complementarmente muitas vezes eramos muito atraídos, fechando mal o corredor central, sendo que em certos momentos ficávamos muito também a defender ficávamos muito afunilados, dando muito espaço para ao adversário jogar.



Figura 6: Má colocação dos apoios



Figura 7: Muito afunilados a defender. Estamos só num corredor

3º Sub-Momento – Impedir Finalização:

Demonstramos dificuldade em gerir a bolas que entravam nas costas da nossa defesa principalmente pelo corredor, pois não estávamos preparados para tal, evidenciado em alguns momentos uma deficiente colocação dos apoios, mas principalmente um excessivo espaço deixado livre nas costas do nosso bloco. Paralelamente, como demorávamos a reagir aos indicadores do jogo permitimos várias situações de igualdade numérica e até superioridade para o adversário. Complementarmente, apesar dos alguns erros explanados, a principal causa do

RELATÓRIO DE JOGO

número de golos sofridos foram erros individuais e de posicionamento. Apresentamos igualmente uma deficiente abordagem a situações de 1x1, sendo diversas vezes ultrapassados e pouco contundentes nos duelos.

Ficou, por consequência, exponenciado eventuais problemas de mau posicionamento das coberturas e equilíbrios.

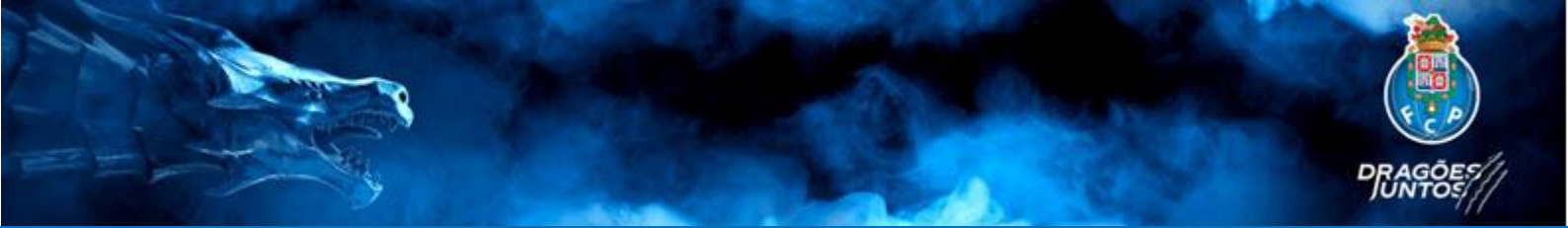
3.4 Transição Defesa-Ataque

No seguimento daquilo que foi o momento de Organização Ofensiva, tivemos alguma dificuldade em criar situações de perigo com uma elevada densidade de jogadores da nossa equipa, muito devido à fraca reação à mudança da posse de bola, semelhantemente ao que ocorreu na Transição Ataque-Defesa. Consequentemente, tivemos menos situações de remate perigoso do que podíamos, devido a falta de apoio em setores adiantados neste momento. Aqui tivemos muito sucesso através de passes longos nas costas dos laterais adversários aliados a iniciativas individuais. Contudo, faltou um pouco mais de largura e algum acerto em questão de técnica individual como são a receção e o remate.

Uma vez mais, insistentemente, desenvolvemos o nosso processo quase que apenas por um único corredor por jogada, acabando por nunca sair verdadeiramente da pressão após a conquista da posse da bola. Faltou também uma maior visão do portador da bola para ver se tinha ou não ajudas por dentro ou em melhor situação para finalizar.



Figura 8: Recuperação de bola num canto defensivo - Demoramos a reagir em bloco



RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	4ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Rio Ave Futebol Clube		
DATA:	19 outubro 2019	HORA:	16H00	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

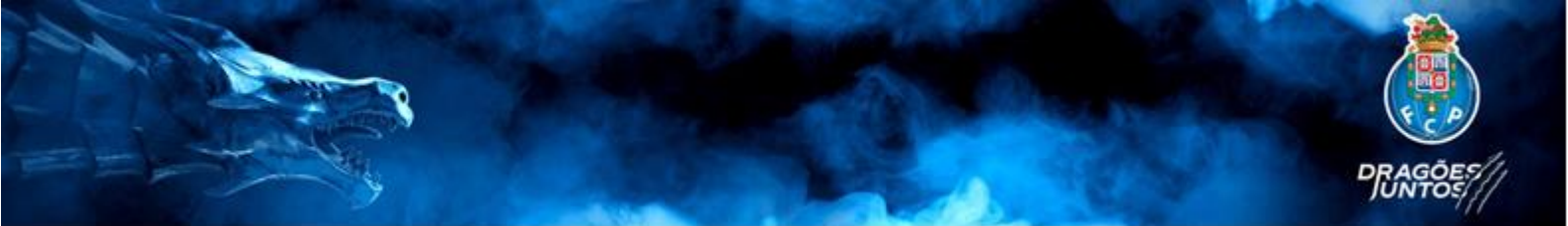
DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	51					
...	...	DC	43					
...	...	DC	51					
...	...	DE	60					1
...	...	MD	30					
...	...	PV	60					
...	...	PV	60					
...	...	ME	60					
...	...	AV	30					
...	...	AV	60				2	
...	...	GR	0					
...	...	DC/DE	9					
...	...	MD	0					
...	...	MC	17					
...	...	ME	30					
...	...	AV	30					
...	...	AV	9					1

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	1
2ª PARTE	1	x	2
FINAL	2	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

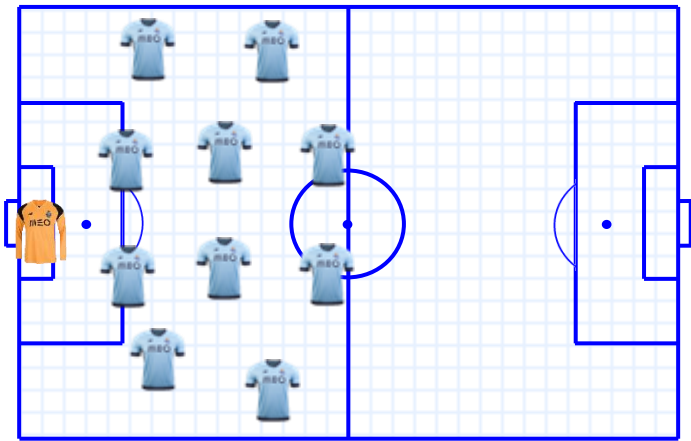
JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								



RELATÓRIO DE JOGO

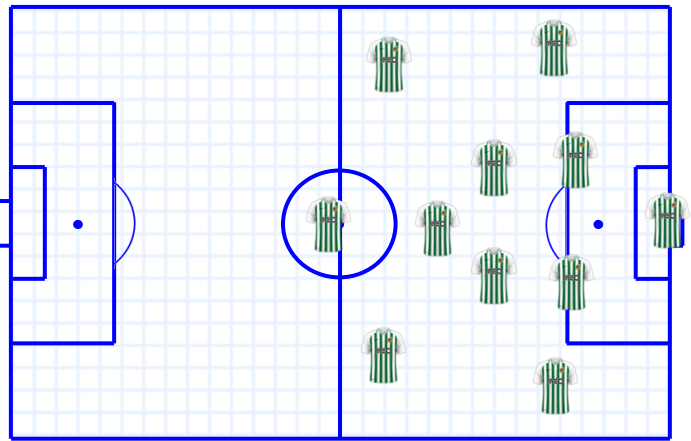
ESTRUTURA DF

1:4:4:2



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



RELATÓRIO DE JOGO

1. Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 19 de outubro de 2019 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Rio Ave Futebol Clube a contar para a 4ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP). O jogo ficou marcado por um terreno de jogo algo alagado, em virtude das condições climáticas que antecederam o jogo, tendo sido necessário tentativa de escoá-lo “manualmente” de forma a que o jogo de facto se realizasse.

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**. Ao nível da escala individual, incidiu-se no “Drible encadeado com outras ações” e no “Remate com diferentes superfícies do corpo”. Coletivamente, deu-se primazia à “Visualização dos espaços” e “Procura do espaço interior”, ao “Provocar com e sem bola”, “Formação de triângulos” e “Fazer campo grande”.

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

De uma forma geral entramos bem no jogo, conseguindo ter bola e a criar situações de finalização. Colocamos várias vezes bola nas costas da linha defensiva adversária. Contudo, com o avançar do jogo, começou a nos faltar espaço no meio, o Rio Ave FC corrigiu o posicionamento dos seus Pivôs, e começamos a ter mais dificuldade e ter tanta bola. Aliado a isso, começamos a nos precipitar muito, principalmente a partir do setor intermédio, tentando esticar em demasia o jogo. Faltou-nos igualmente o movimento Avançado do lado contrário na profundidade em diagonal.

No **1º Submomento**, saída de bola, o nosso adversário tinha o Avançado no meio, os Extremos a fechar por dentro, o Médio mais adiantado a pegar no nosso Pivô do lado da bola e o Pivô Defensivo do lado oposto ao da bola a pegar no nosso Pivô desse lado. Quando a bola era jogada de forma longa, era o Pivô do lado da bola que atacava a bola junto com o nosso Defesa Lateral. Nos melhores períodos da nossa equipa conseguimos

RELATÓRIO DE JOGO

jogar com segurança atrás tentando ligar com o Pivôs ou com os Médios-Alas, quer fosse através de saída curta exterior com os Defesas Centrais ou longa com os Defesas Laterais. No entanto, faltou-nos capacidade de manter mais tempo a posse de bola em alguns momentos devido à falta de soluções a aparecer por dentro. Faltou mobilidade dos Pivôs para dar solução e movimentos de aproximação de outros jogadores tanto para abrir espaços por dentro como aproveitá-los.



Figura 1: Saída de Bola - Espaços Livres para jogar vs estrutura adversária

Ao nível do **2º Submomento**, logo, criação de espaços, de uma forma geral, excetuando alguns períodos de jogo, tivemos pouca calma para circular a bola, tendo igualmente faltado alguma mobilidade para dar soluções perto. Quando as houve continuou a haver uma tentação de jogar longo, não existindo então a calma necessária. Paralelamente, houve pouca largura com bola, não tanto posicional, mas mais ao nível da circulação, salvando-se poucas vezes a bola e jogando pouco no lado vazio. faltou em alguns momentos Avançado do lado da bola baixar, ou baixar o suficiente para dar apoio frontal ao portador da bola e arrastar marcações e deixar o espaço livre para a diagonal do Avançado contrário. Portanto, aproveitamos pouco o espaço que o adversário deixava nas costas e no corredor contrário ao da bola, perdendo então possíveis situações de 1x1.



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 2: Bem a sair sem perigo - Bola para o Defesa Lateral



Figura 3: Faltou movimento de aproximação do Avançado

No que concerne ao **3º Submomento**, entrada nos espaços, estivemos bem mais concretamente em 2 períodos do jogo, sendo eles os 10 minutos iniciais e os 5 minutos finais através de bola longa, procurando aproveitar o espaço deixado livre nas costas da linha defensiva adversária, quer fosse através do espaço deixado entre os Defesas Centrais adversárias, ou nas costas dos Extremos adversários dando origem a situações de 1x1. No entanto, no restante tempo de jogo fomos algo precipitados, como já foi referido, tentando em demasia esticar e tentar jogar em profundidade, mesmo quando não tínhamos vantagem. Em linha com o mencionado anteriormente, faltou em alguns momentos Avançado do lado da bola baixar, ou baixar o suficiente para dar apoio frontal ao portador da bola e arrastar marcações e deixar o espaço livre para a diagonal do



RELATÓRIO DE JOGO

Avançado contrário. Não só por isto, mas também, faltou o movimento de rutura em diagonal do Avançado contrário.



Figura 4: Aproveitamento do espaço nas costas do adversário

Debruçando-se sobre o **4º Submomento**, isto é, finalização, nos 1^{os} 10 minutos, principalmente, e também depois mais perto do final, estivemos bem, criando várias oportunidades de golo com perigo e com várias soluções a aparecer em zonas de finalização. Conseguimos chegar lá muito através de passe longo para o corredor central, sendo o Avançado do lado contrário a referência mais solicitada. Na parte final do jogo, já foi mais na sequência também de passe longo, mas desta feita para os corredores laterais com o Avançado do lado da bola a dar essa largura.



Figura 5: Várias soluções em zonas de finalização

RELATÓRIO DE JOGO

2.2 - Transição Ataque-Defesa

Do ponto de vista da colocação dos apoios estivemos melhor, ainda assim ainda erramos com alguma frequência indesejada. Aliado a isso, por vezes estas faltas de concentração revelam-se também ao nível do nosso posicionamento e o estar ou não preparados pra a perda, como por exemplo, deixando o Avançado contrário sozinho nas costas da nossa linha defensiva antes do meio campo, onde ainda não há fora-de-jogo.



Figura 5: Não estamos preparados para a perda - Erramos por exemplo na colocação dos apoios dos Defesas Centrais e ao deixar o Avançado adversário sozinho nas costas dos Defesas Centrais

Tivemos dificuldade em parar os contra-ataques e ataques rápidos do adversário, porque à priori não estávamos preparados para reagir à perda. Consequentemente, isso tinha as tais repercussões no momento de jogo seguinte. Demoramos a reagir em uníssono, como um bloco que não se desliga, nem parte. Como por vezes ainda estamos a ficar algo partidos quando temos bola, isto ainda mais fica exponenciado. Demorávamos a encurtar e deixamos o oponente receber.



Figura 6: Muito espaço entre os Defesas Centrais e o resto da equipa

RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível da distância entre os jogadores na linha defensiva conseguimos melhorar e evidenciar uma melhor performance neste jogo, contudo, em alguns momentos os Defesas Centrais estavam muito juntos, com o do lado contrário a ser muito atraído. Os Defesas Laterais, em alguns momentos, demoravam a recuperar ou não eram fortes nas situações de 1x1, demorando mais para aniquilar o ataque adversário. Como também nem sempre estavam prontos para o caso de o adversário conseguir virar o jogo para o corredor contrário, chegando depois atrasados à bola.

2.3 - Organização Defensiva

Num compute geral, entramos bem no jogo, com bons posicionamentos e solidários quando havia alguma falha. No entanto, fomos algo atraídos ao corredor da bola. Isto, ainda assim, verificou-se menos nos 1^{os} 15 minutos de jogo. Ao nível da colocação dos apoios estamos melhor, houve evolução, sendo que se notou mais algum desacerto nos finais das partes.

No que diz respeito ao **1º Submomento** – condicionar construção – posicionalmente estivemos bem a condicionar nos pontapés de baliza, não dando muito espaço para a saída curta e controlada em segurança desde trás. As nossas maiores lacunas estiveram relacionadas com uma falta de maior capacidade de ajuste e correto posicionamento dos nossos Avançados, sendo que por diversas vezes faltou o Avançado do lado contrário a fechar por dentro não permitindo espaço lá. Como o oponente neste jogo, procurava sair curto de forma exterior pelos seus Defesas Centrais, isto poderia de facto ser um problema, até porque procuravam depois ligar com os Pivôs Defensivos. Quando fomos capazes de pressionar bem conseguimos condicionar o adversário e recuperar algumas bolas no nosso setor ofensivo, principalmente pelo corredor lateral com o Médio-Ala a chegar lá, embora por vezes algo atrasado.

RELATÓRIO DE JOGO



Figura 7: Bem a procurar não deixar sair curto no pontapé de baliza

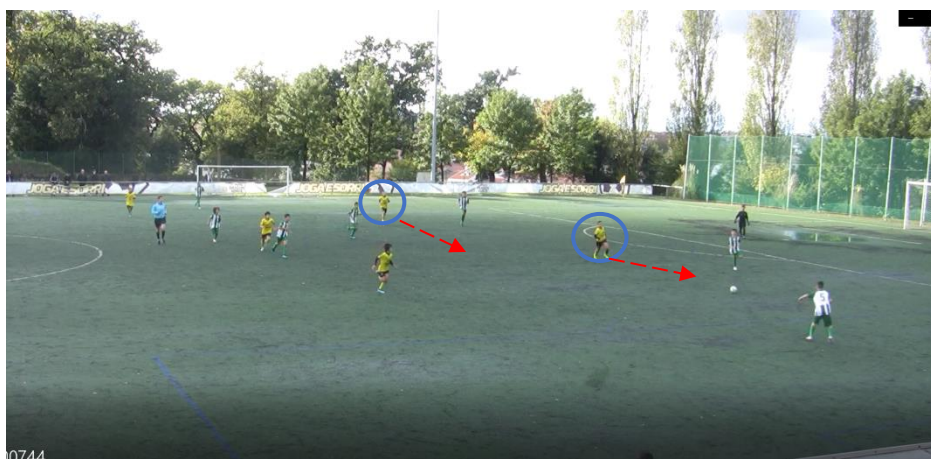


Figura 8: Posicionamento dos Avançados - Av contrário não fecha

Incidindo sobre o **2º Submomento**, nomeadamente impedir a criação e entrada nos espaços, tivemos bons momentos com o Médio-Ala contrário a fechar por dentro, contudo faltou um maior acompanhamento dos Avançados. Paralelamente, o Pivô do lado da bola muitas vezes esteve bem a fechar. Apesar disso, deixamos algum espaço em zonas interiores, também devido à distância que começou a ficar entre os nossos Pivôs.



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 9: Médio-Ala contrário a fechar por dentro / Defesa Lateral contrário muito baixo dando espaço para adversário virar o jogo

Com o avançar do jogo, o Médio-Ala do lado da bola começou a saltar cedo no Defesa Lateral do lado da bola, saindo antes do passe ser realizado, permitindo então que o adversário pudesse se adaptar. No entanto, na parte final do jogo esse comportamento foi corrigido e conseguimos ganhar a bola algumas vezes aí. Durante quase todo o jogo, por diversas ocasiões estávamos a deixar o Avançado adversário ficar sozinho nas costas da nossa linha defensiva quando tínhamos a equipa toda a jogar no meio campo ofensivo, não havendo, portanto fora de jogo. Este erro ficava ainda mais exponenciado, e dotado de grande probabilidade de perigo, devido aos nossos Defesas Centrais serem lentos a correr e com dificuldades em antecipar, e ao facto de o Avançado do Rio Ave FC ser rápido, forte e tecnicamente bom.



Figura 10: Muito atraídos ao corredor da bola – Muito espaço do outro lado

RELATÓRIO DE JOGO

Indo mais concretamente ao **3º Submomento**, portanto ao impedir a finalização, acabamos por ter algumas dificuldades na 2ª metade da 1ª parte na 2ª parte quase toda. Isto deveu-se ao posicionamento eficaz que deixamos de ter atrás, principalmente ao nível da distância entre Defesas Centrais; a em alguns momentos o Defesa Central saltar no jogador errado, estando a encostar no Médio adversário mais adiantado, deixando abrindo espaço atrás; a demorarmos muito a encostar no adversário quando este variava o corredor, deixando-os quase sempre à vontade para receber; e por em alguns momentos o Pivô do lado da bola não estar a cobrir o Defesa Central quando este saía na cobertura ao Defesa Lateral, principalmente pela esquerda.



Figura 11: Muito atraídos à bola estamos a libertar espaço interior para o adversário

2.4 - Transição Defesa-Ataque

De uma forma geral faltou capacidade de reagir mais rápida e eficazmente, ao mesmo tempo que falta alguma largura e aproveitamento dos espaços. Ainda não nos comportámos como um bloco.

O adversário procurava enviar-nos para os corredores laterais, tentando proteger o meio. Todavia, houve ocasiões que havia espaço por dentro e que não soubemos aproveitar ou por falta de calma para salvar a bola para depois chegar lá, ou por demasiada vertigem aquando da recuperação da posse de bola. Paralelamente, não estamos a antecipar a recuperação de bola, ou seja, não estamos posicionalmente



RELATÓRIO DE JOGO

preparados para a partir do nosso posicionamento defensivo, quer individual, quer grupal, atacar melhor.



Figura 12: Recuperação de bola como Avançado do lado da bola a baixar, mas falta o movimento de rutura do Avançado do lado contrário



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 13: Falta reação em bloco da equipa

Aqui tivemos muito sucesso através de passes longos nas costas dos laterais adversários aliados a iniciativas individuais. Contudo, faltou um pouco mais de largura e algum acerto em questões de técnica individual como são a receção e o remate, visto que por vezes perdíamos a bola muito rápido.

Uma vez mais, de forma insistente, desenvolvemos o nosso processo quase todo apenas por um corredor, logo, tendo dificuldade para sair verdadeiramente da pressão adversaria. Em alguns momentos apresentamos lacunas ao nível da tomada de decisão do portador da bola devido a uma má recolha de informação do mesmo, isto é, faltou abrir mais o campo de visão no sentido de perceber se de facto existiam ou não ajudas e onde se encontravam para que se selecciona-se a melhor solução.

RELATÓRIO DE JOGO

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer. Teve alguns erros de posicionamento, principalmente no preparar para a perda.
- “Jogador 6” muito atraído à bola e a abrir espaço no meio.
- “Jogador 14” animicamente e psicologicamente muito desligado do jogo após voltarmos a ter de correr atrás do resultado.
- “Jogador 17” valeu muito pela atitude que entrou em campo sem comprometer.
- “Jogador 21” posicionalmente muito perdido em campo. Algumas dificuldades em ganhar o 1x1 logo, mas consegue recuperar.
- “Jogador 20” entrou bem no jogo e ajudou a equilibrar a equipa.
- “Jogador 3” por momentos parece que desliga do jogo, alguma apatia, e fica muito recuado. Quando passou a DC foi um pouco atraído à bola em demasia abrindo espaços interiores.
- “Jogador 18” entrou no jogo de uma forma positiva ajudando a equipa a pressionar a saída de bola adversária, ajudando a recuperar ou recuperando algumas bolas.
- “Jogador 11” muito esforçado durante o tempo que jogou. Faltou mais alguma frescura e correr de uma forma mais inteligente. A bateria durou apenas 20 minutos.
- “Jogador 15” bem a pedir bola na profundidade. Falta aparecer mais vezes a ser ajuda, decidir melhor à frente da baliza e fechar melhor por dentro quando não temos bola.
- “Jogador 5” muito bem a proporcionar soluções por dentro com apoios frontais.
- “Jogador 12” bem a procurar receber bola e situações de 1x1 e procurar a profundidade com acelerações muito fortes.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	5ª
JOGO	Futebol Clube da Foz (DF Foz)	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	26 outubro 2019	HORA:	13H30	LOCAL:	Campo da Ervilha - Foz
CLIMA:	Céu Aberto -Sol	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	50					
...	...	DC	60					
...	...	DE	30					
...	...	PV	60					
...	...	MI	60					
...	...	MI	50					
...	...	10	30					
...	...	AV	60				1	
...	...	AV	45				1	
...	...	GR	0					
...	...	DD/DE	30					
...	...	DC/PV	10					
...	...	DE	0					
...	...	MI	10					
...	...	AV	15					
...	...	AV	30					

RESULTADO			
1ª PARTE	3	x	1
2ª PARTE	0	x	1
FINAL	3	x	2

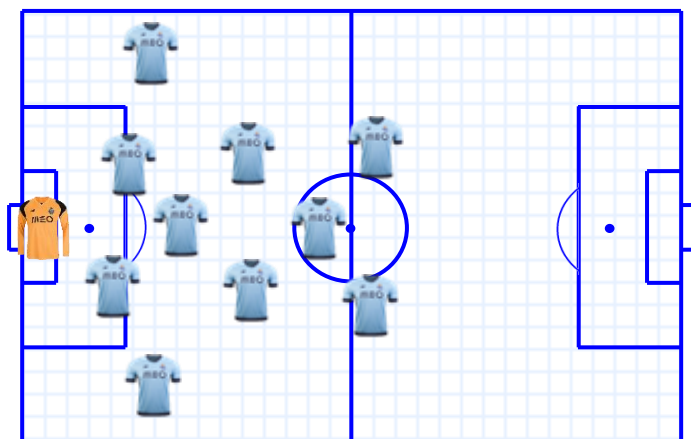
DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	Nélson Veiga
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

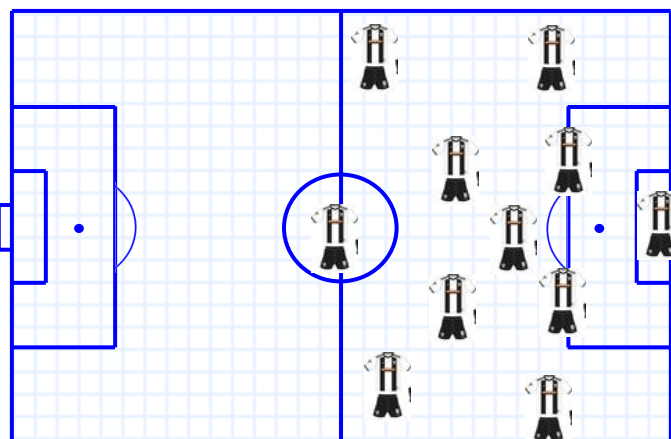
ESTRUTURA DF

1:4:4:2



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 26 de outubro de 2019 realizou-se um jogo entre o Futebol Clube da Foz e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde a contar para a 5ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**. Ao nível da escala individual, incidiu-se no “Drible encadeado com outras ações” e no “Remate com diferentes superfícies do corpo”. Coletivamente, deu-se primazia à “Visualização dos espaços” e “Procura do espaço interior”, ao “Provocar com e sem bola”, “Formação de triângulos” e “Fazer campo grande”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

Entramos no jogo com bola e a tentar jogar, conseguindo ter bola e procurando circular, inclusive com a bola a passar pelo Pivô e pelos Defesas Centrais. Contudo, após sofrermos golo aos 3 minutos de jogo, começamos a procurar em demasia a profundidade, tendo pouca calma para circular. Paralelamente, faltou haver mais mobilidade com movimentos de aproximação em apoio, como em rutura com diagonais,

RELATÓRIO DE JOGO

de forma a criar e manter o “Campo Grande” e o “Campo Pequeno dentro do Campo Grande”. Além disso, muitas vezes ainda não estamos com o corpo e os apoios bem colocados para conseguirmos ter um 1º toque mais forte a acelerarmos em apoio e com bola controlada. Na 2ª parte, após marcarmos o golo, quisemos uma vez mais em demasia esticar, continuando, igualmente, a faltar largura. Continuamos com pouco sucesso no 1x1.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o nosso adversário defendia com o Avançado a chegar perto e com o Extremo do lado contrário por vezes a fechar por dentro, com a restante equipa a equilibrar. A partir de pontapé de baliza os Extremos alinhavam pelos Médios Interiores fazendo uma linha de 4, controlando só à zona com o Extremo contrário a chegar mais perto do nosso Médio Interior para não deixar o que este pudesse receber na largura. Conseguimos com regularidade jogar a partir dos Defesas Centrais, contudo depois não tínhamos muito espaço para jogar nos Defesas Laterais e tínhamos dificuldade em ligar por dentro também. Faltou o movimento do Pivô a aparecer entre os Defesas Centrais para ser cobertura e libertar espaço para os Médios Interiores aparecerem. Consequentemente, o Defesa Central contrário ficava muito perto e era difícil ligar de forma curta e rápida no sentido de variar o corredor.



Figura 1: Deficiente posicionamento dos DC e posterior má decisão (DC jogou decor sem ver onde há espaço - tenta passar para onde já há marcação)

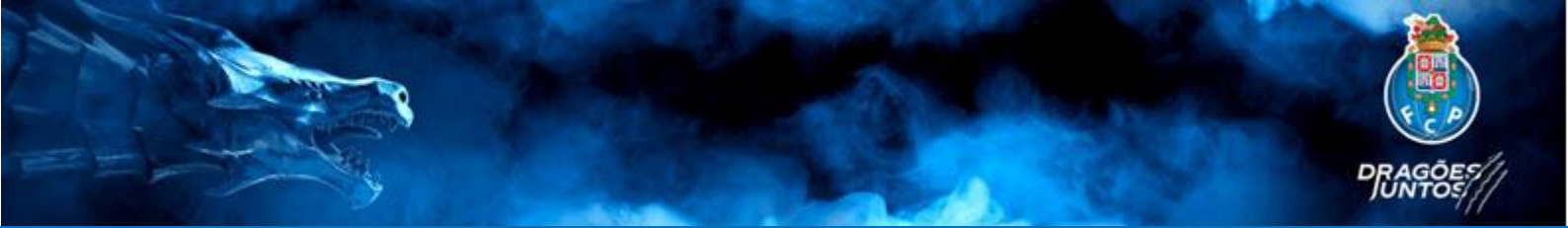


RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - encontrávamos o adversário com linhas mais juntas a partir da entrada no seu meio campo, assumindo uma estrutura de 4:1:4:1 (sem GR). O Extremo do lado da bola a pegava no nosso Médio Interior quando este tentava dar largura. De uma forma geral, excetuando alguns bons períodos de jogo, tivemos pouca calma para circular a bola, tendo igualmente faltado alguma mobilidade para dar soluções perto e fazer o “Campo Pequeno” dentro do “Campo Grande”. Mesmo as ajudas longe, com frequência, davam-se à marcação, faltando proatividade para abrir espaços e posteriormente atacá-los. Complementarmente, para além da falta de dinâmica dos interiores, ocorreu em poucas ocasiões o movimento de o Avançado a aproximar em apoio frontal dando espaço para a diagonal em rutura do outro Avançado. À exceção do início de cada parte, portanto, após o 1º golo adversário, e o nosso 2º golo, não houve grande procura de circular, fazendo a bola chegar de um lado a outro.



Figura 2: Joga longo sem ter vantagem



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 3: Após lançamento não vemos soluções perto nem conseguimos procurar longe. Pelo meio exagero de iniciativa individual



No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - tivemos sucesso essencialmente através de passe longo, se bem que com pouca eficácia. A entrada via passe curto foi quase inexistente, com grande insistência em esticar sem ver bem onde tínhamos vantagem para jogar e onde estava o espaço. Tivemos sucesso essencialmente via ligação direta entre os Médios Interiores com o Avançado do ola do da bola, não

RELATÓRIO DE JOGO

existindo grande variação. No entanto, aconteceu frequentemente de uma forma desapojada e em inferioridade numérica.

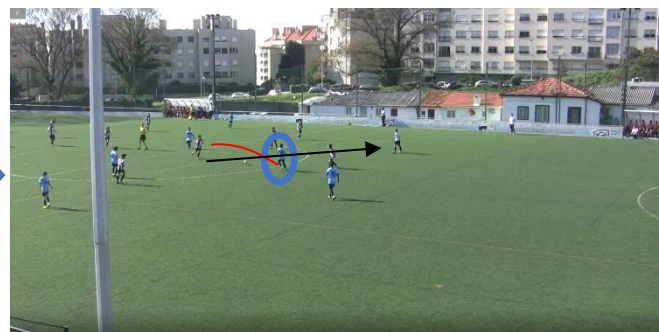
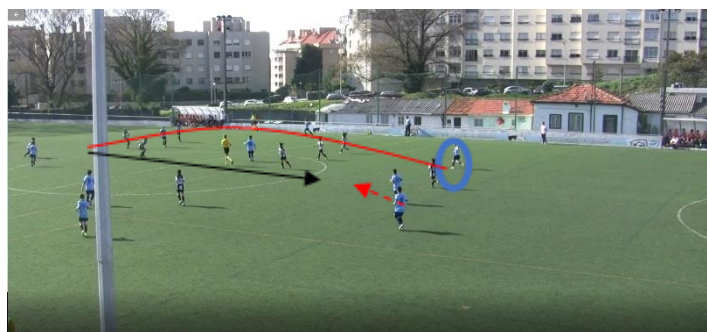


Figura 4: Tentamos entrar com bola na profundidade repetidamente sem ter vantagem (O adversário interceptou 3 vezes, mas sem conseguir manter a posse de bola) – DC muito perto não sendo ajuda, nem tendo espaço para jogar



Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - embora tenhamos chegado por diversas vezes à área adversária, não fomos verdadeiramente competentes e fiéis na nossa ideia, na medida em que praticamente só fomos capazes de lá chegar via corredor lateral e com pouco apoio. Mesmo nos momentos em que aprecemos com mais jogadores próximos de zonas de finalização, faltou saber atacar os espaços. Complementarmente, do ponto de vista técnico apresentamos algumas lacunas de execução, e nem sempre a tomada de decisão foi a melhor à frente da baliza.

RELATÓRIO DE JOGO



Figura 5: Depois de procurar as costas da linha defensiva adversária não atacamos zonas de finalização, não damos soluções ao portador da bola. Só estamos a chegar mais dentro quando perdemos o controlo total da bola e a bola anda a pingar



2.2 - Transição Ataque-Defesa

Posicionalmente, nem sempre estivemos equilibrados e preparados para a perda. Os Defesas Centrais encostavam muito à equipa no processo ofensivo, não sendo nem uma boa ajuda para a circulação de bola, nem estando precavidos para a perda de bola. Acrescentando-se que o frequentemente, nem o Pivô baixava para ficar entre os Defesas Centrais (embora depois conseguisse corrigir muitas vezes devido à sua velocidade), nem o Defesas Lateral do lado contrário fechava bem dentro. Ao perder a bola, o Defesa Central do lado contrário demorava a assumir uma boa posição de cobertura ao outro Defesa Central. Do ponto de vista da colocação dos apoios estivemos um pouco melhor, mas ainda perdemos a atenção por vezes. Logo, tivemos dificuldade em parar os contra-ataques e ataques rápidos do adversário, porque à priori não estávamos preparados para reagir à perda. Demoramos a reagir em uníssono, como um

RELATÓRIO DE JOGO

bloco que não se desliga, nem parte. Ao nível da vasculação apresentamo-nos um pouco lentos deixando o oponente virar o jogo de uma forma algo confortável.



Figura 6: Perdemos a posse de bola e demoramos a assumir as coberturas defensivas



Figura 7: PV está com bola e ficam só os DC atrás, e um deles desconectado da equipa - Não estamos preparados para uma eventual perda da posse de bola

2.3 - Organização Defensiva

Num compute geral, posicionalmente, maioritariamente erramos muito no ajuste posicional dos Avançados e na ocupação de espaços e dinâmica entre Pivô e linha mais recuada. Tivemos muitas dificuldades nos duelos, não sendo agressivos e intensos, dando muito espaço ao FC Foz. Fora isso, ao nível das cobertura e equilíbrios não estivemos muito bem, embora tenhamos sido capazes de “remediar” um pouco os erros anteriores com algumas boas permutas.

RELATÓRIO DE JOGO

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - o adversário procurava sair a jogar em apoio de forma exterior. Nos pontapés de baliza, o Guarda-Redes preferencialmente jogava com os Defesas Centrais para estes depois tentarem ligar com os Defesas Laterais, para depois jogar por dentro. Posicionalmente, falhamos no fechar o corredor central, com o nosso 10 a sair sem o nosso Avançado do lado contrário e fechar o corredor central de forma a não deixar os Pivôs adversários terem espaço para receber. As nossas maiores lacunas estiveram relacionadas com uma falta de maior capacidade de ajuste e correto posicionamento dos nossos Avançados. Relativamente ao espaço entrelinhas, conseguimos manter algum equilíbrio, embora nem sempre assumindo a correta distribuição dos espaços, principalmente ao nível da relação entre Pivô e linha defensiva, e inclusivamente dentro da linha defensiva.



Figura 8: Não estamos a fechar o corredor central - AV contrário muito adiantado

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - tivemos bons momentos com o Médio Interior contrário a fechar por dentro, contudo faltou um maior acompanhamento dos Avançados. Paralelamente, o Pivô do lado da bola muitas vezes esteve bem a fechar. Apesar desta parte positiva, na sequência, o Pivô não juntava aos Defesas Centrais ficando a nossa linha mais recuada algo exposta, até porque nesta ausência, nem sempre o Defesa Lateral do lado contrário vinha fechar mais por dentro. Todavia, conseguimos disfarçar de alguma forma este desequilíbrio, visto o nosso Pivô ser rápido, e quando o Defesa Central do lado da bola tinha de sair na bola este baixava e conseguia acompanhar o adversário ao o Defesa Central ser ultrapassado.

RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível das coberturas entre Defesas Centrais estivemos muitas vezes mal, com o Defesa Central do lado contrário muito adiantado, não estando verdadeiramente em cobertura defensiva.



Figura 9: PV atraído pela bola sai e o Defesa Lateral tem de baixar. Muito espaço entre Defesa Central e Defesa Lateral; Defesas Centrais muito próximas



Figura 10: Muito espaço entre os DC. Ou baixa o PV ou aproxima o outro DC seguido pelo DL do lado contrário

Indo mais concretamente ao **3º Submomento**, portanto ao impedir a finalização, acabamos por apresentar algumas dificuldades perdendo muitos duelos e sendo pouco intensos e agressivos a atacar a bola, mesmo quando já estávamos dentro da nossa área, portanto, muito próximos da baliza. Não estivemos bem nas coberturas, nem a encurtar espaço. Perante esta passividade, o adversário foi capaz de rematar e causar perigo em diversas ocasiões.



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 11: Mau jogo de coberturas entre DC e DL contrário muito aberto e por fora. Depois, permitimos que o adversário troque a bola dentro de área sem tirarmos espaço



RELATÓRIO DE JOGO

2.4 - Transição Defesa-Ataque

O adversário procurava enviar-nos para os corredores laterais, tentando proteger o meio. Todavia, houve ocasiões que havia espaço por dentro e que não soubemos aproveitar ou por falta de calma para salvar a bola para depois chegar lá, ou por demasiada vertigem aquando da recuperação da posse de bola. Paralelamente, não estamos a antecipar a recuperação de bola, ou seja, não estamos posicionalmente preparados para a partir do nosso posicionamento defensivo, quer individual, quer grupal, atacar melhor.

Tal como na Transição Ataque-Defesa, demoramos a reagir de forma rápida e agressiva no sentido de tentar aproveitar os desequilíbrios adversários. A falta de largura continuou a ser um problema, para além da tendência de esticar com bola longa em demasia, sem de facto ver onde temos vantagem em jogar. Consequentemente, em muitos momentos em vez de acalmarmos o jogo, salvando a bola, para depois variar o ritmo do mesmo com acelerações, criando e aproveitando espaços a partir de um jogo apoiado, oferecemos a bola ao adversário sem grande intencionalidade no nosso jogar, não conseguindo também sair verdadeiramente da pressão adversária. Continua a faltar largura, mais capacidade no 1x1, abrir os apoios para jogar e assumir a analogia do bloco como premissa comportamental coletiva fundamental.



Figura 12: Recuperamos bola após uma disputa e sem ver tentamos esticar, não salvando a bola. A ideia poderia eventualmente ser boa caso houvesse mais presença nossa do outro lado e não estivéssemos tão juntos



RELATÓRIO DE JOGO



3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 6” algo atraído à bola a defender, a “travar” muito no 1º toque e a conduzir e a se deslocar sem bola para onde passava a mesma. Quando passou a Pivô melhorou.
- “Jogador 3” por momentos parece que desliga do jogo, alguma apatia, e fica muito recuado. Quando passou a DC foi um pouco atraído à bola em demasia abrindo espaços interiores.
- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer. Teve alguns erros de posicionamento, principalmente no preparar para a perda.
- “Jogador 20” de uma forma geral bem no jogo. A defender errou um pouco no seu posicionamento, mas conseguiu muitas vezes corrigir com a sua velocidade de deslocamento sem bola.
- “Jogador 14” entrou no jogo ainda com vontade de esticar e sem grande mobilidade. Demonstra-se sempre algo desligado do jogo.
- “Jogador 9” bem a executar o passe longo, mas muitas vezes com pouca intencionalidade, parecendo muito automática (e à “sorte”). Exagerou nas iniciativas individuais, não fazendo a bola andar.
- “Jogador 18” posicionalmente esteve algo perdido, sem aparecer muito no jogo, não só, mas também por procurar pouco o espaço livre para jogar.
- “Jogador 5” relativamente bem a proporcionar soluções por dentro com apoios frontais. Tecnicamente, dificuldade em executar.
- “Jogador 15” bem a pedir bola na profundidade. Falta aparecer mais vezes a ser ajuda, decidir melhor à frente da baliza e fechar melhor por dentro quando não temos bola.
- “Jogador 12” pouco móvel e disponível para o jogo. Pouca mobilidade, demonstrando muita dificuldade a jogar em espaços curtos.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	6ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Sporting Clube de Coimbra		
DATA:	2 novembro 2019	HORA:	16H00	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	43					
...	...	MI	49					1
...	...	ED	49					
...	...	EE	49				1	
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	MD	11					
...	...	DC	0					
...	...	PV/MI	17					
...	...	MI	11					
...	...	AV	0					
...	...	AV	11					

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	0	x	0
FINAL	1	x	0

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	Nélson Veiga
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

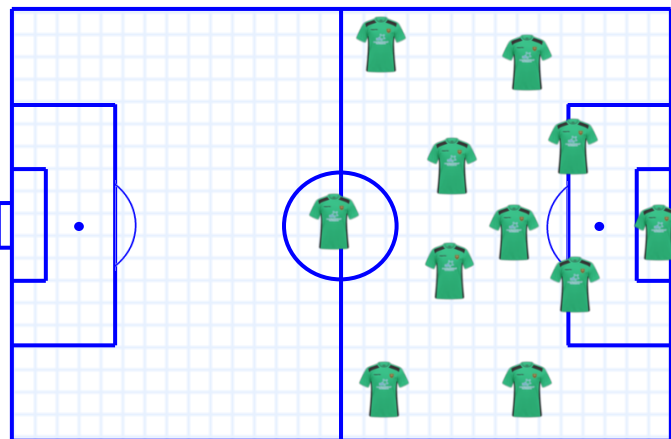
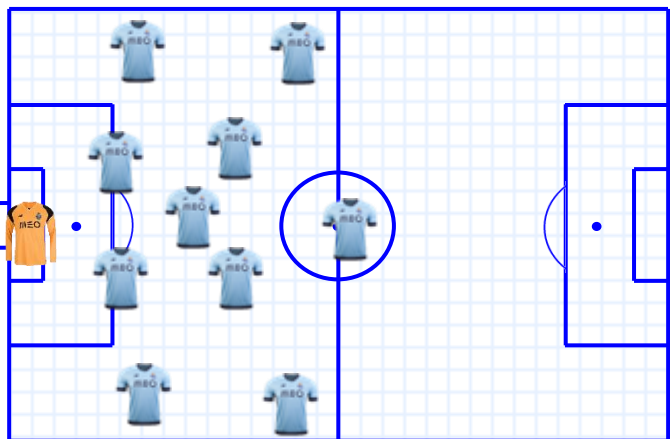
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 2 de novembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Sporting Clube de Coimbra, no Colégio Ermesinde, a contar para a 6ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D – Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Visualização dos espaços” e “Campo grande”. Também foi dado algum enfoque, embora mais pontual ao momento de Transição Defesa-Ataque. De referir que neste jogo, devido a se ter considerado que com a anterior estrutura não estávamos a conseguir implementar as dinâmicas pretendidas para o nosso jogar, procedeu-se a uma alteração da mesma, passando de um 1:4:4:2 para o 1:4:3:3. Optou-se por esta estrutura não só por já ser conhecida pela a maioria do jogadores, mas, principalmente, por permitir uma maior ocupação dos espaços à partida, com a formação de muitas linhas verticais e horizontais.

RELATÓRIO DE JOGO

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

Entramos no jogo a querer ter bola e a tentar jogar de forma apoiada, conseguindo procurando circular, inclusive com a bola a passar pelo Pivô (PV) e pelos Defesas Centrais (DCs). Conseguimos variar o corredor algumas vezes, pontualmente fazendo a bola chegar de um lado a outro, embora faltando alguma mobilidade por dentro. Houve poucos movimentos de aproximação em apoio, como em rutura com diagonais, de forma a criar e manter o “Campo Grande” e o “Campo Pequeno dentro do Campo Grande”. Individualmente, erramos mais ao nível da colocação dos apoios, nem sempre estando abertos para jogar de forma a ter um 1º toque mais forte a acelerarmos em apoio e com bola controlada. Do ponto de vista do garantir largura estivemos melhor também.

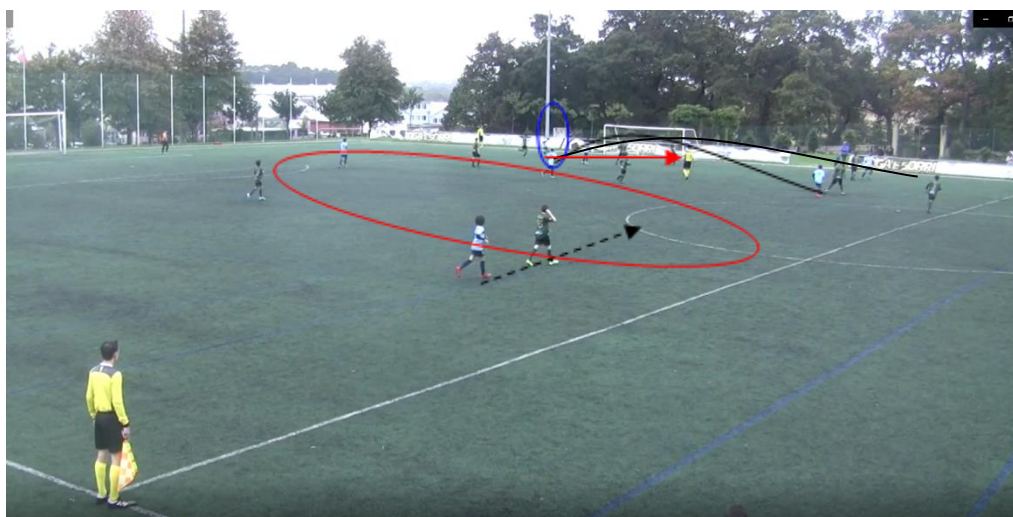
No **1º Submomento** - Saída de bola - o nosso adversário defendia com o Avançado (AV) a chegar perto e com os Extremo do lado da bola a aproximar e com o Defesa Lateral (DL) desse lado a encostar no nosso Extremo. O Médio Interior (MI) do lado da bola ficava na cobertura, enquanto que o outro MI e o PV pegavam nos nossos MIs. O DC da esquerda acompanhava sempre o nosso AV, ficando os restantes jogadores em linha atrás. contrário por vezes a fechar por dentro, com a restante equipa a equilibrar. Nos pontapés da baliza conseguimos, com regularidade, jogar a partir dos DCs e chegar aos DL. Contudo, tivemos alguma dificuldade em, posteriormente, chegar aos nossos Extremos, que deveriam aparecer por dentro quando os DL estavam a dar largura, e mesmo aos nossos MI. Para além de o nosso adversário subir as linhas, não nos concedendo muito espaço para jogar, faltou igualmente alguma velocidade a tocar a bola, e uma maior ocorrência de movimentos de aproximação em apoio e afastamento para criar espaços por dentro. Complementarmente, não tão bem, às vezes, o DC conduzia a bola na direção e sentido para onde a ia passa posteriormente, atraindo então mais gente para perto da bola. Nos poucos momentos em que tivemos espaço

RELATÓRIO DE JOGO

para sair a jogar pelo corredor central a partir do nosso PV, uma vez mais faltou-nos soluções para jogar de forma apoiada. Quando se optava por jogar via passe longo tivemos dificuldade em ganhar a bola e estar bem nos duelos aéreos. Além disso, a bola foi muitas vezes pelo corredor central e sem a equipa estar fechada, não estando então preparada para a perda de bola. Portanto, de forma curta, embora tenha sido possível jogar a partir dos DC, invariavelmente, tivemos muitas dificuldades em chegar a zonas adiantadas sempre de forma curta e em segurança.



Figura 1: Saída de bola curta desde o GR para o DCE - Bem a decidir na saída; Depois DCE vai em condução para fora sem ter linhas de passe perto e tenta jogar no DE, que está tapado; Falta superioridade e mobilidade por dentro.



RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - encontrávamos o adversário a manter uma dinâmica e padrão comportamental semelhantes procurando sempre marcar os nossos MIs com o seu MI do lado contrário e o PV, o mesmo DC a pegar no nosso AV e com os DLs a perto do nossos Extremos, deixando muito espaço nas costas dos DLs e espaço entre DC e DL. Fazendo um apanhado do jogo e enquadrando numa perspetiva longitudinal da nossa evolução, notou-se melhorias neste submomento, na medida que se procurou, de uma forma mais evidente, perceber onde tínhamos vantagem e em alguns momentos salvar a bola para não a perder, circulando à procura do espaço. Posicionalmente nem sempre estivemos bem a fazer o “Campo Grande”, mas principalmente a fazer um “Campo Pequeno” de qualidade dentro do “Campo Grande”, isto é, nem sempre garantimos a largura ao mesmo tempo que deveriam aparecer os Extremos por dentro, e com os MI a procurar mais o espaço livre para a bola andar. Positivo foi igualmente que já fomos capazes de jogar mais de forma curta, fazendo algumas boas combinações, para depois aproveitar o espaço deixado nas costas pelo adversário. De relevar também que já houve mais variações de corredor com procura do lado contrário. No entanto, de uma forma geral, perdemos muitas vezes a posse de bola no setor intermédio, e em algumas situações até no nosso meio campo defensivo.



Figura 2: Pacientes com bola e a conseguir chegar ao lado contrário e formar triângulos

RELATÓRIO DE JOGO



No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços – já conseguimos chegar ao sucesso de uma forma mais variada e não apenas via direta passe longo e/ou iniciativa individual. Em alguns momentos conseguimos variar o corredor tocando de forma curta para depois “ver longe” aproveitando o espaço que existia nas costas da linha defensiva adversária. Todavia, a entrada via iniciativa individual continua a ter uma elevada preponderância no jogar da equipa, nomeadamente, com ligação direta DL para Extremo ou MI para Extremo. Isto não só se deverá a alguma vertigem no jogar, mas também a um reconhecer, por parte dos jogadores, da capacidade física e velocidade que temos pelas Alas que em momentos de “aflição” ou que há espaço nas costas se torna “fácil” “salvar” para longe. Principal lacuna poderá ter sido ao nível de uma baixa incidência e, principalmente, prevalência de bons movimentos em apoio e rutura.



Figura 3: A bola vem do corredor lateral para o central - DC recebe e procura MI para depois este colocar nas costas da linha defensiva contrária - Lance de Golo





RELATÓRIO DE JOGO



Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização – em virtude da forma como defendia mais à frente, o SC Coimbrões apresentava-se com poucos jogadores atrás deixando muito espaço no lado contrário. Embora não tenhamos chegado em muito número a zonas de finalização, ainda o conseguimos fazer num número aceitável de vezes. O principal problema aqui estará relacionado com um reduzido número de jogadores a aparecer perto e a atacar as zonas. Isto acontece não só, mas também, porque muitas das situações perto da área adversária foram na sequência de contra-ataques ou ataques rápidos, logo com muita velocidade, não conseguindo alguns dos jogadores acompanhar essa referida velocidade. Em alguns momentos, isso também se deve a uma deficiente reação, algo lenta, à conquista da bola. Primordialmente, chegamos lá via corredor lateral, sendo que em alguns momentos a tentar e conseguir jogar de forma apoiada.



Figura 4: Chegamos com poucos à frente e sem conseguir atacar as zonas de finalização. Muitos jogadores atrasados.

RELATÓRIO DE JOGO

2.2 - Transição Ataque-Defesa

O adversário tentava sempre ligar com o AV ou com o MI mais forte para depois poder procurar o AV em apoio frontal ou movimento de rutura. Posteriormente procuravam explorar muito os corredores ou através do AV ou com combinação com os Extremos. Posicionalmente, nem sempre estivemos equilibrados e preparados para a perda, visto que em alguns momentos o espaço existente entre DC e DL do lado contrário era grande. O mesmo pontualmente ia acontecendo entre os DCs, que, em processo ofensivo, por vezes, encostavam demasiado à equipa, não estando preparados do ponto de vista posicional para a perda, como para ser uma solução para circular em segurança. Além disso, quando faltava um dos DL ou este tinha saído à bola, o nosso PV era em alguns momentos atraído à bola não fechando o espaço que ficava entre DL e DC ou entre DCs quando o DC do lado da bola era atraído também. Paralelamente, por diversas vezes quando tínhamos bola deixávamos o AV do SC Coimbrões à vontade para “vaguear” entre a nossa linha defensiva sem estarmos precavido para uma eventual perda de bola nas proximidades. Ao nível da reação à perda, em alguns momentos demorávamos a reagir, mas de uma maneira geral conseguimos depois equilibrar.



Figura 5: Perda de Bola do PV, na sequência de uma saída de bola desde GR, via passe para espaço sem apoio e não estávamos posicionalmente preparados; Depois demoramos a equilibrar e deixamos adversário jogar por dentro.



RELATÓRIO DE JOGO



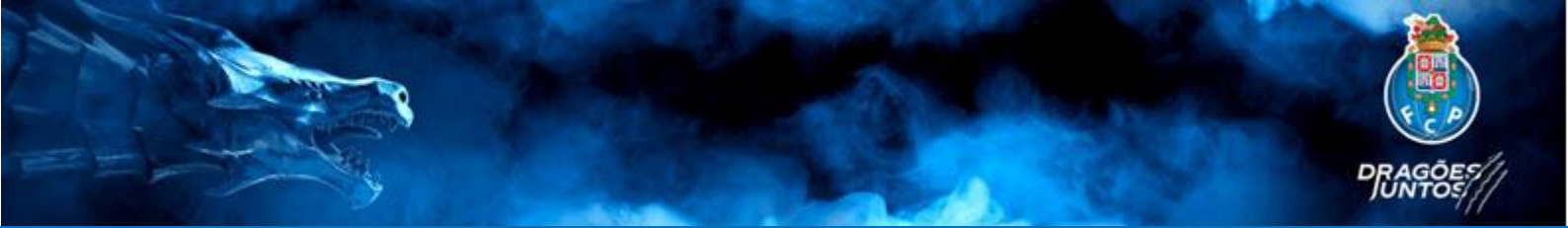
2.3 - Organização Defensiva

Num compute geral, posicionalmente, estivemos bem sendo uma equipa a fechar as zonas interiores, logo condicionando o adversário para as laterais, e não dando muito espaço para termos de ir buscar bolas nas costas da nossa linha defensiva. Onde erramos mais foi ao nível do posicionamento do Extremo contrário que por vezes demorava a alinhar com os MI e o Extremo do lado da bola; também no encurtar por parte dos nossos DL quando a bola variava de corredor para não deixar o Extremo contrário receber; e ao nível do equilíbrio do PV à linha defensiva quando o DL saía à

RELATÓRIO DE JOGO

bola ou o DC era atraído também. Todavia, no que diz respeito à atitude, à intensidade e qualidade das coberturas houve uma clara melhoria estando mais predispostos a equilibrar a equipa.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - O adversário, normalmente, tentava sair a jogar de forma curta exterior a partir do DC da direita para depois ligar com o MI mais forte. Na sequência tentavam chegar aos corredores laterais com diretamente com o AV ou através de ponto com o Extremo. Posicionalmente, apresentamo-nos melhor e com uma melhor ocupação dos espaços. Embora não tenhamos conseguido recuperar muitas bolas neste submomento, fomos capazes de condicionar o adversário com frequência a jogar pelos corredores. Quando o nosso AV não conseguia chegar a tempo muitas vezes o nosso Extremo não atacava a bola, ficando algo expectante, deixando então o adversário circular a bola de um lado para o outro. Apesar disto, positivo foi o facto de termos conseguido manter as nossas linhas bem estruturas em grande parte do jogo, ao mesmo tempo que demos pouco espaço para o AV do SC Coimbrões vir buscar jogo e condicionamos o adversário a jogar muitas vezes a partir do seu DC menos forte. Contudo, não conseguimos anular o MI adversário com a frequência desejada, faltando acompanhamento aos seus movimentos de aproximação em apoio. Relativamente ao espaço entrelinhas, conseguimos manter algum equilíbrio, embora nem sempre assumindo a correta distribuição dos espaços, principalmente ao nível da relação entre PV e linha defensiva, por vezes muito perto, e na relação de distância entre DL e Extremo, por vezes muito afastados.



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 6: AV bem a fazer movimento em L para fechar o interior e lado contrário. Menos positivo é o posicionamento do Extremo do lado da bola que começa muito adiantado e que consequentemente faz com que o MI do lado da bola também esteja desposicionado. A equipa está muito partida.

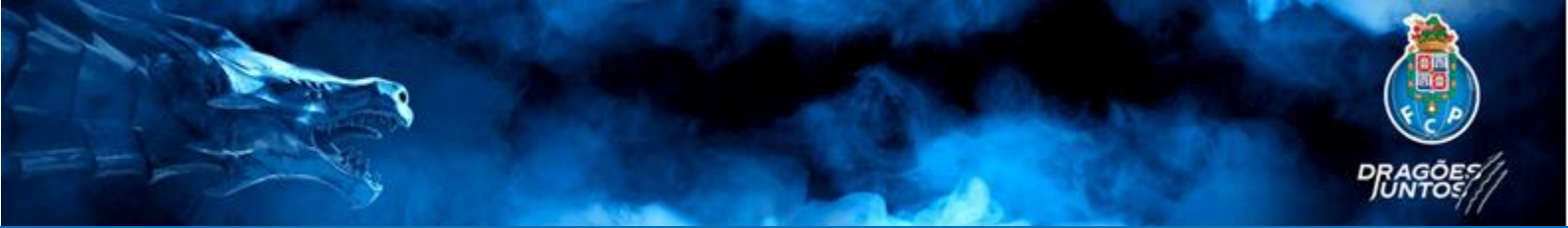


RELATÓRIO DE JOGO



Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços – conseguimos, de uma forma geral, impedir que o adversário entrasse nos espaços e que não tivesse muita espaço para circular em zonas adiantadas. Conseguimos formar e manter as nossas linhas a defender equilibradas em 4:1:4:1. Aqui erramos mais na linha de 4 mais adiantada com o Extremo do lado contrário a ficar muitas vezes adiantado, principalmente o do lado esquerdo do nosso ataque, comprometendo de alguma forma a nossa vasculação caso o adversário conseguisse ver corredor contrário. Por vezes, os DCs estavam algo distantes, mas, de uma forma geral, foi possível ajustar a tempo de evitar situações de perigo. O mesmo se sucedeu, em alguns momentos, entre o DC e o DL do lado contrário. O nosso MI, embora geralmente bem alinhado, com alguma frequência deixava jogadores, no seu espetro de ação, livres e a dar linha de passe, dando a possibilidade de o oponente ter espaço para jogar. Isto aconteceu mais em situações de vasculação por parte da nossa equipa ou lançamentos laterais.

Na 1ª parte, por vezes o DL não estava a encostar bem no Extremo deles quando o adversário variava o corredor de jogo para o contrário, deixando-o receber sem pressão. Contudo, na parte final da 1ª parte já conseguimos corrigir isso e estar bem durante quase todo o jogo nisso. Não só, mas com alguma maior frequência no referido período de jogo, não fomos capazes de equilibrar a equipa quando o DL tinha de sair na



RELATÓRIO DE JOGO

contenção, isto é, quando o DL saía, o Pivô (PV) não estava a ocupar o espaço que ficava livre entre o DL e o DC, ou entre os DC quando o DC do lado da bola era atraído.

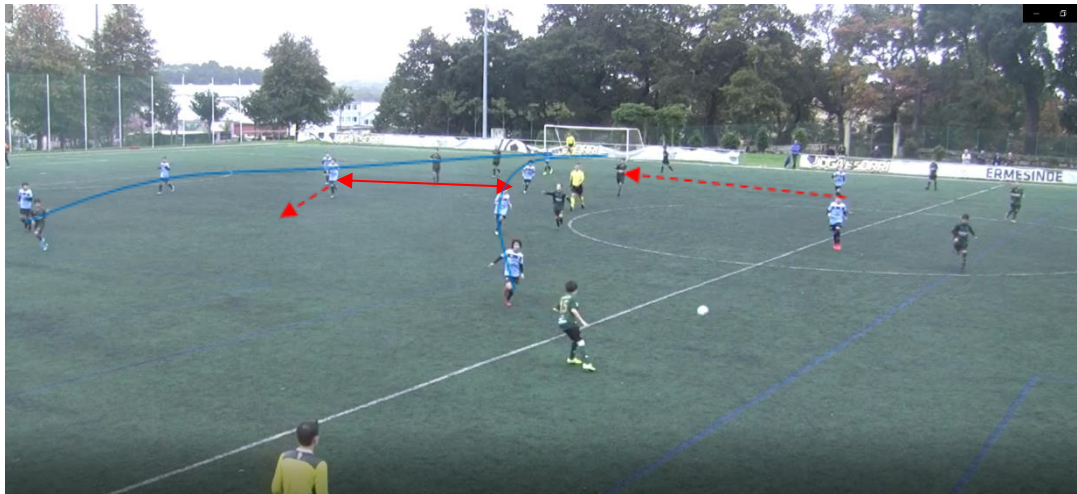


Figura 7: Bem a definir as linhas, mas com algum desposicionamento; DD bem a encostar no Extremo contrário para não deixar receber; PV devia de estar um pouco mais à frente de forma a poder cobrir o DD no caso deste ter de sair na bola; Extremo contrário não está alinhado



Figura 8: Aqui PV já bem a fazer cobertura e equilibrar quando DE atacou a bola; Muita distância entre DCs, e entre DC e DD



RELATÓRIO DE JOGO

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - acabamos por apresentar alguma dificuldade nos duelos, perdendo muitos. Embora não tenhamos estado perfeitos ao nível das coberturas e permutas conseguimos em alguns momentos resolver as ameaças devido ao grande avolumar de nossos jogadores nas proximidades da bola. Ainda assim, por via do mencionado, destacando um excessivo demorar a encurtar distâncias e uma boa contenção, permitimos que o adversário criasse algum perigo dentro da nossa área. Contudo, como tínhamos sido de uma forma geral competentes a orientar o adversário para fora, das poucas vezes que chegou perto da nossa baliza teve dificuldade em “ver baliza” e conseguir concretizar. Para além de que, o jogador mais perigoso do adversário neste aspeto da finalização aqui esteve quase sempre muito bem marcado, tendo então pouco espaço para receber e tentar jogar.



Figura 9: Embora em superioridade numérica atrás, não estamos a fechar a zona interior. E depois não atacamos a bola quando esta entra na área com cruzamento.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

O adversário procurava enviar-nos para os corredores laterais, tentando proteger o meio. Todavia, houve ocasiões que havia espaço por dentro e nas costas dos DL, e mesmo entre DC e DL, e que não soubemos aproveitar por não vermos a vantagem ou a qualidade do passe não ser boa. Paralelamente, muitas vezes não estamos a

RELATÓRIO DE JOGO

antecipar a recuperação de bola, ou seja, não estamos posicionalmente preparados para a partir do nosso posicionamento defensivo, quer individual, quer grupal, atacar melhor.

Neste momento, tivemos alguma dificuldade em sair da pressão de forma apoiada e controlada quando recuperamos a bola em zonas mais recuadas. Ainda assim, houve a formação de triângulos para sair a jogar com 1 ou 2 toques. Continuamos sem variar muito o corredor, mas ocorreram algumas tentativas disso. Em alguns momentos, já tivemos a capacidade para tentar ver a vantagem, e perceber que talvez fosse melhor salvar a bola e acalmar o jogo, não sendo, portanto, sempre vertiginosos. Todavia, o padrão de regularidade de ocorrência ainda não é o desejado. Tal como tem acontecido noutros jogos, conseguimos chegar a zonas adiantadas por diversas vezes via iniciativas individuais, ainda que em alguns momentos já o tenhamos feito com mais algum toque grupal na bola. A reação à alteração da posse da bola já foi um pouco melhor, no sentido que já conseguimos ser mais rápidos e um pouco mais coletivos quando se fala das escalas. Ainda que nem sempre, numa visão global, saímos com mais soluções em maior frequência, e garantindo mais largura, mesmo que ainda sem ser a desejada.



Figura 10: Recuperação da posse da bola – Bem a recuperar a posição e faltando soluções para jogar em segurança, salvamos a bola a bola abrímos. Negativo continuarmos quase sem soluções perto.



RELATÓRIO DE JOGO



3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 1” não comprometeu e deu-se muito ao jogo. Por vezes algo distante do DC do seu lado, mas bem a tentar resistir ao se projetar constantemente.
- “Jogador 20” de uma forma geral bem no jogo. A defender posicionalmente esteve maioritariamente bem, apresentando alguma maior dificuldade quando queria ligar longo.
- “Jogador 17” do ponto de vista da atitude muito bem e a cumprir a sua função sem grandes sobressaltos. Apresentou mais dificuldade a ligar jogo, evidenciando lacunas técnicas ao nível da execução do passe.
- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer, sendo que posicionalmente esteve de forma geral bem, embora nem sempre bem a preparar a perda e a encurtar o espaço.
- “Jogador 3” quando tinha espaço mostrou-se bem e aberto para o jogo e a procurar soluções. Defensivamente, por vezes, não cobriu da melhor maneira o espaço deixado livre na linha defensiva quando o DL saía à bola e/ou o DC era atraído.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 9” bem a executar o passe longo, e a tentar ver o lado contrário. Bem também a procurar o espaço para colocar a bola nas costas da defesa contrária. Já não forçou tanto a iniciativa individual sem grande intencionalidade e sem ver a vantagem.
- “Jogador 8” tentou se dar muito ao jogo e fazer jogar. Evidenciou alguma dificuldade a receber a bola de “coladinha”, principalmente em apoio frontal. De uma forma geral esteve bem.
- “Jogador 15” bem a pedir bola na profundidade. Falta aparecer mais vezes a ser ajuda tanto a atacar como a defender, de forma a estar melhor do ponto de vista posicional. Forte nos duelos ofensivos.
- “Jogador 5” relativamente bem a proporcionar soluções por dentro com apoios frontais. Tecnicamente, dificuldade em executar.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	7ª
JOGO	Futebol Clube do Porto	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	9 novembro 2019	HORA:	18H30	LOCAL:	Constituição Park
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	30					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	41					
...	...	MI	60					
...	...	ED	41					
...	...	EE	60					1
...	...	AV	41				1	
...	...	GR	0					
...	...	MD	19					
...	...	DC	9					1
...	...	MI	0					
...	...	ED/EE	30					
...	...	AV	0					
...	...	AV	19				2	

RESULTADO			
1ª PARTE	2	x	1
2ª PARTE	1	x	2
FINAL	3	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

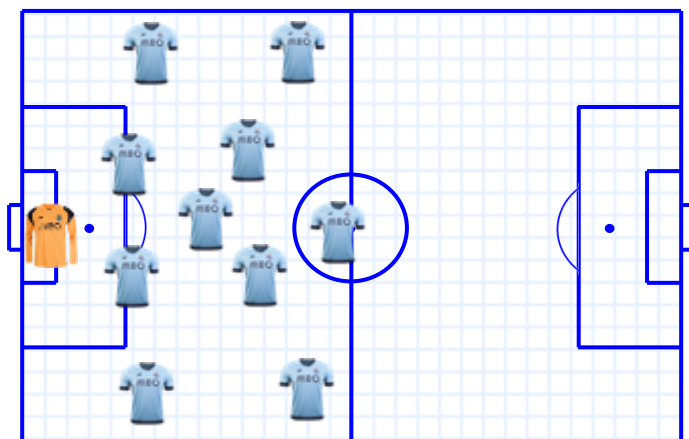
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:4:2



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 9 de novembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Futebol Clube de Porto e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Constituição Park, a contar para a 7ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Visualização dos espaços”, “Vantagem para salvar” e “Campo grande”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

A equipa entrou em jogo com uma boa atitude, a querer jogar com bola, de forma apoiada e tentando procurar espaço para jogar de forma curta. Conseguimos em alguns momentos circular com os nossos Defesas Centrais (DCs) a não terem medo de ter bola e sem forçar profundidade quando não tínhamos vantagem. O nosso Guarda-Redes (GR) também apareceu a jogar com os pés sem evidenciar grandes problemas. Posteriormente, tivemos mais dificuldade em ter bola, não tanto por tentarmos esticar

RELATÓRIO DE JOGO

o nosso jogo insistentemente ou por forçarmos em iniciativas individuais, mas sim pela qualidade do adversário a circular a bola e a jogar entrelinhas. Apesar disso, à parte dos golos, o adversário não teve muitas ocasiões de golo, isto é, embora tendo muita bola, não conseguiu materializá-la em muitas situações iminentes de golo. Na 2ª parte mantivemos a mesma vontade de ter bola, e acabamos por consegui-lo de uma forma mais repartida com o adversário. Paralelamente à 1ª parte do jogo, conseguimos explorar bem o espaço deixado nas costas pelo Defesa Lateral Esquerdo (DE), mas na 2ª metade de jogo de uma forma mais evidente. Conseguimos variar o corredor algumas vezes, pontualmente fazendo a bola chegar de um lado a outro, mais via passe longo na diagonal, “queimando corredor”. Isto deveu-se muito à falta de espaço que havia para tocar em zonas interiores.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o FC Porto defendia com os 2 Avançados (AVs) no meio nos espaços entre o Pivô (PV) e os DCs, ficando com 2 linhas de 4 atrás. O AV do lado da bola saía no nosso DC, e ao mesmo tempo, o outro AV também subia de forma a fechar o corredor central e impedir que pudéssemos jogar no GR, deixando o nosso PV só. Os 2 Médios Interiores do oponente pegavam nos nossos MI, não lhes dando muito espaço, enquanto que, o Médio-Ala (MA) do lado da bola chegava perto do nosso Defesa Lateral (DL) e o MA contrário fechava por dentro.



Figura 1 – Saída curta pelo GR com os PL adversários a condicionarem a saída e o MA a encurtar e a chegar ao DL obrigando a “jogar mal” para fora



RELATÓRIO DE JOGO

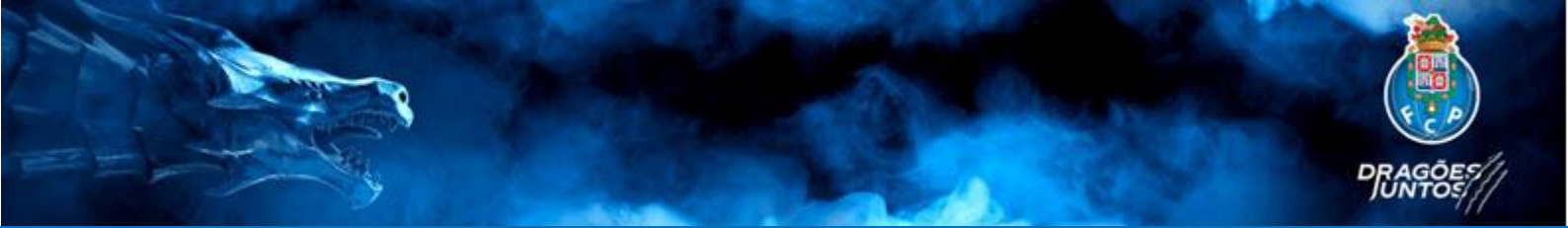


Para além de o nosso adversário subir as linhas, não nos concedendo muito espaço para jogar, faltou igualmente alguma velocidade a tocar a bola, e uma maior ocorrência de movimentos de aproximação em apoio e afastamento para abrir espaços por dentro e sair da marcação adversária. Posicionalmente, apresentamo-nos bem

RELATÓRIO DE JOGO

fazendo “Campo Grande” com a equipa aberta para jogar. Quando conseguimos sair de forma curta acabamos por ser bem-sucedidos, na medida que por diversas vezes fomos capazes de ligar com os nossos Extremos e não perdemos a bola em zonas recuadas. Todavia, como referido, faltou-nos algum jogo interior para conseguir construir por dentro. Apesar disso, tivemos momentos que o nosso GR não decidiu bem, não vendo onde é que tínhamos vantagem, por vezes jogando para zonas onde já estávamos pressionados. Quando se optou por jogar via passe longo tivemos dificuldade em ganhar a bola em duelos aéreos. Isto deveu-se por nem sempre termos conseguido fazer a bola chegar ao nosso AV, que era o nosso jogador mais forte nos duelos aéreos, e perante isto, faltou-nos que este aproximasse também um pouco. Além disso, a bola foi muitas vezes para corredor central. Paralelamente, o DC adversário que acompanhava o nosso AV era alto e forte fisicamente.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - encontrávamos um adversário com uma grande densidade de jogadores no corredor central dando mais espaço nas alas, mantendo sempre uma linha defensiva alta. Procuravam na mesma impedir que os nossos MI jogassem, mas muitas vezes havia espaço para o nosso PV ter bola e virar o centro de jogo, como fez em mais de uma ocasião permitindo chegar ao lado contrário de uma forma rápida com passe longo em diagonal. Contudo, o FC Porto encurtava distâncias muito rápido e quando não fomos capazes de igualmente jogar rápido perdemos bola.



RELATÓRIO DE JOGO



Figura 2 - A reposição de bola é feita pelo AV para o MI que recebe a bola e lança em profundidade nas costas dos DC para o ED que entra na área e sofre falta originando a Penalti



Para o sucesso aqui foi importante a capacidade do nosso AV em baixar e jogar de costas para a baliza, equilibrando o número de jogadores nas zonas centrais, e

RELATÓRIO DE JOGO

lutando muito pela bola. Ficou de positivo alguma capacidade de ter bola e procurar o espaço certo para jogar e depois entrar, conseguindo ver as zonas frágeis do adversário, principalmente as costas do DLs. Ao não as identificarmos, ou não as conseguirmos explorar, em diversos momentos estivemos bem a salvar e reorganizar para tentar construir e criar novamente. Quando exageramos na iniciativa individual, tivemos dificuldades, não só pela densidade de jogares adversários, mas também pela capacidade individual do adversário no 1x1. Faltou também conseguir criar o “Campo Pequeno dentro do Campo Grande”, contudo o adversário não o permitiu.

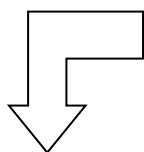
No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - fomos competentes quando vimos as costas dos DL adversário e exploramos esse espaço com velocidade. A entrada deu-se essencialmente via corredores laterais, intercalando ligações DC-Extremo com ligações variando corredor central e lateral com os MI a jogar e/ou AV a aparecer em apoio. Foi determinante o jogar rápido a 1 ou 2 toques no máximo, senão o adversário ficava logo em vantagem pela forma intensa como reagiam.



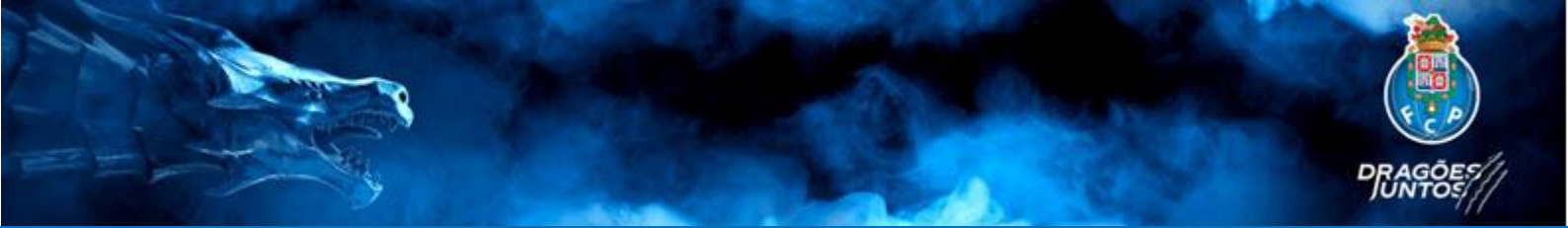
Figura 3 – A bola circula do corredor esquerdo passando pelo MI até ao corredor direito e é lançada em profundidade pelo LD para o nosso ED que após duelo com o defesa adversário ganha lançamento



RELATÓRIO DE JOGO



Na sequência, conseguimos em alguns momentos “Ver perto! Ver perto!” para atrair o adversário ao centro de jogo e depois “Ver longe!”, explorando as costas da linha defensiva adversária, primordialmente pelos corredores laterais. Numa parte final do jogo já começamos a exagerar um pouco no forçar a profundidade, mas essa precipitação estará relacionada não só com o desgaste, tendi muito a ver cm a forma como estávamos a ter eficácia e pelas soluções que tínhamos na frente, isto é, jogadores de grande explosão com e sem bola.



RELATÓRIO DE JOGO

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização – uma vez mais pela forma como o oponente neste jogo defendia, com uma grande densidade de jogadores no corredor central, tivemos dificuldade em ter espaço para rematar com frequência de



Figura 4 - O MC tabela com o AV e entra na área adversária em drible perdendo depois o timing de remate. Na sequência ganha lançamento de linha lateral.

fora de área.

Mesmo dentro de área não conseguimos rematar muitas vezes devido a, essencialmente, um de acerto no último passe ou incapacidade de acertar no timing de decisão e execução. Paralelamente, excetuando as situações de bola parada, tivemos dificuldade em chegar com muita gente às zonas de finalização, diminuindo desde logo

RELATÓRIO DE JOGO

o número de soluções. De uma forma geral, chegamos mais vezes a zonas perigosas pelos corredores laterais, tendo como sequência com movimentos interiores com bola.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

O adversário reagia muito rápido acelerando muito forte com e sem bola em bloco. Fazia logo campo grande procurando espaço para jogar, variando corredor central e lateral, muito pelo nosso corredor direito. Normalmente também aqui a largura era garantida pelos DLs, com o MA a criar superioridade por dentro ao mesmo tempo que um dos AV baixava para jogar entre linhas. Posicionalmente, nem sempre estivemos equilibrados e preparados para a perda, principalmente no respeitante aos corredores laterais, com os Extremos a por vezes demorarem a baixar e a alguma distância excessiva entre DC e DL, em alguns momentos.



À parte disto, a reação da equipa do ponto de vista atitudinal foi positiva, com grande espírito de sacrifício e combatividade, tendo capacidade de dividir bolas no centro do terreno de jogo. Ao nível da linha média, o nosso PV esteve bem a tentar compensar algumas saídas do MI.



RELATÓRIO DE JOGO



2.3 - Organização Defensiva

Num cômputo geral, posicionalmente, estivemos bem sendo uma equipa a fechar as zonas interiores, tentando condicionar o adversário para as laterais. Conseguimos também proteger bem as nossas costas no corredor central, apenas tendo entrado algumas bolas pelo corredor lateral. Por vezes “deixamos” adversário jogar entre o DL e DC, pois o AV do lado da bola atraía o nosso DL com um movimento de aproximação dando espaço para o Médio-Ala entrar entre DL e DC. Por vezes, com a mesma dinâmica, apenas trocavam de funções o AV do lado da bola e o Médio-Ala, aumentando, portanto o grau de incerteza. Contudo, nunca deixamos que essa bola entrasse de forma confortável, tendo inclusive conseguido algumas recuperações. Ao nível da definição das nossas linhas a defender estivemos muito bem, tendo

RELATÓRIO DE JOGO

apresentado mais dificuldades em acertar o nosso posicionamento da nossa linha média por um dos Extremos estar muito adiantado ou não conseguirmos compensar a saída de um dos MI à bola ficando a disposição dos restantes elementos da linha na mesma zona, não se ajustando o suficiente, ficando o outro MI muito só.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - o adversário, normalmente, tentava sair a jogar de forma apoiada a partir dos DCs, deixando os DLs projetados e em largura, e com o MI do lado contrário a chegar perto para dar solução por dentro. O espaço deixado livre era ocupado pelo MA também do lado contrário, ficando o DL desse lado já na linha média, ocupando o espaço deixado livre por esse MA. Na sequência, tentavam jogar com o DL para depois então procurar mais o espaço interior e muito jogo entrelinhas. Apresentamo-nos maioritariamente bem do ponto de vista posicional, com o AV a sair na bola com movimento a fechar o corredor central.

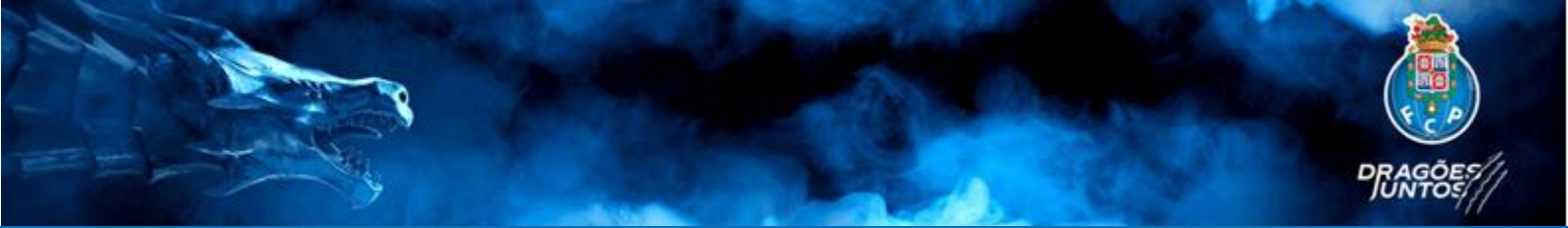


RELATÓRIO DE JOGO



No entanto, quando este não chegava a tempo e tinha de sair outro jogador, muitas vezes saiu o nosso MI do lado da bola, mas sem ninguém fechar o espaço interior que tinha ficado vago. Nem os Extremos juntavam ao MI que tinha ficado só, nem muitas vezes o PV subiu, pois, o adversário procurava muito o espaço entre ele os nossos DCs para jogar. Por vezes, o Extremo contrário estava mesmo algo adiantado, não perfazendo a linha média defensiva. Posicionalmente, apresentamo-nos melhor e com uma melhor ocupação dos espaços. Embora não tenhamos conseguido recuperar muitas bolas neste submomento, principalmente na 2ª fomos capazes de condicionar, com frequência, o adversário a jogar pelos corredores laterais, dando menos espaço.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - na 1ª parte tivemos, de uma forma geral, dificuldade em anular o jogo interior e entrelinhas do adversário. Apesar de o nosso posicionamento estar dentro do pretendido, faltou ter as linhas um pouco mais juntas e uma maior capacidade de compensar desequilíbrios, principalmente no que diz respeito à 1ª parte do jogo. O adversário procurava muito jogar 1º no espaço entre os MI e o PV ou entre PV e DCs, para depois, a partir da ala jogar no espaço entre DL e DC. Na 1ª parte, com movimentos de aproximação atraíam o nosso DL, para tentar explorar o espaço entre o DC e o DL, e com um forte jogo entrelinhas, tentavam jogar constantemente a procurar as costas da nossa linha defensiva.



RELATÓRIO DE JOGO





RELATÓRIO DE JOGO



Apesar destas ameaças, conseguimos quase sempre nos equilibrar atrás, não permitindo que o adversário entrasse muitas vezes dentro de área. Todavia, num cômputo geral, conseguimos impedir, com frequência, que o adversário entrasse nos espaços pelo corredor central e que a partir daí criasse situações iminentes de golo constantemente. Os nossos DLs estiveram também bem a tentar encurtar distâncias para não deixar o jogador que aparecia no corredor lateral receber, ou, pelo menos, receber de forma confortável. As maiores lacunas aqui terão sido quando um dos MI tinha de sair à bola com algum desacerto no posicionamento dos Extremos de forma a compensar, mais concretamente ao nível do fecho do espaço interior.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - acabamos por apresentar alguma dificuldade nos duelos, apesar d termos conseguido com uma atitude forte e intensidade equilibrar as coberturas da equipa. Embora não tenhamos estado perfeitos, conseguimos evitar que o adversário criasse grandes ocasiões de perigo dentro de área, até porque nas vezes que o conseguiu, normalmente fê-lo de uma forma lateralizada.



RELATÓRIO DE JOGO

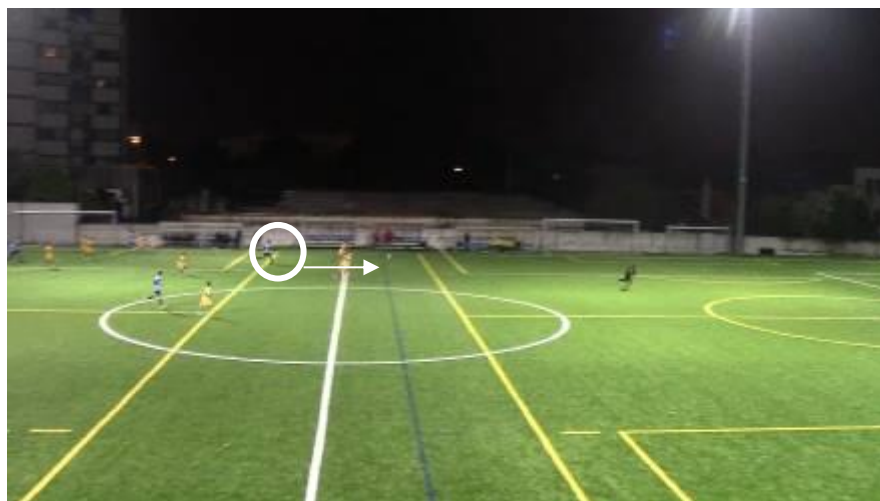


À entrada da área nem sempre fomos capazes de evitar remates do adversário em zonas centrais mais conseguimos quase sempre condicionar com um jogador mais próximo. Na 2ª parte do jogo, este volume foi mais baixo, tendo nós também tido mais bola, e o jogo ter sido mais dividido em zonas médias do campo com muitas perdas e recuperações de bola de parte a parte.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Invariavelmente, e à semelhança do seu processo de Organização Defensiva, o FC Porto, fechava muito bem o interior com uma grande densidade de jogadores, dando espaço nos corredores laterais. Contudo, este espaço era algo exponenciado neste momento, pois quem garantia largura e profundidade à equipa era geralmente o DL, fazendo com que deixassem muito espaço nas costas.

RELATÓRIO DE JOGO



Tanto na 1ª parte com na 2ª conseguimos aproveitar bem este espaço com recurso a passe longo, saindo da pressão adversária o mais rápido possível e sem deixar que o oponente se reequilibrasse. De forma apoiada, tivemos mais dificuldade em conseguir sair da pressão, visto haver já haver pouco espaço por dentro e a reação do adversário ser muito forte. Por vezes, também nos prendíamos demasiado à bola antes de a soltar, não conseguindo ter sucesso, visto já nem a salvamos conseguíamos. Contudo, em vários momentos quando não havia espaço para jogar para a frente, tentamos e fomos capazes de salvar e, a partir daí, então entrar em Organização Ofensiva, procurando construir desde trás. Na 2ª parte fomos mais eficazes e eficientes, embora tenhamos tido algumas situações que com um timing certo de saída do nosso AV e/ou do Extremo poderíamos ter conseguido provocar mais perigo.

RELATÓRIO DE JOGO

3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 1” algumas dificuldades em gerir o número de adversários que apareciam no seu corredor e situações de 1x1. Deu-se muito ao jogo, evidenciou uma atitude positiva e não comprometeu.
- “Jogador 20” posicionalmente esteve bem defender e esteve bem a tentar jogar curto e na procura do Extremo para ligar.
- “Jogador 17” do ponto de vista da atitude muito bem e a cumprir a sua função sem grandes sobressaltos. Posicionalmente também maioritariamente bem.
- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer, sendo que posicionalmente esteve de forma geral bem. Mais na 1ª parte, nem sempre esteve bem a preparar a perda, estando algo aberto e projetado.
- “Jogador 3” quando tinha espaço e jogou rápido mostrou-se bem a tentar procurar vantagem e colocar a bola a andar tanto de forma curta, como longa. Evidenciou alguma dificuldade em gerir o elevado número de jogadores e movimentações que apareciam na sua zona.
- “Jogador 9” bem a executar o passe longo, e a tentar ver o lado contrário em alguns momentos. Abusou um pouco da iniciativa individual quando não tinha espaço para isso.
- “Jogador 6” deu-se muito a jogo e tentou dentro do possível fechar o máximo o espaço interior. Bem quando tentou salvar, mas dificuldades em jogar com espaços muito curtos.
- “Jogador 14” de valorizar a atitude com que entrou em campo.
- “Jogador 15” tentou acelerar muito com bola e procurar a profundidade, mas nunca foi capaz de criar situações de grande perigo. Bem a pedir bola na profundidade. Melhor do ponto de vista posicional.
- “Jogador 5” muito combativo e bem a se movimentar em apoio para tentar jogar. Evidencia algumas lacunas técnicas. Marcou o 1º golo.
- “Jogador 12” foi importante a sua entrada pela capacidade e força física que trouxe à equipa. Muito forte a explodir e acelerar, só faltou acertar no timing de algumas acelerações, saiu tarde. Marcou 2 golos.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	8ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Boavista Futebol Clube		
DATA:	16 novembro 2019	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	30					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	47					
...	...	PV	60					
...	...	MI	30					
...	...	MI	60					
...	...	ED	30					
...	...	EE	60					
...	...	AV	47					
...	...	GR	30					
...	...	DD/MD	0					
...	...	DC/MI	30					
...	...	MI	0					
...	...	ED/EE	30					
...	...	AV	13					
...	...	AV	13					

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	0
2ª PARTE	0	x	1
FINAL	0	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 16 de novembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Boavista Futebol Clube, no Colégio Ermesinde, a contar para a 8ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Visualização dos espaços”, “Vantagem para salvar” e “Campo grande”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

A equipa entrou em jogo com uma boa atitude, a querer jogar com bola, de forma apoiada e tentando procurar espaço para jogar de forma curta. Conseguimos em alguns momentos circular com os nossos Defesas Centrais (DCs) a não terem medo de ter bola e sem forçar profundidade, tentando jogar com os Defesas Laterais (DL), Extremos (EXT) e com os Médios Interiores (MI), quando estes conseguiam aparecer entre as marcações adversárias. Tivemos mais dificuldade em ligar com o Pivô (PV),

RELATÓRIO DE JOGO

porque o movimento do Avançado (AV) adversário era sempre a condicionar para fora, com o EXT do lado da bola, só saltava no DL se a bola chegasse lá, e o MI a fecharem o corredor central. O DL adversário acompanhava o nosso Extremo de forma a não permitir que este recebesse a bola, ou pelo menos que não a recebesse de forma confortável. Todavia, com o desenrolar do jogo tivemos dificuldade em desenvolver nosso jogar e manter bola sem procurar em demasia a profundidade. Individualmente, o adversário apresentou-se muito forte e superior em situações de 1x1 e de bolas com trajetória aérea.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o Boavista FC defendia com o AV no meio e com os EXT nas quinas da grande área. Os MI pegavam nos nossos MI e os DL, pegavam nos nossos EXT. Após a bola sair o AV saía na pressão, com o EXT do lado da bola e o MI a controlar o espaço interior de forma a não deixar o DC ligar por dentro. Posteriormente, o EXT só saltava se a bola chegasse ao nosso DL e o DL adversário acompanhava o nosso EXT de forma a condicionar essa linha de passe. Embora o nosso PV ficasse só, faltava espaço para receber, na medida que pela linha formada pelo adversário, tornava-se difícil criar linhas de passe por dentro.



Sequência de imagens 1 - Após saída de bola pelo nosso GR para o nosso DL e já com o AV adversário a cair em cima e a linha média a avançar para condicionar os nossos MI (2) e a obrigar a nossa equipa a jogar “mal” para fora (3)



RELATÓRIO DE JOGO



Para além de o nosso adversário subir as linhas, não nos concedendo muito espaço para jogar, faltou-nos mais mobilidade por dentro, com trocas posicionais de forma a fugir das marcações e tentar confundir o adversário. Paralelamente, era fundamental ter simplificado mais o nosso jogar, optando por soluções coletivas, tentando ver a vantagem com uma correta colocação dos apoios, com 1 ou 2 toques de forma a acelerar o jogo e criar desequilíbrios.

RELATÓRIO DE JOGO

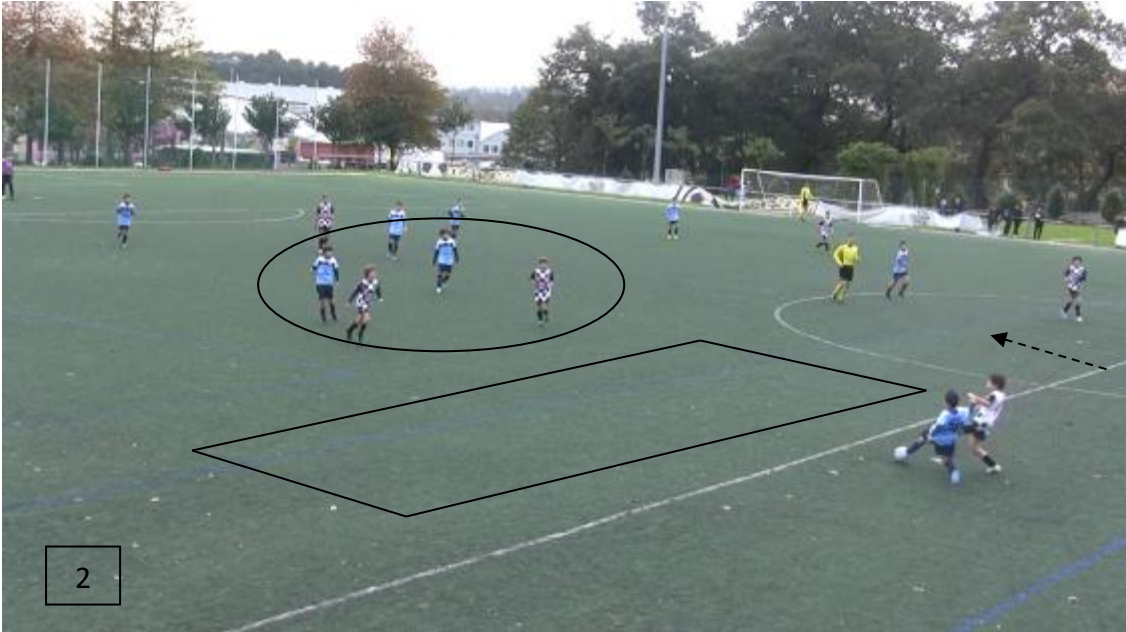
Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - encontrávamos um adversário com uma grande densidade de jogadores no corredor central dando mais espaço nas alas, mantendo sempre uma linha defensiva alta. Procuravam na mesma impedir que os nossos MI jogassem, continuando a haver espaço para o nosso PV ter bola, apesar de faltar espaço para por vezes fazer a bola chegar lá. Uma vez mais, perante a postura do adversário, faltou simplificar o nosso jogar de forma a criar desequilíbrios e incertezas ao nosso adversário, de forma a procurar e ganhar vantagem a partir de jogadas a 1 ou 2 toques. Consequentemente, não fomos capazes de ter muita bola, exagerando no forçar da procura da profundidade e de iniciativas individuais no “coração” da equipa adversária.



Sequência de imagens 2 – A jogada inicia com um passe do nosso DL para o EXT (solução “mais complicada” uma vez que tinha o PV junto a ele) que em esforço executa um passe (2) para o AV que acaba por fazer um apoio frontal para o PV (3) que procura de imediato a profundidade (4) sem o critério desejado.



RELATÓRIO DE JOGO





RELATÓRIO DE JOGO



De uma forma geral, tivemos dificuldade em ver as zonas frágeis do adversário, e ao não as conseguirmos identificar/explorar, não salvamos a bola e tentamos ver longe, sem, frequentemente, ver perto. Consequentemente, perdemos muitas vezes a bola, até porque a linha defensiva adversária era muito forte a ler a trajetória da bola, atacando muito bem a mesma, no timing certo, não permitindo nem que ganhássemos a 1ª bola, nem dando espaço para que houvesse uma 2ª bola, na medida que normalmente este corte era direcionado para um colega de forma a começarem a construir.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - acabamos por não ser competentes, não conseguindo ver as costas da linha adversária.



RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 3 - os nossos MI e PV trocam a bola (1) e tentam de imediato procurar o espaço nas costas da defesa adversária. (2) No entanto os DC controlam a jogada. (3)





RELATÓRIO DE JOGO



Isto aconteceu devido a capacidade de o adversário em anular as nossas tentativas, assim como à falta de movimentos de aproximação em apoio de forma a libertar espaço de modo a haver espaço para movimentos de rutura, e explorar os espaços com velocidade. Faltou capacidade de ver perto, para depois ver longe com jogadas a 1 ou 2 toques a variar o centro de jogo. O constante forçar da profundidade limitou-nos também, porque só víamos essa solução, mesmo quando não o era.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - este foi quase inexistente uma vez que apenas tivemos 1 oportunidade clara de golo, tendo rematado poucas vezes. Além disso, como chegamos pouco à frente, faltou jogadores a chegar perto. Quando estivemos mais perto da baliza adversária faltou mais movimentos a atacar zonas de finalização.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

O adversário reagia muito rápido tentando acelerar o jogo subindo as suas linhas, procurando os seus EXTs e AV.

RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 4 - O DL adversário recupera a bola no corredor lateral e tenta de imediato combinar com o EXT deles. A nossa equipa reage bem com o nosso EXT (1) a acompanhar o lateral e tanto o nosso MI e LD fecham o espaço e condicionam a receção do adversário, já com o nosso PV a ocupar o espaço entre linhas (2) que, na sequência, condiciona a jogada e “rouba” a bola ao adversário (3).





RELATÓRIO DE JOGO



Porém, respondemos bem neste momento, conseguindo maioritariamente reequilibrar a equipa, e formar pelo menos as nossas linhas atrás do AV. A partir daqui conseguimos condicionar quase sempre o adversário a jogar mais por fora, dando pouco espaço em zonas interiores. De relevar aqui a atitude da equipa que de forma geral reagiu de uma forma positiva na tentativa de não permitir que o adversário avançasse. Por vezes, apenas os EXT demoraram um pouco mais a baixar e fechar, mas nada que normalmente comprometesse a equipa.

2.3 - Organização Defensiva

Num cômputo geral, posicionalmente, estivemos bem sendo uma equipa a fechar as zonas interiores, tentando condicionar o adversário para as laterais. Conseguimos também proteger bem as nossas costas no corredor central, não permitindo a entrada de bolas na profundidade, salvo alguma exceção nos corredores laterais. Tirando o lance de golo, em que o EXT e o MI do lado da bola demoraram a juntar à linha intermédia, permitindo espaço por dentro, a equipa esteve muito bem posicionalmente a condicionar o adversário e vascular. Durante a 1ª parte, principalmente no início, o nosso AV correu em demasia de linha a linha, sem ser então eficiente apesar do esforço e compromisso que revelou sempre. Portanto, ao nível da

RELATÓRIO DE JOGO

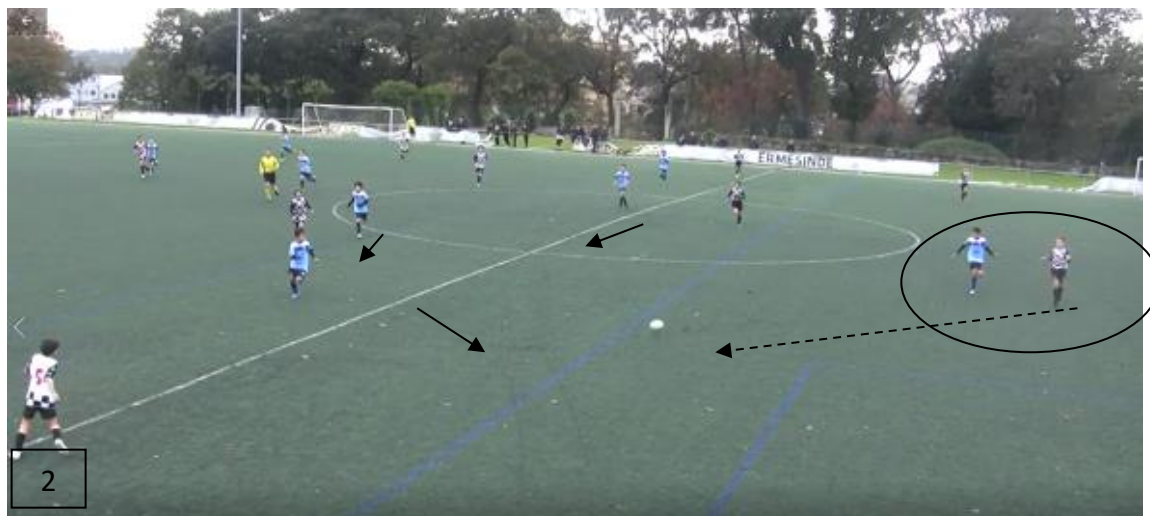
definição das nossas linhas a defender estivemos muito bem, tendo só revelado algumas lacunas no acerto do posicionamento da nossa linha intermédia, por o EXT e MI do lado direito terem demonstrado uma atitude algo passiva a defender.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - o adversário, normalmente, tentava sair a jogar de forma apoiada a partir dos DCs, para depois ligar com os DLs. O PV e os MIs jogavam por dentro, mas sem aproximarem muito, sendo a prioridade ligar com o EXT ou com o AV. Apresentamo-nos maioritariamente bem do ponto de vista posicional, com o nosso AV a sair na bola com movimento a procurar fechar o corredor central.



Sequência de imagens 5 – Observa-se o nosso AV a condicionar o jogo pelo corredor central (1) obrigando o DC adversário a procurar um passe para o lateral (2) e com o nosso EXT a interceptar o passe e toda a equipa a ajustar, a pegar o adversário direto e a condicionar o espaço.

RELATÓRIO DE JOGO



A restante equipa manteve-se bem a controlar o espaço, não dando muito espaço entrelinhas. Na 2ª parte, por vezes o EXT do lado direito estava um pouco adiantado abrindo espaço nas costas, não perfazendo a linha intermédia. Embora não tenhamos conseguido recuperar muitas bolas neste submomento, principalmente na 2ª fomos capazes de condicionar, com frequência, o adversário a jogar pelos corredores laterais, dando menos espaço.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços – de uma forma geral continuamos muito bem ao nível posicional com uma correta definição das nossas linhas a defender, apesar de na 2ª parte termos errado mais um pouco na definição da linha intermédia.



RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 6 – As linhas bem definidas (1) com a equipa a bascular e a condicionar o espaço entre linhas (2)



Continuamos, ainda assim, sem dar muito espaço entrelinhas e condicionando o adversário para fora. Em alguns momentos o DL demorou a encostar no EXT adversário para condicionar a sua receção ou mesmo não a permitir. Consequentemente, o

RELATÓRIO DE JOGO

adversário teve alguma dificuldade em chegar a zonas de perigo para a nossa baliza, apesar do maior tempo em posse de bola.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - por consequência tivemos bem, não dando aso a que o adversário chegasse com frequência a zonas de finalização e com espaço.



Sequência de imagens 7 - a equipa a defender em bloco (1) a obrigar a jogar para o corredor lateral impedindo a chegada do adversário a zona de finalização (2) obrigando o adversário a jogar para trás (3).



RELATÓRIO DE JOGO



Mesmo nas escassas ocasiões que o fez não demos espaço para jogar para a frente obrigando a jogar por fora. Quando recuperamos fomos eficazes a afastá-la, principalmente quando tínhamos uma maior densidade de jogadores e evitávamos situações de igualdade ou superioridade para o adversário, ou seja, quando anulávamos a vantagem do adversário.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Invariavelmente, e à semelhança do seu processo de Organização Defensiva, o Boavista FC tentava fechar o corredor central, tentando pegar individualmente nos

RELATÓRIO DE JOGO

nossos MI ou reduzir espaços, ao mesmo tempo que procuravam pressionar os nossos EXTs.



Sequência de imagens 8 –Após recuperarmos bola no corredor lateral (1) o DL procura de imediato a profundidade(2).



Não conseguimos ter muito sucesso, visto que tal como aconteceu no momento de Organização Ofensiva, fomos muito precipitados a procurar a profundidade forçando quando não havia vantagem para isso, e exagerando em iniciativas individuais, dando demasiado toques na bola em zonas interiores em vez de fazer andar e circular se necessário. Frequentemente não éramos capazes de sair da pressão do adversário, porque quase que a “procurávamos”. Portanto, muitas vezes, perdemos bola sem ultrapassar o setor intermédio. Mesmo quando fomos capazes de chegar mais à frente,

RELATÓRIO DE JOGO

faltou-nos soluções para jogar, estando normalmente o portador da bola muito desapoiado. Continuou a faltar movimentos em apoio para jogar, e que também permitisse haver espaços para a ocorrência de bons movimentos de rutura em diagonais aproveitando o espaço deixado livre.

3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 1” muito certinho a nível posicional e a cumprir a sua função.
- “Jogador 20” posicionalmente esteve bem, mas com bola faltavam soluções para jogar.
- “Jogador 17” muito concentrado a defender e capaz de, com bola, ver os MI e os EXT em alguns momentos. Clara evolução a jogar com bola.
- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer, sendo que posicionalmente esteve de forma geral bem.
- “Jogador 3” teve pouca bola para jogar e apareceu pouco no jogo com bola. A defender bem posicionalmente e ajudar a equipa.
- “Jogador 9” demasiados toques na bola e mal a ver onde estava a vantagem. Posicionalmente, bem colocado na linha intermédia.
- “Jogador 18” posicionalmente este um pouco perdido no início do jogo, sendo muito atraído. Depois foi melhorando até sair. Ofensivamente, procurou pedir bolas na profundidade que não eram para ele criando sobreposições por vezes com o EXT do seu lado.
- “Jogador 14” quando entrou, fê-lo com uma atitude passiva e sem se entregar ao jogo, falhando do ponto de vista posicional defensivo.
- “Jogador 22” trabalhou muito e procurou ajudar a equipa. Posicionalmente muito cumpridor. Com bola tentou fazer a diferença, mas não teve muito espaço.
- “Jogador 15” quando entrou no jogo não se fez notar e apareceu pouco no jogo, teve pouca bola. Defensivamente esteve constantemente fora de posição.
- “Jogador 4” tentou aparecer no jogo e pegar no mesmo com bola, mas não conseguiu ter muito sucesso também por faltar apoio e espaço por dentro. Defensivamente esteve muito bem.
- muito trabalhador e combativo a defender. Ofensivamente mostrou-se pouco, porque não teve muita bola, embora tenha tentado se mostrar para jogar.
- “Jogador 12” teve pouca bola, e quando a teve não foi capaz de a dominar de forma eficaz. Defensivamente este bem.
- “Jogador 11” bem a nível posicional e a tentar fazer a bola andar mesmo em espaços curtos. Desenvolveu a sua função sem comprometer, mas não conseguiu fazer muita diferença.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	9ª
JOGO	Valadares Gaia Futebol Clube	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	23 novembro 2019	HORA:	13H00	LOCAL:	Campo Valadares - Gaia
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	25					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	50					
...	...	PV	60					
...	...	MI	60					
...	...	MI	50					
...	...	ED	60					
...	...	EE	60					
...	...	AV	30					
...	...	GR	0					
...	...	DC	0					
...	...	MI	0					
...	...	MI	10					
...	...	DD	35					
...	...	AV	10					
...	...	AV	30				1	

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	0	x	1
FINAL	1	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 23 de novembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Valadares Gaia Futebol Clube e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Campo Valadares - Gaia, a contar para a 9ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **1º e 2º submomentos**, segundo as premissas de “Ocupação de espaços”, “Campo Grande”, “Visualização dos espaços” e “Equilíbrio”. Também se tocou um pouco na Transição Ataque-Defesa.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

Resumindo aquilo que foi o jogo, tivemos muita dificuldade em ter bola e provocar desequilíbrios no adversário. Embora um pouco melhores ofensivamente na 2ª parte, num compute geral, faltou mobilidade para aparecer em apoio conjugados com movimentos em rutura de forma a “abandar” a estrutura adversária e criar desconforto, ao mesmo tempo que criávamos espaço para jogar e tentar explorar zonas

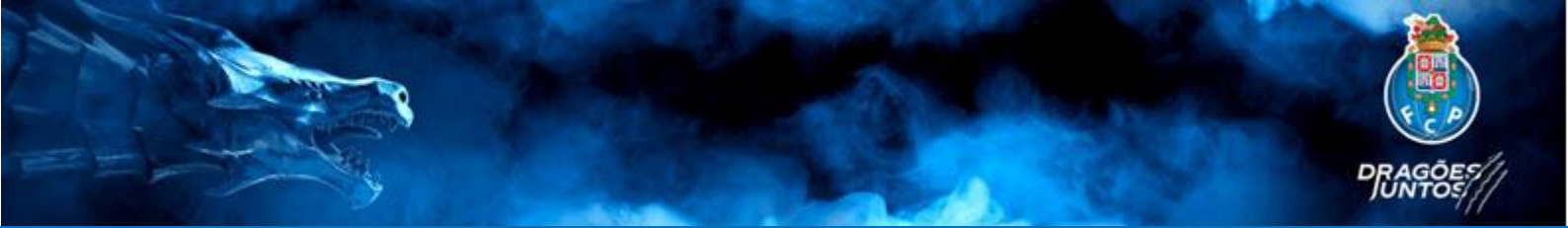
RELATÓRIO DE JOGO

frágeis do adversário. Além disso, forçamos muito iniciativas individuais quando isso não era vantajoso e havia muita concentração de jogadores. Consequentemente, perdemos muitas bolas no meio campo defensivo e sem muitas situações de perigo.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o Valadares Gaia FC defendia com os 2 jogadores a chegar à frente no corredor central, nomeadamente o AV e o MI do lado da bola. Enquanto que, o que estava no lado da bola saía ao nosso DC, o outro fechava o meio.



Sequência de imagens 1 – A nossa saída de bola curta após saída pelo GR o PL adversário cai em cima do nosso DC e EXT no nosso outro DC, enquanto o MI e PV (1) adversários ocupam o espaço entre linhas. O GR num segundo momento recebe novamente a bola não conseguindo ver o DE livre (2)(3) e joga longo (sem sucesso) com a bola a ser recuperada pelo adversário que cai em cima do nosso MI (4)



RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO

Posteriormente formava 2 linha de 4 jogadores, sendo que os EXT contrários encostavam nos nossos DL e os DL adversários pegavam nos nossos EXT. De uma forma geral, não fomos capazes de aproveitar o espaço entrelinhas que o adversário deixava, quando este existia. Paralelamente, devido à falta de conseguir ver vantagem ou criá-la, quando esta não existia, tivemos muita dificuldade em sair desde trás. Embora conseguimos jogar no DC não conseguíamos dar muito seguimento por falta de ocorrência e conjugação de movimentos em apoio e rutura de forma a abrir espaços, resultando em algumas perdas de bola no nosso setor defensivo. Portanto, sucintamente, faltou mobilidade de forma a dar linha de passe ao portador da bola. Mesmo quando o GR foi capaz de ver o DL, tivemos dificuldade, pois, para além de faltar apoio o EXT adversário encostava logo não permitindo que houvesse espaço para jogar. Saída de bola com recurso a passe longo também não foi uma solução válida na medida que foi muito difícil ganhar duelos aéreos e mesmo 2^{as} bolas.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o adversário continuou com as suas linhas bem definidas, logo, posicionalmente bem a defender, ao mesmo tempo que, ao vascular em bloco, procurava constantemente criar superioridade no centro de jogo.



Sequência de imagens 2 – o nosso PL recebe a bola após um passe com dificuldade do MI (1), mas o DC cai imediatamente em cima do PL e recupera a bola (2), impedindo a execução do passe em profundidade para o EXT

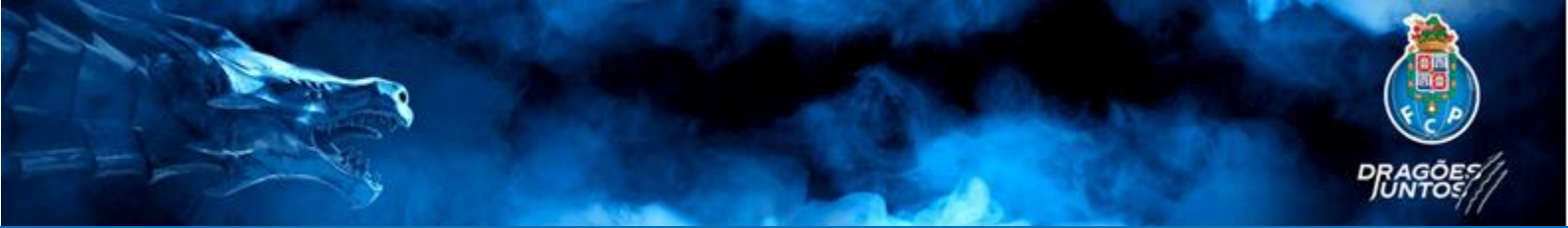


RELATÓRIO DE JOGO



Aliando isto, à falta de capacidade de jogar de forma mais simples, com menos toques quando não havia espaço, e de aparecer mais a ser ajuda, ficou patente uma clara dificuldade em ter bola. Nos momentos em que a tivemos não conseguimos ver vantagem para jogar, também porque, com frequência, não a criávamos, isto é, não conseguimos provocar desequilíbrios na estrutura do adversário, permitindo então, que de forma algo confortável conseguisse controlar.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - este submomento ficou desde logo algo comprometido pela dificuldade que houve em ter bola. Tentamos maioritariamente entrar de forma muito individualizada, sem procurar ajuda e ver lado vazio.



RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 3 - Um raro momento em que a bola circula de um corredor para outro com o passe em profundidade sair com pouca força e a ser interceptado.





RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO

Não conseguimos também aproveitar o espaço que era deixado nas costas da linha defensiva contrária, particularmente quando os seus DLs subiam ou eram atraídos. Na 2ª parte já conseguimos ser mais eficazes, a espaços, mas sempre sem grande apoio e sem fazer campo grande, a equipa ficava muito afunilada.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - este foi quase inexistente, na medida que, apenas por uma vez rematamos. Tendo isto em conta, embora tenhamos tido uma excelente eficácia no que a remates diz respeito, não foi positivo, pois em mais alguns momentos poderíamos ter procurado o remate de médio/longa distância, mas não aproveitamos. Além disso, também tivemos algumas situações de pontapé de canto que não fomos capazes de fazer a diferença, tendo evidenciado um fraco jogo aéreo e movimentos de desmarcação. É preciso atacar mais as zonas de finalização. Embora com mais gente a aparecer na 2ª parte, continuamos sem fugir das marcações dentro de área para haver espaço para finalizar.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

O adversário reagia muito rápido, tentando desde logo fazer campo grande e ver lado vazio. Frequentemente, o Valadares Gaia FC após recuperar bola no corredor lateral procurava através de passe curto jogar ligar com o MI para depois chegar ao lado contrário. Embora, do ponto de vista atitudinal tenhamos nos apresentado de uma forma positiva, posicionalmente nem sempre isso aconteceu. Com alguma frequência, ao perdermos a bola demorávamos a recuperar ou éramos atraídos libertando espaço.



RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 4 - Após perda de bola a primeira reacção do nosso EXT boa (1) e nosso MI a sair à bola deixando o MI adversário com espaço no meio (2) não ocupado pelo nosso PV que depois chega tarde ao MI (3)



RELATÓRIO DE JOGO



Por isso muitas vezes a nossa 1ª linha de 4 jogadores a defender, linha média, muitas vezes ficou malformada, porque ou o MI saltava a uma bola que era do AV ou o EXT não alinhava na formação. Em alguns momentos isto aconteceu em simultâneo, levando a um grande desequilíbrio, pois mesmo que o PV ocupasse o espaço deixado livre pelo MI ficava sempre muito espaço livre, dando posterior superioridade numérica relativa ao adversário. Paralelamente, por vezes a equipa ficava um pouco partida entre os 3 da frente + um dos MI e o resto da equipa.

2.3 - Organização Defensiva

Em zonas recuadas, apresentamos-mos maioritariamente bem posicionalmente e equilibrados. Contudo, ao longo do jogo muitas vezes libertamos espaço no corredor central devido a uma falta de acerto do posicionamento e coberturas da linha média. Para além de por vezes o EXT do lado direito estar muito adiantado em relação à restante linha, o MI do lado esquerdo regularmente saltava a uma bola que era do AV criando um buraco, buraco esse que nem sempre foi compensado pelo PV. De uma forma geral, não conseguimos ser muito eficazes, recuperando poucas bolas, principalmente em zonas avançadas.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - o adversário, normalmente, tentava sair a jogar de forma apoiada a partir dos DCs, para depois ligar



RELATÓRIO DE JOGO

com os MI, ou em alternativa com o DL. Quando não era possível salvavam e reiniciavam a saída.



Sequência de imagens 5 – O adversário salva e reinicia a jogada (1) com o nosso MI atraído ao DC mas com a restante equipa a ajustar em função do adversário e a bola, impedindo o ataque adversário (2)(3)



RELATÓRIO DE JOGO

Não conseguimos ser muito eficazes no que diz respeito a recuperações de bola, apesar de em alguns momentos termos sido capazes de condicionar a saída de bola do Valadares Gaia FC, ainda que apenas numa 1ª instância. Posicionalmente, ficamos um pouco desequilibrados quando o MI saltava não ficando coberto o espaço interior. Com alguma regularidade, nem o PV subia para ocupar o espaço, nem os restantes elementos da linha média aproximavam-se de forma a cobrir melhor o espaço liberto.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - consequentemente, o desequilíbrio mencionado fazia-se notar ainda mais aqui, devido a o adversário procurar muito de forma curta o espaço interior para criar ainda mais espaço e ver e tentar ver lado contrário.



Sequência de imagens 6 - Num primeiro momento o adversário procura a linha (1) mas num segundo momento, com passe curto procura o espaço interior (2)(3) e tenta colocar no lado vazio (4).



RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO



Posicionalmente, continuamos com problemas na definição da linha média, pelo problema mencionado no submomento anterior, como também por muitas vezes o EXT direito estar muito adiantado, logo não alinhado. A ineficácia neste submomento acabou por ser maior, visto que perante o nosso desequilíbrio, o adversário era rápido a procurar o espaço e a criar superioridade numérica relativa. Além disso, em alguns momentos o MI do lado da bola também era demasiado atraído para perto do EXT deixando muito espaço dentro quando a bola estava no corredor lateral.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização – embora inicialmente, a nível posicional a nossa linha estivesse maioritariamente bem, perante a nossa incapacidade de criar superioridade numérica no centro de jogo, e fragilidade nos duelos individuais, regularmente adversário conseguiu chegar perto e mesmo entrar na nossa área.



RELATÓRIO DE JOGO



Sequência de imagens 7 - O MI adv faz um passe em profundidade para o EXT entre o nosso DL e DC. No entanto o nosso DG acompanha o movimento e de carrinho consegue impedir que o EXT fizesse o cruzamento/remate com sucesso.



RELATÓRIO DE JOGO



Contudo, mesmo que, por vezes de forma algo atabalhoada, conseguimos evitar o remate do adversário ou que este fosse na direção da baliza por um acumular de jogadores, mesmo que de forma algo desorganizada.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Não conseguimos ter muito sucesso, visto que tal como aconteceu no momento de Organização Ofensiva, faltou mais campo grande e movimentações a abrir espaços e dar soluções para jogar.



Sequência de imagens 8 - O nosso DL recupera a bola (1) e de imediato faz um passe em profundidade (2) para o EXT que consegue conduzir (3) a bola até à área do adversário. No entanto, exagera no 1 contra 1, acabando por perder a bola, em vez de optar pelo passe para o MI ou PL (4)



RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO

Consequentemente, por vezes fomos muito precipitados a procurar a profundidade forçando quando não havia vantagem para isso, ao mesmo tempo que com frequência também exagerávamos em iniciativas individuais. Faltou simplicidade e velocidade no nosso jogo, não sendo capazes de, por diversas vezes, sair verdadeiramente da pressão adversária. Portanto, muitas vezes, perdemos bola sem ultrapassar o setor intermédio. Mesmo quando fomos capazes de chegar mais à frente, faltou-nos soluções para jogar, estando normalmente o portador da bola muito desapoiado.

3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 1” muito certinho a nível posicional e a cumprir a sua função, mas sem conseguir acrescentar muito à equipa. Muita dificuldade a aparecer a ser solução atrás.
- “Jogador 20” posicionalmente esteve bem, mas com bola faltavam soluções para jogar.
- “Jogador 17” muito concentrado a defender, mas com muita dificuldade em encontrar outras soluções para jogar.
- “Jogador 2” cumpriu a sua tarefa sem comprometer, apesar de em alguns momentos se ter demonstrado algo displicente e pouco aguerrido atrás.
- “Jogador 4” entrou com vontade de ajudar e fazer a diferença. Em alguns momentos conseguiu criar algum desequilíbrio. Defensivamente esteve muito bem.
- “Jogador 3” teve pouca bola para jogar e por isso apareceu pouco no jogo com bola. A defender maioritariamente esteve bem do ponto de vista posicional, apesar de ter falhado algumas compensações.
- “Jogador 9” posicionalmente de forma geral não esteve mal, mas com bola exagera no número de toques e não consegue ver a vantagem.
- “Jogador 8” entrou com vontade conseguindo ser forte nos duelos. Ofensivamente não conseguiu fazer tanto a bola andar, e mostrou-se pouco.
- “Jogador 22” posicionalmente este um pouco perdido, sendo também um pouco atraído. Ofensivamente, não conseguiu ter muita bola e quando a teve demorou a fazer andar.
- “Jogador 15” posicionalmente continua a errar em demasia. Com bola, insiste muita em incitativas individuais mesmo quando não tem vantagem nisso. Na 2ª parte melhorou um pouco.
- “Jogador 11” não conseguiu acrescentar muito à prestação da equipa. Do ponto de vista defensivo não comprometeu muito, mas teve pouca bola. Mostrou-se pouco.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 21” embora do ponto de vista posicional tenha conseguido se manter bem, com bola, e com pouco espaço para imprimir velocidade, evidenciou algumas dificuldades.
- “Jogador 5” muito trabalhador e combativo a defender. Ofensivamente tentou se mostrar o jogo, mais teve muita dificuldade em espaços curtos.
- “Jogador 12” não teve muita bola, mas a espaços conseguiu ser capaz de explorar as costas da defesa contrária em velocidade.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	10ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Futebol Clube Maia Lidador		
DATA:	30 novembro 2019	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Pouco Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	54					
...	...	MI	60					
...	...	ED	60					
...	...	EE	60					
...	...	AV	47					
...	...	DD	0					
...	...	MI/ED	6					
...	...	MI	0					
...	...	AV	0					
...	...	AV	13					

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	0	x	0
FINAL	1	x	0

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

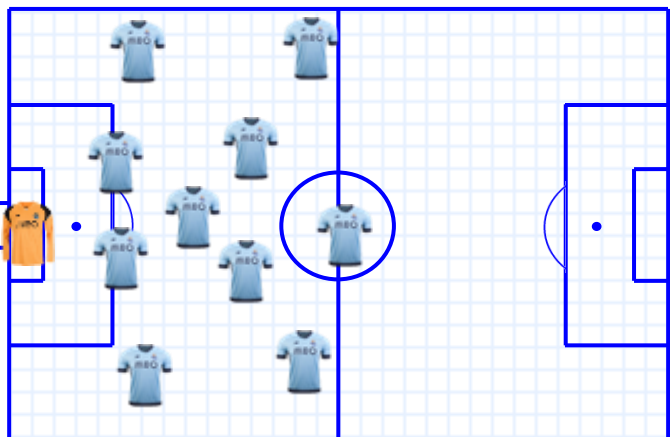
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

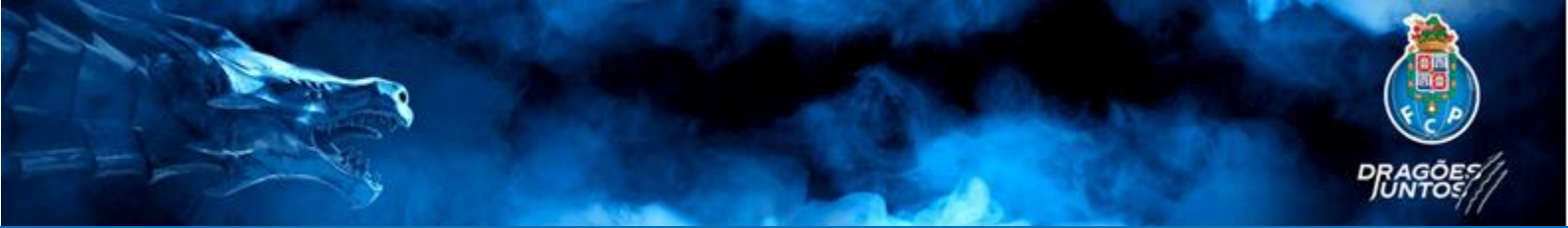
No dia 30 de novembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Futebol Clube Maia Lidador, no Colégio Ermesinde, a contar para a 10ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Mobilidade para Criar Espaço”, “Campo Grande, “Procurar Espaço Vazio” e “Equilíbrio”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

Resumindo aquilo que foi o jogo, pode-se concluir que a prestação da equipa foi diferente entre as 2 partes do jogo. Na 1ª parte fomos mais capazes de ter bola e circular. Contudo, fomos tendo alguma dificuldade em jogar com o Avançado (AV) tento em apoio, como a ver as costas da defesa contrário pelo corredor central. Na 2ª parte já não conseguimos ter tanta bola, com tanta calma e segurança, também devido ao desgaste associado, e pelo adversário ter sido capaz de jogar mais longo,



RELATÓRIO DE JOGO

proporcionando mais espaços para ataques rápidos e contra-ataques. Continuamos sem conseguir ver muito o nosso AV na medida que o espaço interior normalmente estava muito denso e com pouco espaço entrelinhas.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o FC Maia Lidador defendia com o AV pelo meio a chegar perto e a sair nos Defesa Central (DC) com bola, ficando o Extremo (EXT) do lado da bola a encostar no nosso Defesa Lateral (DL). O nosso EXT do lado da bola estava marcado pelo DL. Os 2 Pivôs (PV) defensivos ficavam a controlar o espaço com o do lado da bola a aproximar e o contrário a fazer cobertura por trás.





RELATÓRIO DE JOGO



De uma forma geral, conseguimos ter muito sucesso aqui, principalmente na 1ª parte, sendo capazes de normalmente sair a partir dos nossos DCs e posteriormente ligar com o DL ou com os Médios Interiores (MI), para posteriormente chegar os nossos EXT. Todavia, faltou uma maior mobilidade dos nossos MI de forma a não só dar mais soluções para jogar, como também a desorganizar mais a estrutura adversária e abrir espaços para entrarem outros colegas. Com recurso a bola longa, embora igualmente tenhamos chegado à frente não conseguimos manter tanto a posse da bola, muitas vezes a carências técnicas.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o adversário continuava sem alterar muito o seu padrão comportamental. Todavia, como a sua linha média era algo

RELATÓRIO DE JOGO

atraída à bola, apesar de criarem muito superioridade no centro de jogo, libertavam espaço no corredor central que nos permitiu chegar muitas vezes ao lado contrário quando aceleramos o jogo e os MI apareceram. Apesar de nos ter faltado alguma capacidade de aparecer mais a ser solução, conseguimos aproveitar os desequilíbrios do FC Maia Lidador, tocando muito a bola de um lado a outro. Quando nos prendemos mais à bola, inevitavelmente tivemos dificuldades pelo número de adversário que encurtava espaço. Na 2ª parte tivemos menos capacidade de manter a bola durante tanto tempo, embora não se possa dizer que tenhamos tido um desempenho completamente negativo.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - no decorrer da 1ª metade do jogo chegamos muito perto da área adversária e a zonas de finalização. Conseguimos ter sucesso aqui, com iniciativas individuais consequentes a jogadas coletivas com a bola a chegar de um lado a outro.





RELATÓRIO DE JOGO



No entanto, com recurso a bola longa foi mais difícil, por ter faltado movimentos de rutura nas costas da linha defensiva contrária, ou pelo menos no *timing* acertado. Na 2ª parte, já não fomos tão felizes tentando jogar um pouco mais longo ou de forma mais individual e ver as costas da defesa contrária. Isto ocorreu pelo adiantar de linhas por parte do adversário, e por uma maior incidência de abertura de espaços que propiciaram mais tentativas de contra-ataques e ataques rápidos.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - apesar de termos chegado a zonas de finalização num número considerável de vezes, em muitas dessas ocasiões faltou-nos atacar melhor as zonas de finalização. Em alguns momentos faltou aparecer mais jogadores e sermos mais pragmáticos na hora de rematar

RELATÓRIO DE JOGO

2.2 - Transição Ataque-Defesa

A partir do momento em que recuperava a bola, o FC Maia Lidador procurava ver os seus EXT de forma direta ou através de ponte via os seus PV. Os EXT projetavam-se logo pelos corredores laterais tentando forçar o 1x1 com os nossos DLs com vista a ganhar as costas da linha defensiva. Contudo, depois não apareciam com muita gente pelo meio na frente. Num cômputo geral, conseguimos condicionar o adversário a jogar por fora, e mesmo em algumas situações de 1x1 fomos eficazes pelo nossos DL ter encostado rápido no EXT adversário de modo a não permitir que este recebesse a bola ou pelo menos de forma confortável.





RELATÓRIO DE JOGO



Em muito momentos conseguimos intercetar a bola mesmo antes de ela lá chegar, ou através dos mesmos DLs ou do nosso PV. Contudo, nem sempre estivemos

RELATÓRIO DE JOGO

bem equilibrados com os nossos EXT a por vezes demorarem a baixar para perto dos MI ou com o DL do lado contrário um pouco aberto demais.

2.3 - Organização Defensiva

De uma forma sucinta, este Momento de Jogo foi positivo, no sentido que a equipa conseguiu proteger maioritariamente bem o corredor central e não permitir que o adversário tivesse muitas situações de golo. Conseguimos anular muitas vezes os pontos mais fortes da equipa adversária, principalmente os seus EXT não dando espaço para que estes em drible chegassem a zonas interiores. No final do jogo, e com o adversário a fazer de tudo empatar, tivemos um pouco mais dificuldade, mas fomos conseguindo equilibrar a equipa e cobrir os espaços mais frágeis.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - na 1ª parte fomos muito eficazes condicionando o adversário a jogar a partir dos seus DCs, que apresentavam limitações aqui (principalmente o da esquerda), tendo recuperado várias bolas nomeio campo ofensivo, algumas inclusivamente no setor ofensivo.





RELATÓRIO DE JOGO



O nosso AV esteve bem a condicionar na frente e o MI do lado da bola bem a encurtar em relação ao DC adversário. Quando o oponente jogava longo, tivemos mais dificuldade quando havia duelos pela capacidade que este tinha em disputar bolas aéreas. No entanto, mesmo nestes casos fomos capazes de recuperar bola e de condicionar o adversário jogar para fora ou a erras passes. Na 2ª parte, embora não tão capazes, conseguimos de uma forma geral ter algum sucesso. Aqui também o adversário optou mais pela saída longa, com o DC a ir bater os pontapés de baliza.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - na sequência do submomento anterior, embora tenhamos conseguido nos apresentar bem do ponto de vista da eficácia, nem sempre mantivemos uma estrutura equilibrada e com correta ocupação dos espaços.





RELATÓRIO DE JOGO



Por vezes o DL do lado contrário estava muito afastado em relação ao DC e, em muitos momentos, pelo menos um dos EXT, maioritariamente o mesmo, não baixava para a linha dos MI. Consequentemente, nem fechava o seu espaço, nem acompanhava as incursões do DL adversário, permitindo então que o adversário fosse mais capaz de criar vantagem numérica relativa. Posteriormente, nem sempre a linha média se ajustou bem a esta falha, faltando por vezes o PV um pouco mais à frente ou os jogadores desta linha se juntarem um pouco mais.

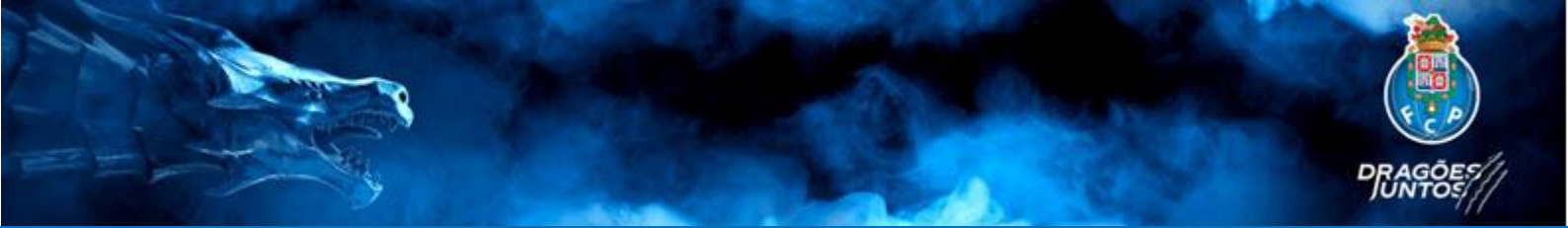
Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - embora tenhamos permanecido com algumas lacunas posicionais já referidas, como conseguimos em muitos momentos matar a jogada na zona da bola, estes problemas não se fizeram notar tanto.



RELATÓRIO DE JOGO



Para além disso, quando a bola chegava ao último terço, como tínhamos o corredor da bola bem povoado e o central também, conseguimos impedir que o adversário ganhasse muito espaço para rematar.



RELATÓRIO DE JOGO

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Embora o oponente deste jogo reagisse rápido à perda da bola, normalmente, não era uma reação forte em bloco, permitindo que houvesse espaço para explorar entrelinhas e mesmo dentro do mesmo setor adversário.





RELATÓRIO DE JOGO



Quando fomos capazes de ver esses espaços, chegar ao lado contrário e/ou acelerar com e sem bola, conseguimos ter muito sucesso. Contudo, principalmente na

RELATÓRIO DE JOGO

2ª parte, fomos um pouco mais lentos a fazer a bola andar e abrir de imediato o que inibiu um pouco mais o sucesso neste momento. Tendo também faltado mais alguma calma para em alguns momentos salvar bola de forma a atrair mais o adversário depois em organização aproveitar os espaços.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 1” muito certinho a nível posicional e a cumprir a sua função, mas sem conseguir acrescentar muito à equipa. Bem a antecipar e intercetar algumas bolas.
- “Jogador 14” esteve bem do ponto de vista posicional e da atitude durante todo o jogo.
- “Jogador 17” muito concentrado a defender, apesar de alguma dificuldade em soluções para jogar.
- “Jogador 21” embora bem a se envolver com bola, evidenciou dificuldade em assumir uma correta posição/ocupação correta no campo a defender.
- “Jogador 3” de uma forma geral esteve bem, tanto com bola a procurar soluções com a manter o equilíbrio da equipa.
- “Jogador 9” embora tenha faltado alguma mobilidade para ser mais vezes solução, esteve bem quando não se prendeu em demasia à bola. Defensivamente cumpriu.
- “Jogador 8” esteve bem no jogo, muito concentrado e combativo, ao mesmo tempo que tentava ver outras soluções, procurando fazer a bola andar.
- “Jogador 15” posicionalmente continua a errar em demasia. Com bola, em alguns momentos exagerou ou prolongou em demasia na iniciativa individual em vez de tocar e atacar o espaço.
- “Jogador 4” foi capaz de criar desequilíbrios no adversário, muito através de situações de 1x1, mas não só. Bem a recuperar e assumir o seu posicionamento defensivo.
- “Jogador 22” entrou bem cumprindo defensivamente a sua função. Embora não tenha tido muita bola, até pelo pouco tempo que jogou, esteve bem.
- “Jogador 12” não teve muita bola, apesar de ter tentando lutar muito. Em alguns momentos não teve mais sucesso por erros na receção da bola. Teve poucas oportunidades de acelerar e procurar o espaço.
- “Jogador 5” muito trabalhador e combativo a defender. Ofensivamente tentou se mostrar o jogo, mais teve muita dificuldade em espaços curtos.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	11ª
JOGO	Clube Atlético Rio Tinto	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	7 dezembro 2019	HORA:	17H15	LOCAL:	Parque Desportivo Fernando Pedrosa
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	30					
...	...	DC	30					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	41					
...	...	MI	60					
...	...	ED	60					
...	...	EE	41					
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DD	30					
...	...	DC	30					
...	...	MI	19					
...	...	EE	19					
...	...							
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	2	x	0
2ª PARTE	0	x	0
FINAL	2	x	0

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar NOTAS:								

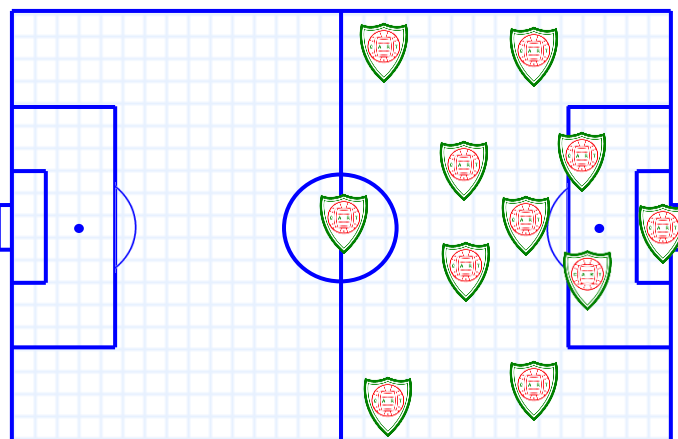
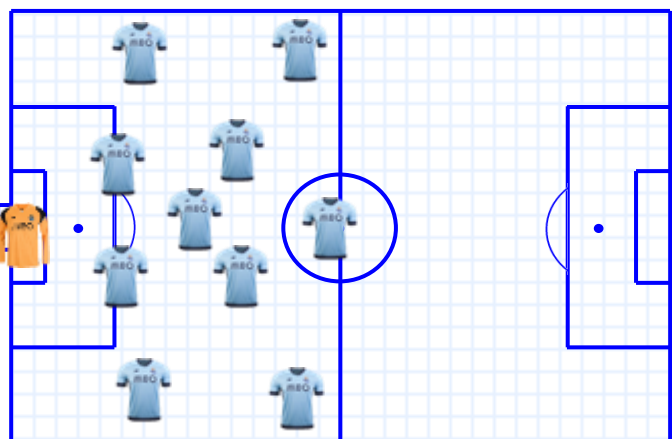
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 7 de dezembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Clube Atlético Rio Tinto e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Parque Desportivo Fernando Pedrosa, a contar para a 11ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Mobilidade para Criar Espaço”, “Campo Grande”, “Procurar Espaço Vazio” e “Equilíbrio”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

De uma forma sucinta, não foi um jogo onde tivéssemos conseguido ter muito sucesso nas nossas ações, com dificuldade em ver soluções e com pouco mobilidade para o ser. Em alguns instantes, embora tenha havido movimentação para ser ajuda, aconteceu de forma convergente com 2 jogadores a atacar mesmo espaço, faltando depois soluções para jogar no espaço. Paralelamente, o nosso jogo caracterizou-se por uma falta de variação de corredor, na medida que, quase que de uma forma constante

RELATÓRIO DE JOGO

procurávamos forçar no mesmo corredor. Como a bola não andava, tivemos, invariavelmente, muita dificuldade em sair da pressão/confusão.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o adversário pressionava com o Avançado (AV) na frente e a condicionar os nossos Defesas Centrais (DC) a jogar por fora. Posteriormente, formavam uma linha de 4 com os 2 Médios Interiores (MI) e os 2 Extremos (EXT), ficando o Pivô sozinho atrás dessa linha a equilibrar/compensar. Por último apresentavam uma nova linha de 4 jogadores. Os MI pegavam nos nossos MI, com o EXT do lado da bola a encostar no DL e com o DL do lado da bola a acompanhar o nosso EXT. Apesar de termos conseguido sair a jogar pelos nosso DCs não podemos dizer que tenha sido uma submomento positivo na medida que não fomos capazes de conseguir ligar a partir daí. Faltou mobilidade dos nossos MI intercalando movimentos de aproximação e afastamento de modo a criar espaço e a combinar com as movimentações em aproximação dos nossos EXT. Os nossos DLs mesmo com pouco espaço também não foram muito móveis. Em alguns instantes, inclusive, fora já lá estar perto o DL, o MI e o EXT do lado da bola atacaram o mesmo espaço atraindo ainda mais o oponente neste jogo e deixando espaço livre que depois não era aproveitado. Com recurso a bola longa, tivemos na mesma dificuldade, perdendo frequentemente os duelos e 2^{as} bolas.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o CA Rio Tinto continuava sem alterar muito o seu padrão comportamental, mantendo as suas linhas apenas vasculando para condicionar o nosso jogo para fora. Quando a bola estava no corredor central criavam muita superioridade relativa, logo grande superioridade no centro de jogo. Uma vez mais não se pode considerar como um submomento muito positivo na medida que tivemos muita dificuldade em ter bola e jogar. Faltou-nos muita capacidade de fazer a bola andar e com poucos toques circular e fazer variações de corredor. Além disso, houve alguma vertigem em ver profundidade mesmo quando a vantagem não estava lá. A falta de mobilidade manteve-se faltando constantemente movimentações em apoio e rutura de forma a conseguir abrir espaços para jogar perto de forma a atrair o adversário. Por vezes, o mesmo jogador dava demasiados toques na bola, o que fazia

RELATÓRIO DE JOGO

com que fosse impossível fazer variações de velocidade/ritmos de jogo, até porque, normalmente, isso acontecia quando o espaço para jogar era muito reduzido.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - no seguimento do já referido anteriormente, faltou-nos capacidade de fazer a bola andar para que fosse possível entrar mais vezes nos espaços. Apesar de termos conseguido chegar mais à frente em algumas ocasiões, como criamos pouco a taxa de incidência de entrada nos espaços não foi muito elevada. Mesmo quando havia espaço, muitas vezes não os víamos, tendo também faltado fazer mais campo grande.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - tendo entrado poucas vezes e chegado em pouco número a zonas de finalização com real hipótese de marcar, a ocorrência deste submomento continua sem ser a melhor. Contudo, com alguma eficácia e maior pragmatismo teria sido possível marcar 1 ou 2 golos, mesmo sem grandes oportunidades.

2.3 - Transição Ataque-Defesa

Quando recuperava a bola, o CA Rio Tinto não forçava a entrada nos espaços. Se houvesse espaço procuravam jogar nos EXT ou a partir dos MI lá chegar. Por outro lado, se não o houvesse, salvavam a bola jogando a partir dos DC. Estes, geralmente, procuravam jogar com os MI ou com o PV. O PV aparecia a fazer apoio frontal fazendo a bola a chegar de um DC ao outro, quando estava marcado. Se não estivesse marcado ele mesmo rodava e via o jogo de frente. Ao a bola voltar aos DC estes, vendo o jogo de frente, tentavam jogar com os MI ou com o PV. Ao haver espaço subiam, se não houvesse a bola voltava para os DC que voltavam a circular. De uma forma geral, não conseguimos ter muito sucesso, na medida que o adversário conseguiu entrar muitas vezes, principalmente pelo nosso lado esquerdo entre o nosso EXT e o nosso MI. Paralelamente, nem sempre conseguimos garantir a correta cobertura do PV, porque o MI que saía no DC adversário, por vezes, demorou a baixar para junto do PV adversário ao o nosso AV sair no DC do outro lado. Faltou-nos também alguma intensidade na reação em bloco da equipa.

RELATÓRIO DE JOGO

2.2 - Organização Defensiva

Apesar de termos mantido as nossas, de uma forma geral, organizadas, abrimos espaços não tanto entre as linhas, mas sim, dentro das linhas, isto é, os jogadores das linhas de 4, ao vascular, muitas vezes ficavam demasiado afastados. Consequentemente, abriam-se espaços para o adversário jogar e nos criar dificuldades. Num computo geral, faltou mais agressividade, num sentido positivo, de forma a ganhar mais duelos no centro de campo, e mesmo 2^{as} e 3^{as} bolas.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - mesmo procurando manter a nossa matriz não conseguimos ter muito sucesso, na medida que abrimos muitos espaços no corredor central, ou com o MI que saía ao DC adversário a demorar a baixar e/ou ao mesmo tempo o outro MI era por vezes atraído ficando muito espaço para o PV cobrir. Consequentemente, mesmo que não na 1ª tentativa, o adversário conseguia ligar com os colegas da frente. Quando não o fazia logo, era capaz de circular sem grande sobressalto até ter o espaço para jogar. Invariavelmente, foi capaz de fazer a bola chegar aos MI quer fosse via ligação direta DC-MI ou via ponte com o PV para lá chegar. Do ponto de vista da eficácia, estivemos muito abaixo do esperado.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - no seguimento do já referido, continuamos a ter dificuldade em impedir que o adversário jogasse. Continuou a faltar uma movimentação mais em bloco, em uníssono, e mais agressiva. Deixamos que o CA Rio Tinto circulasse e explorasse os nossos corredores laterais conjugando com variações de corredor. A bola muitas vezes chegou aos EXT deles em condições de jogar com ligações entre MI e EXT ou com o AV a entrar a jogar também. No entanto, os nossos DLs até não estiveram mal em acompanhar e encostar nos EXT, pelo menos do ponto de vista intencional. O que faltou foi a já referido intensidade de forma a não deixar receber, ou pelo menos a obrigar uma receção descontrolada que nos permitisse ganhar a bola na sequência.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - embora tenhamos sofrido “apenas” 2 golos, não se pode considerar que tenhamos estado muito

RELATÓRIO DE JOGO

bem, tendo o adversário chegado muitas vezes a zonas de finalização e criado muito perigo. De uma forma geral, não permitimos situações de inferioridade numérica, mas mesmo nos instantes de superioridade a nosso favor, esta não era muito substancial. Além disso, a forma deficiente como atacávamos a bola, ou melhor, não atacávamos fez com que, mesmo de individualmente, o oponente conseguisse provocar perigo à entrada da área e até dentro da mesma, mesmo que a partir do corredor lateral.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Na sequência daquilo que foi o momento de Organização Ofensiva, o nosso padrão comportamental manteve-se, sem conseguirmos ter muito sucesso. Faltou uma reação mais rápida e intensa em bloco fazendo campo grande e realizando movimentações de aproximação aliadas a movimentações de rutura, criando o campo pequeno dentro do grande para ver perto para depois ver longe, quando não havia logo o espaço. Quando tivemos mais sucesso e chegamos mais à frente, foi maioritariamente de forma desapojada e exponenciada perante grande inferioridade numérica relativa. Ao termos de apostar em iniciativa individual pela lacuna de ao nível das soluções para jogar, fomos muito lentos ficando sem espaço para fazer a bola andar. Como não variamos os ritmos de jogo e não salvávamos também quando era melhor o fazer, perdemos muitas vezes a bola em zonas próximas do meio campo.

3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 24” mais um jogo muito inseguro com dificuldade em conseguir segurar as bolas adversárias.
- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 1” bem do ponto de vista posicional, mas sem conseguir ter muito sucesso nas suas ações. Faltou mais agressividade nos duelos.
- “Jogador 2” fez um jogo maioritariamente tranquilo, sem comprometer a sua atuação, embora com um erro ou outro posicional.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 14” fez um jogo tranquilo, sem grandes sobressaltos até sair lesionado ao intervalo.
- “Jogador 20” não fez um mau jogo, mas teve dificuldade em conseguir ver as soluções e espaços que iam aparecendo.
- “Jogador 17” em alguns momentos algo perdido a nível posicional, mas sem ser nada de muito grave. Mais dificuldades ao nível de ver soluções e ligar com os jogadores da frente.
- “Jogador 21” posicionalmente continuou com lacunas e ofensivamente não conseguiu acrescentar.
- “Jogador 3” muito apagado ao longo do jogo. Embora relativamente bem defensivamente, faltou capacidade para ajudar mais com bola.
- “Jogador 9” na 1ª parte ia muitas vezes de 1ª à bola e depois faltava capacidade de voltar a equilibrar a equipa.
- “Jogador 8” embora algumas vezes atraído à bola não comprometeu de forma comprometedora.
- “Jogador 11” quando entrou não conseguiu acrescentar muito à forma como o jogo estava, mas também não foi por aí que piorou a equipa.
- “Jogador 4” não conseguiu criar grandes desequilíbrios com bola. Defensivamente, esteve dentro do padrão habitual.
- “Jogador 22” apresentou-se de uma forma positiva conseguindo criar alguns desequilíbrios na equipa adversária, muito através de iniciativa individual. Defensivamente, de uma forma geral, cumpriu a sua função.
- “Jogador 15” não conseguiu fazer a diferença quando entrou perante as características do adversário. Defensivamente, continua com alguns erros posicionais.
- “Jogador 5” muito combativo, mas sem conseguir ter muito sucesso. Teve pouca bola.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	12ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Leixões Sport Club		
DATA:	14 dezembro 2019	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	45					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	45					
...	...	MI	60					
...	...	MI	51					
...	...	ED	60					
...	...	EE	60					
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DD	15					
...	...	DC	15					
...	...	MI	9					
...	...							
...	...							
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	0
2ª PARTE	0	x	3
FINAL	0	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

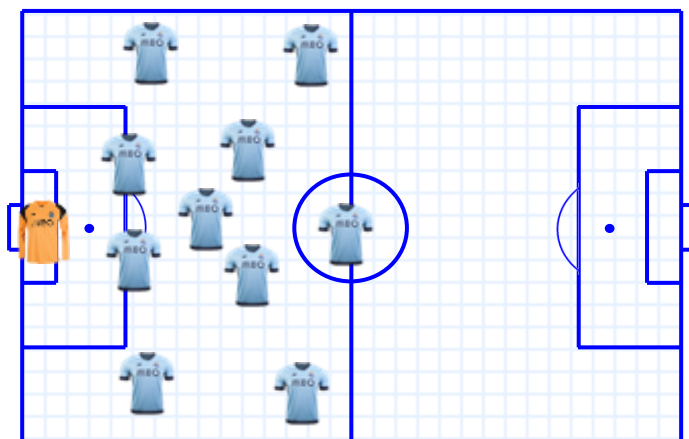
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1. Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 14 de dezembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Leixões Sport Club, no Colégio Ermesinde, a contar para a 12ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º e 3º submomentos**, segundo as premissas de “Mobilidade para Criar Espaço”, “Campo Grande”, “Visualização de espaços” e “Equilíbrio”.

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

Fazendo um balanço daquilo que foi o jogo, é evidente que houve um rendimento diferente nas 2 metades do jogo. Na 1ª parte tivemos mais capacidade de deter bola e de encontrar espaços para jogar com saída curta e mesmo com uma saída “mais média” com o Guarda-Redes a tentar ver os Defesas Laterais (DLs) ou os Médios Interiores (MIs). Numa 2ª parte, foi mais complicado fazer frente ao nosso adversário de modo a criar dificuldade e contrariar o seu pendor superior. Ao longo de todo o jogo

RELATÓRIO DE JOGO

faltou-nos agressividade para conseguir ganhar duelos e 2^{as} e 3^{as} bolas não só no meio do terreno de jogo, como também em zonas recuadas.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o Leixões S.C. pressionava a nossa saída com uma linha de 3 em cima da linha da área, assumindo uma estrutura em 3:4:3 com bloco alto, estando em alguns momentos os DCs no meio campo ofensivo.

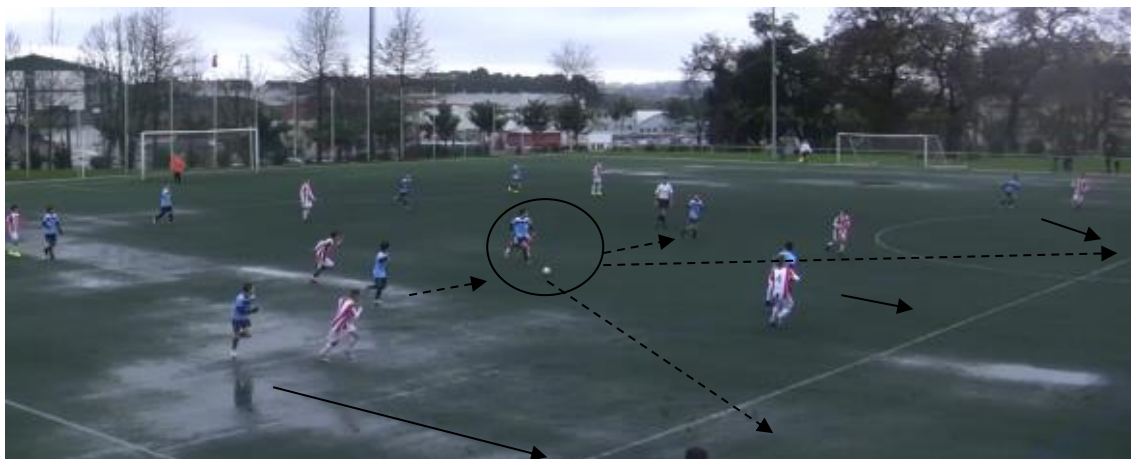


Os DLs subiam para a linha dos Mis e o Pivô (PV) baixava para o espaço entre os Defesas Centrais (DCs). Com saída curta, o jogador do lado da bola da 1ª linha saía na contenção, com o do meio a fechar a linha de passe por trás. O DL do lado da bola, estando na linha dos MI, pegar no nosso DL. Normalmente, à partida o nosso DL esquerdo já estava tapado antes da bola sair do GR ou quando estava a chegar ao DC. De forma curta, frequentemente, forçamos a saída curta pela nossa esquerda, mesmo

RELATÓRIO DE JOGO

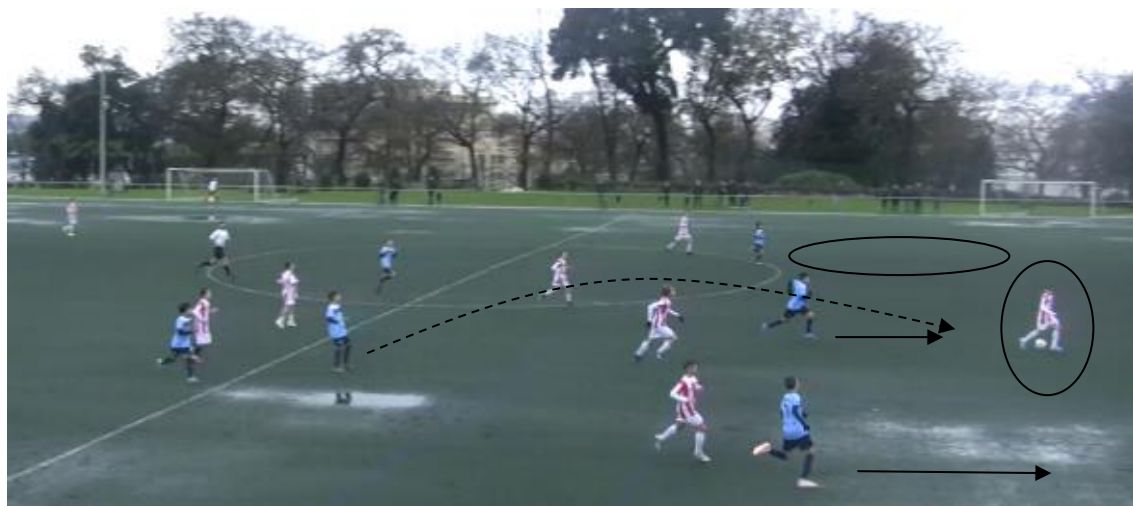
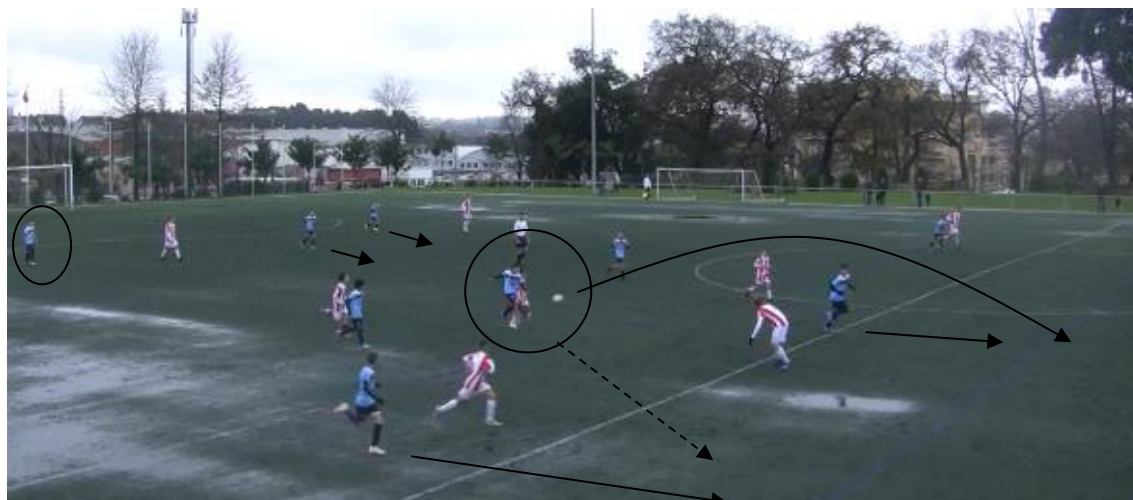
com o adversário à partida já balanceado para esse lado. Na 1ª parte, apesar disto, conseguimos sair curto desde trás e ver o Extremo (EXT) ou o MI, embora essencialmente o EXT. Na 2ª parte, não conseguimos ter o mesmo sucesso, pois o adversário foi mais eficaz a nos condicionar, mesmo com bons movimentos de aproximação do EXT. Todavia, faltou haver mais mobilidade para desequilibrar a estrutura do adversário e ser capazes de sair desde trás, vendo espaços interiores, principalmente na 1ª parte.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o oponente continuava sem alterar muito a sua disposição, sendo que, ao vascular, o DL do lado contrário baixava para o para a linha dos DCs à medida que o PV subia para a linha dos MI. Embora um pouco melhor na 1ª parte, acabamos por não conseguir nem criar, nem aproveitar alguns espaços já existentes, procurando pontes e tabelas para modelar o ritmo de jogo. Variação de corredor foi algo praticamente inexistente ao longo de todo o jogo, permitindo que o adversário fosse mais capaz de recuperar bola.





RELATÓRIO DE JOGO



Embora o nosso AV tenha tentado aparecer muitas vezes em apoio, tinha pouco espaço e faltou tentar ver mais as costas. Na 2ª parte o padrão, manteve-se com muitos toques na bola em zonas que o fundamental era tocar e acelerar de forma a sair da pressão e aproveitar o espaço deixado no lado contrário e nas costas da linha defensiva adversária que jogava muito alta. Paralelamente, em alguns instantes a nossa linha média interior era demasiado atraída à bola ficando um buraco enorme no meio. Aqui a distância entre DCs foi também um problema.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - embora um pouco contraditório com o mencionado anteriormente, conseguimos ter algum sucesso neste submomento, principalmente na 1ª parte. Na 2ª foi quase inexistente, assim como a

RELATÓRIO DE JOGO

nossa capacidade em ter e guardar a bola. Nos 1^{os} 30 minutos ainda conseguimos através de 1 ou 2 combinações com 2 ou 3 passes ou através de passe longo explorar as costas da linha defensiva adversária e criar algum perigo. Ainda assim, normalmente isto ocorreu de forma desapojada com a equipa a demorar a reagir e se comportar como um bloco. Depois a nossa incapacidade de contrariar o adversário foi demasiado evidente.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - na 1ª parte ainda tivemos algumas ocasiões de chegada a zonas de finalização e remates a entrada da área, todavia, faltou-nos eficácia e capacidade técnica para que o remates à entrada da área fossem mais perigosos. Nas ocasiões em que chegamos dentro de área e com o adversário desequilibrado, ou demos um toque a mais na bola e/ou havia pouco apoio para dar uma solução melhor, ou pelo menos para criar uma maior incerteza no adversário.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

Ao ganhar a posse de bola o Leixões procurava ver o espaço nas costas da nossa linha defensiva através de diversas soluções, portanto, tanto em condução com iniciativa individual, como a jogar no espaço. Muitas vezes ao recuperarem bola em zonas recuadas era o DC da esquerda que assumia o jogo variando entre provocar com bola para zonas interiores para colocar o passe nas costas ou logo com passe longo. Devido a uma deficiente reação da nossa parte, não houve reação em bloco e agressiva, permitimos que o adversário chegasse a zonas adiantadas com alguma facilidade.





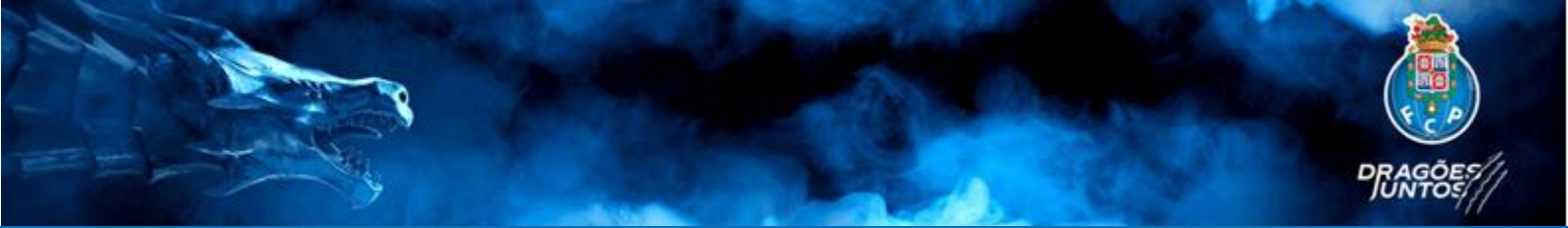
RELATÓRIO DE JOGO



Posteriormente, nem sempre estávamos com os apoios preparados para correr, não estando sequer bem preparados para a perda de bola quando os nossos Médios Interiores estavam demasiado atraídos à bola, o mesmo acontecendo com o nosso DC da esquerda. Paralelamente, como faltavam ajustes dos outros jogadores tivemos dificuldade em fechar o corredor da bola e o central, sendo especialmente permeáveis pelo nosso lado esquerdo.

2.3 - Organização Defensiva

Apesar de termos mantido o nosso padrão de formação de 4 linhas a defender em 4:1:4:1, que em alguns instantes assume-se quase que como um 4:4:2 nas saídas de bola adversárias, saindo também um dos nossos MIs à bola, neste caso no lado direito, não se pode considerar que tenhamos tido um grande sucesso, na medida que em zonas interiores fomos muito atraídos à bola, libertando espaço, para além de termos sido pouco agressivos a atacar a bola. Nem sempre tivemos os nossos apoios bem colocados de forma a condicionar o adversário e indo inclusive em algumas ocasiões de 1ª quando tínhamos adversário de frente e com bola junto ao pé, não adequando, portanto, o



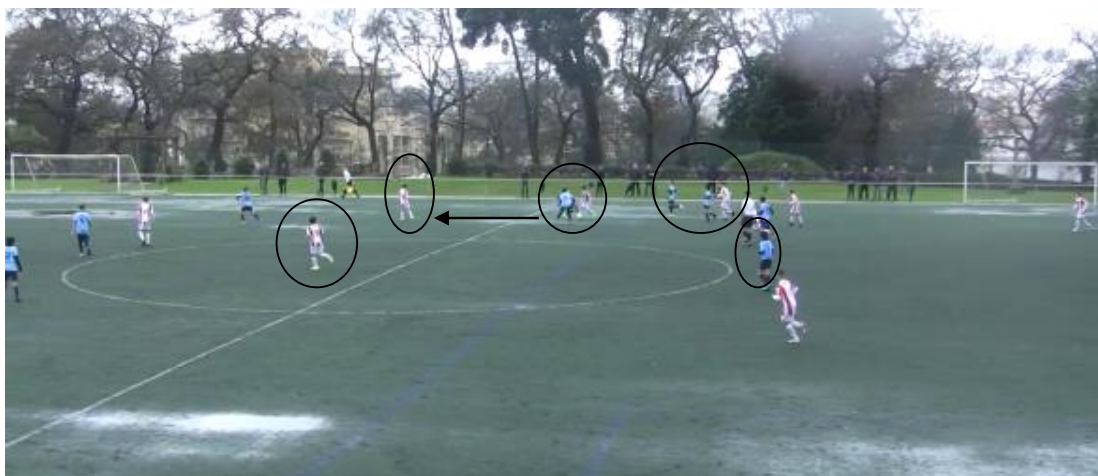
RELATÓRIO DE JOGO

comportamento a adotar com bola aberta/bola fechada ou bola descoberta/bola coberta. Faltou mais ligação e movimentação equilibrada em bloco.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - não se pode dizer que tenha sido um submomento de grande sucesso, visto não termos conseguido impedir que o adversário saísse desde trás com frequência.

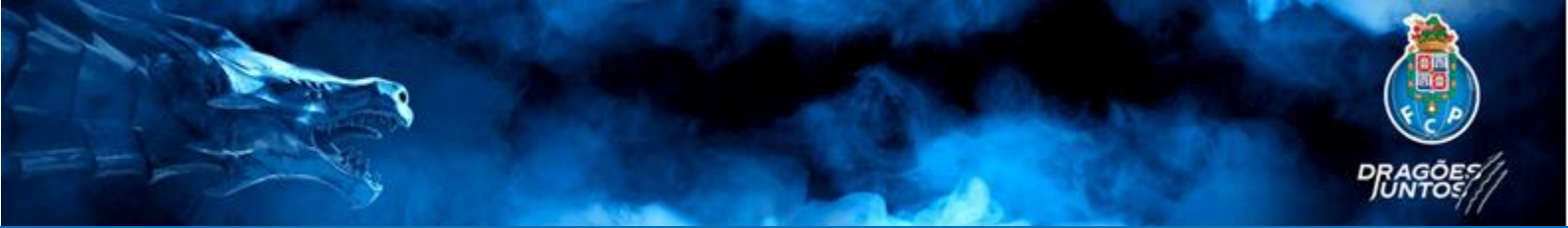


RELATÓRIO DE JOGO



O Leixões S.C. optava maioritariamente por saídas curtas pelo DC mais próximo. Contudo, geralmente, fazia a bola que chegar ao DC do lado esquerdo, que mesmo não sendo muito evoluído tecnicamente, era muito grande e forte, conseguindo então ganhar duelos ao provocar com bola e ver longe quando necessário e houvesse espaço. Perante isto tivemos alguma incapacidade de contrariar. Se na 1ª parte isto se poderá ter devido a uma maior desorganização da nossa parte, deixando muito espaço no espaço central por, permanentemente, um dos nossos MI estar a sair de posição para pressionar erradamente o DC adversário que era responsabilidade do nosso AV, na 2ª já se terá devido mais a uma falta de agressividade e movimentação em bloco para atacar a bola. Mesmo com bola longa, fomos incapazes de ter muito sucesso por muitas vezes perdermos a 2ª bola.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - ao longo de quase todo o jogo foram evidentes alguns desequilíbrios com os MI a serem muito atraídos ao lado da bola, deixando muito espaço entre eles e o EXT do lado contrário. Estas lacunas também ocorreram na nossa linha defensiva com o DC do lado esquerdo a ser muito atraído ao lado da bola. Além disso, os DC frequentemente estavam paralelos e, por vezes, distantes um do outro. Um dos principais problemas provocados pelo adversário foi a capacidade de dar profundidade dos seus DLs com o PV a baixar para a linha dos DC. Esta troca provocou alguma confusão no nosso EXT



RELATÓRIO DE JOGO

esquerdo, porque o PV aparecia no lado direito saindo o lateral logo, confundindo então as suas marcações, assim como do MI que esquerdo que era atraído.





RELATÓRIO DE JOGO



Como os EXT nem sempre foram capazes de acompanhar o adversário mais espaço era dado no lado contrário e no corredor central. Aliado a isso, a falta de capacidade de movimentar em bloco de uma forma equilibrada evidencia ainda mais lacunas individuais ao nível dos duelos permitindo que o DC que provocava com bola chegasse sozinho a zonas adiantadas do terreno de jogo.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - mesmo em superioridade numérica demonstramos uma grande falta de capacidade de dentro de área atacar a bola e ser agressivos no sentido de não permitir que o Leixões pudesse rematar. Mais evidente isto fica, quando o adversário consegue fazer 2^{os} e 3^{os} remates sem que conseguíssemos ganhar a bola e explorar os corredores laterais.

RELATÓRIO DE JOGO

2.4 - Transição Defesa-Ataque

À semelhança daquilo que aconteceu no momento de Organização Ofensiva, excetuando os momentos em que salvamos bola na 1ª parte e depois conseguimos nos organizar, ou que, com bola na mão, o nosso GR conseguiu ver rápido a profundidade, foi um momento pouco eficiente eficaz. Mesmo tendo a partir daqui conseguido, em alguns momentos, sair adotando posteriormente métodos de ataque adequados, do ponto de vista prático não foi grande o sucesso. Faltou existir uma reação rápida coletiva da equipa em bloco, fazendo campo grande e com variação de corredor rápida de forma a sair da pressão do adversário.





RELATÓRIO DE JOGO



Ao ganhar a bola optamos muitas vezes por dar demasiados toques na bola ou exagerar na iniciativa individual como método para sair da confusão quando não havia espaço para tal. Quando jogamos mais apoiado e com poucos toques fomos capazes de chegar a zonas adiantadas e inclusive provocar perigo. Isto tem é de ser mais padrão e menos pontual.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 10” de uma forma geral esteve bem. Nos golos adversários não teve grande culpa na medida que, tendo sido o 1º golo decorrente de uma situação 1x1 e os outros difíceis de contrariar devido às suas características físicas no momento.
- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 1” posicionalmente não esteve mal, mas faltou mais alguma agressividade e capacidade nos duelos.
- “Jogador 14” esteve, de uma forma geral, bem do ponto de vista posicional. Foi dos que se mostrou mais agressivo, mesmo sem conseguir ter sempre sucesso.
- “Jogador 17” mesmo sem comprometer muito, posicionalmente esteve um pouco perdido, sendo muito atraído à bola.
- “Jogador 2” algumas dificuldades em controlar o seu lado e em se forte no 1x1 e se manter sempre bem posicionalmente. Ofensivamente não conseguiu acrescentar à equipa.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 3” melhor na 1ª parte, mas sempre com alguma dificuldade em dar mais ao jogo, também em virtude da sua indisposição.
- “Jogador 20” embora não tendo comprometido, não conseguiu acrescentar muito à equipa quando entrou.
- “Jogador 18” muito atraído à bola e algo perdido no seu posicionamento. Não fez um mau jogo, mas sempre sem perceber bem que espaços tinha de ocupar. Bem a procurar a baliza quando tinha espaço.
- “Jogador 8” não entrou mal no jogo, mas não teve espaço para conseguir fazer muita diferença.
- “Jogador 9” apagado durante grande parte do jogo. Depois de a bola passar o nosso setor ofensivo andava algo perdido no seu posicionamento sendo inclusive, igualmente, algo atraído.
- “Jogador 4” na 1ª parte esteve melhor ofensivamente conseguindo desequilibrar mias vezes. Posicionalmente, confundiu-se um pouco com trocas posicionais do adversário, mas conseguiu corrigir o seu posicionamento.
- “Jogador 21” posicionalmente cumpriu bem a sua função, mas faltou mais capacidade para, com bola, desequilibrar mais no 1x1.
- “Jogador 15” a espaços, com bola, conseguiu provocar alguns desequilíbrios, mas pouco para a sua capacidade. Defensivamente, continua com dificuldades em acertar o seu posicionamento.
- “Jogador 5” trabalhou e correu muito para ajudar a equipa, mas não conseguiu ter muito sucesso. Defensivamente, esteve maioritariamente bem.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	13ª
JOGO	Clube Desportivo Candal	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	21 dezembro 2019	HORA:	13H15	LOCAL:	Estádio Rei Ramiro
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	30					
...	...	DE	30					
...	...	PV	60				1	
...	...	MI	60					1
...	...	MI	45					
...	...	ED	60					
...	...	EE	60				2	1
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	MI	0					
...	...	MI	15					
...	...	ED	30				1	
...	...	AV	30					1
...	...							
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	1	x	4
FINAL	2	x	4

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 21 de dezembro de 2019 realizou-se um jogo entre o Clube Desportivo Candal e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Estádio Rei Ramiro, a contar para a 13ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Defensiva**, mais concretamente no **1º submomento**, segundo as premissas de “Criação de Zona de Pressão”, “Orientar adversário para fora” e “Posição Defensiva”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

De uma forma geral, embora tenham aparecido algumas boas ideias e comportamentos ao longo do jogo, não se pode dizer que tenha sido um jogo completamente conseguido. Apesar de termos conseguido ter mais bola e jogar um pouco mais apoiado em relação ao que vinham sendo os últimos jogos, em alguns instantes não fomos capazes de criar perigo por “matarmos” a nossa vantagem por alguma inconsequência de ação individual desligada do que vinha a ser a corrente da

RELATÓRIO DE JOGO

jogada. Portanto, era fundamental ter visto ainda mais a equipa e pensar em equipa para que coletivamente, e a partir daí individualmente, se pudesse criar mais perigo e ser mais dominadores do jogo.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o adversário deixava geralmente o Avançado (AV) no meio com os Extremos (EXT) a pegarem nos nossos Defesas Laterais (DLs). Marcava também individualmente os nossos Médios Interiores (MI) com os seus MIs e os nossos EXTs com os DLs. Como consequência, com alguma mobilidade tornava-se possível desmontar frequentemente a organização adversária. De forma geral, conseguimos ser bem-sucedidos aqui na medida que conseguimos sair quase sempre de forma curta exterior quer fosse a partir dos Defesas Centrais (DCs), quer fosse a partir dos DLs. De positivo ficou a capacidade de os DCs verem soluções diferentes e de na escassez destas conseguirem eles próprios criar as soluções, tendo inclusive pontualmente conduzido a bola e driblado 1 ou 2 adversários para que pudesse ligar com a equipa. Contudo, por vezes faltou mais mobilidade do nosso meio campo de forma a desequilibrar mais a estrutura do C.D. Candal, forçando a que em algumas ocasiões fosse o nosso AV a vir buscar jogo perto da nossa área, faltando depois gente e soluções na frente. Numa ou noutra ocasião em que foi necessário sair de forma longa também conseguimos manter a nossa segurança.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o C.D. Candal manteve uma defesa mista, marcando, quase que invariavelmente, os nossos EXTs de forma individual, ao mesmo tempo que os restantes jogadores mais recuados estavam mais preocupados em fechar zonas. Posicionalmente apresentavam-se muito perdidos e constantemente excessivamente aglomerados, libertando, inclusive, espaços no corredor central. Também por isto fomos capazes de jogar mais e ter mais bola, havia mais espaço. Quando não o havia, em alguns momentos, e bem, salvamos a bola e recomeçamos a construir desde trás. Para isto foi muito importante o nosso AV se ter demonstrado muito disponível em baixar para ajudar, principalmente na 1ª parte. Todavia, como anteriormente mencionado, falta alguma mobilidade para criar, e também mais simplicidade no nosso jogar. Quando jogamos mais simples, raras foram as vezes que

RELATÓRIO DE JOGO

não conseguimos acelerar o jogo e chegar a zonas adiantadas aproveitando os desequilíbrios e os espaços interiores. Ainda assim, faltou mais variação do corredor de jogo em busca das zonas frágeis do adversário.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - não se pode dizer que não tenhamos tido sucesso. Tanto numa parte com noutra, conseguimos entrar com frequência nos espaços, tendo só, por vezes, faltado mais algum apoio nas zonas mais adiantadas. Quando jogamos de forma apoiada fomos capazes de entrar repetidamente nos espaços livres e aproveitar as lacunas defensivas do adversário. Tivemos mais sucesso quando variamos o corredor na entrada nos espaços, visto criarmos mais incerteza ao C.D. Candal, que facilmente perdia a noção de ocupação dos espaços sem virtude da forma como defendia. Embora tenhamos conseguido chegar e jogar muitas vezes nas costas da linha adversária, nessas zonas mais adiantadas, em alguns instantes faltou aparecer mais gente ligada no sentido de ter um jogo mais coletivo e imprevisível. Continua a faltar alguma largura.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - apesar do número de golos concretizados, apresentamos lacunas ao nível do ataque das zonas e simplicidade do nosso jogar, isto é, faltou sermos mais pragmáticos em zonas próximas da baliza e aparecer com mais gente. Na sequência de ataque posicional, faltou mais mobilidade para entrar melhor o último passe ou abrir espaço para o remate. Ao nível da eficácia de remate evidenciamos também alguma ineficácia.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

Num compute geral ficou evidente que ainda demoramos a reagir em bloco, de uma forma agressiva e decidindo bem perante os indicadores de pressão. Ao perdermos a posse da bola, apenas 1 ou 2 jogadores mais próximos esboçavam uma reação mais forte, enquanto que o resto da equipa se fosse preciso ficava “quase que imóvel”. Apesar disso, foi possível recuperar algumas bolas quase que de seguida ou condicionar a saída do adversário também devido às limitações do mesmo. Paralelamente, nem sempre nos preparamos bem para perda, na medida que a colocação dos nossos apoios

RELATÓRIO DE JOGO

não era a mais adequada e, às vezes, deixávamos muito espaços dentro das nossas linhas, ou eramos demasiado atraídos à bola. Em zonas mais adiantadas, conseguimos ter mais sucesso, sendo a intensidade dos jogadores mais adiantados na frente a fazer a diferença. No seguimento, demoramos igualmente muito a formar as nossas linhas a defender. Sendo, ainda assim, de relevar o papel do nosso PV, principalmente na 1ª parte, a compensar e equilibrar as saídas dos colegas detrás.

2.3 - Organização Defensiva

Sucintamente, o nosso desempenho é passível de ser dividido em 2 partes, sendo elas a saída de bola do adversário e tudo o resto. Todavia, essencialmente ao nível da eficácia se verificou maiores diferenças. Ao longo de quase todo o jogo, embora não tendo uma atitude negativa faltou mais algumas intensidade e agressividade coletiva de forma a manter as nossas linhas sempre bem formadas, e consequentemente a nossa estrutura organizada e equilibrada. Ao nível da colocação dos apoios não foi de forma geral um jogo perfeito, existindo alguns erros ao nível da orientação do adversário para fora e do posicionamento das coberturas. Principalmente em situações de 1x1 notou-se mais, pois algumas vezes não soubemos temporizar bem a aguentar a contenção mais tempo de forma a atacar no timing correto. A reação aos indicadores de pressão ainda está algo lenta do ponto de vista coletivo.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - mesmo não tendo ocorrido em larga escala, foi um submomento em que conseguimos ter sucesso na medida que conseguimos condicionar o adversário na sua saída e recuperar a posse de bola algumas vezes em zonas adiantadas, a partir das quais conseguimos marcar um dos golos. O adversário evidenciava lacunas do ponto de vista técnico pelo que evitava sair a jogar de forma curta. Contudo, mesmo de forma longa as dificuldades persistiam. Era um dos DCs que ia bater o pontapé de baliza e mesmo assim frequentemente, ao tentar procurar os DLs ou os EXTs a bola acabava por ficar curta, permitindo que conseguíssemos ganhar várias bolas quando estávamos mais adiantados e bem posicionados.

RELATÓRIO DE JOGO

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - a partir do momento em que a bola passava do setor intermédio ficava mais evidente algumas lacunas ao nível do nosso posicionamento e formação das nossas linhas a defender. Com frequência éramos muito atraídos à bola libertando espaço no corredor central. Ao vascular, muitas vezes também deixávamos muito espaço entrelinhas fechando mal o corredor central. Quando a bola variava de corredor com frequência o espaço estava todo aberto, porque demorávamos a ajustar e encostar nos adversários. Faltou agressividade e intensidade a defender, principalmente a partir do meio campo.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - mesmo em superioridade numérica demonstramos uma grande falta de capacidade de dentro de área atacar a bola e ser agressivos no sentido de não permitir que o oponente pudesse rematar. Isso fica claro pela forma como o adversário marca os 2 golos, 1 na sequência de um canto em que ninguém ataca a bola e o 2º num lance em que a bola entre dentro de área sem ninguém a atacar.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Mesmo tendo conseguindo jogar e manter a bola algumas vezes após recuperar, ainda foram algumas as vezes em que a perdemos num curto espaço temporal, principalmente no setor intermédio. Isto aconteceu devido a uma falta de atitude da nossa parte nos duelos, onde não fomos muito fortes, como também a alguma vertigem ou falta erro técnico da nossa parte, com passes a saírem mal ou para espaços onde não tínhamos vantagem. Ao ganhar bola, por vezes, ao não haver espaço, inteligentemente salvamos e a partir daí construimos e criamos com mais calma e cabeça e de forma apoiada. Para ter mais sucesso, é fundamental que apresentemos uma reação mais forte a esta mudança de estado no jogo, com uma reação efetiva em bloco, aproveitando todo o espaço do campo, há que fazer campo grande e ver lado vazio.

RELATÓRIO DE JOGO

3 Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 24” evidenciou a espaços alguma insegurança tendo inclusive tido mais alguma responsabilidade nos golos, principalmente no 1º.
- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 1” cumpriu a sua tarefa bem dentro do habitual.
- “Jogador 14” fez um jogo relativamente bom, mantendo-se geralmente bem do ponto de vista posicional.
- “Jogador 17” não comprometeu a equipa e a espaços, embora arriscando um pouco, conseguiu arranjar soluções para sair com bola ou ligar desde trás.
- “Jogador 2” mais um jogo onde apresentou algumas dificuldades e não sobressaiu o seu melhor.
- “Jogador 20” posicionalmente manteve-se maioritariamente bem compensando alguns colegas. A sair com bola desde trás não esteve mal, mas a colocação e orientação dos apoios nem sempre é a ideal.
- “Jogador 3” embora não se apresentando no seu melhor fazendo uso da sua capacidade de passe e visão de jogo, conseguiu ajudar a equipa.
- “Jogador 9” algo desligado do jogo e pouco intenso. Tem de simplificar mais o seu jogo e dar-se mais à equipa.
- “Jogador 8” não entrou mal no jogo, mas não teve espaço para conseguir fazer muita diferença.
- “Jogador 4” embora sem conseguir aparecer muito a desequilibrar neste jogo, a sua postura e intensidade foram importantes.
- “Jogador 22” defensivamente não esteve mal, e com bola a espaços foi capaz de criar algum desequilíbrio.
- “Jogador 15” foi dos jogadores que mais conseguiu desequilibrar através de iniciativas individuais. Defensivamente, nem sempre assumiu o melhor posicionamento.
- “Jogador 5” deu-se muito ao jogo e ajudou muito a equipa ao vir buscar jogo e dar soluções par sair desde trás. Defensivamente cumpriu.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 12” a espaços apareceu no jogo com a sua velocidade. Quando havia espaço nas costas da defesa contrária conseguiu fazer alguma diferença. Precisa de mais intensidade.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	14ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Clube de Futebol de Oliveira do Douro		
DATA:	4 janeiro 2020	HORA:	16H00	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	30					
...	...	DE	30					
...	...	PV	60					1
...	...	MI	60					
...	...	MI	45					
...	...	ED	60					
...	...	EE	60				1	1
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DD/ED	9					1
...	...	DC/MI	9					
...	...	MI	0					
...	...	MI	14					
...	...	EE	30				2	1
...	...	AV	30				1	

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	3	x	0
FINAL	4	x	0

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

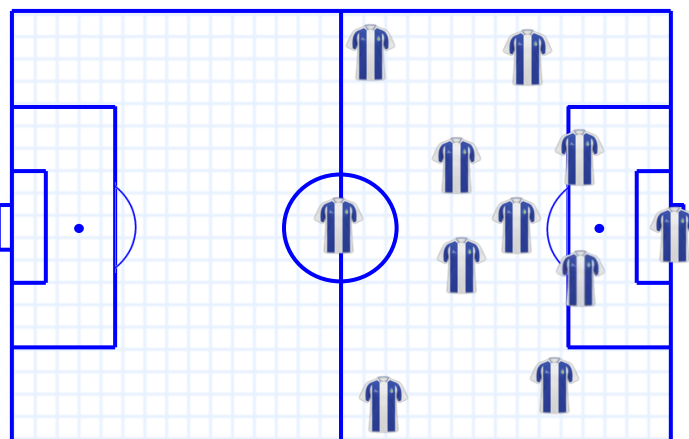
ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 4 de janeiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Clube de Futebol de Oliveira do Douro, no Colégio Ermesinde, a contar para a 14ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Colocação dos apoios para jogar”, “Jogar por dentro para chegar fora”, “Acelerar pelos corredores laterais” e “Ver perto para ver longe”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1 - Organização Ofensiva

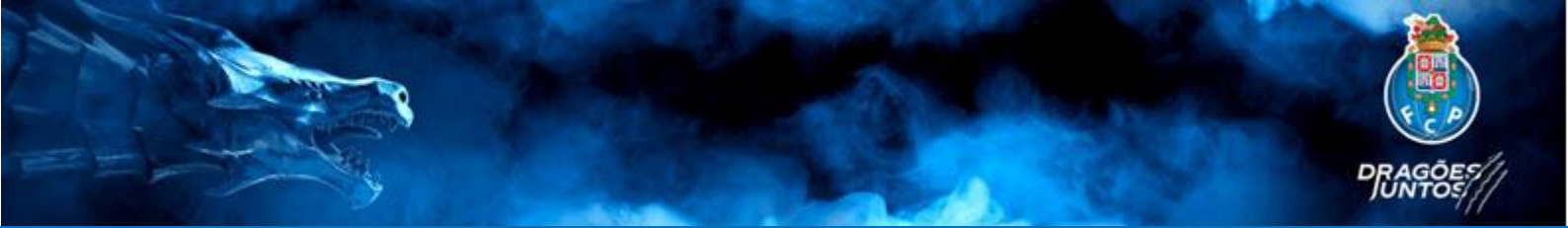
Embora tenhamos entrado muito bem no jogo, intensos e a fazer a bola andar conseguindo chegar às costas da linha defensiva adversária, após os 1ºs 10 minutos de jogo perdemos algum controlo da bola e evidenciamos alguma dificuldade em sair detrás. Após o intervalo melhoramos, tendo reentrado no jogo com níveis elevado intensidade e novamente mais capazes ter bola e chegar a zonas mais adiantadas do

RELATÓRIO DE JOGO

terreno de jogo, consequentemente, criar situações de perigo. A capacidade de salvar a bola, de os Médios Interiores (MI) fazerem apoios frontais, e os Extremos (EXT) a espaços também, e de variar algumas vezes o corredor de jogo. Contudo, em alguns instantes faltou largura e correto posicionamento a fazer *Campo Grande*, principalmente na 1ª parte, no entendimento entre EXT e Defesa Lateral (DL). Apesar de termos estado melhor nos duelos, ainda podemos melhorar muito e ser mais fortes.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o CF Oliveira do Douro defendia com o Avançado (AV) na frente, sendo secundado por 3 linhas, 2 de 4 jogadores e 1 formada pelo Pivô (PV), entre as de 4. Devido a alguma atração à bola, o oponente perdia o seu equilíbrio com frequência, deixando a descoberto espaços entrelinhas e dentro da própria linha, por exemplo com a saída de um dos Defesas Centrais (DC). Analisando este submomento, é passível de se afirmar que o desempenho foi positivo na medida que conseguimos saírem segurança em quase todos os instantes. Tanto de forma curta como longa conseguimos sair e ter bola na maioria das ocasiões.





RELATÓRIO DE JOGO

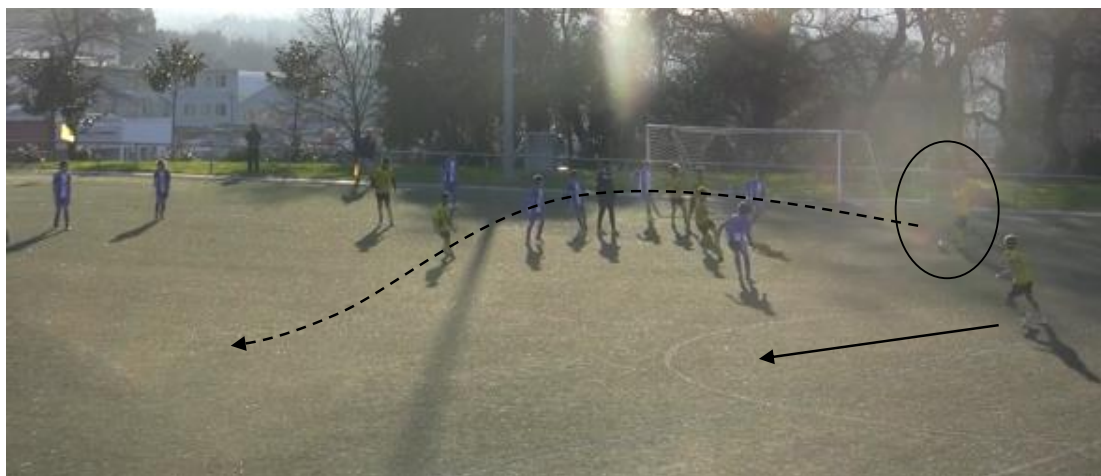


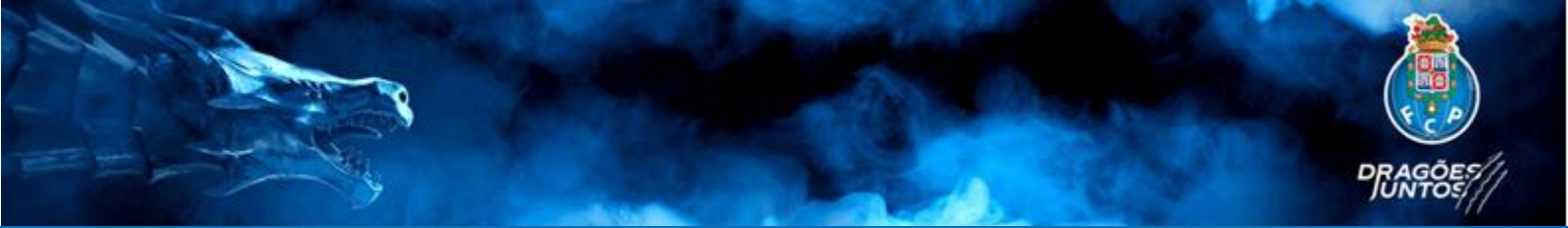
Na saída curta exterior por vezes faltou mais capacidade para ligar logo com o MI ou DL, mas, ainda assim, mesmo pressionados, conseguimos jogar quando o fazíamos de forma simples, com poucos toques na bola, procurando fazer pontes e tabelas a 1 ou 2 toques. Quando foi necessário jogar um pouco mais longo e ver logo o DL o nosso Guarda-Redes (GR) foi igualmente capaz de decidir e executar de uma forma satisfatório, ainda que numa situação ou noutra a bola não tenha ido para a melhor solução.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o adversário concentrava-se muito no corredor central, mas, como era muito atraído à bola, quando a bola entrava no corredor lateral acabava por deixar o meio descoberto. De uma forma geral, tirando parte da 1ª parte, podemos concluir que tivemos um desempenho positivo, a tocar muito a bola para abrir espaços e aproveitar as lacunas do adversário. A grande chave foi a mobilidade por dentro, com os MI a conseguirem tocar de frente para os DC e a fazerem ponte para os DL e EXT.



RELATÓRIO DE JOGO





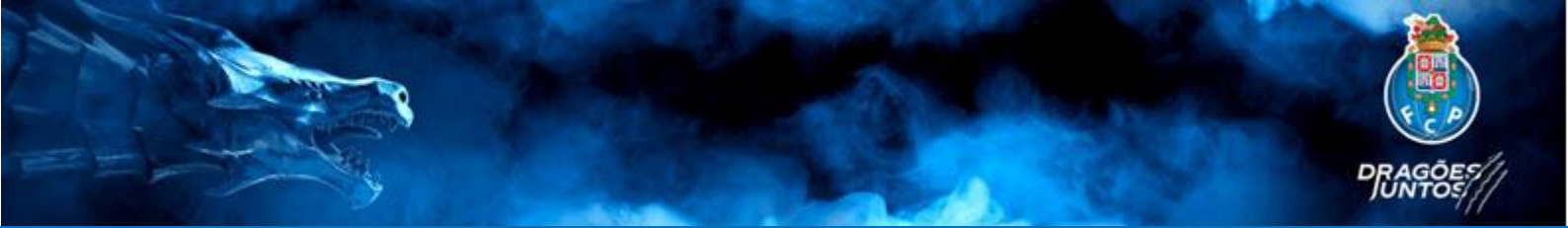
RELATÓRIO DE JOGO



Quando prendemos muito a bola ou só quisemos jogar curto no pé e por dentro não conseguimos ser bem-sucedidos, pois, devido à grande densidade de jogadores no meio, havia pouco espaço para jogar e íamos para o meio da confusão consistentemente. Faltou a espaços uma melhor dinâmica entre EXT e DL de forma a garantir mais superioridade por dentro e, concomitantemente, solução por fora. De relevar que a espaços conseguimos variar bem e com velocidade o corredor de jogo através de pontes e tabelas, vendo perto para depois ver longe.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - apesar de algum desacerto em alguns instantes, principalmente em parte da 1ª metade do jogo, conclui-se que a performance foi muito positiva com constantes entradas nos espaços. Numa 1ª fase conseguimos ver muitas vezes o MI para entrar no espaço intermédio, e por vezes o EXT.





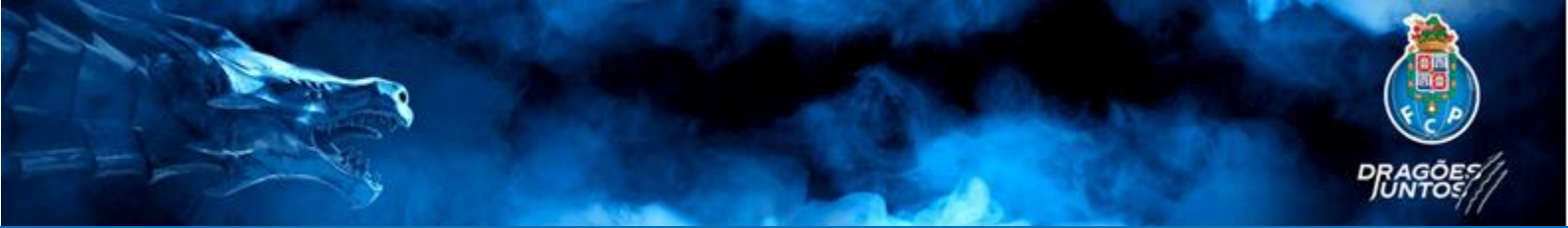
RELATÓRIO DE JOGO



Numa 2ª fase com o Avançado a baixar e também atrair a linha defensiva contrária, conseguimos entrar muito pelos corredores laterais, principalmente o esquerdo, quer via aceleração com toques rápidos na bola, como também via passe longo, conseguindo então chegar muitas vezes às costas da defesa contrária. Muito importante para isto foi a dinâmica entre os movimentos de apoio e rutura entre MI e EXT. A movimentação do AV foi igualmente importante.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - a quantidade de oportunidades de golo criadas foi elevada, embora tenha faltado alguma capacidade de definir melhor em alguns momentos o último passe, mas principalmente o remate.





RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO

Com mais alguma eficácia poderíamos ter concretizado mais 2 ou 3 golos, no mínimo. Em consequência do maior pendor ofensivo e da capacidade de entrar com frequência nos espaços, ao longo de quase todo o jogo, fomos capazes de criar diversas situações de perigo, apesar de na 2ª parte isso ainda ter sido mais evidente. Positivo foi igualmente a capacidade que evidenciamos em chegar com várias soluções a zonas adiantadas e passíveis de perigo, mesmo que nas situações mais perigosas isso não tenha acontecido tanto. Isto também se deveu ao facto de as situações mais perigosas terem sido maioritariamente situações de jogador isolado ou 1x1 + GR.

2.2 - Transição Ataque-Defesa

Do ponto de vista da atitude, tiramos boas ilações do jogo, sendo que de uma forma geral, após a perda os jogadores mais próximos tentavam reagir rápido. Ao nível do posicionamento que a restante equipa devia assumir desde logo de forma a equilibrar a equipa, nem sempre foi o melhor não só pela forma como estávamos a atacar, com também pelo tipo de jogo que o adversário assumia procurando a profundidade tendo o seu AV como referência.





RELATÓRIO DE JOGO



Todavia, mesmo que a espaços algo atabalhado, geralmente, conseguimos nos equilibrar e evitar que o adversário criasse situações de golo. Contribuiu também para este desequilíbrio o posicionamento deficiente assumido pela nossa linha defensiva. Por vezes os 3 jogadores que ficavam (2 DC + DL do lado contrário) estavam muitos juntos deixando muito espaço livre. Às vezes era o DL contrário que demorava a fechar por dentro deixando espaço entre si e o DC permitindo que o EXT contrário adversário pudesse entrar numa zona frágil nós. Concluindo-se que nem sempre estivemos bem preparados para a perda de bola, apesar de termos conseguido corrigir depois.

RELATÓRIO DE JOGO

2.3 - Organização Defensiva

Do ponto de vista posicional foi uma exibição muito positiva com a equipa, depois de organizada, a conseguir aguentar relativamente bem o seu posicionamento com a formação das nossas linhas. Isto fica substanciando igualmente pela capacidade que evidenciamos em recuperar bolas em zonas mais adiantadas, evitando que o adversário chegasse muitas vezes perto da nossa baliza. Contudo, falta ainda alguma maior agressividade não só nos duelos, com também em zonas mais próximas da nossa baliza, temos de ser mais fortes para ganhar a bola aí sem dar hipótese.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - nos instantes em que apareceu este submomento, conseguimos condicionar o adversário para fora e depois impedir que chegasse ao corredor central com regularidade.



Contudo, por vezes concedemos espaço para que o CF Oliveira Douro conseguisse progredir pelo corredor, tendo paralelamente faltado alguma agressividade

RELATÓRIO DE JOGO

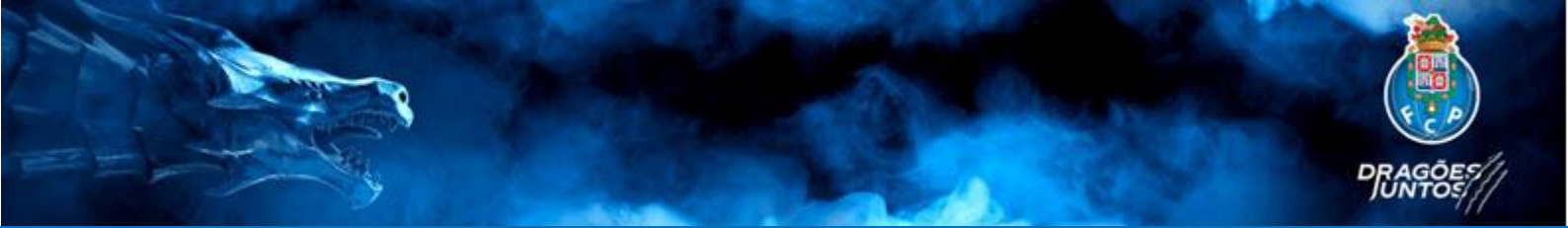
os nossos DL para encostarem logo nos EXT adversário para não o deixar receber. Contudo, tendo sido identificado como o espaço mais frágil do adversário, quer ofensivamente como defensivamente, acabamos por de uma forma geral atuar relativamente bem e dentro daquilo que era pretendido. Quando os DL, se juntando à equipa, foram fortes aqui, quando não era o EXT a recuperar a bola no setor ofensivo era o DL que o fazia lá à frente. A intensidade da equipa foi essencial.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - num computo geral mantivemo-nos bem e organizados, sem abanar muito a estrutura. A espaços apresentamos alguma dificuldade em vascular de uma forma mais eficaz, principalmente nas linhas mais recuadas. Onde erramos mais, terá sido ao nível do posicionamento e ajuste da linha defensiva, na medida que a espaços estavam muito próximos do PV e muito juntos, e, por vezes, estavam os DCs muito perto e o DL do lado contrário muito aberto. A colocação dos apoios e o desenhar das coberturas, principalmente cá atrás, nem sempre foram os mais corretos.

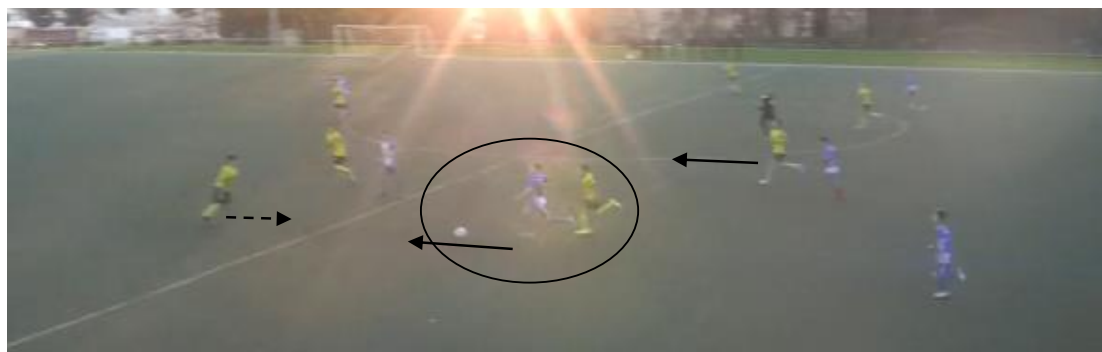
Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - mesmo em superioridade numérica demonstramos uma grande falta de capacidade de dentro de área atacar a bola e ser agressivos no sentido de não permitir que o oponente pudesse rematar. Isso fica claro pela forma como o adversário marca os 2 golos, 1 na sequência de um canto em que ninguém ataca a bola e o 2º num lance em que a bola entre dentro de área sem ninguém a atacar.

2.4 - Transição Defesa-Ataque

Neste momento de jogo, nem sempre fomos tão eficazes quanto podíamos. Todavia, ao nível da atitude e do aparecer jogadores em profundidade estivemos bem.



RELATÓRIO DE JOGO



RELATÓRIO DE JOGO



Principalmente na 2ª parte, estivemos melhor a abrir para jogar, garantindo melhor a formação do *Campo Grande* e, posteriormente, com muita mobilidade por dentro foi possível criar o *Campo Pequeno* dentro do *Campo Grande* com os MI a aparecer muito em apoio frontal e a permitir a realização de pontes para entrar rapidamente no espaço. Os EXT ora em condução, ora em apoio, também foram muito importantes a aparecer às vezes por dentro e noutras ocasiões por fora. Com um melhor entendimento entre EXT e DL, com movimentos interiores ligados, logo em concomitância com *overlap*, podíamos ainda ter conseguido ter mais sucesso.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 10” realizou um jogo seguro sem sobressaltos. De maneira geral esteve bem a decidir e executar.
- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 21” fez um bom jogo embora pudesse se ter envolvido mais em combinações ofensivas, principalmente com o seu EXT. Defensivamente, apresentou algumas lacunas posicionais.
- “Jogador 14” fez um jogo competente sem sobressaltos.
- “Jogador 17” não se apresentou mal em jogo, embora tenha evidenciado um posicionamento por vezes deficiente. Com bola esteve, de forma geral, bem a decidir.
- “Jogador 1” realizou um jogo positivo evidenciando capacidade de se envolver com os MI e com o EXT com frequência. A espaços falta um pouco mais de agressividade.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 3” jogo muito bom apresentado uma boa visão de jogo e qualidade de passe. Defensivamente também esteve bem a equilibrar a equipa quando foi preciso.
- “Jogador 20” sem comprometer e sobressaltos apresentou-se bem no jogo cumprindo bem a sua função com e sem bola.
- “Jogador 9” quando simplificou mais o seu jogo e foi prático e pragmático nas suas ações catapultou-se para outro nível. Muito melhor a decidir numa excelente 2ª parte.
- “Jogador 18” entrou com muita vontade de ajudar a equipa e pegar destaque. Fez um jogo tranquilo, apesar de por vezes algo atraído que o fazia sair ligeiramente de posição.
- “Jogador 6” após entrar denotou algum receio em duelos o que é normal tendo em conta que regressou agora de lesão. De resto fez um jogo tranquilo sem grandes problemas.
- “Jogador 8” não jogou.
- “Jogador 4” defensivamente continua a cumprir, sendo que em concomitância esteve bem a se mostrar ao jogo e desequilibrar, mais através de situações de 1x1.
- “Jogador 2” não teve muito tempo e oportunidade para deixar uma marca mais vincada no jogo, mas cumpriu a sua função.
- “Jogador 22” realizou um jogo muito bom, com níveis de intensidade e mobilidade elevados. Em ambas as posições, mostrou-se muito ao jogo e fez a bola andar. Esteve igualmente bem no 1x1.
- “Jogador 15” através de iniciativas individuais demonstrou-se mais uma vez muito forte. Entrou no jogo confiante e com intensidade muito elevada que lhe permitiram explorar muito e bem as costas da defesa contrária.
- “Jogador 5” deu-se muito ao jogo, trabalhou muito para a equipa e ajudou a dar soluções para jogar com movimentos em apoio. Defensivamente cumpriu.
- “Jogador 12” entrou bem no jogo a conseguir imprimir alguma velocidade e capacidade de dar soluções em profundidade. Com pouco espaço falta conseguir jogar mais rápido. Faltou alguma capacidade de definir melhor no momento do remate.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	15ª
JOGO	Sport Comércio e Salgueiros		X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	
DATA:	11 janeiro 2020	HORA:	17H00	LOCAL:	Complexo Desportivo da Campanhã (Campo Sintético)
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	30					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	53					
...	...	PV	60					
...	...	MI	53					
...	...	MI	44				1	
...	...	ED	60					
...	...	EE	60					
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DD/DE	0					
...	...	DC	0					
...	...	DE	7					
...	...	MI	16					
...	...	MI	7					
...	...	AV	30				1	

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	1	x	2
FINAL	2	x	2

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

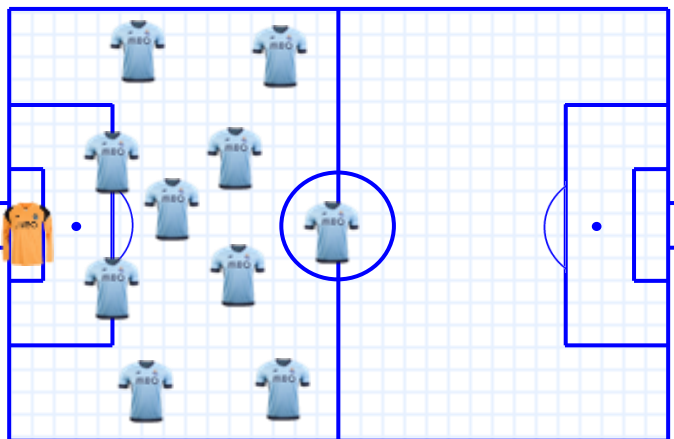
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1. Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 11 de janeiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Sport Comércio e Salgueiros e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Complexo Desportivo da Campanhã (Campo Sintético), a contar para a 15ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **1º/2º submomentos**, segundo as premissas de “Colocação dos apoios para jogar”, “Campo Grande, “Ver dentro para jogar por fora”, “Acelerar pelos corredores laterais” e “Ver perto para ver longe”.

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1. - Organização Ofensiva

Num computo geral, ao longo do jogo embora tenhamos conseguido ter bola, a construção de jogo e manutenção da posse de bola não foi a desejada com uma quase constante procura da profundidade e na parte final do jogo mesmo com sucessivos “alívios” de bola para longe, não procurando guardar bola. Muitas vezes demos demasiados toques na bola, principalmente em zonas interiores fazendo com que

RELATÓRIO DE JOGO

perdêssemos por algumas vezes a bola. Jogamos poucas vezes por dentro e por fora, havendo então pouca variação de corredor.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o SC Salgueiros defendia com as suas linhas muito adiantadas de forma a estorvar a nossa saída curta, apesar de, geralmente, haver espaço para sair a jogar pelos nossos Defesas Centrais (DC). O Avançado (AV) adversário ficava no meio saindo o Extremo (EXT) do lado da bola ao DC e os Médios Interiores (MI) acompanhavam os nossos MI. Contudo, tivemos dificuldade em ligar com o resto da equipa no seguimento. Faltou mais mobilidade para receber perto, e, por consequência, os nossos DCs frequentemente jogaram longo na profundidade na procura do nosso AV e dos nossos EXTs. Todavia, com regularidade não conseguimos ficar com bola perdendo nos duelos. Faltou ocorrer mais movimentos em apoio combinados com movimentos em rutura entre MI e EXT, AV e EXT ou AV e MI, por exemplo.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o adversário manteve-se adiantado e com linhas próximas não concedendo muito espaços, sendo então necessário criá-los. De uma forma geral, não fomos capazes de os criar dando muito toques na bola quando a tínhamos no corredor central, apresentando também uma escassez de mobilidade que nos fez muitas vezes, de forma precipitada, procurar a profundidade não salvando a bola. Apresentamos pouca variação de corredor, fazendo a bola chegar ao lado contrário poucas vezes de forma rápida e eficiente, nas ocasiões em que isso de facto aconteceu. Era necessário haver mais movimentos de aproximação, de forma a existir soluções perto para jogar, conciliados com movimentos diagonais em rutura para que fosse possível desorganizar a estrutura adversária, e, de facto, aproveitar as costas da linha defensiva contrária.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - apesar de várias tentativas através de passe longo, não podemos afirmar que tenha sido um submomento de grande sucesso visto que forçamos muito o passe longo mesmo em situações que não tínhamos sucesso. Mesmo quando fazia sentido, por diversas ocasiões não conseguimos ganhar a bola na profundidade e nos duelos. Ao nível da entrada nos espaços em zonas mais recuadas e intermédias, não fomos muito bem-

RELATÓRIO DE JOGO

sucedidos, na medida em que faltou movimentos em apoio propícios a isso, e que permitissem criar espaços para entrar.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - mais uma vez não foi muito positivo, visto que as oportunidades de finalização foram escassas. Mesmo quando chegamos a espaços potenciais de finalização não conseguimos ser muito práticos, tendo inclusive atacado mal as zonas e aparecido com poucas opções. Por conseguinte, causamos pouco perigo real ao adversário, até com a ocorrência de remates mal direcionados ou no espetro do Guarda-Redes (GR). Mesmo nos nossos golos, o golo foi resultante de uma recarga ou 2ª bola consequente de bolas à figura do GR.

2.2. - Transição Ataque-Defesa

Sucintamente, a reação da equipa foi positiva do ponto de vista atitudinal, apesar de ao perder a bola nem sempre tenhamos conseguido fechar a bola, pressionando o portador da bola com os 2 ou 3 jogadores mais próximos à medida que a restante equipa equilibrava. Muito importante aqui foi o nosso Pivô (PV) equilibrando e ocupando a posição dos MI ou compensando a ausência do Defesa Lateral (DL) ou do DC. Paralelamente, nem sempre estivemos equilibrados para a perda de bola, apresentando uma incorreta distância entre jogadores da linha. Além disso, por vezes, em situações de inferioridade ou 1x1 atacamos muito à “queima”, isto é, sem contemporizar e esperar para atacar a bola no momento certo. Todavia, conseguimos frequentemente corrigir o nosso posicionamento de forma a travar o ataque adversário ou pelo menos orientar para fora.

2.3.- Organização Defensiva

Defensivamente, acabamos por fazer um jogo algo idêntico desde o início até ao final do jogo. Maioritariamente mantivemos uma estrutura equilibrada e capaz de proteger o meio, embora em certos instantes a linha intermédia tenha vacilado um pouco, com os MI a se adiantarem um pouco em demasia. Concomitantemente, nem sempre conseguimos garantir um correto jogo de coberturas de forma a evitar a

RELATÓRIO DE JOGO

progressão do adversário principalmente pelos corredores laterais, na relação em DC e DL.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - mesmo tendo sido capazes de condicionar o SC Salgueiros em algumas ocasiões, não conseguimos ser competentes ao nível de recuperação de bolas no nosso setor ofensivo. O adversário procurava, maioritariamente, sair de forma exterior a partir dos seus DC, quando optava pela saída curta, até porque só nos últimos 15 minutos, com a entrada do AV mais alto e forte, tiveram mais capacidade de disputar e ser forte nos duelos, embora a tendência se tenha mantido. A ineficácia aqui prendeu-se com a ausência de capacidade de o nosso AV pressionar rápido e bem os DC e de o nosso MI que saía aos DC chegar rápido. Todavia, com um posicionamento mais estático dos nossos MIs conseguimos proteger o meio e limitar mais o jogo do adversário pelos corredores laterais.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - apesar de não termos tremido muito estruturalmente em zonas recuadas, os DL demoraram a encostar nos EXT adversários permitindo que estes em apoio frontal ou a receber de frente para o jogo provocassem desequilíbrios. Aqui, para uma manutenção do equilíbrio da equipa, foi essencial o PV que invariavelmente compensou as saídas dos jogadores da linha média e do DC ou DL do lado da bola quando saltavam à bola. No entanto, com a mobilidade do adversário e duelos no setor intermédio, sentimos dificuldade em fechar espaços e impedir o avanço do adversário quando SC Salgueiros acelerava.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - mesmo em superioridade numérica demonstramos alguma falta de capacidade de dentro de área atacar a bola e ser agressivos no sentido de não permitir que o oponente pudesse rematar. Embora tivéssemos geralmente mantido a linha defensiva bem formada, por vezes, apresentamo-nos com os jogadores demasiado espaçados permitindo que os jogadores adversários às vezes entrassem nas costas do nosso DL contrário ou entre DC e DL. Principal lacuna aqui terá sido ao nível da agressividade evidenciada nas disputas de bola.

RELATÓRIO DE JOGO

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Relevando a tentativa de reação rápida e abertura para jogar, faltou alguma largura no posicionamento da equipa, principalmente atrás. Paralelamente ao momento de Organização Ofensiva, faltou existir mais movimentos em apoio conciliados com movimentos em rutura de forma a abrir mais espaços e desequilibrar mais o adversário. Faltou mais dinâmicas entre os MI, EXT ou AV, de forma a apresentar mais soluções. Na parte final de jogo tornou-se ainda mais evidente a incessante tentativa de “bater” sem procurar salvar a bola e jogar com calma. Consequentemente, não fomos muito eficazes quase que perdendo a bola ao recuperá-la.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

- “Jogador 24” não um jogo muito atabalhado, embora com algumas inseguranças.
- “Jogador 2” (DD) realizou um jogo tranquilo, apesar de ter demonstrado pouca envolvimento no ataque da equipa e ter evidenciado dificuldades em situações de 1x1.
- “Jogador 20” jogo positivo do ponto de vista posicional e com espírito de sacrifício.
- “Jogador 14” apresentou-se bem, ajudando a equipa. Com bola, por vezes foi um pouco precipitado em procurar logo a profundidade, apesar de, muitas vezes, também faltarem soluções.
- “Jogador 21” fez um bom jogo, sem grandes sobressaltos, embora tenha tido algumas dificuldades nas situações de 1x1.
- “Jogador 3” jogo muito bom apresentado uma boa visão de jogo e qualidade de passe. Defensivamente também esteve bem a equilibrar a equipa quando foi preciso.
- “Jogador 9” faltou se dar mais ao jogo, simplificando quando tinha bola e aparecendo mais a fazer apoios frontais.
- “Jogador 5” trabalhou muito para a equipa, e, a espaços conseguiu progredir um pouco com bola, embora sem grande efeito prático consequente.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 4” de uma forma geral cumpriu bem as suas funções, em alguns instantes desequilibrar, mas sem a frequência habitual. Defensivamente esteve bem.
- “Jogador 22” realizou um jogo dentro do costume, sem comprometer e por vezes com alguma capacidade de desequilibrar. Ainda assim não foi o seu melhor jogo.
- “Jogador 15” não conseguiu desequilibrar com a incidência esperada, tendo tido dificuldade em ganhar bolas nas costas e progredir com diagonais interiores. Todavia, trabalhou muito, mesmo que nem sempre vendo as melhores opções.
- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 1” não jogou.
- “Jogador 17” não jogou.
- “Jogador 8” tendo jogado numa posição diferente do habitual é normal que tenha sentido algumas dificuldades, embora sem comprometer. Na colocação dos apoios e em situações de 1x1 faltou alguma agressividade.
- “Jogador 6” quando entrou no jogo ainda se notou algum receio nos duelos, e, mesmo não tendo estado mal, continua sem ser ainda o mesmo. Evidenciou alguma precipitação em aliviar de forma longa a bola, sem ter a calma necessária para guardá-la e partir dali jogar.
- “Jogador 18” entrou querendo ajudar e refrescar o meio campo. Acabou por não ter muita bola e por aí não fez muita diferença. Defensivamente cumpriu relativamente bem a sua função.
- “Jogador 12” entrou algo apagado no jogo, nem sempre decidindo bem e dando tudo de si. Por vezes, faltou acreditar mais nas bolas passadas pelos colegas e aproveitar melhor as costas da defesa contrária. Apesar do golo, tem de afinar a sua finalização.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	16ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	União Nogueirense Futebol Clube		
DATA:	18 janeiro 2020	HORA:	16H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	53					
...	...	PV	60					1
...	...	MI	60					
...	...	MI	52					
...	...	ED	47					
...	...	EE	60				1	
...	...	AV	52					
...	...	GR	0					
...	...	DL	8					
...	...	DL/EXT	0					
...	...	DC	0					
...	...	MI/EXT	8					
...	...	AV/EXT	13					
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	0
2ª PARTE	1	x	3
FINAL	2	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

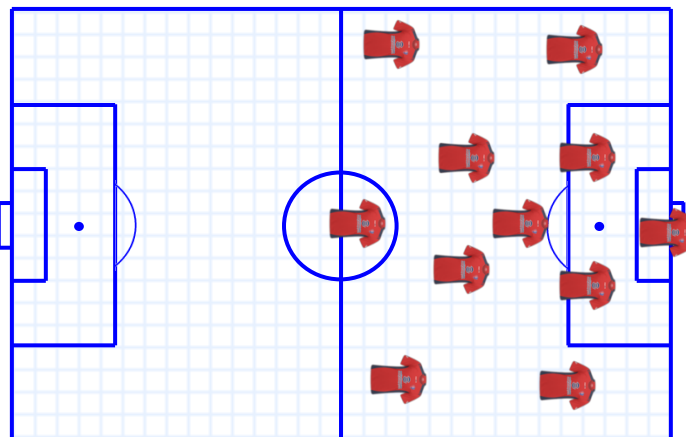
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 18 de janeiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o União Nogueirense Futebol Clube, no Colégio Ermesinde, a contar para a 16ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Defensiva**, mais concretamente nos **1º/2º submomentos**, segundo as premissas de “Orientar adversário para fora e proteger o meio”, “Pressão Imediata” e “Coberturas e Equilíbrios”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Ofensivamente, o nosso jogar caracterizou-se por alguma precipitação quando tínhamos bola, procurando com alguma frequência a profundidade, forçando esta via mesmo quando não tínhamos vantagem. Contudo, muitas vezes foi devido a conseguir ver estas opções longe que conseguimos sair desde trás e criar perigo. Também por aqui, e por este sentimento de segurança que estava presente nos jogadores, se poderá explicar a tentativa quase constante de ver longe, ao qual se aliava o espaço deixado

RELATÓRIO DE JOGO

pelo adversário nas suas costas. Faltou capacidade para sair mais rápido do corredor central e variar mais o corredor da bola, sendo fundamental haver mais alguma mobilidade por dentro com combinações entre Avançado (AV), Médios Interiores (MI) e Extremo (EXT) do lado da bola principalmente, mas não só. Em vários instantes era importante ter tido mais capacidade de guardar e salvar a bola, controlando o jogo mais com bola, não permitindo que este pudesse partir, como aconteceu a espaços.

No **1º Submomento** - Saída de bola - sob uma pressão alta por parte do adversário, que fazia linha de 3 à frente, conseguimos sair de forma curta, mas, posteriormente, tivemos dificuldade em dar seguimento. Paralelamente ao posicionamento assumido pelo U. Nogueirense F.C., alguma falta de mobilidade da nossa parte contribuiu também para isto, principalmente com alguma falta de dinâmicas entre jogadores, concretamente entre MI e EXT, porque aproximavam ambos sem haver movimento em rutura, ou por exemplo entre AV e MI ou AV e EXT. Depois de a bola chegar ao nosso Defesa Central (DC), o EXT do lado da bola pressionava, ficando o AV a fechar uma linha de passe interna e o EXT contrário a pegar no nosso DC do lado contrário. O MI do lado oposto pegava no nosso Pivô (PV), ficando as nossas soluções próximas da bola marcadas pelos jogadores adversários nas imediações de forma individual. Através de saída longa conseguimos de forma geral ter sucesso, com bolas a procurar explorar a profundidade a partir dos nossos EXT com ligação direta entre Guarda-Redes (GR) e EXT. Por vezes de forma curta, quando fomos rápidos a sair de dentro, conseguimos ligar entre DL e AV pelo corredor ganhando as costas da linha defensiva adversária.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - de uma forma geral, não fomos muito capazes ao nível da criação devido ao reduzido espaço que o adversário concedia nas nossas zonas recuadas. Aliado a isso, o facto de ter faltado alguma mobilidade por dentro, fez com que a densidade de jogadores nos espaços interiores não permitiu jogar perto com frequência. Contudo, por vezes, fomos algo precipitados a este nível não tendo a calma necessária para guardar e salvar a bola, variando o corredor, sem forçar a profundidade quando não tínhamos vantagem, que a espaços

RELATÓRIO DE JOGO

aconteceu. Era primordial existir uma maior dinâmica entre movimentos em apoio e rutura, sendo que na 2ª parte era ainda mais importante que fosse o Ava aparecer em apoio para libertar os EXT e jogadores mais rápidos para explorar os corredores laterais com velocidade, tirando partido do adiantamento do adversário.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - o balanço do jogo é positivo tendo em conta a percentagem de incidência e prevalência de entrada nas costas da linha defensiva contrária, e consequente criação de situações de igualdade e superioridade numérica. Todavia, por vezes poderíamos tê-lo feito de uma forma mais ligada e coletiva, isto é, por vezes, não funcionamos como um bloco aqui, permitindo muito espaço entre linha e ficando mais vulneráveis e enfraquecidos, tanto ofensiva como defensivamente. Conseguimos ter muito sucesso com bolas longas a entrar desde trás nos nossos EXT, principalmente pelo nosso lado esquerdo na 1ª parte. Na 2ª parte a variabilidade já foi um pouco maior, embora com maior pendor pelo lado direito com bola diretamente lá, ou com ligação entre DL e AV pelo corredor lateral, aparecendo o EXT do lado contrário pelo meio entre DCs ou DC e DL contrário. De forma a ser um pouco mais bem-sucedidos, uma maior ocorrência de passes em rutura na diagonal poderia ter sido importante.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - referindo-se aquilo que foram as oportunidades criadas, a avaliação acaba por ser relativamente positiva, apesar de ao nível da eficácia de concretização das mesmas o mesmo não se pode dizer. Tendo em conta aquilo que foi o volume de chegadas a zonas de finalização com perigo, era expectável que se tivéssemos sido capazes de definir e concretizar melhor os lances. Teria sido importante uma equipa mais junta, em bloco, nas chegadas à frente, e com capacidade de atacar melhor bem as zonas.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Aqui é de relevar a atitude da equipa na reação à perda, principalmente ao nível dos jogadores próximos. Aqueles que estavam mais perto, regra geral, reagiram rápido conseguindo com alguma frequência recuperar a bola, ou pelo menos provocar duelos que não permitiam que o adversário avançasse. Contudo, ao nível da recuperação do

RELATÓRIO DE JOGO

posicionamento da restante equipa, nem sempre fomos muito felizes, com alguma dificuldade em restabelecer o equilíbrio e correta cobertura do espaço interior e do lado da bola. Os nosso EXT, principalmente na 1ª parte, demoravam a baixar e se juntar à linha média, ao mesmo tempo que muitas vezes os MIs demoravam a fazer a cobertura ao DL do seu lado. A espaços, nem sempre tivemos a nossa linha defensiva preparada e bem alinhada, embora tenha sido algo que se foi esfumando ao longo do jogo. Nem sempre a colocação dos apoios foi a correta para atacar a bola e evitar a entrada de bolas nas costas, no entanto, nas vezes em que entrou, conseguimos colocar os jogadores adversários em fora-de-jogo.

2.3.- Organização Defensiva

Defensivamente, acabamos por fazer um jogo algo idêntico desde o início até ao final do jogo. Maioritariamente mantivemos uma estrutura equilibrada e capaz de proteger o meio, embora em certos instantes a linha intermédia tenha vacilado um pouco, com os MI a demorarem a chegar, à cobertura dos DL, e dos EXT a baixarem para a linha, principalmente na 1ª parte. Portanto, nem sempre conseguimos garantir um correto jogo de coberturas de forma a evitar a progressão do adversário, principalmente pelos corredores laterais, o que levou a algum desposicionamento dos nossos DCs que atacavam bolas e faziam coberturas que eram responsabilidade dos MI. Concomitantemente, por vezes, na incapacidade de o PV ganhar os duelos, atacavam a bola em vez de garantir os equilíbrio da equipa atrás, o que permitiu que o adversário fosse capaz de chegar um pouco mais a situações de iminente perigo.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - apesar de termos sido capazes de condicionar o oponente em algumas ocasiões. Todavia, nessas referidas ocasiões não fomos capazes de materializar em muitas recuperações de bola. De positivo fica a capacidade de fechar e proteger o meio quando o adversário jogava de curta, embora nem sempre conseguindo ser mais fortes que o adversário nos corredores laterais. Contribuiu para isto o facto de os EXT, por diversas ocasiões, terem demorado a baixar acompanhando o DL adversário de forma a não permitir que

RELATÓRIO DE JOGO

oponente ganhasse superioridade numérica. Igualmente, por vezes faltou capacidade encostar no adversário não permitindo que nos duelos estes tivesses capacidade de receber a bola ou pelo de forma confortável.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - do ponto de vista da proteção do corredor central, de forma geral, continuamos bem, tendo persistindo os problemas referidos anteriormente no 1º submomento em relação aos espaços concedidos pelos corredores laterais, apesar de não termos permitido ao adversário variar o corredor muitas vezes. Além disso, os MI depois de estarem bem inicialmente, a espaços, tinham dificuldade em baixar e fazer cobertura ao DL. Consequentemente, muitas vezes o DC afastava-se do seu posicionamento ideal, provocando algum desequilíbrio. Os DC às vezes atacavam também incorretamente duelos aéreos que eram disputados ou deveriam ser disputados pelo nosso PV, não garantindo o equilíbrio essencial à equipa atrás. De referir ainda que nem sempre a colocação dos apoios foi a adequada.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - mesmo em superioridade numérica demonstramos alguma falta de capacidade de dentro de área atacar a bola e ser agressivos no sentido de não permitir que o oponente pudesse rematar. Embora tivéssemos geralmente mantido a linha defensiva bem formada, por vezes, apresentamo-nos com os jogadores demasiado espaçados permitindo que os jogadores adversários às vezes entrassem nas costas do nosso DL contrário ou entre DC e DL. Principal lacuna aqui terá sido ao nível da agressividade evidenciada nas disputas de bola, temos de ser mais agressivos.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Relevando a tentativa de reação rápida e abertura para jogar, faltou alguma largura no posicionamento da equipa, principalmente atrás. Paralelamente ao momento de Organização Ofensiva, faltou existir mais movimentos em apoio conciliados com movimentos em rutura de forma a abrir mais espaços e desequilibrar mais o adversário. Faltou mais dinâmicas entre os MI, EXT ou AV, de forma a apresentar mais soluções.

RELATÓRIO DE JOGO

Portanto, não fomos muito eficazes, por vezes, quase que perdendo a bola ao recuperá-la, faltando variar mais o corredor de jogo e ter a capacidade de salvar a bola, não procurando sempre a mesma solução, de, com alguma vertigem, ver a profundidade. De uma forma geral, faltou sermos mais capazes de dar continuidade à recuperação de bola e, de uma maneira organizada, jogar mais apoiado e sem deixar o jogo partir.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 10” fez de uma forma geral um jogo tranquilo, embora tenha tremido no lance do 3º golo.
- “Jogador 4” realizou um bom jogo tranquilo, conseguindo estar bem defensivamente e com grande envolvimento no ataque da equipa e desequilibrando não só em situações de 1x1.
- “Jogador 20” apresentou-se bem ao longo de todo o jogo, sem cometer erros assinaláveis.
- “Jogador 14” num compute geral realizou um jogo positivo, embora com a ocorrência de alguns erros, decorrentes de uma má leitura do jogo.
- “Jogador 21” fez um jogo sem grandes sobressaltos, embora tenha tido algumas dificuldades nas situações de posicionamento. A espaços envolveu-se bem em situações de ataque e ajudou a criar desequilíbrios.
- “Jogador 3” defensivamente esteve bem ajudando muito a equipa a se equilibrar. Ofensivamente apareceu pouco.
- “Jogador 9” apareceu pouco no jogo. Quando teve bola, apresentou dificuldade em dar seguimento a algumas jogadas devido a demorar a colocar a bola a andar mais rápido.
- “Jogador 6” não entrou no jogo muito confiante, mas depois foi ganhando confiança e melhorou um pouco. Quando conseguiu ter calma ajudou a bola a

RELATÓRIO DE JOGO

andar e foi capaz de ajudar a equipa do ponto de vista defensivo, apresentando inclusive espírito de sacrifício e solidariedade.

- “Jogador 22” realizou um jogo algo apagado, não aparecendo muito em jogo com bola e errando muito defensivamente para o que é o seu costume.
- “Jogador 15” através da sua velocidade foi capaz de criar desequilíbrios, embora se desgastando em demasia para isso. Do ponto de vista da eficácia continua a apresentar dificuldade na definição. Defensivamente não esteve no seu melhor, falta mais alguma capacidade de recuperar e não ficar a ver.

Suplentes:

- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 1” quando entrou, tentou ajudar a equipa e defensivamente esteve bem. Ofensivamente não foi capaz de se envolver muito, também porque entrou com o jogo algo partido e com a equipa a sair com poucos.
- “Jogador 2” não jogou.
- “Jogador 17” não jogou.
- “Jogador 18” entrou um pouco perdido no seu posicionamento, mas a tentar com frequência criar desequilíbrios com movimentos diagonais em rutura. Contudo, devido a isto mesmo, acabava por não ajudar a que a equipa se mantivesse equilibrada, pois se for preciso atravessa o campo todo.
- “Jogador 12” depois de entrar não se verificaram os efeitos esperados, tendo estado muito fraco ao nível dos duelos, não conseguindo também aproveitar o espaço nas costas com eficácia esperada.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	17ª
JOGO	Varzim Sport Club	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	25 janeiro 2020	HORA:	15H00	LOCAL:	Parque Desportivo de Navais
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					1
...	...	MI	52					
...	...	MI	40					
...	...	ED	60				1	
...	...	EE	60					
...	...	AV	52					
...	...	GR	0					
...	...	DL	0					
...	...	PV	8					
...	...	MI	0					
...	...	EXT	8					
...	...	10	20					
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	0
2ª PARTE	0	x	1
FINAL	0	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

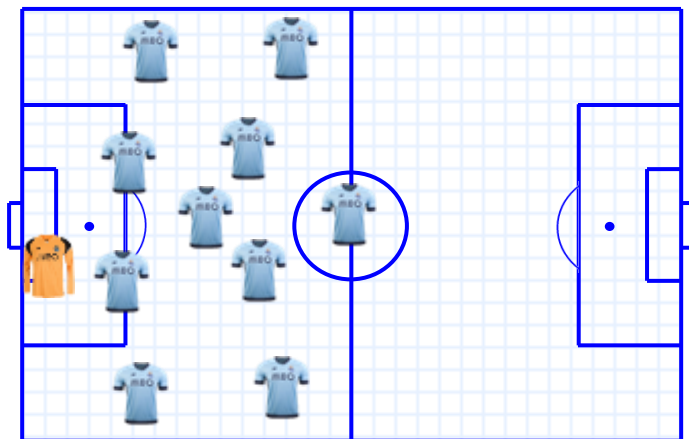
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

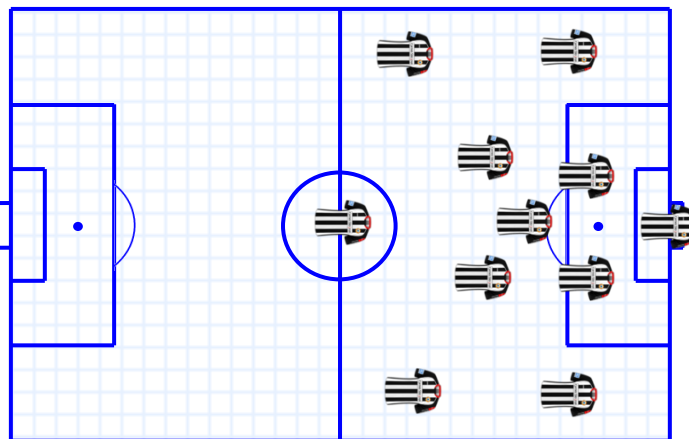
ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 25 de janeiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Varzim Sport Clube e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Parque Desportivo de Navais, a contar para a 17ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **1º/2º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Embora considerando que houve um rendimento diferente quando comparadas a 2 metades do jogo, melhor na 2ª, de uma forma geral tivemos alguma dificuldade em sair da pressão alta adversária, não conseguindo ter boas soluções para jogar perto em algumas ocasiões. Isto também levou alguma precipitação da nossa parte em procurar a profundidade não salvando a bola quando o devíamos fazer. Paralelamente, tivemos

RELATÓRIO DE JOGO

alguma dificuldade em entrar nas costas da defesa contrária durante grande parte do jogo, pois não fomos capazes de ser fortes nos duelos e ganhar 2^{as} bolas. No 2º tempo, com os nossos Médios Interiores (MI) a aparecerem mais no jogo, aliados com um Pivô (PV) mais confiante, conseguimos ter mais bola e com mais frequência colocar bola nas costas do Defesas Laterais (DL) adversários e, a partir daí, aproveitar o desequilíbrio do Varzim S.C., criando perigo. Continua a faltar uma maior variação do centro de jogo.

No **1º Submomento** - Saída de bola - sob pressão de um adversário que adiantava muito as suas linhas e era intenso, tivemos dificuldade em sair a jogar desde trás de forma curta e apoiada. As dimensões do terreno de jogo, curto e estreito também não ajudavam a que houvesse muito espaço para jogar. Embora em alguns momentos tenhamos conseguido ver o MI e os Extremos (EXT) faltou com tivéssemos mais capacidade para abrir espaço por dentro com mais permutas.





RELATÓRIO DE JOGO



Consequentemente, muitas vezes tentávamos, via passe longo, chegar diretamente do Defesa Central (DC) ao Avançado (AV), e por vezes ao EXT. Contudo não conseguimos ser muito felizes na medida que não fomos fortes nos duelos e, invariavelmente, perdíamos a bola, não conseguindo entrar no espaço que ficava nas costas da linha defensiva adversária. N 2ª parte com o nosso PV mais presente e confiante no nosso jogo com bola, conseguindo ligar com ele, fomos capazes de sair com maior segurança.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - devido às características do terreno de jogo e à intensidade evidenciada pelo adversário, não fomos capazes de criar muito espaços por dentro. Contudo, a espaços fomos conseguindo criar alguns espaços com mobilidade, pouco toques na bola e passes rápidos.



RELATÓRIO DE JOGO



Quando adotamos iniciativas mais individuais acabamos por perder vantagem e deixar o adversário chegar perto. Na sequência, apresentamos dificuldade em salvar a

RELATÓRIO DE JOGO

bola e também variar o centro de jogo, não aproveitando então a muita atração do adversário à bola. Ao sermos mais capazes de ver os MIs e o PV, conseguimos ter mais bola e chegar um pouco mais à frente ainda com jogo apoiado. Teria sido positivo a uma maior emergência de dinâmicas entre MI e EXT para criar espaço, e até mesmo com o AV.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - o balanço acaba por não ser o melhor, porque de facto não conseguimos materializar muitas das tentativas, apesar de em vários momentos a ideia e a tentativa de aproveitamento do espaço estar lá. A nossa entrada deu-se com alguma frequência via passe longo, embora por vezes tenhamos conseguido numa 1ª fase entrar de forma curta até meio para depois aparecer então o passe longo.





RELATÓRIO DE JOGO



Para isto foi muito importante a subida de rendimento, com bola, do nosso PV que se apresentou muito bem a ligar o jogo na 2ª parte com bolas nas costas do DLs adversários. A forma como estivemos dispostos no espaço interior na 2ª parte, nomeadamente com os MIs, também permitiu a que o nosso PV tivesse mais espaço e pudesse fazer uso do passe longo em diagonal de dentro para fora na procura do EXT. Por vezes a nossa equipa partia um pouco entre PV e MI ou entre DCs e PV, dando também menos hipóteses para jogar de forma apoiada, ficavam a faltar soluções.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização – a chegada a zonas de finalização não foi claramente a desejada, mas acaba por se justificar pela incapacidade que muitas vezes evidenciamos em ter calma com bola. De forma a ter mais sucesso aqui, é importante que a equipa de forma conjunta, em bloco, suba permitindo não só a aparição de mais jogadores em zonas de finalização dentro da área adversária, com também jogadores em 2ª linha para uma eventual 2ª bola ou cruzamento atrasado, maximizando assim as nossas hipóteses de sucesso.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Neste Momento, revelamos alguma incapacidade em reagir bem de forma eficiente e eficaz, isto é, com alguma regularidade permitimos que o adversário conseguisse sair e chegar a zonas mais adiantadas do terreno de jogo. Para evitar mais vezes isto, era fundamental uma reação mais forte dos 2 ou 3 jogadores mais próximos



RELATÓRIO DE JOGO

e uma maior capacidade de acompanhamento dos nossos MIs de modo a fazer a cobertura ao DL do lado da bola, permitindo que os DCs controlassem o espaço interior.





RELATÓRIO DE JOGO



Geralmente o PV esteve bem a cobrir os DL, mas por consequência, libertávamos espaço por dentro. Fulcral também era a capacidade de os nossos DL não permitirem que os EXT adversários tivessem espaço para receber a bola, pois era pelos corredores laterais que o adversário mais progredia e, por consequência, criava perigo, com superioridade nos duelos. Paralelamente, como a equipa por vezes em Organização Ofensiva partia, dávamos também mais espaço entrelinha para o adversário explorar. Ao nível do alinhamento da nossa linha defensiva o desempenho foi positivo.

2.3.- Organização Defensiva

Do ponto de vista da organização e disposição dos jogadores em campo, defensivamente, a equipa apresentou-se a um nível satisfatório, mas sem ser perfeito. De uma forma geral conseguimos proteger o corredor central, embora tenhamos

RELATÓRIO DE JOGO

permitido, por vezes, algum espaço entrelinhas e evidenciado uma reduzida agressividade na disputa de duelos. De forma a ter mais sucesso, era fundamental, que os Mis tivessem mais vezes feito a cobertura ao DL para que os DC e o PV saíssem menos de posição e protegessem o meio. Por vezes os EXTs também demoraram um pouco, de forma a serem mais eficazes nas suas ações. Aos nossos DL faltou mais capacidade de encostar no seu EXT oponente para que este não pudesse receber a bola ou, pelo menos, não o conseguisse fazer de forma confortável tendo espaço para se virar de frente.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - apesar de termos assumido uma boa ocupação inicial dos espaços, não fomos capazes de recuperar bolas em zonas muito adiantadas, também porque, mal tinha espaço, o adversário procurava de uma forma mais direta ver os jogadores da frente.





RELATÓRIO DE JOGO



Por vezes no ajuste em AV e MIs deixamos algum espaço por dentro para que o PV adversário conseguisse receber a bola para jogar, estando uma vez mais o perigo, na procura rápida da profundidade pelos corredores laterais. Com a saída da bola longa

RELATÓRIO DE JOGO

tínhamos de ter sido mais fortes para ganhar e /ou guardar a bola, sendo também importante para isso uma correta colocação dos apoios.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços – com o avançar da bola no terreno de jogo, já conseguimos proteger um pouco melhor o meio, exibindo sim grandes dificuldades nos duelos, quer aéreos quer pelo chão, tendo até sido aí onde permitimos que o adversário nos criasse mais desequilíbrios. Nos duelos aéreos faltou mais agressividade e combatividade, ao mesmo tempo que era importante em situações de vantagem não ter tentado jogar de 1ª, quase que à sorte.





RELATÓRIO DE JOGO



No que diz respeito aos duelos pelo chão, essencialmente pelos corredores laterais apresentamos muitas dificuldades com os nossos DL a ficarem muitas vezes em situações de igualdade perante o EXT contrário. Para isto contribuiu não uma má abordagem do DL ao não encostar logo nos EXT contrário, como também uma chegada tardia, quando chegava, do MI a compensar.

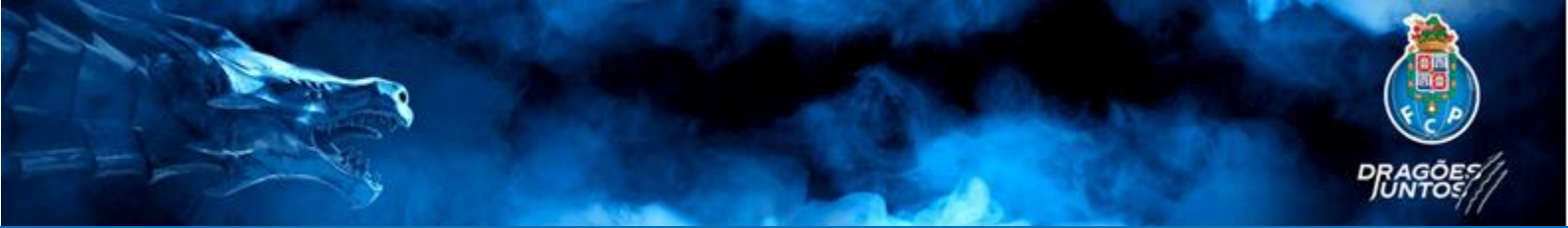
Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização – à semelhança de jogos anteriores, continuamos a ter dificuldade em tirar as bolas das zonas de finalização, onde se inclui a área, sendo mesmo em superioridade numérica demonstramos muita dificuldade.



RELATÓRIO DE JOGO



É preciso haver uma atitude mais agressiva e contundente de forma a não permitir que o adversário tenha espaço para tentar finalizar, assim como mais capacidade de disputar lances aéreos e evitar cruzamentos perigosos. Ao nível posicional e manutenção estrutural da nossa linha defensiva, foi de uma maneira geral



RELATÓRIO DE JOGO

boa, excetuando quando o DC teve de sair na cobertura direta do DL, deixando algum espaço por dentro. O DL do lado oposto geralmente este bem posicionado.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Num cômputo geral, este Momento caracterizou-se por muitos momentos de precipitação de falta de calma com bola.





RELATÓRIO DE JOGO



Muitas vezes de 1ª só tentamos aliviar a bola ou ver a profundidade sem ter a calma necessária para de uma forma mais apoiada procurar a vantagem e tirar a bola da pressão, visto que, principalmente, na 1ª parte, quando “guardamos” a bola não houve uma variação do corredor da bola de forma a tirar partido da atração do adversário à bola. Quando tivemos mais calma para pegar no jogo e ver os espaços, conseguimos chegar várias vezes às costas da linha defensiva contrária de forma rápida e eficaz pelos corredores laterais, vendo regularmente dentro para chegar fora.

3.Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 24” acabou por fazer um jogo sem sobressaltos apesar de, na saída de bola, quando havia um atraso, nem sempre ter decidido bem e ter demorado um pouco a colocar a bola a andar ou passar para fora da pressão.
- “Jogador 2” apresentou-se muito bem neste jogo, muito esforçado, cumprindo bem o seu posicionamento e tentando se envolver em manobras ofensivas. Precisa de ser mais forte nos duelos com o EXT e encostar mais rápido.
- “Jogador 20” fez um jogo muito calma e seguro. Esteve bem nas coberturas e a compensar alguns desequilíbrios.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 17” efetuou um jogo muito positivo, tendo estado muito concentrado, cumprindo quase sempre bem o seu posicionamento. Com bola, mesmo que nem sempre com o sucesso desejado, tentou ver várias soluções para sair jogar desde trás, mas por uma razão ou outra nem sempre resultaram.
- “Jogador 21” fez um jogo relativamente tranquilo e cumpriu bem a sua função. Quando conseguiu se envolver em iniciativas ofensivas foi importante e conseguiu ajudar a criar alguns desequilíbrios.
- “Jogador 3” do ponto vista defensivo este bem a equilibrar e compensar alguns desequilíbrios. Com bola, principalmente na 2ª parte este muito bem, evidenciando uma grande visão do jogo e qualidade de passe.
- “Jogador 9” com bola não apareceu muito no jogo, mas a espaços, quando apareceu, fê-lo de forma positiva. Defensivamente trabalhou bem mais à frente, mas faltou capacidade de chegar e acompanhar mais o DL até terrenos mais recuados. Quando teve bola, apresentou dificuldade em dar seguimento a algumas jogadas devido a demorar a colocar a bola a andar mais rápido.
- “Jogador 18” realizou um jogo dentro do esperado, tentando procurar muito a bola e dar apoio, mas ao mesmo tempo perdendo um pouco a noção exata do posicionamento que devia assumir. Quando teve clama para jogar conseguiu ajudar a equipa.
- “Jogador 4” com a sua habilidade técnica e intensidade conseguiu criar desequilíbrios pelo corredor lateral e a partir daí situações de perigo. Contudo, por vezes exagerou no drible perdendo vantagem e, às vezes, a bola em zonas proibitivas do terreno de jogo. Defensivamente esteve bem.
- “Jogador 22” quando teve bola tentou desequilibrar em situações de 1x1, e por vezes a tentar jogar, ainda assim precisa de aparecer melhor na área quando a bola está no lado contrário. Defensivamente esteve esforçado e combativo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 12” jogo muito apagado e sem conseguir ajudar a equipa ao nível esperado. Muito fraco nos duelos, nem disputando alguns, e pouco explosivo na procura de profundidade. Na 2ª parte esteve um pouco melhor, mas muito atraído à bola nos corredores laterais e sem fazer muito apoio frontal.

Suplentes:

- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 1” não jogou.
- “Jogador 6” houve alguma precipitação na sua entrada, mas depois foi melhorando e jogando com mais calma com o desenrolar do jogo. Defensivamente esteve esforçado e ajudou.
- “Jogador 8” não jogou.
- “Jogador 5” entrou bem no jogo, muito intenso, sendo forte nos duelos e a lutar em situações de 1x1 e até de inferioridade numérica no centro de jogo. Ajudou muito a equipa pela sua combatividade e espírito lutador.
- “Jogador 15” entrou um pouco perdido no seu posicionamento, mas a tentar com frequência criar desequilíbrios com movimentos diagonais em rutura. Contudo, devido a isto mesmo, acabava por não ajudar a que a equipa se mantivesse equilibrada, pois se for preciso atravessa o campo todo.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	18ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Dragon Force Football Club		
DATA:	1 fevereiro 2020	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	30					
...	...	MI	30					
...	...	ED	60					
...	...	EE	30					
...	...	AV	41					
...	...	GR	0					
...	...	DL/EXT	30					
...	...	PV/MI	0					
...	...	MI	19					
...	...	MI	30					
...	...	AV	30					
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	3
2ª PARTE	0	x	0
FINAL	0	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

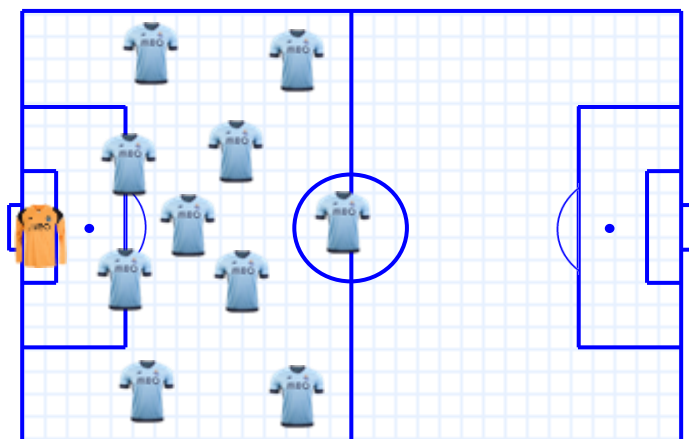
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

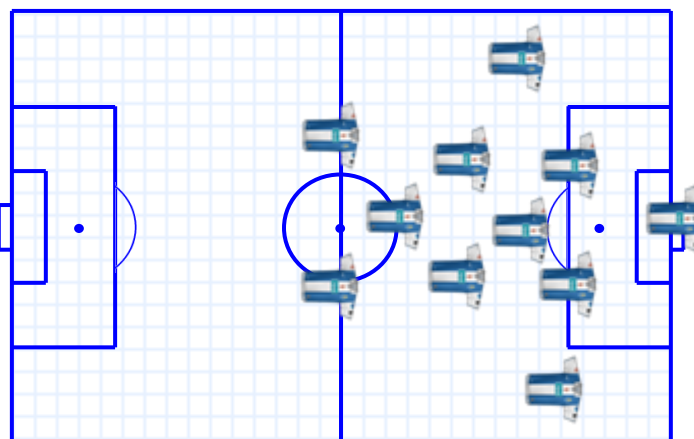
ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:4:2



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 2 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Dragon Force Football Club, no Colégio de Ermesinde, a contar para a 18ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

De uma forma geral, foi um jogo em que nos faltou mais capacidade para ter e controlar a bola. Contudo, em algumas ocasiões tivemos bons momentos conseguindo criar alguns espaços e efetuar combinações. Faltou-nos foi mais mobilidade para conseguir criar esses espaços mais vezes e, com mais frequência, entrar em espaços mais adiantados. Apresentamos ainda pouca variação do centro de jogo, não conseguindo então desenvolver o nosso jogo para outros corredores de forma a sair da

RELATÓRIO DE JOGO

pressão adversária. Outro dos erros que ficaram patentes foi a de confluência de vários jogadores a pedir bola nas mesmas linhas reduzindo posteriormente as opções existentes para jogar.

No **1º Submomento** - Saída de bola - conseguimos estar bem aqui e sair desde trás através dos nossos Defesas Centrais (DC) com regularidade, ligando posteriormente com o Médio Interior (MI) ou com o EXT (EXT). Por vezes quando isto não foi possível e a bola voltou ao nosso Guarda-Redes (GR) conseguimos ver logo o Defesa Lateral (DL) e a partir daí jogar. Contudo faltou conseguir dar mais sequência, também por as soluções que tínhamos para jogar muitas vezes se terem apresentado nas mesmas linhas ou linhas muito próximas. Falta mais mobilidade e jogo interior.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - para ter mais sucesso faltou-nos capacidade de ter mais mobilidade de modo a criar espaço por dentro com mais frequência e consequentemente, controlar mais o jogo com bola, através de um jogo apoiado, com variações do centro de jogo. Era preciso uma maior ocorrência de combinações de movimentos em apoio e rutura. Com alguma frequência apresentamos EXT e MI com pouca mobilidade e a aparecer em espaços diferentes, com dinâmicas entre eles, tendo nos faltado com alguma prevalência boas soluções no corredor central para poder jogar.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - claramente já foi menos positivo devido à referida falta de mobilidade e criação de espaços. Tentamos por vezes entrar via passe longo nas costas, mas mesmo assim não conseguimos ter muito sucesso, na medida que perdemos muitas bolas e não fomos capazes de ganhar as costas da linha defensiva adversária muitas vezes, principalmente pelos corredores laterais, não aproveitando então o espaço que existia atrás dos DLs da Dragon Force F.C. Todavia, fica de positiva capacidade de na sequência da saída de bola conseguir entrar em algumas ocasiões entrar uma 1ª ou até, mais esporadicamente, 2ª vez no espaço. Ainda assim, mesmo quando conseguimos entrar 2ª vez no espaço, muitas vezes foi porque não conseguíamos avançar e ao atrasarmos a bola voltamos a entrar para um

RELATÓRIO DE JOGO

espaço numa linha próxima à anterior, mas continuando a faltar capacidade de progredir acabávamos por perder a posse de bola.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - aqui não há muito a referir a não ser que tendo em conta as poucas vezes que chegamos a zonas adiantadas do terreno de jogo não foi possível que este submomento aparecesse muito. Ainda assim tivemos 2 grandes situações de golo, com o nosso Avançado (AV) a aparecer isolado e com apenas o GR adversário pela frente, mas em ambas não conseguimos direccionar o remate para a baliza. O mais grave é que numa dessas situações já depois de o nosso AV ter tirado o GR da frente e ter a baliza escancarada, o remate foi para fora.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Fazendo um balanço daquilo que foi a nossa prestação, desde logo, em alguns momentos não estivemos bem a preparar a perda, estando inclusivamente várias vezes com a nossa linha média algo desfeita, foi claramente onde apresentamos mais problemas, também talvez às mexidas que existiram nesta linha. Se ficou de positivo a atitude de quem perdeu a bola ta tentar recuperar logo e pressionar, faltou capacidade de a restante ajustar mais rápido e fechar os caminhos para o meio. Quando a bola estava coberta ou era atrasada demoramos muito a encostar de forma a não permitir que o adversário tivesse espaço para ver o jogo de frente, concedendo igualmente algum espaço por dentro, onde o adversário já apresentava alguma superioridade devido à estrutura adotada. Notaram-se algumas lacunas ao nível da colocação dos apoios e da capacidade de temporizar de modo a atacar a bola no momento correto.

2.2.- Organização Defensiva

“Dividindo” a equipa sectorialmente tendo em conta aquelas que são as linhas por nós assumidas a defender, no setor ofensivo estivemos de forma geral bem, sendo a prestação semelhante no setor defensivo. Todavia, acabamos por permitir a criação de espaços por dentro ao adversário com alguns maus ajustes da equipa em espaço

RELATÓRIO DE JOGO

interior e falta de reação dos EXT às vezes. Os nossos MI e o Pivô (PV) tiveram alguma dificuldade em perceber onde tinham de estar exatamente, em que jogadores tinham de pegar e qual o ajuste subsequente. Na 2ª parte já conseguimos estar um pouco melhor a este nível, mas ainda assim permitindo algumas situações de superioridade e igualdade numérica perante os nossos DLs.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - apesar de não termos conseguido ser muito eficazes no que à recuperação da posse de bola diz respeito, acabamos por conseguir condicionar o adversário neste 1º momento, não permitindo que conseguisse jogar desde logo muito por dentro. Tivemos mais dificuldade em acompanhar as variações do adversário ao nível do ajuste posicional de forma a não deixar que depois o Dragon Force F.C. conseguisse entrar em espaços interiores.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços – apresentamos dificuldade em contrariar o jogo posicional do adversário por não estar a conseguir identificar bem os espaços que tínhamos de ocupar e fechar, principalmente ao nível dos nossos interiores, nomeadamente MIs e PV. Paralelamente, tivemos alguma dificuldade em impedir a entrada nos espaços do adversário através dos corredores laterais quando os nossos EXT demoravam a acompanhar os DLs adversários que se balanceavam muito para terrenos adiantados criando superioridade. Evidenciamos igualmente alguma dificuldade em controlar o espaço entre DC e DL, permitindo então que a bola entrasse por lá em diversas ocasiões.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização – demonstramos alguma dificuldade em ser fortes a impedir o remate adversário em zonas perigosas, não tendo estado particularmente muito fortes em duelos. Além disso, como em algumas ocasiões o adversário conseguiu entrar nas costas da nossa linha defensiva, e tivemos dificuldade em recuperar, tornou-se difícil inviabilizar a definição do lance por parte da Dragon Force F.C.

RELATÓRIO DE JOGO

2.3.- Transição Defesa-Ataque

Devido a termos tido alguma dificuldade em simplificar o nosso jogo em alguns instantes, ao ganharmos bola, quase que a perdíamos consecutivamente. Faltou mais capacidade para ter bola com calma e sair da pressão mais vezes em segurança, embora o tenhamos conseguido fazer, mas apenas a espaços, faltou mais regularidade. Ao nível dos duelos também evidenciamos alguma dificuldade em impedir a progressão do adversário e recuperar rápido para a posição impedindo que o oponente chegasse a zonas perigosas.

3.Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 10” de uma forma geral esteve bem, sem comprometer.
- “Jogador 1” efetuou um jogo sem grandes problemas de maior e muito esforçado. Faltou se envolver um pouco mais do ponto de vista ofensivo.
- “Jogador 20” mais um jogo seguro em que conseguiu encontrar soluções para equipa sair desde trás com bola. Esteve bem a recuperar e tentar impedir que o adversário entrasse nas costas da linha defensiva.
- “Jogador 20” apresentou-se bem, tendo estado confiante e concentrado. Não comprometeu muito com o seu posicionamento, e esteve bem com bola a tentar encontrar soluções para jogar.
- “Jogador 2” fez novamente um jogo positivo com algumas tentativas de envolvimento ofensivas de salutar. Com o aumento da fadiga por vezes faltou alguma rapidez no seu reposicionamento, mas sem advir nada de muito grave com isso.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 3” de uma forma geral fez um jogo positivo, em grandes sobressaltos, embora com alguma dificuldade inicial em perceber bem que espaço tinha de ocupar e que jogador marcar em O.D.
- “Jogador 8” fez um jogo dentro do expectável sem arriscar muito e relativamente seguro. Quando se envolveu com bola conseguiu realizar alguns bons passes, ou pelo menos tentativas disso, tentado ver EXT.
- “Jogador 6” apresentou-se relativamente bem, mas evidenciando por vezes pouca calma com bola, ou dando demasiados toques. Em alguns momentos precisa de ter um pouco mais de intensidade.
- “Jogador 4” a espaços conseguiu criar desequilíbrios através de iniciativas individuais, tendo também sido dos mais inconformados da equipa, procurando então muitos espaços para jogar. Defensivamente fez um bom desempenho.
- “Jogador 22” faz um jogo algo apagado, mas esforçado. Tentou procurar espaço nas costas da defesa contrária e desequilibrar, ainda que sem grande sucesso.
- “Jogador 5” esforçou-se muito a defender e a espaços conseguiu condicionar o adversário. Ofensivamente esteve bem a tentar jogar em movimento em apoio de forma a dar soluções para ver de frente o jogo e tentar entrar nas costas da equipa contrária.

Suplentes:

- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 21” não entrou mal no jogo e foi conseguindo ajudar. Contudo, não conseguiu fazer muito a diferença com bola e nas saídas desde trás.
- “Jogador 13” não jogou.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 9” não se conseguiu fazer muito notar depois de entrar, porque não teve muita bola para isso, mas a espaços conseguiu evidenciar a sua qualidade. Defensivamente esteve relativamente bem.
- “Jogador 18” entrou com muita vontade no jogo, mas quase sempre algo perdido no seu posicionamento. Falta ter mais calma para não às bolas todas e salvaguardar mais a sua posição. Com bola esteve mais ou menos dentro do esperado.
- “Jogador 12” não conseguiu tirar todo o partido da sua velocidade e fazer a diferença por aí. Faltou um pouco mais de intensidade e mobilidade para ajudar mais a equipa.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	19ª
JOGO	Rio Ave Futebol Clube		X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	
DATA:	8 fevereiro 2020	HORA:	17H15	LOCAL:	Campo de Treinos do Rio Ave FC (Arcos)
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	30					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	52					1
...	...	MI	30					
...	...	ED	44				1	
...	...	EE	60					
...	...	AV	52					
...	...	GR	0					
...	...	DL	0					
...	...	MD	8					
...	...	MI	30					
...	...	ME	8					
...	...	AV	30					
...	...	AV	16					

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	1
2ª PARTE	0	x	0
FINAL	1	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

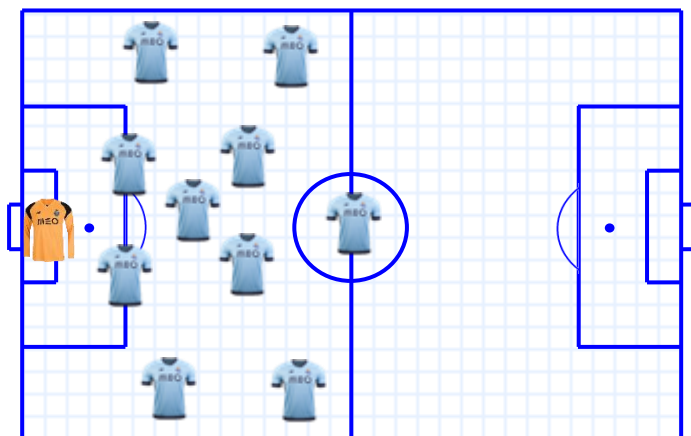
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

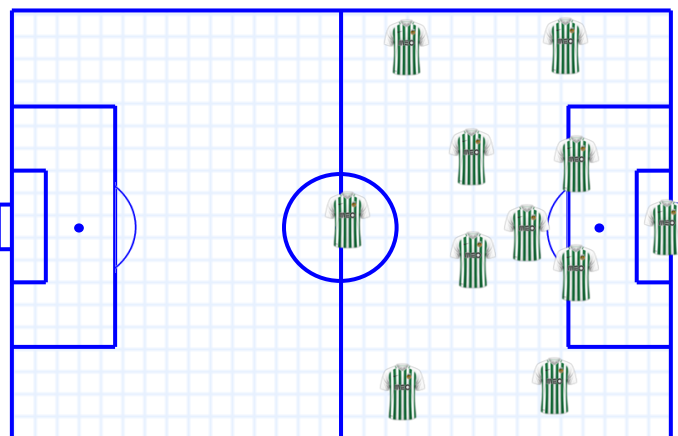
ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 8 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Rio Ave Futebol Clube e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Campo de Treinos do Rio Ave FC (Arcos), a contar para a 19ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Fazendo um paralelo com aquilo que foio anterior jogo, houve algumas melhorias, apesar de ainda termos evidenciado pouco calma com bola e uma grande precipitação para tentar jogar longo e forçar em demasia a profundidade. Além disso,

RELATÓRIO DE JOGO

também demoramos a sair da pressão contrária, não variando o centro de jogo e tentando chegar ao lado vazio. Contudo, esta falha não se deveu tanto a uma falta de mobilidade e de soluções, porque em vários instantes existiram, faltou sim a calma para pausar mais o nosso jogo e, com bola, controlar o adversário.

No **1º Submomento** - Saída de bola - conseguimos estar bem aqui e sair desde trás através dos nossos Defesas Centrais (DC) com regularidade, e conseguindo até ligar depois com os Médio Interiores (MI) ou com o EXT (EXT). Por vezes saímos também através do nosso Pivô (PV) pelo corredor central, embora sem conseguir aproveitar bem este espaço interior para procurar ver o lado vazio e os EXT. Todavia, a partir desta situação conseguimos jogar de frente, ligando com o DC sendo então capazes de sair desde trás. Com recurso a passe longo por vezes era preciso o nosso Guarda-Redes, perceber melhor onde é que havia mais espaço para jogar quando tinha bola na mão e era preciso sair de forma rápida.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - de modo a sermos mais bem-sucedidos, mais do que mobilidade, faltou o portador da bola, de uma forma geral, ser mais capaz de ter calma com bola e, com poucos toques, colocar a bola a andar. Contudo, era importante ter havido uma maior combinação de movimentos em apoio e rutura para formar triângulos e dar ainda mais soluções. Na 2ª parte já conseguimos melhorar um pouco neste aspeto, embora continuando a ter muita dificuldade em variar o centro de jogo e procurar o lado vazio, muito devido a alguma precipitação e, em certos momentos, a alguma individualização do nosso jogo.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - do ponto de vista da entrada nos espaços, num 1º momento conseguimos com regularidade e com relativa segurança de penetrar na estrutura adversária e, na sequência, num 2º momento entrar nas costas da defesa contrária, principalmente via corredores laterais, que era por onde existia mais espaços, devido às subidas dos DL contrários. Contudo precisamos de mais movimentos a desorganizar o adversário que permita haver esta entrada com mais frequência e de forma apoiada também, porque falta-nos mais apoio ao portador da bola quando entramos nas costas da defesa contrária. A espaços

RELATÓRIO DE JOGO

entramos via iniciativa individual, mas acabamos por ter pouco sucesso perante a superioridade numérica adversária e à falta de soluções.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - apesar de não termos tido muitas ocasiões de finalização, fica de positivo a capacidade de conseguir arranjar alguns espaços para a definição. Contudo, necessitamos e aparecer com mais gente na frente e a atacar as zonas de finalização. Em zonas próximas à área adversária necessitamos de ser mais práticos e de ter um remate “mais fácil” sem a necessidade de dar sempre um toque a mais.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Analisando 1º aquilo que foi a equipa com bola e a forma com preparamos a perda, nem sempre foi a melhor, principalmente no início do jogo, com a equipa a ser desorganizar um pouco com bola, faltando mais compensações para que a ocupação dos espaços fosse mais equilibrada. Paralelamente, por vezes a distância entre o setor defensivo e o intermédio era demasiado grande. Com o avançar do jogo fomos melhorando nestes aspetos, mesmo até ao nível da colocação dos apoios, mantendo-se, de forma geral, uma atitude positiva dos jogadores próximo à bola aquando da perda. Todavia, é fundamental que os jogadores tenham capacidade de baixar mais rápido e recuperar, principalmente no que diz respeito aos nossos EXTs e sua capacidade de ajudar os nossos DLs. Os MIs também têm de conseguir ser mais fortes a compensar e dar cobertura ao DLs.

2.3.- Organização Defensiva

A equipa apresentou-se bem a defender tendo conseguido por aí equilibrar o jogo. Contudo, temos de ser mais capazes nos duelos para recuperar a bola e a partir daí mandar no jogo. Ao nível da formação das nossas linhas estivemos bem, conseguindo permanecer com uma estrutura equilibrada. Onde acabamos por comprometer mais é ao nível da cobertura aos DLs, não por esta não existir, porque existe por parte do DC. Contudo, quem a devia assumir era o MI do lado da bola, de

RELATÓRIO DE JOGO

forma a que os DCs e o PV pudessem ficar a ocupar o espaço interior. É fundamental também que os DLs encostem mais rápido nos EXT oponentes, não os deixando receber a bola confortavelmente e se virar de frente para o jogo.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - concretamente na capacidade de condicionar o adversário o balaço acaba por ser positivo, na medida que o adversário teve dificuldades em colocar os seus PV em jogo, embora nem sempre tenha saído o jogador certo à bola. Incidindo sobre uma perspetiva mais numérica, ao nível da recuperação de bola em zonas adiantadas, este não foi muito positiva visto não termos conseguindo recuperar um número elevado de bolas perto da área adversária, apesar de termos sido capazes de obrigar o adversário a jogar para trás e por vezes mesmo perder o controlo da bola, tendo de jogar longo.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - num computo geral estivemos bem, denotando-se apenas alguns erros ao nível da ocupação do espaço no corredor central do setor intermédio quando um dos nossos MI era erradamente atraído à bola, saindo aos DC contrários, numa bola que era do Avançado (AV). Depois devido alguma falta de agressividade nos duelos, permitimos que o adversário penetrasse em espaços interiores, com o portador da bola a tirar 2, e por vezes, 3 jogadores da frente. Ao nível do nosso alinhamento defensivo, tirando o início de jogo em que nem sempre estivemos bem, no seguimento, de uma forma geral, foi bom.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização – de positivo fica a capacidade de impedir que o adversário conseguisse chegar muitas vezes e criar situações de golo. No entanto, em situações de remate de zonas potencialmente perigosas, isto é, próximas à nossa área, temos de ser mais agressivos de modo a impedir que este possa ocorrer. Mesmo dentro de área temos de ser mais agressivos a tirar a bola e a não dar espaço.

RELATÓRIO DE JOGO

2.4.- Transição Defesa-Ataque

O balanço só não é o melhor, porque muitas vezes ao ganharmos a bola não conseguimos dar uma boa sequência, quer seja por via de uma perda de bola consecutiva, que também ocorreu, quer fosse por falta de capacidade de ver o lado vazio, tendo isto acontecido mesmo bola no nosso GR. Precisamos de ser mais capazes de coletivizar o nosso jogo e ver o lado vazio, que muitas vezes é o lado oposto. É preciso uma maior capacidade de visualização dos espaços para aproveitar o desequilíbrio momentâneo do adversário e, a partir daí, criar mais perigo e chegar a zonas mais adiantadas do terreno de jogo. Sendo também importante ter calma para não esticar o jogo por esticar.

3.Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 24” fez um bom jogo, tendo realizado algumas boas defesas, mas precisava de ver melhor onde é que tem espaço para jogar, principalmente com bola na mão.
- “Jogador 1” realizou um jogo muito esforçado e dentro das suas dificuldades esteve bem, embora tenha de ser mais rápido a encostar no EXT adversário.
- “Jogador 20” mais um bom jogo com uma postura muito positiva em campo.
- “Jogador 17” apesar de por vezes algo atraído ao colega do lado da bola, DC ou DL dependendo do lado, fez um bom jogo.
- “Jogador 21” inicialmente um pouco fora da linha defensiva, mas como avançar do jogo foi corrigindo. O balanço do jogo é positivo.
- “Jogador 3” apresentou-se bem em ambas as posições, embora fosse preciso que conseguisse aparecer mais vezes com bola e a acalmar o nosso jogo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 6” apresentou-se a um nível ainda positivo, denotando alguma precipitação tanto com como sem bola. Por vezes não procura ver as soluções que tem para jogar, e a defender saiu a bolas que não eram suas.
- “Jogador 9” realizou um jogo apagado com pouca bola e sem conseguir aparecer muito no jogo. Do ponto de vista defensivo não apresentou erros de maior.
- “Jogador 22” faz um jogo algo apagado, mas esforçado. Tentou procurar espaço nas costas da defesa contrária e desequilibrar, ainda que sem grande sucesso.
- “Jogador 4” a espaços conseguiu criar desequilíbrios através de iniciativas individuais e algumas combinações. Defensivamente teve um bom desempenho.
- “Jogador 12” mais uma vez evidenciou pouca intensidade em jogo e uma enorme dificuldade em ser forte nos duelos perante jogadores fisicamente inferiores a si. Falta mais mobilidade a aparecer no jogo.

Suplentes:

- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 2” não jogou.
- “Jogador 16” entrou bem no jogo procurando jogar de forma apoiada e dando soluções diferentes à equipa. Defensivamente conseguiu interpretar bem o seu papel.
- “Jogador 13” precisa de mais calma nas suas ações defensivas para não correr em excesso e ser não tão atraído à bola. Ainda assim o balanço é positivo.
- “Jogador 18” apesar de ter estado bem, não se conseguiu fazer notar muito em jogo, por alguma falha de ocupação espacial e também pela intensidade do jogo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 15” entrou até bem, com capacidade de a espaços imprimir alguma velocidade no nosso jogo, mas sem conseguir criar muito perigo. Do ponto de vista defensivo, tem de andar mais.
- “Jogador 5” entrou bem a disputar os duelos e a permitir a equipa reorganizar com bola. A defender também se apresentou a um nível razoável.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	20ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Futebol Clube da Foz (DF Foz)		
DATA:	15 fevereiro 2020	HORA:	14H30	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	44					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	55				1	
...	...	MI	30					
...	...	ED	60					
...	...	EE	30					
...	...	AV	55					
...	...	GR	0					
...	...	DL	0					
...	...	DC/MI	5					
...	...	MI	30					
...	...	MI/EXT	5					
...	...	AV	16					
...	...	AV/EXT	30					

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	0
2ª PARTE	1	x	0
FINAL	1	x	0

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	André Vieira
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

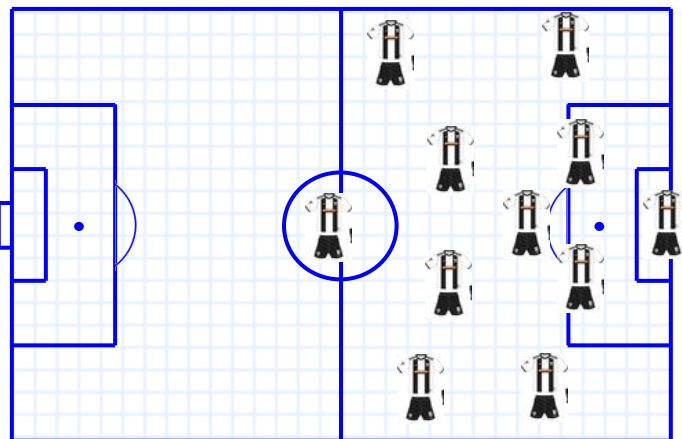
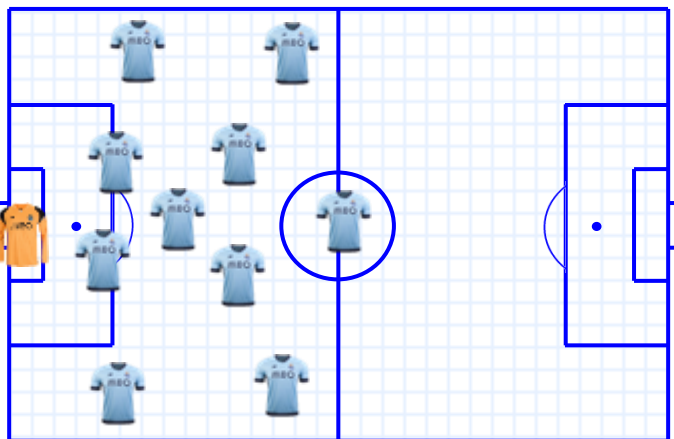
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 15 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Futebol Clube da Foz (DF Foz), no Colégio Ermesinde, a contar para a 20ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Perante a organização defensiva do F.C. Foz e o pouco espaço entrelinhas, tivemos alguma dificuldade em ter e manter a posse da bola em zonas mais adiantadas do campo. No entanto, é de salientar capacidade de ter calma com bola e procurar ter um o jogo apoiado desde trás. Por vezes poderíamos até ter simplificado um pouco mais

RELATÓRIO DE JOGO

o nosso jogo no sentido de com menos toques na bola fazê-la chegar mais à frente, em alguns momentos, a profundidade.

No **1º Submomento** - Saída de bola - o desempenho foi muito positivo conseguindo nós sair de forma curta e apoiada com frequência, saindo quase sempre pelos nossos Defesas Centrais (DC). Na sequência, fomos capazes de chegar ao setor intermédio com segurança e com variabilidade, isto é, devido à mobilidade existente, conseguimos, também consoante o comportamento do adversário, ver diferentes soluções, nomeadamente, ver Defesa Lateral (DL), Médio Interior (MI) e a espaços mesmo os nossos Extremos (EXT).



Com bola no Guarda-Redes (GR), acabamos por igualmente ter algum sucesso, embora por vezes tivesse sido necessário jogar mais através da mão e não via pontapé longo, de modo a ver o espaço livre nos corredores laterais.



RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - o balanço é novamente positivo, tendo até sido dos jogos onde demonstramos mais calma e critério neste submomento. Evidenciamos uma boa capacidade de combinar, mas ainda precisávamos de circular melhor a bola e variar mais o centro de jogo de modo a aproveitar a vantagem do lado vazio com mais regularidade.





RELATÓRIO DE JOGO



No que diz respeito às movimentações sem bola, faltou-nos um pouco de mais mobilidade em zonas adiantadas, de forma a manter a posse a bola com mais qualidade, com a abertura de espaços dentro da estrutura adversária. Em zonas recuadas foi mais fácil jogar, porque o adversário não assumia sempre um bloco muito alto e com linhas tão juntas como quando recuava.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - de um modo geral, conseguimos entrar com alguma prevalência nos espaços criados, apesar de ter faltado mais capacidade para tirar partido da profundidade. Em alguns momentos quisemos, mas exageramos no jogar curto e no pé, tendo faltado mais rutura no nosso jogar, nomeadamente ao nível do passe, pois existiram esses espaços e soluções para jogar e nem sempre as aproveitamos.



RELATÓRIO DE JOGO



Por vezes até tivemos essa intenção, mas falhamos na execução. De referir também que é importante que o nosso lado contrário entre mais em jogo e se mostre mais, compensado os movimentos em apoio e ajudando na formação de diferentes triângulos que permitam esta entrada, especialmente em zonas adiantadas, visto que nas mais recuadas estamos a conseguir jogar e entrar.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - pecamos muito nas poucas soluções que aparecem a atacar as zonas de finalização e na forma como as abordamos. Temos de ser mais agressivos e aparecer com mais soluções e variabilidade, ou seja, precisamos de ter jogadores a aparecer em diferentes zonas dentro de área conjugados com as soluções mais recuadas para um remate de 2ª linha ou recarga.



RELATÓRIO DE JOGO



Paralelamente, em zonas próximas à área adversária precisamos de ser mais práticos e pragmáticos, exibindo um remate mais “fácil” e desprovido de insegurança. Quando temos espaço em zonas perigosas, não podemos ter medo de arriscar e ser felizes.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Num computo geral, até preparamos bem a perda estando a equipa estruturalmente maioritariamente equilibrada. Onde erramos mais foi ao nível da distância entrelinhas, mais evidente entre linha mais recuada e linha média, por vezes a linha defensiva demorava a subir e encostar. Além disso, salvo uma exceção ou outra, quando perdemos a bola quase sempre foi à frente da linha do meio campo, dando-nos mais tempo e espaço para reagir.



RELATÓRIO DE JOGO





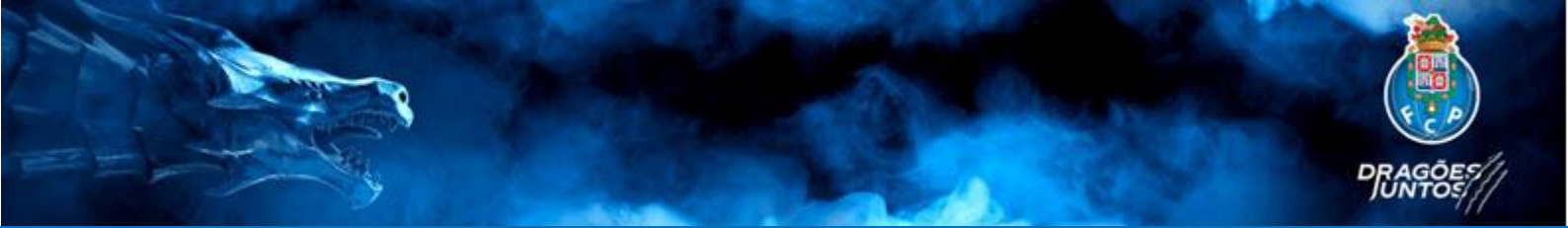
RELATÓRIO DE JOGO



Ao nível da reação à perda propriamente dita, a avaliação acaba por também ser positiva tendo nós conseguido impedir alguma progressão imediata do adversário e fechado o nosso espaço interior. Para isto foi também importante a reação dos jogadores mais próximos à bola não dando muito espaço ao adversário. Contudo, quando o oponente salvava a bola para trás demoramos um pouco a “abafá-lo”, embora até tenhamos conseguido condicioná-lo.

2.3.- Organização Defensiva

A prestação da equipa, de um modo geral, foi positiva, apesar de um pouco melhor na 2ª parte, onde conseguimos ocupar um pouco melhor os espaços e acertar as marcações. Todavia, a diferença não foi exponencial, havendo, portanto, um certo equilíbrio no desempenho. Comum às 2 partes do jogo, foi a alguma incapacidade de ganhar mais duelos, embora se tenha notado uma melhoria em relação aos últimos jogos. Por vezes demoramos a ajustar os apoios e temos dificuldade em identificar o timing certo de ataque à bolano 1x1. Ficando, ainda assim, de bom a capacidade de ganhar a bola no nosso meio campo ofensivo onde estivemos, onde se sentiu menos esta dificuldade pelo apoio que existia em redor e por uma maior limitação com bola do adversário nesses espaços.

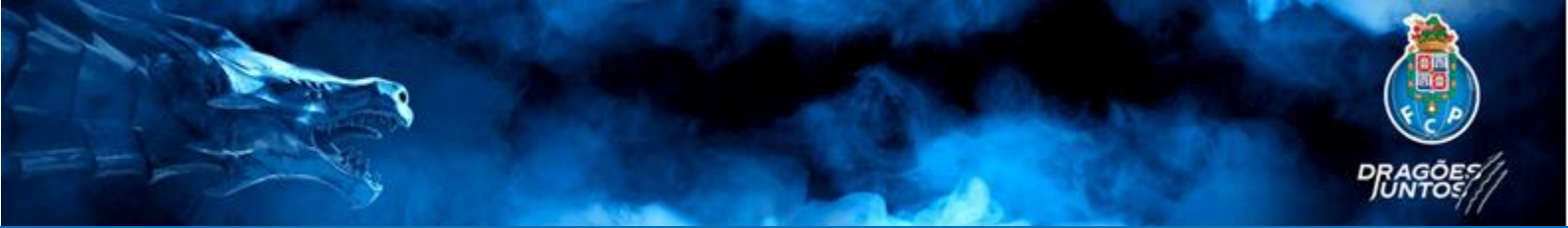


RELATÓRIO DE JOGO

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - acabamos por de modo geral ter sucesso na forma como defendemos, mesmo que nem sempre tenhamos nos posicionado da melhor forma.

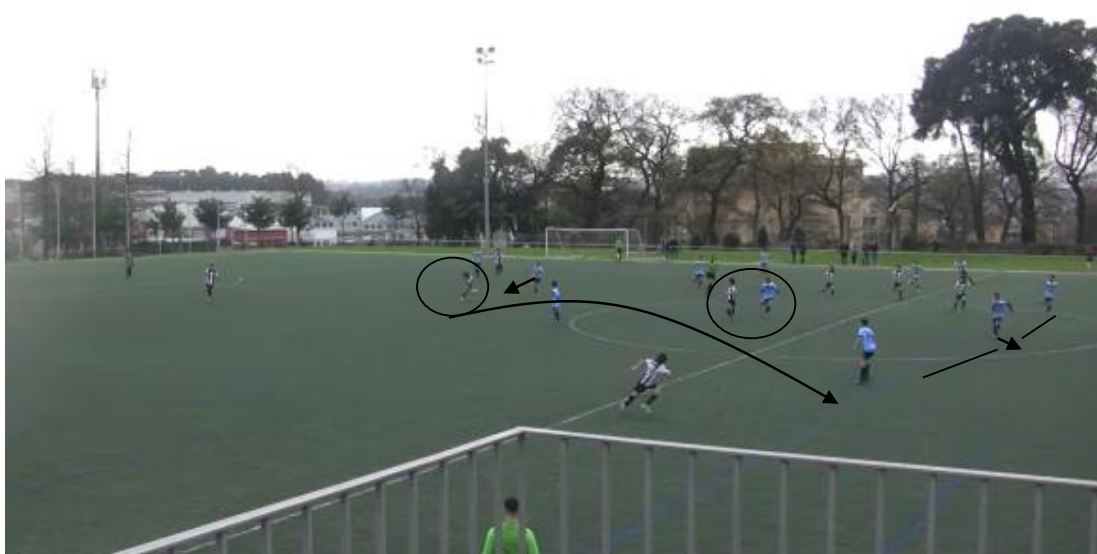


Erramos mais ao nível da cobertura do Pivô (PV) adversário aquando da saída de bola, principalmente na 1ª parte, faltando um ajuste mais rápido dos jogadores que saem nos DC contrários e são também responsáveis por fechar o espaço interior à frente, concretamente, o Avançado (AV) e o MI predefinido. Contudo, o adversário acabou por não tirar partido disto.



RELATÓRIO DE JOGO

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - a aviação é positiva na capacidade de direccionar o oponente para zonas exteriores. No entanto, concedemos algumas situações de igualdade numérica ao adversário e com ocorrência de tentativas de entrada nas costas da nossa linha defensiva que, regra geral, não foram bem-sucedidas numa 1ª tentativa, mas que a espaços ocorreram na insistência.





RELATÓRIO DE JOGO



Mesmo assim, aqui conseguimos proteger o corredor central e ganhar algum tempo para a equipa recuperar e reorganizar. Faltou igualmente mais alguma capacidade dos MI e EXT acompanharem mais os adversários e ajudarem os Defesa Lateral (DL). De referir que, por vezes, a linha defensiva ficava algo recuada e permitia muito espaço ao AV do F.C. Foz e gerando uma “sobrecarga” na nossa linha média.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - embora tenhamos estado bem na tentativa de condicionar e atrasar a definição por parte do adversário, continuamos a ter de ser mais agressivos especialmente dentro e na proximidade da área de modo a não permitir situações de perigo ao oponente.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Neste Momento estivemos bem no reagir, isto é, em procurar progredir rápido no terreno de jogo, tirando partido da desorganização momentânea do adversário.



RELATÓRIO DE JOGO



Não estivemos tão bem foi no identificar realmente onde é que estava a vantagem, no salvar para o espaço. Ainda assim, ao contrário dos jogos mais recentes, já fomos mais capazes de, após a recuperação da posse de bola, mantê-la e procurar

RELATÓRIO DE JOGO

jogar com mais algum critério. Resumindo faltou mais variação do centro de jogo, salvando a bola para o espaço, e capacidade de aceitar melhor os movimentos de rutura com o passe nas costas, vendo a profundidade com critério.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 24” fez um bom jogo, apesar de nem sempre ter estado bem na saída de bola, devido a pequenos erros de leitura.
- “Jogador 2” dentro da limitação que apresentou realizou um jogo seguro, envolvendo a espaços em manobras ofensivas.
- “Jogador 20” jogo muito seguro.
- “Jogador 17” esteve novamente bem com bola, sendo capaz de identificar diferentes soluções para sair. Posicionalmente também esteve bem.
- “Jogador 21” não cometeu erros de maior e acabou por se manter quase sempre bem a apoiar eventuais iniciativas ofensivas.
- “Jogador 16” este muito bem a defender e proteger o corredor central. Com bola manteve o mesmo critério, simplificando muito o seu jogo e permitindo a equipa sair da pressão em zonas recuadas.
- “Jogador 3” não fez claramente um grande jogo. No início entrou um pouco mal, evidenciando a seguir pouca confiança. De salientar que posteriormente, mesmo sem se apresentar no seu melhor, realizou um jogo em crescendo.
- “Jogador 6” enquanto teve energia conseguiu aguentar bem e ter intensidade. O problema é que esta energia dura pouco tempo, e consequentemente, acaba por começar a perder o critério e o melhor discernimento.
- “Jogador 4” a espaços conseguiu criar desequilíbrios através de iniciativas individuais e algumas combinações. Defensivamente acabou por também se apresentar bem.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 22” a espaços conseguiu criar momentos de incerteza e desequilíbrio ao adversário, mas ainda longe do seu potencial. Defensivamente esteve bem ao nível na reação, mas por vezes demorava um pouco a baixar.
- “Jogador 15” embora tenha mostrado alguns momentos de bom desempenho não conseguiu aparecer muito e ajudar a equipa a jogar. Defensivamente, precisava de trabalhar um pouco mais, com mais intensidade.

Suplentes:

- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 1” não jogou.
- “Jogador 14” precisa de mais calma nas suas ações defensivas para não correr em excesso e ser não tão atraído à bola. Ainda assim o balanço é positivo.
- “Jogador 9” acabou por entrar bem no jogo e voltou a estar mais próximo daquilo que vale, tendo já simplificado um pouco mais o seu jogo.
- “Jogador 18” a vontade está lá, mas não teve muito tempo para fazer a diferença.
- “Jogador 5” entrou bem a tentar ajudar a equipa a jogar com um jogar combativo e simples. Defensivamente esteve bem.
- “Jogador 12” não esteve mal no jogo, mas não fez a diferença esperada. Precisa de ter mais critério e ser mais proativo em vez reativo. Do ponto de vista defensivo até acabou por não estar muito mal.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	21 ^a
JOGO	Sporting Clube de Coimbra	X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1		
DATA:	22 fevereiro 2020	HORA:	15H00	LOCAL:	Parque Silva Matos
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	30					
...	...	DC	60					
...	...	DE	30					
...	...	PV	60					
...	...	MI	48					
...	...	MI	42				1	
...	...	ED	48					1
...	...	EE	60					
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	DC	30					
...	...	DE	30					
...	...	MI	0					
...	...	MI	18					
...	...	MI	12					
...	...	EXT	12					

RESULTADO			
1ª PARTE	2	x	1
2ª PARTE	2	x	0
FINAL	4	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	André Vieira
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:4:2



1. Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 22 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Sporting Clube de Coimbra e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Parque Silva Matos, a contar para a 21ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2. Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

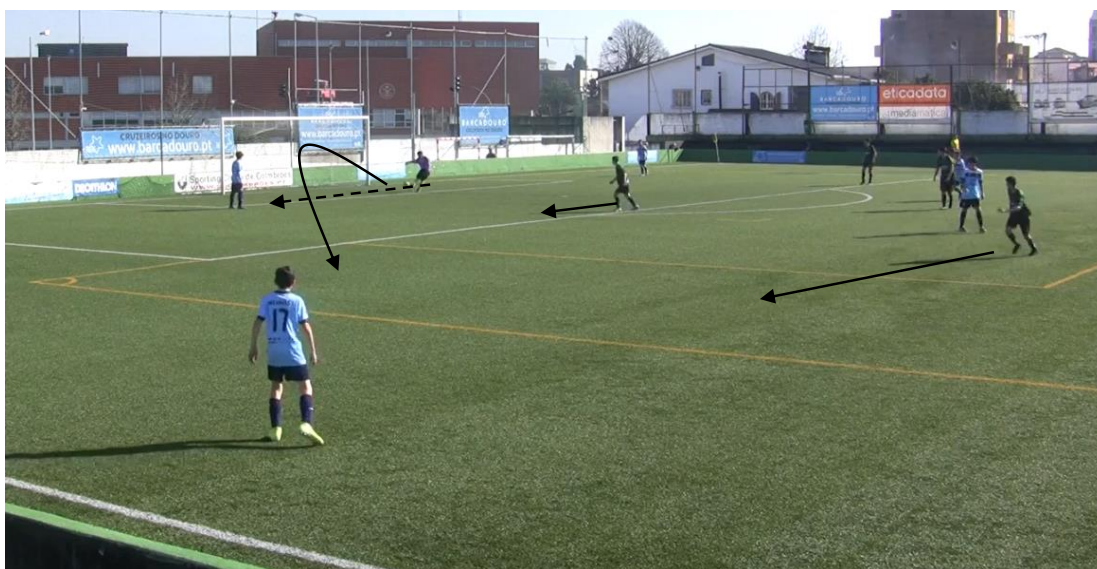
2.1.- Organização Ofensiva

Neste Momento estivemos muito abaixo daquilo que é a nossa real capacidade. Ao longo de todo o jogo evidenciamos pouca calma e confiança com bola, tendo sido preciso salvar mais vezes a bola e procurar o espaço com um jogar simples. Paralelamente, ficou patente a necessidade de haver mais mobilidade a abrirmos mais o campo, isto é, quando temos bola precisamos de mais movimentação de forma a criar

RELATÓRIO DE JOGO

espaços e também dar soluções ao portador da bola para jogar. Frequentemente, os jogadores sem bola, mesmo quando se desmarcavam, acabavam por estar escondidos nas costas do adversário direto, sendo também preciso ser mais fortes nos duelos e ser mais capazes na elaboração de desmarcações em apoio.

No **1º Submomento** - Saída de bola - na linha do mencionado anteriormente, faltou-nos capacidade para conseguir sair desde trás. Apesar de termos conseguido sair algumas vezes de forma curta para os nossos Defesas Centrais (DC) e por vezes pelos Defesas Laterais (DL), quase nunca conseguimos dar uma sequência.



Com regularidade perdemos bola na consequente tentativa de ligação, ou na imediatamente a seguir a essa. Faltou-nos largura para jogar, procurando aproveitar todo o campo, e capacidade para “aparecer e desaparecer” de forma a criar espaços por dentro e mais possibilidades de saída. Através de saída longa também não muito bem, sendo que, com bola na mão, o nosso Guarda-Redes (GR) direcionou a bola poucas vezes para os corredores laterais, esta acabava por cair em zonas muito interiores. Além disso, faltou-nos também abrir mais o nosso campo e atacar a bola em apoio quando esta vinha curta.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - este foi um Momento quase inexistente perante a nossa pouca capacidade de ter bola neste jogo. Para a ocorrência

RELATÓRIO DE JOGO

deste Momento, teríamos de ter conseguido ter mais largura e circular a bola de um lado a outro do campo, saindo então da pressão adversária. De uma forma geral nuca conseguimos ver perto para depois ver longe, por nos ter faltado mobilidade e capacidade para fazer a bola andar. O facto de a defender termos tido a tendência de estar demasiadamente juntos e recuados, também poderá ter contribuído para isso, tendo se notado alguma falta de confiança com bola.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - continuamos aqui a apresentar uma fraca mobilidade e capacidade de aproveitar o campo o todo. Só em poucas ocasiões conseguimos entrar no espaço pelos corredores laterais, mas, mesmo quando o conseguimos, fizemo-lo com poucas soluções. Falta-nos largura no nosso jogar, conciliada com movimentações em apoio, “aparecendo para receber” e “desaparecendo” quando não recebemos a bola de forma abrir espaço para outro colega entrar e darmos solução noutro lado para entrar no espaço.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - tendo sido um Submomento quase inexistente, o balanço acaba por não ser muito positivo, desde logo pela pouca ocorrência e chegada a zonas iminente perigo e finalização. Analisando os momentos em que lá chegamos, aparecemos com poucas soluções e espaço para jogar.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

A nossa reação à perda nem sempre foi a melhor, na medida que a nossa reação foi um pouco desconectada, isto é, nem sempre reagimos em unísono e como um bloco na direção da bola e, quando o S.C. Coimbrões salvava a bola para trás ou para o lado contrário, demoramos a encostar e criar desconforto.



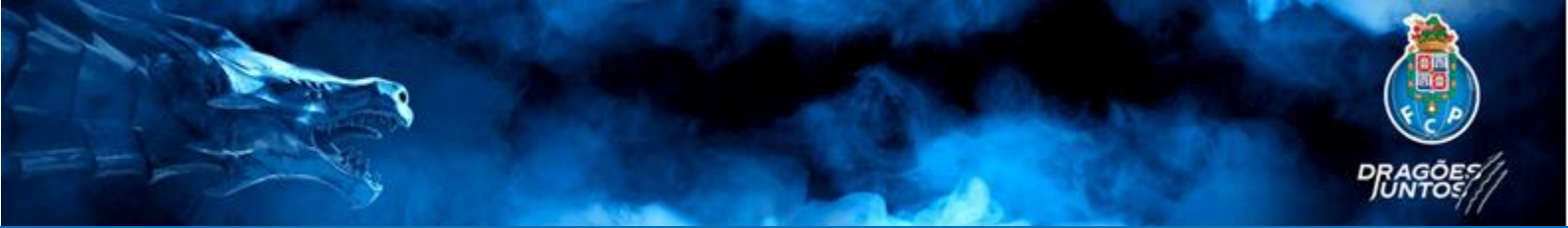
RELATÓRIO DE JOGO



Nem sempre preparamos também bem a perda, visto que, como praticamente só saímos detrás através de ataque rápido ou contra-ataque, a equipa tinha tendência a partir no setor intermédio, com os jogadores mais recuados a demorarem a recuperar. Este desequilíbrio por vezes era criado pela tentativa falhada de sair detrás rápido e não conseguir.

2.3.- Organização Defensiva

Num computo geral, na 1ª parte, conseguimos impedir que o adversário conseguisse jogar muito por dentro, contudo, não fomos capazes de impedir que o S.C. Coimbrões circulasse a bola de um lado a outro e chegasse a zonas adiantadas. A nossa



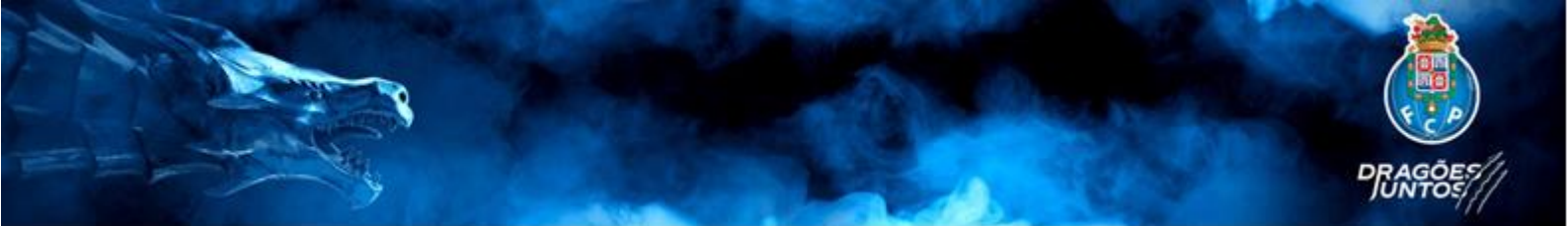
RELATÓRIO DE JOGO

linha defensiva nem sempre esteve bem alinhada, para além de termos estado demasiado recuados e com as linhas excessivamente próximas, não conseguindo pressionar o adversário em zonas adiantadas do terreno de jogo, nem se apresentando como uma ameaça, permitindo que o S.C. Coimbrões chegasse mais à frente com toda a equipa, inclusive a espaços com a equipa toda no nosso meio campo defensivo.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - deixamos o adversário sair a partir dos seus DC para depois sair a pressionar lá e tentar recuperar a bola adiantados no campo.

No entanto, não conseguimos ser muito bem-sucedidos sabendo que o nosso oponente conseguiu quase sempre sair desde trás tanto de forma curta como longa.





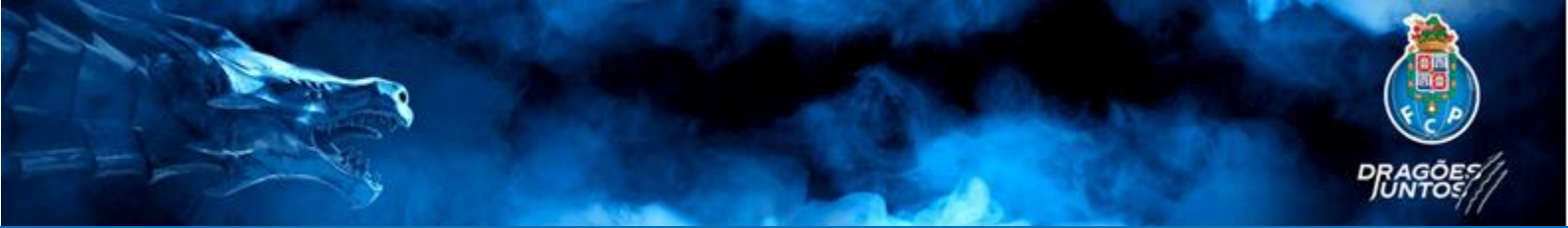
RELATÓRIO DE JOGO



Por vezes não conseguimos proteger bem a zona central com o nosso Avançado (AV) e Médio Interior (MI), que saia na pressão do lado contrário, a saírem ao mesmo tempo e a libertarem um grande espaço dentro. Para além disso tivemos alguma dificuldade em acompanhar a mobilidade adversária e a ganhar a bola nos duelos. A espaços fomos capazes de condicionar o adversário a bater ou a jogar atrás para depois bater, mas depois nas disputas aéreas acabamos por perder.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - aqui fomos pouco capazes, porque com a circulação adversária fomos sendo atraídos e ficando fora de posição por demorarmos a vascular e recuperar posição.





RELATÓRIO DE JOGO



A espaços os nossos MI estavam muito perto um do outro libertando muito espaço para jogar próximo da nossa área, também por termos ficado com as linhas demasiado juntas e baixas, assumindo um demasiado baixo em relação aquilo que era pretendido. Paralelamente, maioritariamente não conseguimos condicionar bem a dinâmica existente entre os 2 AV adversários, com o AV do lado da bola a baixar em apoio e o outro a procurar um movimento em rutura, antes de trocarem de movimento. O jogador que fazia o movimento em rutura fazia-o entre DC e DL ou por fora pelas costas do DL. Como demorávamos a encostar permitimos que o adversário entrasse no espaço muitas vezes, e muitas vezes mesmo em condução desde trás.

RELATÓRIO DE JOGO

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - tendo em conta o nº de vezes em que o adversário chegou perto da nossa área e o nº de remates que fez, teríamos de ter sido muito mais agressivos e céleres e afastar o perigo da nossa baliza.



Com a tendência de a equipa se aglomerar em demasia, acabamos por ter muitos jogadores juntos dentro de área, mas sem perceber bem quando e quem é que tinha de atacar a bola, nem o que fazer exatamente quando a recuperamos. Nestas zonas perigosas temos de ser mais contundentes a disputar a bola e a impedir que o adversário tenha espaço para rematar e, depois, ainda ter espaço para uma 1ª ou 2ª recarga, como aconteceu em alguns instantes.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Não conseguimos ter muito sucesso, visto que com regularidade após ganharmos a posse da bola a perdíamos quase consecutivamente ou então éramos obrigados a bater longo por falta de soluções para jogar, isto quando não a perdíamos praticamente no mesmo espaço onde a tínhamos recuperado. Uma vez mais tínhamos de ser mais fortes nos duelos a meio campo, e depois ver o lado vazio para sair da pressão adversária. Ao nível do preparar a recuperação da bola e consequente desenvolvimento do processo ofensivo com bola, não estivemos bem, pois com a equipa demasiado recuada e junta, ao recuperarmos a bola havia poucas soluções para jogar à frente. Paralelamente, demoramos a aproveitar a largura para fazer a bola andar, nem

RELATÓRIO DE JOGO

tentamos salvar e reciclar a bola quando tínhamos vantagem por aí, faltou querer guardar a bola.

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 10” entre os postes acabou por ter uma exibição positiva, mas não esteve ao seu nível na execução das saídas de bola.
- “Jogador 2” faltou mais agressividade e acerto nos duelos. Posicionalmente até esteve bem, mas faltou mais envolvimento em Organização Ofensiva.
- “Jogador 14” não esteve particularmente mal no jogo, mas notou-se alguma falta de andamento e espaço para ter bola e conseguir fazer mais a diferença.
- “Jogador 17” realizou um jogo sem grandes erros, apesar de ter apresentado alguma falta de capacidade a arranjar soluções para jogar.
- “Jogador 1” fez um jogo sem cometer grande erro, mas também sem conseguir encher o campo no seu espaço, isto é, embora sem apresentar erros comprometedores de maior, esteve lento a vascular e encostar no adversário.
- “Jogador 16” ao nível dos equilíbrios da equipa esteve bem, mas com bola não conseguiu de forma simples fazer a bola andar para a equipa respirar.
- “Jogador 3” esteve abaixo do esperado, faltando mais agressividade defensiva e mais calma para pautar mais o ritmo de jogo e ver o espaço livre para fazer uso do seu passe.
- “Jogador 6” realizou uma exibição com aspetos positivos, dando mais chegada a zonas de finalização e a espaços a tentar fazer a bola andar, embora tenha faltado ver mais o jogo de frente. Defensivamente, por vezes, esteve fora de posição por ter sido um pouco atraído.
- “Jogador 4” a defender não esteve mal, contudo, também por causa da pouca bola que teve não conseguiu fazer ter a influência esperada no jogo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 15” não teve um jogo muito feliz, não sido muita capaz de desequilibrar com bola, para além de ter de trabalhar mais defensivamente.
- “Jogador 5” defensivamente trabalhou muito a tentar ajudar a equipa, mas por vezes acabou algo fora da posição ideal. Quando a equipa tinha bola não foi capaz de dentro do habitual conseguir ajudar muito a equipa a sair detrás com apoios frontais.

Suplentes:

- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 20” não esteve mal, ainda que tenha a espaços demorado a subir com a equipa e demorado a encostar. Nas saídas de bola faltou-lhe mais soluções para conseguir jogar.
- “Jogador 22” ao nível posicional errou um pouco, algo normal em virtude da falta de rotinas nesta função. Ofensivamente, como a equipa teve pouca bola, também não se conseguiu fazer muito notar.
- “Jogador 13” não jogou.
- “Jogador 9” não fez muita diferença no jogo, tendo faltado mais simplicidade no seu jogar e alguma agressividade a defender.
- “Jogador 8” dentro do contexto em que entrou no jogo, realizou um jogo aceitável, mas sem conseguir fazer muita diferença.
- “Jogador 18” é de valorizar a atitude com que entrou a tentar ajudar a equipa e chegar mais à frente, mas perdeu-se um pouco no seu posicionamento.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	22ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Futebol Clube do Porto		
DATA:	25 fevereiro 2020	HORA:	15H00	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	30					
...	...	DD	38					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	44					
...	...	MI	30					
...	...	ED	60					1
...	...	EE	38					
...	...	AV	60				1	
...	...	GR	30					
...	...	DL	0					
...	...	MI	0					
...	...	MI	30					
...	...	MI	16					
...	...	EXT	22					
...	...	AV/EXT	22					

RESULTADO			
1ª PARTE	1	x	1
2ª PARTE	0	x	1
FINAL	1	x	2

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	André Vieira
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:2:2



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 25 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Futebol Clube do Porto, no Colégio Ermesinde, a contar para a 22ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Avaliando aquela que foi a nossa prestação no jogo, quando tivemos bola faltou-nos simplificar mais o nosso jogo e jogar mais no espaço, isto é, era fundamental que conseguíssemos mais do que ver, jogar para onde existia a vantagem, algo que não aconteceu no volume desejado. Exploramos pouco o espaço livre nas costas do Defesas Laterais (DL) adversários e chegamos pouco ao lado vazio, embora por vezes tivéssemos

RELATÓRIO DE JOGO

soluções para isso. Precisamos de ser mais agressivos e fortes nos duelos de forma a ganhar mais 2^{as} bolas e controlar mais o jogo com bola. É também importante que consigamos ver o jogo de frente com maior frequência, com mais mobilidade e ocorrência de apoios frontais, muitas vezes quem aparece em apoio fica estático mesmo que já não tenha espaço para receber. Fundamental melhorar a comunicação entre os jogadores de forma a evitar sobreposições dos nossos jogadores no ataque à bola.

No **1º Submomento** - Saída de bola - fomos muito previsíveis saindo maioritariamente pelo nosso Defesa Central da esquerda, evidenciando poucas soluções para jogar perante a pressão alta do F.C. Porto que saía a pressionar com o Avançado (AV) do lado da bola e o do lado oposto a fechar por dentro. A restante equipa mesmo que de forma zonal, quase que pegava individualmente nas nossas soluções perto.





RELATÓRIO DE JOGO



Embora tenhamos conseguido sair detrás, não fomos capazes de o fazer de uma forma apoiada e controlada, com frequência perdemos a posse da bola. As soluções curtas que existiam eram pouco móveis e por vezes apareciam em espaços semelhantes, era preciso aclarar mais o espaço em redor do portador da bola com movimentos de rutura conjugados movimentações em apoio de frente e em “L”.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - este foi um Momento quase inexistente perante a nossa pouca capacidade de ter bola neste jogo. Para a ocorrência deste Momento, teríamos de ter conseguido ter mais largura e circular a bola de um lado a outro do campo, saindo então da pressão adversária. A nossa agressividade em situações de igualdade numérica teria de, igualmente, ser maior, evidenciado também uma maior mobilidade.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - à semelhança do Momento anterior, não conseguimos ser muito bem-sucedidos, apesar de aqui já termos conseguido, a espaços, entrar no espaço, nomeadamente de uma forma mais direta nas costas da linha defensiva adversária. Contudo, a regularidade desta entrada poderia ter sido mais evidente com um melhor acerto do passe que muitas vezes ficou nos Defesas Centrais (DC) adversários e com uma maior variação do centro de jogo. Houve momentos em que existiam soluções para explorar o espaço deixado nas costas dos Defesas Laterais do F.C.Porto, mas que mesmo vendo a linha de passe, não



RELATÓRIO DE JOGO

estivemos bem na tomada de decisão, forçando jogar no mesmo corredor quando a vantagem estava no lado oposto. Ainda assim, faltaram mais soluções a aparecer.

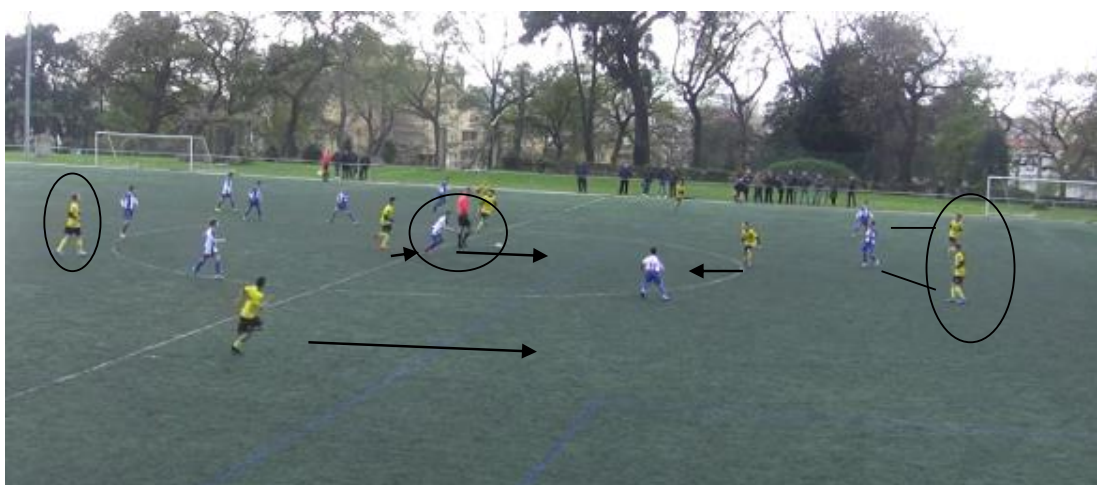
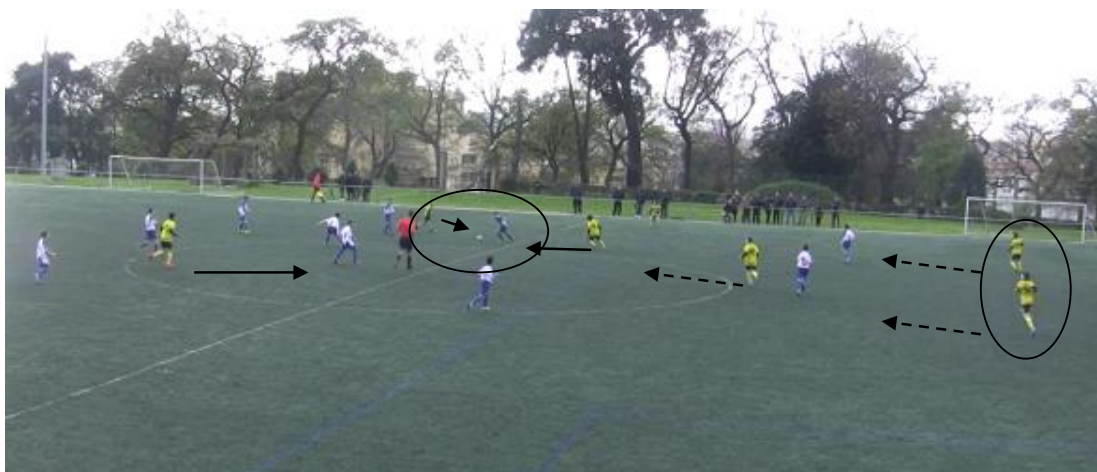


RELATÓRIO DE JOGO

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - uma vez mais não conseguimos ser muito bem-sucedidos quando considerado o volume de oportunidades e capacidade de chegar a zonas de finalização. No entanto, perante a nossa incapacidade de ter bola, “acabou por não ser muito negativo” o nº de vezes que chegamos a zonas perigosas, isto se estivermos a considerar a relação entre posse de bola e situações de perigo.

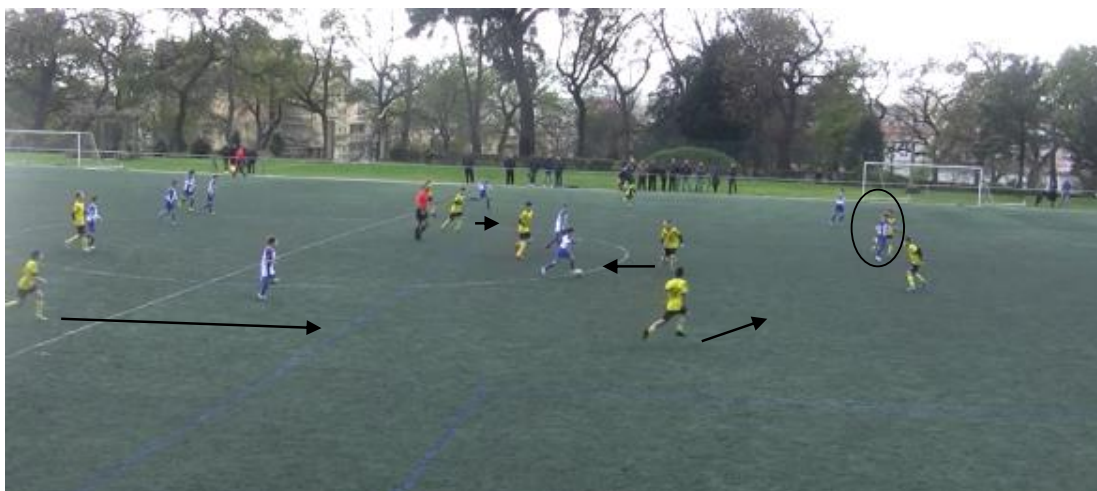
2.2.- Transição Ataque-Defesa

Do ponto de vista da reação à perda, é de valorizar a atitude da equipa, embora seja preciso que todos os jogadores entendam a necessidade de reagirem em uníssono e de uma forma organizada.





RELATÓRIO DE JOGO



Todavia, até tivemos algum sucesso no impedir a progressão do oponente, faltou foi recuperar mais vezes a bola. Ao nível do preparar a perda, de uma forma geral a equipa até esteve bem, visto que também não se desorganizava muito em Organização Ofensiva, por saírem poucos jogadores e por não ser libertado muito espaço. Por vezes faltou adiantar as linhas, em conjunto, mais rápido quando o adversário jogava para trás.

2.3.- Organização Defensiva

Neste jogo, o mais positivo acabou por ser a forma com defendemos, apesar de termos estado um pouco melhor na 1ª parte. Na 1ª parte tivemos mais bem posicionados e a vascular melhor, cortando as ligações interiores adversárias. Portanto, não demos muito espaço para o nosso oponente chegar a zonas adiantadas do terreno de jogo frequentemente de forma a criar perigo. Numa das escassas situações em que erramos ou fomos um pouco mais lentos a vascular permitimos o golo adversário. Na 2ª parte, já erramos um pouco mais com os nossos Médios Interiores (MI) por vezes mal posicionados e com os Extremos (EXT) a demorarem a recuperar e fazer cobertura aos DLs. Paralelamente, nem sempre tivemos a nossa linha defensiva perfeitamente alinhada.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - o desempenho acabou por ser positivo na perspetiva que durante algum tempo

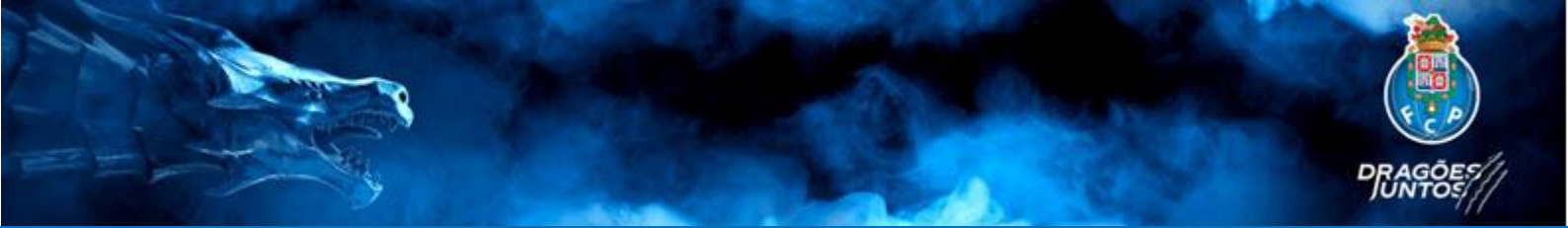
RELATÓRIO DE JOGO

conseguimos condicionar o adversário a circular em zonas mais próximas da sua baliza, sem que os DCs tivessem muitas soluções.



No entanto, quando o DC da esquerda provocava com bola nem sempre conseguimos conter a investida, permitindo que o adversário progredisse, mesmo que muitas vezes não o fizesse de uma forma perigosa, pois faltava-lhe soluções para jogar entrelinhas e no corredor central. Com o avançar do jogo, em alguns momentos, começamos a ficar muito baixos, permitindo que o adversário colocasse a equipa toda dentro do nosso meio campo.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - de uma forma geral estivemos bem a proteger o corredor central e a evitar que o



RELATÓRIO DE JOGO

adversário tivesse muito espaço entrelinhas para jogar, condicionando-o a jogar para fora e muito pelos seus DCs, impedindo que o meio campo do F.C. Porto entrasse muito em jogo.



RELATÓRIO DE JOGO

Ao nível da nossa vasculação, apresentamo-nos de uma forma geral bem nas coberturas e equilíbrios, registando-se mais falhas ao nível do posicionamento da linha média relacionadas com os nossos MIs, por vezes atraídos à bola, e com os EXTs, que nem sempre recuperavam para reassumir a sua posição, denotando-se alguma falta de agressividade positiva em alguns dos jogadores que jogaram a EXT. Além disso, os nossos DLs têm de ser mais rápidos a encostar no oponente de forma a não permitir que este tenha espaço para receber e se virar de frente para o jogo.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - o balanço acaba por ser positivo, na medida que o nosso adversário neste jogo não possuiu muitas oportunidades de golo e de iminente perigo.



Contudo, permitimos que o adversário criasse situações de igualdade numérica em zonas potencialmente perigosas. Neste Submomento denotou-se igualmente alguma falta de apoio à linha defensiva por parte dos jogadores mais adiantados. Temos

RELATÓRIO DE JOGO

é de ser mais agressivos e contundentes, não só mas também, nas zonas mais recuadas do terreno de jogo.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Para que este Momento seja provido de sucesso para nós temos de ser mais prático no nosso jogar e procurar logo a vantagem e chegar rápido ao lado vazio se estar estiver lá. Temos também de simplificar o nosso jogar, dando menos toques para sair da pressão adversária e, de forma consciente e pensada, acelerar o jogo na tentativa do aproveitamento do desequilíbrio momentâneo do adversário.





RELATÓRIO DE JOGO



É fundamental garantir um maior aproveitamento da largura e profundidade de forma a realmente expressar o “campo grande”. De positivo fica a atitude de tentar rápido chegar à frente, embora não tenhamos tido muito sucesso por via de desacerto no passe ou no movimento de rutura, faltando, paralelamente, mais soluções para jogar. Por vezes há que salvar “reciclar” mais a bola, salvando-a para trás, caso seja o necessário para a manutenção da posse da mesma.

3.Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 10” acabou por fazer uma 1ª parte positiva, mas tem de ver melhor o jogo aquando da saída de bola.
- “Jogador 1” não comprometeu de uma forma clara, contudo continua evidente algumas debilidades ao nível do seu jogo com bola, nomeadamente soluções para jogar, assim como algum atraso a encostar no oponente direto.
- “Jogador 22” realizou um bom jogo, embora por vezes demorando a chegar perto da equipa. Ainda assim, foi um dos melhores em campo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 17” teve dificuldade nas saídas de bola, embora tenha tentado ver diferentes soluções. Por vezes ainda conduz a bola na direção do colega de equipa a quem vai passar, atraindo o adversário para onde não queremos. No entanto, acabou por também ser um dos melhores em campo.
- “Jogador 22” defensivamente esteve bem, tirando algum desacerto na formação da linha defensiva, que é normal pois não vem sendo hábito ter esta função. Faltou mais alguma envolvimento em situações ofensivas e ser mais prático com bola.
- “Jogador 16” de uma forma geral bem a equilibrar a equipa e entregar bola quando a recuperava, apesar de ter errado alguns passes no corredor central. Precisa de variar mais o jogo quando ganha bola.
- “Jogador 9” não realizou um grande jogo, necessitando de ser mais prático com bola de forma a fazer uso do seu passe. Defensivamente não teve grandes erros comprometedores a apontar.
- “Jogador 13” embora por vezes atraído demonstrou-se concentrado no jogo e capaz de ajudar a equipa com alguma intensidade, mesmo sem fazer bom uso do seu poderio físico. Com bola, a espaços teve alguns apontamentos positivos tentando jogar de frente ou vendo o espaço nas costas do DL, mesmo que algo lento na tomada de decisão e execução.
- “Jogador 4” não se conseguiu fazer notar em grande escala, também devido a termos passado muito tempo a defender e ter passado de EXT para DL. Defensivamente esteve bem.
- “Jogador 21” a defender esteve bem a ajudar a equipa, mesmo que por vezes não estivesse perfeitamente posicionado. Com bola faltou-lhe mais envolvimento e melhor perceção dos espaços a ocupar e para passar.
- “Jogador 15” com bola de quando em vez conseguiu fazer a diferença com a sua velocidade, mas tem de melhorar a sua tomada de decisão e a visualização dos reais espaços vantajosos. Defensivamente tem de dar muito mais à equipa.

RELATÓRIO DE JOGO

Suplentes:

- “Jogador 24” não esteve mal no jogo, mas poderia ter decidido melhor as saídas de bola, nem sempre viu bem a vantagem.
- “Jogador 2” não jogou.
- “Jogador 6” não jogou.
- “Jogador 3” não teve a entrada esperada no jogo, tendo-lhe faltado mais alguma intensidade a defender e melhor perceção dos espaços com bola de forma a fazer a diferença com o seu passe.
- “Jogador 5” esteve bem na forma como entrou e ajudou o nosso meio campo a ganhar mais bola, deu mais intensidade e agressividade à equipa, foi dos poucos capazes de ganhar duelos. A defender ocupou bem os espaços.
- “Jogador 18” embora por vezes um pouco fora de posição, conseguiu, com poucos toques, ajudar a equipa em 2 ou 3 momentos a chegar mais à frente. Defensivamente não comprometeu, no entanto, precisa de uma melhor noção espacial.
- “Jogador 12” praticamente não apareceu no jogo, tendo estado muito apático. Quando a equipa tinha bola, não percebeu que espaços tinha de ocupar, nem que movimentos deveria fazer. A defender praticamente não trabalhou contribuindo que alguns desequilíbrios da equipa.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	23ª
JOGO	Boavista Futebol Clube		X	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	
DATA:	29 fevereiro 2020	HORA:	15H00	LOCAL:	Campo de Treinos do Bessa XXI
CLIMA:	Céu Nublado	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	60					
...	...	DC	60					1
...	...	DC	46					
...	...	DE	60					
...	...	PV	60					
...	...	MI	46					
...	...	MI	30					
...	...	ED	46					
...	...	EE	37					
...	...	AV	60				1	
...	...	GR	0					
...	...	DL	14					
...	...	MI/DC	30					
...	...	MI	14					
...	...	MI	14					
...	...	AV	23					
...	...							

RESULTADO			
1ª PARTE	2	x	1
2ª PARTE	3	x	0
FINAL	5	x	1

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	André Vieira
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

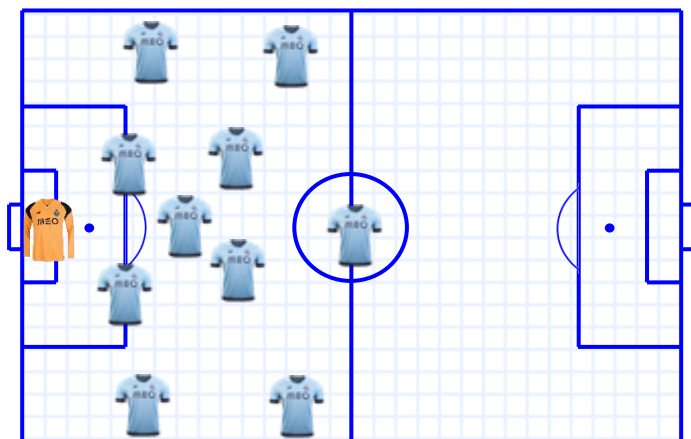
CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3



ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 29 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Boavista Futebol Clube e o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde, no Campo de Treinos do Bessa XXI, a contar para a 23ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **2º/3º submomentos**, segundo as premissas de “Ter calma com bola” e “Visualização e entrada nos espaços”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

A nossa entrada no jogo acabou por ser positiva, tendo nós conseguido criar algum perigo nos primeiros 15 minutos de jogo. Posteriormente a isso, tivemos muita dificuldade em conseguir ter soluções para sair a jogar e chegar mais à frente de forma apoiada. Contudo, mesmo no referido período não conseguimos ter uma grande supremacia sobre o Boavista F.C., nem ter a posse da bola por muito tempo,

RELATÓRIO DE JOGO

conseguimos sim, sair desde trás e aproveitar os desequilíbrios adversários. É também de salientar a atitude com que nos apresentamos no início do jogo, sendo forte nos duelos e capazes de ver o espaço. Embora as dimensões do campo não ajudassem, era muito curto e estreito, precisamos de evidenciar mais mobilidade para conseguir a 1 ou 2 toques sair desde trás e ver a vantagem. De salientar que continuamos a precisar de melhorar a nossa comunicação dentro de campo, os jogadores comunicam ainda pouco entre si.

No **1º Submomento** - Saída de bola - de uma forma geral, só muito esporadicamente conseguimos sair desde trás de forma curta, acabando por em alguns momentos sair mais longo quando o Guarda-Redes (GR) tinha bola na mão, mas mesmo aí nem sempre colocamos bem a bola. Através de saída curta, excetuando no início do jogo, onde conseguimos sair com bola controlada algumas vezes, perante as dimensões do campo e a pressão adversária, não apresentamos capacidade para sair a jogar. Apesar de aparecerem jogadores a pedir perto muitas vezes realizado era de frente para a bola e sem estar aberto para jogar, para além de regra geral estarem sempre acompanhados pelos adversários diretos. O que agravou esta situação foi que, os nossos jogadores ao virem pedir perto, nomeadamente o Médio Interior (MI) e o Extremo (EXT) do lado da bola, traziam consigo a marcação, aumentando a densidade de jogadores e dando menos espaço ao portador da bola, normalmente Defesa Central (DC), menos espaço para jogar. Depois nem sempre era fácil jogar atrás, pois, com o Avançado (AV), que saía à bola, subia o EXT do lado contrário para fechar o meio, limitando os caminhos curtos para chegar ao lado vazio. Por vezes erramos na colocação dos apoios, não estando abertos para jogar.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - uma vez mais este foi um Momento quase inexistente da nossa parte, mesmo nos nossos melhores momentos no jogo, o nosso processo ofensivo basicamente desenvolveu-se através de ataque rápido e contra-ataque, procurando entrar rapidamente no espaço. Ainda tentamos em alguns momentos ter uma maior posse de bola e controlar mais o jogo, mas nunca fomos capazes disso, tendo inclusive surgido situações de perigo na sequência. Evidenciamos

RELATÓRIO DE JOGO

pouca confiança com bola e pouca mobilidade, consequentemente, muitas vezes não chegamos a ver o lado vazio, até porque há que haver soluções para lá chegar, e esticamos o jogo em demasia, sem nunca o acelerar verdadeiramente com bola.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - tivemos sucesso apenas de uma forma muito esporádica se formos a analisar os 60 minutos de jogo, podendo enquadrá-las maioritariamente nos primeiros 20 minutos de jogo. Para além de termos aproveitado mal o atrair do adversário ao lado da bola, porque não conseguimos aproveitar o lado contrário para entrar no espaço, vimos pouco espaço libertado nas costas dos Defesas Laterais (DL) que se adiantavam no terreno de jogo para dar profundidade. Mesmo com bola longa a sair do GR, não tivemos muito sucesso, visto que o nosso passe longo com alguma regularidade caía no corredor central ou pelo menos dentro do espetro de ação dos DCs adversários, nem conseguindo aproveitar então as zonas frágeis do oponente neste jogo.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - perante o nº de remates que fizemos, ainda poderíamos ter concretizado mais, no entanto, não conseguimos chegar coma a frequência desejada a zonas de perigo e finalização. Nestas situações passíveis de perigo, se em alguns momentos faltou-nos mais pragmatismo para aproveitar o espaço livre para desferir o remate antes que o perdêssemos, noutros a grande lacuna teve a ver com o a falta de soluções a aparecer, nem que fosse para criar mais incerteza ao adversário e promover uma maior abertura de espaços ou conflito na ocupação dos espaços.

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Se a entrada no jogo foi positiva pela atitude e organização evidenciadas, depois disso acabou por se desmoronar, isto é, com um baixar da intensidade e capacidade resposta, começamos a permitir que o Boavista F.C. fosse capaz de sair desde trás e procurar o espaço nas costas da nossa linha defensiva. Onde acabamos por errar mais foi na marcação do Pivô (PV) adversário, dinâmica entre AV e MI que saltava ao DC contrário, e dos MIs adversários quando o nosso PV tinha de saltar a pressionar à frente

RELATÓRIO DE JOGO

dos nossos MIs. O alinhamento defensivo e a colocação/orientação dos apoios também nem sempre foi a melhor de forma a estar preparados para correr para trás, apesar que termos conseguido, de uma maneira geral, cortar as bolas que entravam na profundidade.

2.3.- Organização Defensiva

Ao longo da 1ª parte conseguimos manter um nível positivo a defender, embora já abaixar na parte final, com alguns erros de ocupação de espaços e de marcação. Na 2ª parte a tendência manteve-se, tendo nós apresentado alguma incapacidade em, de uma forma racional, ocupar os espaços e realizar permutas, de uma forma geral, por vezes, demoramos a reorganizar a nossa organização. Temos de ter mais em atenção a colocação dos nossos apoios e à forma como abordamos lances de 1x1 de forma a não sermos batidos com tanta frequência, pelo menos por um acrescido demérito nosso que aliado à qualidade individual do adversário fizeram igualmente diferença. É, portanto, imprescindível sermos mais fortes nos duelos e no corpo-a-corpo para que consigamos bloquear mais o oponente e conquistar a posse de bola mais vezes.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - tal como mencionado anteriormente, no início do jogo ainda apresentamos um desempenho positivo, conseguindo mesmo fazer os DC adversários “tremem” com bola, não tendo eles muita confiança perante a nossa pressão inicial, mas depois isso acabou por se ir esfumando, porque fomos abrindo espaços. Aqui erramos mais ao nível da dinâmica entre AV e MI, falhando entre as trocas de cobertura, visto que começamos a libertar com regularidade o espaço interior, permitindo que o PV entrasse em jogo.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - num computo geral não fomos muito capazes, principalmente após o nosso golo, que coincidiu com o encetar do crescimento do Boavista F.C. no jogo com o nosso “apagar”. Erramos com alguma frequência nas marcações ao nível do setor intermédio, com os MI a compensarem mal o PV quando este tinha de saltar, gerando uma sobreposição que, consequentemente, libertava os MIs adversários. Paralelamente, os nossos DC muitas

RELATÓRIO DE JOGO

vezes deixavam o AV do Boavista F.C. ter muito espaço, e em alguns momentos libertando-o mesmo para próximo do PV que ficavam com 2 jogadores para preocupar no seu espaço. No que diz respeito ao nosso alinhamento defensivo, igualmente não foi dos nossos melhores jogos, devido a termos apresentado distâncias por vezes ou excessivamente longas ou curtas entre DCs e entre DC e DL, para além de não estarem sempre a formar bem a linha.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - perante as características do campo é primordial impedir que o adversário tivesse hipótese de chegar a zonas de iminente perigo, e muito menos que tivesse espaço para rematar, algo que não aconteceu. Com alguma frequência o Boavista chegou pelo corredor central a zonas perigosas e, a partir daí, faltou-nos agressividade e uma correta abordagem em alguns lances de forma a recuperar a bola, ou na pior das hipóteses ser muito desconfortáveis para eles e obrigá-los a jogar para trás. Na 2ª parte estivemos claramente pior do que na 1ª parte, permitindo mais vezes situações próximas de igualdade ou superioridade numérica, ou pelo menos contextual, para o adversário.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

À semelhança do que ocorreu no Momento de Organização Ofensiva, excetuando nos minutos iniciais do jogo onde conseguimos ser fortes e sair rápidos detrás, sendo mesmo capazes de criar perigo, depois não conseguimos sair desde trás de forma curta. Com o avançar do jogo nem de forma mais longa tivemos capacidade de sair, perdendo a bola quase de seguida e por vezes no espaço onde a tínhamos conquistado. Denotou-se uma grande intranquilidade da equipa com bola e falta de confiança, algo acentuado com o avolumar do resultado. Por vezes, ao ganhar a bola, apenas a chutamos para a frente sem ver para onde, apenas com o sentido de a afastar da nossa baliza. Precisávamos de abrir mais o campo e reagir em unísono de uma forma mais rápida para que fôssemos capazes de ser mais bem-sucedidos, e fortes aproveitar os espaços pelos corredores laterais, principalmente nas costas dos DLs.

RELATÓRIO DE JOGO

3. Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 10” de uma forma geral um jogo pouco conseguido, com vários erros ao nível da saída de bola e na saída dos postes.
- “Jogador 2” defensivamente não esteve mal, mas faltou mal envolvimento no jogo.
- “Jogador 20” a espaços pareceu que perdia um pouco a concentração, mas acabou por ser dos melhores da equipa, dentro das poucas soluções que também teve.
- “Jogador 17” posicionalmente esteve um pouco atraído ao lado da bola e perante o pouco espaço apresentou muitas dificuldades na saída de bola. Por vezes ainda conduz na direção do colega para quem vai passar reduzindo-lhe o espaço.
- “Jogador 22” jogo difícil em que precisava de mais bola para ajudar a equipa. Defensivamente ainda tem de melhorar, embora não tenha tido uma exibição comprometedora.
- “Jogador 16” apresentou-se bem no jogo sem apresentar erros de maior a defender. Com bola mal teve espaço para jogar, mas ainda demonstrou 2 ou 3 iniciativas positivas.
- “Jogador 9” perante a falta de bola que teve, notou-se dificuldade em fazer a diferença por aí. Defensivamente precisava de entender melhor as permutas com o PV.
- “Jogador 18” até realizou um jogo interessante, apresentando a espaços pormenores positivos. Precisa ainda de melhorar a sua noção espacial e a forma como decide perante o contexto.
- “Jogador 4” num compute geral não conseguiu fazer a diferença naquilo que é mais forte, embora tenha apresentado aspetos positivos.
- “Jogador 21” defensivamente de uma forma geral esteve bem. Do ponto de vista ofensivo evidenciou alguns aspetos positivos, inclusive ao nível dos duelos,

RELATÓRIO DE JOGO

embora lhe tenha faltado ser um pouco mais prático para aproveitar o espaço e rematar.

- “Jogador 15” a espaços foi capaz de desequilibrar com a sua aceleração e reação rápida à conquista da bola. Enquanto foi o AV até esteve bem a defender, no entanto, quando passou para EXT era preciso outro comprometimento.

Suplentes:

- “Jogador 24” não jogou.
- “Jogador 13” precisa de perceber melhor que espaços deve ocupar, para não andar a correr em demasia, e aprender a usar melhor o corpo.
- “Jogador 3” faltou-lhe alguma agressividade e confiança para jogar e ajudar a equipa a ligar jogo, especialmente quando recuperava a bola.
- “Jogador 8” entrou a tentar ajudar a tocar a bola, mas precisa de ter mais atenção à colocação dos apoios de forma a estar aberto para jogar. Faltou-lhe um pouco de mobilidade e agressividade.
- “Jogador 1” tendo em conta que não é muito hábito desempenhar esta função era esperado pudesse ter alguma dificuldade em pegar muito no jogo, embora não tenha estado mal a defender, tirando os erros que já lhe são “habituais”.
- “Jogador 12” não conseguiu se fazer notar muito em jogo. Continua a ser pouco agressivo e a ter dificuldade em perceber quando deve fazer o quê, isto é, que movimentação a equipa precisa dele.

RELATÓRIO DE JOGO

COMPETIÇÃO:	Campeonato Distrital Juniores D (AFP) – 1ª Divisão – Série 1			JORNADA:	24ª
JOGO	Dragon Force Ermesinde Sub 13 F1	X	Valadares Gaia Futebol Clube		
DATA:	7 março 2020	HORA:	15H00	LOCAL:	Colégio Ermesinde
CLIMA:	Céu Aberto	PISO:	Relvado Sintético		

DRAGON FORCE								
Nº	NOME	POS	TEMP	AA	V	GS	GM	ASS
...	...	GR	60					
...	...	DD	53					
...	...	DC	60					
...	...	DC	60					
...	...	DE	53					
...	...	PV	60					
...	...	MI	35					
...	...	MI	35					
...	...	ED	60					
...	...	EE	30					
...	...	AV	60					
...	...	GR	0					
...	...	MI	25					
...	...	EE/DE	25					
...	...	EE	7					
...	...	DD	7					
...	...	MI	0					
...	...	AV	30					

RESULTADO			
1ª PARTE	0	x	1
2ª PARTE	0	x	2
FINAL	0	x	3

DRAGON FORCE	
TREINADOR	Duarte Rocha
T. ADJUNTO	Francisco Santos
T. ADJUNTO	Gabriel Rocha
T. ADJUNTO	André Vieira
DELEGADO	Duarte Rocha
D. MÉDICO	

CAPITÃO	...
S. CAPITÃO	...

JOGADORES EM DESTAQUE NA EQUIPA ADVERSÁRIA								
Nº	NOME	POS	AVAL	AA	V	GS	GM	ASS
Avaliação (AVAL): AA – Lugar na equipa inicial DF; AB- lugar no plantel; BB – continuar a observar								
NOTAS:								

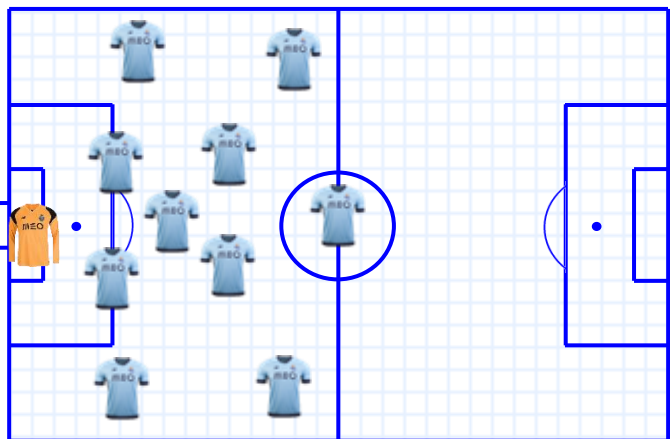
RELATÓRIO DE JOGO

ESTRUTURA DF

1:4:3:3

ESTRUTURA ADVERSÁRIO

1:4:3:3



1.Nota Inicial

(informações complementares ao jogo, como por exemplo, referência a jogadores ausentes ou algum constrangimento na semana de trabalho)

No dia 7 de fevereiro de 2020 realizou-se um jogo entre o Núcleo Desportivo Colégio de Ermesinde e o Futebol Clube do Porto, no Campo de Treinos do Bessa XXI, a contar para a 23ª jornada da 1ª Divisão do Campeonato Distrital de Juniores D - Série 1 da Associação de Futebol do Porto (AFP).

No decorrer deste Morfociclo, foi dado maior enfoque aos Princípios e Subprincípios respeitantes ao momento de **Organização Ofensiva**, mais concretamente nos **1º submomento**, dando enfoque às “Saídas do Guarda-Redes” e à concretização do “Campo Grande”.

2.Padrão de Problemas colocados pelo adversário e adaptabilidade ao Contexto

2.1.- Organização Ofensiva

Ao longo e quase todo o jogo fomos tendo alguns bons momentos com bola, mesmo que ainda sem conseguirmos apresentar uma capacidade clara de ter durante muito tempo a bola e controlar o jogo a partir daí. A espaços fomos sendo capazes de sair desde trás a jogar, com algumas situações de envolvimento de 4 ou 5 jogadores, mas ainda sem a prevalência desejada. Se em zonas mais recuadas os nossos erros poderão estar mais relacionados com questões referentes à tomada de decisão perante várias

RELATÓRIO DE JOGO

soluções e, por vezes, a alguma incapacidade de perceber a mobilidade necessária para criar mais espaços, em zonas mais adiantadas do terreno de jogo, embora ainda se sintam algumas dificuldades ao nível da tomada de decisão, o erros relacionados com lacunas de execução técnica são mais evidentes. Portanto, em espaços mais avançados do campo os erros relacionados com problemas do foro técnico fazem-se notar mais com passes a ficarem muito curtos ou a saírem mal direcionados algumas vezes, não sendo de descurar um deficiente 1º toque que vai aparecendo. De também que por vezes a equipa se partiu, sendo mais evidente na distância que existia entre a nossa linha defensiva e linha média, devido ao nosso PV por vezes se adiantar um pouco a mais e aos nossos DCs demorarem a subir também. O espaço libertado pelo PV nunca era compensado pelos MIs.

No 1º Submomento - Saída de bola - na 1ª parte conseguimos sair de forma curta e com qualidade no início, no entanto, com o passar do tempo, o adversário começou a cobrir a descida do nosso Pivô (PV) para entre os Defesas Centrais (DC) com o jogador que estava à frente sobre lado contrário, num bloco defensivo composto por Guarda-Redes (GR) + 4 linhas em 4:4:2, sendo que era o Médio Interior (MI) mais forte que subia para perto do Avançado (AV). O espaço deixado livre era coberto pelo MI era coberto pelo PV. Se no início do jogo conseguimos variar a nossa saída de bola com o PV a entrar em jogo e atraindo a um lado para chegar ao outro, posteriormente, com o nosso PV controlado de perto pelo oponente, raras foram as vezes que isso foi possível. Vimos pouco o GR como opção para variar o corredor da bola e ver o jogo de frente, insistimos “em forçar” o lado da bola e tentar ver logo para a frente sem conseguir jogar de forma curta e segura perante o pouco espaço que o adversário nos concedia. Faltou-nos também alguma capacidade de ser mais imprevisíveis na saída de bola em vez de, constantemente, termos procurado jogar pelo lado em que apresentamos mais dificuldade. Além disso era preciso mais mobilidade com movimentos de apoio e rutura inter e intrajogador de forma a abrir mais espaços para jogar.

Ao nível do **2º Submomento** - Criação de Espaços - em relação aquilo que foram os anteriores jogos notou-se uma melhoria do rendimento da equipa, ainda que sem a

RELATÓRIO DE JOGO

frequência desejada, isto é, apesar de a espaços termos sido mais competentes ao nível da capacidade de criar alguns espaços falta-nos ser mais capazes de os aproveitar. É fundamental conseguir perceber um pouco melhor onde é que está a vantagem e que espaços temos de atacar para a materializar, concretamente, os Defesas Laterais (DL) e os Extremos (EXT) do lado contrário da bola a aproveitar o espaço interior libertado pelos MIs. É igualmente um aspeto a melhorar a capacidade de manter a posse de bola durante mais tempo, sendo para isso necessário conseguir circular mais a bola variando o centro de jogo, vendo para tal não apenas o passe longo e recorrendo aos jogadores do corredor central para estabelecer pontes de ligação.

No que concerne ao **3º Submomento** - Entrada nos Espaços - de uma forma geral só não tivemos mais sucesso por alguma incapacidade de definir bem e concretizar o último passe. Contudo, não estivemos sempre a tentar entrar no espaço, pois os espaços concedidos pelo Valadares Gaia F.C. para jogar eram curtos, mesmo no nosso setor defensivo. Ainda assim, com mais qualidade no passe poderíamos ter tido mais capacidade de entrar nos espaços do setor intermédio para o ofensivo e mesmo dentro do ofensivo, nomeadamente nos espaços entre PV e linha defensiva e nas costas da linha defensiva, muitas vezes o passe ficou demasiado curto e não passou dos DCs ou então acabou por sair um pouco mal direcionado diminuindo a possibilidades de sucesso.

Debruçando-se sobre o **4º Submomento** - Finalização - a grande falha aqui foi a ausência de remate. Apesar de termos conseguido chegar a zonas potências de perigo em algumas ocasiões, demos sempre um toque a mais ou travamos o que nos fez perder o espaço para finalizar. Ainda continuamos a aparecer com poucas soluções, mas isso também poderá se dever a normalmente criarmos mais perigo via ataque-rápido e contra-ataque fazendo com que a equipa nem sempre esteja toda junta. Há que conseguir criar e chegar mais vezes a zonas de iminente perigo e ser mais agressivos nas mesmas.

RELATÓRIO DE JOGO

2.2.- Transição Ataque-Defesa

Tanto com a equipa em estrutura de 4:3:3 como de 4:4:2, tivemos uma reação positiva ao nível do “Reagir à Perda”, embora por vezes com alguns desequilíbrios, nomeadamente, no que diz respeito à rapidez dos EXT/Médios-Ala a recuperar e ao alinhamento defensivo. A nossa linha defensiva apresentou essencialmente 2 erros, sendo eles a distância dos DC em relação à equipa, desde logo, no “Preparar para a Perda”, e também no que é respeitante ao posicionamento do DL do lado contrário que nem sempre baixava rápido de forma a perfazer pelo menos uma última linha defensiva de 3 jogadores, quando era o DL do lado da bola que estava na contenção. Outra problema evidente aqui foi ao nível do adiantamento do nosso PV quando a bola estava no corredor central, que começou a se chegar um pouco mais à frente e a saltar na pressão a bolas que não eram suas, o que depois também não era compensado pelos MIs, havendo um duplo erro que permitia espaços entre a linha média e a linha defensiva.

2.3.- Organização Defensiva

Em ambas as estruturas adotadas neste jogo, o balanço acaba por ser positivo no que se refere à capacidade de impedir que o Valadares Gaia F.C. progredisse com facilidade por zonas interiores com bola e causasse muitas situações de perigo, apesar de em 4:4:2 termos tido cometido mais alguns erros aqui. Contudo, acabamos por ser depois pouco eficazes na forma como permitimos que a partir de erros nossos o adversário pudesse finalizar para golo nas poucas ocasiões que dispôs. Por vezes demoramos a encostar no adversário direto de forma a não permitir que este tivesse espaço para decidir e fosse obrigado a voltar para trás, tendo, portanto, alguma capacidade em perceber quando que devíamos chegar mais perto individualmente e quando é que era fundamental juntar um pouco mais as linhas garantindo boas coberturas. Aqui verificou-se também uma tipologia de erros semelhante aquela que as linhas média e defensiva apresentaram no Momento de Transição Ataque-Defesa.

No que diz respeito ao **1º Submomento** - Condicionar Construção - olhando para aquilo que terá sido a eficácia do processo com recuperação da posse de bola e impedir

RELATÓRIO DE JOGO

sair desde trás, não foia desejada, tendo-se identificado algumas lacunas ao nível do fecho do espaço interior por parte do jogador mais adiantado do lado contrário. Por vezes os EXT, principalmente do lado oposto, também demoraram a ajustar a sua posição e ser agressivo em disputas de bola. Precisávamos de conseguir direccionar de uma forma mais eficaz o adversário a jogar para o lado pretendido e a partir daí fechar completamente os caminhos para sair, onde fez falta MIs mais capazes de acompanhar os adversários.

Incidindo sobre o **2º Submomento** - Impedir a Criação e Entrada nos Espaços - embora em 4:3:3 tenhamos estado um pouco mais equilibrados, até em função daquela que é, à partida, a ocupação dos espaços e formação de linhas. Em 4:4:2 acabamos por ainda libertar mais espaços no corredor central, permitindo que o Valadares Gaia F.C. fosse capaz de, por vezes, progredir por zonas interiores em consequência de termos tido jogadores a serem atraídos à bola, nomeadamente os nossos MIs e o EXT/Médio-Ala do lado oposto. Negativo foi também a posição assumida pelos DCs, o que fazia com que o espaço que muitas vezes se fazia notar entre a nossa linha defensiva e média ficasse ainda mais evidente.

Indo mais concretamente ao **3º Submomento** - Impedir a Finalização - acabamos por posicionalmente ter um desempenho razoável, apresentando mais erros ao nível da proteção do corredor central quando a bola estava lá. Ainda assim, onde acabamos por estar pior foi no que diz respeito à nossa agressividade, e capacidade de vascular a pressão à bola do corredor lateral para o corredor central. Contudo, fica de positivo a nossa capacidade de impedir que o adversário neste jogo despendesse de muitas situações de perigo.

2.4.- Transição Defesa-Ataque

Apesar de ao nível da intenção termos evidenciado alguns bons apontamentos, não fomos capazes de conseguir ter muito sucesso e criar perigo ao adversário, porque para além de termos revelado algum desacerto ao nível da execução técnica do nosso passe, nem sempre fizemos logo “Campo Grande”, não aproveitando então todo o

RELATÓRIO DE JOGO

campo. Tentamos aproveitar rápido a profundidade e entrar no espaço que havia nas costas da defesa contrária, mas faltou-nos ver mais o lado vazio, tanto através de ligação direta como de pontes com a bola a passar pelos jogadores que estavam no corredor central. O EXT/Médio-Ala do lado oposto e, por vezes, mesmo o DL do lado contrário demoravam a abrir de forma a dar solução. Aqui também faltou ver melhor o espaço que existia na zona do MI do lado contrário, tanto para passar a bola como também para aparecer a ser solução, mesmo por parte de outros jogadores.

3.Análise Individual ao Desempenho (Facultativo)

Titulares:

- “Jogador 24” na baliza acabou por não estar mal, mas ao nível da saída de bola apresentou algumas dificuldades na tomada de decisão.
- “Jogador 2” embora não tenha realizado um mau jogo, do ponto de vista ofensivo faltou se ligar mais à equipa e aparecer a ser solução com mais regularidade.
- “Jogador 20” fez um jogo seguro, apesar de ter demorado algumas vezes a encostar na equipa e reduzir distâncias entre setores.
- “Jogador 17” revelou novamente dificuldades ao nível da saída de bola e na capacidade de ver soluções para jogar, não percebendo bem qual a melhor decisão a tomar.
- “Jogador 22” realizou um jogo positivo com bola e mesmo defensivamente apresentou-se bem, apenas demorando vezes a alinhar com os DCs.
- “Jogador 16” durante o jogo evidenciou uma postura muito boa, mas saindo demasiado de posição. Com bola mostrou uma envolvimento em crescendo no jogo.
- “Jogador 9” apareceu pouco em jogo, sendo necessário apresentar mais mobilidade e agressividade. Contudo, a espaços tentou ver espaços e realizar passes de perigo.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 5” do ponto de vista da atitude e da capacidade de transportar bola e com ajuda do físico fazer a diferença esteve bem. Os seus passes nem sempre saíram bem, mas conseguiu ajudar a equipa a sair de situações de sufoco a transportar bola e, por vezes, com apoio frontal.
- “Jogador 4” defensivamente manteve uma atitude positiva, mas não teve muita bola para conseguir através de situações de 1x1 fazer a diferença e desequilibrar. Por vezes precisa de perceber melhor quando devia estar mais aberto e quando deve aparecer nos espaços deixados livres por dentro.
- “Jogador 18” esteve permanentemente sem perceber bem quem tinha de marcar e que espaços a ocupar tanto com bola, como sem bola. Ainda assim, com bola a espaços conseguiu evidenciar intenções positivas a tentar jogar, apesar de a execução técnica nem sempre ter sido a melhor.
- “Jogador 15” não conseguiu desequilibrar muito com bola, pois por espaços interiores não havia muito espaço e os passes por várias vezes “ficaram pelo caminho”. Defensivamente esteve melhor em relação a alguns jogos, ainda que precise de dar mais à equipa.

Suplentes:

- “Jogador 10” não jogou.
- “Jogador 3” não conseguiu com bola ser muito desequilibrado e ver vantagem com qualidade frequentemente. Embora não tenha estado mal defensivamente, faltou mais capacidade ajudar a equipa a se equilibrar.
- “Jogador 21” não esteve mal no jogo, mesmo sabendo que não conseguiu fazer muito a diferença. Posicionalmente não cometeu erros de maior e não comprometeu.
- “Jogador 1” do ponto de vista da sua atitude e capacidade de sacrifício em prol da equipa nada a apontar, mas notou-se dificuldade em conseguir ver soluções com bola.

RELATÓRIO DE JOGO

- “Jogador 8” não foi por ele que a equipa ficou comprometida, mas notou-se algumas lacunas ao nível de situações de 1x1 defensivas, tendo tido algumas dificuldades em conseguir parar investidas adversárias, algo normal tendo em conta que também não é hábito jogar nesta posição.
- “Jogador 13” não jogou.
- “Jogador 12” em alguns momentos poderia ter provocado situações de perigo, mas ou por a bola não lhe ter chegado por ter errado no timing da aceleração não conseguiu. Demorou a conseguir ver vantagem e soltar a bola quando tinha falta de soluções à frente, para além de necessitar de ser mais agressivo para poder ganhar mais duelos.